introdução à
PSICOLOGIA DO DESTINO

análise de
CASAMENTOS

O homem é realmente livre? Há algo como um destino coercitivo ou todas as possibilidades da existência lhe estão abertas? Por que certos padrões de comportamento se reproduzem geração após geração, como se os filhos estivessem destinados a repetir o destino dos pais? Quais instâncias dirigem a escolha no amor, na amizade, na profissão e até em determinada forma de doença ou tipo de morte?

O livro que o leitor tem em mãos pretende responder a essas e outras perguntas, com uma abordagem teórica bastante singular. O psiquiatra húngaro L. Szondi, depois de analisar a árvore genealógica de centenas de pacientes, chegou à conclusão de que havia no psiquismo humano mais um vetor a exercer pressão sobre o homem: *a pretensão dos ancestrais*. No desenvolvimento de sua teoria, ele postula que, ao lado do inconsciente pessoal, presente na teoria de Freud, e do inconsciente coletivo junguiano, haveria uma terceira qualidade (não camada) do inconsciente, a saber, o inconsciente familiar. Dito dessa forma, a teoria pode parecer despropositada, mas tanto a experiência empírica quanto o relato da gênese da teoria aqui apresentada dão testemunho de que a hipótese é bastante plausível.

Este volume é constituído por duas obras independentes: *Introdução à Psicologia do Destino* é uma série de conferências e ensaios que dão um panorama da Análise do Destino, a escola de psicologia profunda fundada por Szondi; inédita em língua portuguesa, *Análise de Casamentos* apresenta a gênese da teoria destinoanalítica e os fundamentos sobre os quais se erigiu todo o edifício szondiano.

ISBN 978-85-8033-131-8

Leopold Szondi

introdução à Psicologia do Destino

SEGUIDO DE

análise de Casamentos

LEOPOLD SZONDI

introdução à PSICOLOGIA DO DESTINO

Liberdade e compulsão no destino do homem

SEGUIDO DE

ANÁLISE DE CASAMENTOS

Tentativa de elaboração de uma teoria da escolha amorosa

Introdução à Psicologia do Destino

Liberdade e Compulsão no Destino do Homem

Começando com um breve levantamento das transformações do conceito de destino ao longo da história remontando aos métodos oraculares da China; ao *samsara*, dos hindus; à astrologia, dos caldeus; a Ananque, Heimarmene e às Moiras, dos gregos; à Providência, em Santo Agostinho, até chegar à filosofia do destino do século XIX (Schopenhauer) –, Szondi apresenta de modo sucinto os desdobramentos de sua Análise do Destino: há uma perspectiva teórica, um método de diagnóstico e uma abordagem terapêutica. Longe da pecha de "determinista" que lhe foi atribuída, Szondi é um defensor da liberdade, mas, para alcançá-la, afirma ser importante que o homem tome consciência dos elementos que pretendem condicionar seu destino. Ou, em termos szondianos, é necessário passar da escolha genotrópica para a escolha egotrópica.

Análise de Casamentos

Tentativa de Elaboração de uma Teoria da Escolha Amorosa

O problema da escolha amorosa é um assunto recorrente na poesia de todas as eras. Mas a questão também ocupou a mente de biólogos, estatísticos e psicólogos. L. Szondi tenta atacar o problema desde um ponto de vista genealógico, por meio de uma vasta pesquisa de ancestrais e de relações consanguíneas. A questão em sua forma definitiva é a seguinte: por que determinada pessoa escolhe um certo indivíduo, e não outro, como objeto de seu amor? Depois de apresentar o problema do qual vai tratar, Szondi narra, de maneira bastante pessoal, o caso que o levou a atribuir um papel à ancestralidade na questão da seleção sexual. A partir daí segue-se a casuística que corrobora sua tese. Mais uma vez, uma exortação: não há liberdade sem tomada de consciência.

INTRODUÇÃO À PSICOLOGIA DO DESTINO

Liberdade e compulsão no destino do homem

SEGUIDO DE

ANÁLISE DE CASAMENTOS

Tentativa de elaboração de uma teoria da escolha amorosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Szondi, Leopold, 1893-1986.
Introdução à psicologia do destino: liberdade e compulsão no destino do homem : seguido de análise de casamentos: tentativa de elaboração de uma escolha amorosa / Leopold Szondi; tradução de Juan Alfred César Müller e Pedro Sette-Câmara; revisão técnica e apresentação Giselle Müller Roger Welter. – São Paulo: É Realizações, 2013. – (Psicologia).

Título original: Freiheit und Zwang im Schicksal des Einzelnen : Analysis of Marriages: An attempt at a theory of choice in love.
ISBN 978-85-8033-131-8

1. Comportamento compulsivo 2. Destino e fatalismo 3. Escolha (Psicologia) 4. Liberdade 5. Psicanálise I. Welter, Giselle Müller Roger. II. Título. III. Série.

13-05651 CDD-153.83

Índices para catálogo sistemático:
1. Escolha : Teoria : Psicologia 153.83
2. Liberdade pessoal : Aspectos psicológicos 153.83
3. Teoria da escolha : Psicologia 153.83

Este livro foi impresso pela Vida & Consciência para É Realizações, em maio de 2013. Os tipos usados são da família New Baskerville e Baskerville SSi e Light SSi. O papel do miolo é off white norbrite 66g, e o da capa, cartão supremo 250g.

O psiquiatra húngaro Leopold Szondi (1893-1986) foi o fundador da escola de psicoterapia chamada Análise do Destino. Durante a Primeira Guerra, foi atingido por um tiro, mas não sofreu consequências mais graves porque a bala ficara alojada no livro *A Interpretação dos Sonhos*, de Freud, que levava em sua mochila. Szondi atribuiu um significado especial a este fato e decidiu dedicar sua vida a ajudar as pessoas.

De família judia, L. Szondi perdeu seu emprego quando leis antissemitas foram introduzidas na Hungria e foi levado ao campo de concentração em Bergen-Belsen. Mesmo no campo, chegou a proferir seminários, os quais davam força aos prisioneiros, ajudando-os a enfrentar as adversidades. Após seis meses na prisão, Szondi e sua família foram libertados graças às negociações conduzidas pela Cruz Vermelha e, em parte, graças à intervenção de Carl Gustav Jung.

Depois da Segunda Guerra, radicado em Zurique, Suíça, Szondi passou a clinicar em consultório particular. Lá também publicou grande parte de seus livros sobre a Análise do Destino. Em 1951 fundou a Sociedade para o Diagnóstico Experimental das Pulsões e Psicologia do Destino; em 1958, durante o primeiro congresso internacional, foi fundada a Associação Internacional das Sociedades da Psicologia do Destino. Em 1959 foi agraciado com a cidadania suíça e, em 1961, fundou a Sociedade Suíça de Terapeutas Destinoanalíticos. Em 1962 começou a lecionar na Universidade de Zurique e em 1970 a Universidade Católica de Louvain, na Bélgica, conferiu-lhe o título de doutor *honoris causa*. Szondi faleceu em 1986, mas ainda hoje há pesquisadores dedicados ao estudo de sua obra e à aplicação de seu método.

A É Realizações está preparando a publicação de uma série de obras do próprio Szondi e de autores szondianos.

Sumário

ANÁLISE DE CASAMENTOS

Tentativa de elaboração de uma teoria da escolha amorosa

Apresentação

Quase quarenta anos se passaram desde a publicação da primeira e até então única obra de Leopold Szondi em português, em 1975. Nesse período, houve significativo progresso nas ciências biológicas, com o Projeto Genoma e o surgimento da neuropsicologia, propiciado pelo considerável avanço da tecnologia e da biotecnologia.

Também nesse período ocorreram mudanças profundas na sociedade. O que era considerado patológico na primeira metade do século XX deixou de sê-lo no final do mesmo século, passando a figurar como "normal" e a integrar o cotidiano das pessoas. Novos tempos, novos comportamentos, novos distúrbios. O foco deixou de ser a histeria e as neuroses. Hoje predominam a depressão, a síndrome de ansiedade e pânico e a drogadição.

Em vista disso, alguém há de perguntar: qual o sentido de publicar uma obra datada de 1937? Por que publicar textos escritos em 1967? Seriam eles atuais? Que contribuição poderiam oferecer para o entendimento do ser humano no século XXI?

Antes de propor uma resposta a essas perguntas, julgo importante contextualizar o autor e sua obra, para que o leitor possa ter um melhor entendimento das ideias e propostas nela apresentadas.

Lipót (Leopold) Sonnenschein nasceu em 11 de março de 1893 em Nitra, oeste da Eslováquia, como décimo segundo filho de um sapateiro judeu bastante religioso, que se dedicava intensamente ao estudo do Talmude. De origem humilde, sua mãe foi uma pessoa muito doente, o que o motivou a tornar-se médico. Os idiomas falados na família eram o alemão e o esloveno, tendo aprendido húngaro depois que sua família se mudou para Budapeste, onde fez seus estudos e adotou a versão húngara do seu sobrenome: Szondi.

No terceiro ano da faculdade de medicina, decidiu especializar-se em psiquiatria. Foi assistente de Pál Ranschburg na escola para crianças portadoras de deficiência, quando entrou em contato com a obra de Freud. Intrigado com as ideias de Freud, submeteu-se à psicanálise com Adolf Neumann, discípulo de Sándor Ferenczi. Seus estudos foram interrompidos pela Primeira Grande Guerra, durante a qual atuou como socorrista. Em 1916, sofreu um ferimento à bala, que poderia tê-lo matado, não fosse o livro *A Interpretação dos Sonhos*, de Freud, que levava em sua mochila e no qual a bala ficou alojada. Szondi atribuiu significado especial a esse fato e decidiu dedicar sua vida a ajudar pessoas.

Enquanto trabalhava no *front*, Szondi formulou a seguinte hipótese: "Padrões familiares inconscientes antigos preparam as escolhas dos descendentes". Desenvolveu o conceito de "inconsciente familiar", que se manifesta em escolhas geneticamente determinadas, e a ideia de "destino coercitivo". Szondi partia do princípio de que o inconsciente se manifesta por três vias: sintomas, símbolos e escolhas. No momento em que o indivíduo assume uma posição pessoal, passa a ter condições de se opor àquilo que o inconsciente familiar "sugere" e, com isso, de fazer escolhas autônomas. O escopo geral da "Análise do Destino" já estava concluído quando Szondi foi para o *front*.

Após o término da guerra, Szondi retornou a Budapeste, onde concluiu seus estudos enquanto trabalhava no Departamento de Neurologia e Psiquiatria na policlínica Conde Albert Apponyi, como assistente de Ranschburg. Em 1923, instituiu o primeiro departamento de Endocrinologia para pacientes ambulatoriais e começou a clinicar. Em 1927, já era considerado um dos melhores endocrinologistas da Hungria e assumiu o cargo de diretor clínico do laboratório nosológico e terapêutico para crianças portadoras de deficiências. O termo *terapêutico* fazia referência ao tratamento das glândulas que também fazia parte das atividades desenvolvidas em laboratório. Foi lá que Szondi começou a trabalhar no desenvolvimento do teste que leva o seu nome, Teste de Szondi, ou Genoteste.

As pesquisas sempre estiveram no centro dos interesses de Szondi, que procurava identificar o papel dos fatores hereditários no retardo mental e

descobrir a influência que o meio ambiente exerce sobre essa condição. Analisou a árvore genealógica de famílias e de gêmeos, dando especial atenção à genealogia de crianças que apresentavam retardo mental, partindo da geração dos avós, visando ao mapeamento das famílias nas quais havia elevada ocorrência de crianças portadoras de deficiência. Além do retardo mental, também pesquisou a personalidade criminosa, tendo examinado tanto criminosos apenados como aqueles que foram soltos. Szondi conseguiu dar conta desse grande volume de trabalho graças à ajuda de seguidores voluntários e da criação de um grupo de pesquisa muito bem organizado, que trabalhava com uma assiduidade e intensidade quase que febril.

No mesmo ano em que abriu seu próprio consultório, casou-se com Ilona Radványi (Lili), que lhe deu dois filhos, Peter e Vera. Lili foi uma esposa muito dedicada, tendo abandonado a profissão de professora de idiomas para apoiá-lo em suas pesquisas. Nesse mesmo período, Szondi fez a descoberta de que pessoas cujas famílias tinham uma determinada doença em comum frequentemente se casavam umas com as outras, sem, contudo, terem conhecimento prévio dessa "coincidência". Mais tarde verificou que isso se aplica também às escolhas do parceiro amoroso realizadas por pessoas sadias, uma vez que as famílias de ambos os cônjuges frequentemente apresentavam características idênticas ou semelhantes. Szondi denominou de "genotropismo" a escolha determinada pulsional e geneticamente. Mais tarde, o Teste de Szondi, ou Genoteste, seria utilizado para demonstrar essa hipótese empiricamente.

Em 1937, Szondi conheceu Géza Révész, fundador do Insituto de Psicologia da Hungria, que emigrara para a Holanda, onde também fundara um instituto de psicologia. Révész gostou tanto do trabalho de Szondi que publicou um de seus primeiros ensaios, "Análises de Casamentos", na *Acta Psychologica*, em Haia. Pela primeira vez esse texto está disponível em outro idioma que não o do original em inglês, sendo parte integrante desta publicação. Suas ideias arrojadas e, de certo modo, um tanto surpreendentes, assim como sua expressão contundente, certamente causarão estranheza no leitor e suscitarão polêmicas e discussões. Nesta obra, Szondi procura estabelecer o elo entre o gene recessivo latente e as escolhas amorosas. Essa ideia foi ampliada mais tarde,

compreendendo as escolhas que o indivíduo faz na amizade, na profissão, na doença e na morte – quando esta é buscada.

A irrupção da Segunda Grande Guerra inicialmente não afetou o trabalho de Szondi, mas, quando as "leis antissemitas" foram introduzidas na Hungria, ele foi obrigado a abrir mão da sua cátedra, perdendo o seu emprego. Szondi e sua família foram enviados a uma "casa de judeus", onde aguardariam a deportação. Quando surgiram os primeiros esforços de resgate, alguns ativistas sugeriram que Szondi emigrasse para a Palestina, mas a viagem lhe pareceu arriscada demais, pois poderia terminar em Jerusalém ou em Bergen-Belsen, um campo de concentração. Assim, Szondi teve que optar entre um destino socialmente determinado e um destino por escolha. Decidiu tomar o trem, que acabou tendo Bergen-Belsen como destino final. No entanto, de certa forma, teve sorte nessa situação dramática, pois ficou confinado em uma parte do campo na qual os prisioneiros não eram enviados imediatamente para a câmara de gás. As pessoas que o conheciam e se interessavam pelo seu trabalho procuravam estar próximas a ele. Szondi ignorou o "destino coercitivo" e suas dificuldades, passando a dar seminários no campo de concentração. Seus seminários tinham o efeito de dar força aos prisioneiros e proporcionavam algum sentido às suas vidas, ajudando-os a enfrentar as adversidades.

Após seis meses na prisão, Szondi e sua família foram libertados juntamente com um pequeno grupo de pessoas, graças às negociações conduzidas pela Cruz Vermelha e, em parte, à intervenção de Carl Gustav Jung. Todos deveriam seguir para a Palestina, através da Suíça. Quando chegou à Suíça, em dezembro de 1944, Szondi foi imediatamente contratado como diretor clínico de uma casa psiquiátrica para crianças, onde trabalhou durante um período. Em 1946 mudou-se para Zurique, onde recebeu autorização para clinicar em consultório particular. Lá se fixou e publicou grande parte de seus livros sobre a Análise do Destino. Em 1951 fundou a Sociedade para o Diagnóstico Experimental das Pulsões e Psicologia do Destino; em 1958, durante o primeiro congresso internacional, foi fundada a Associação Internacional das Sociedades da Psicologia do Destino. Em 1959 foi agraciado com a cidadania suíça e em 1961 fundou a Sociedade Suíça de Terapeutas Destinoanalíticos. Em 1962

começou a lecionar na Universidade de Zurique e em 1970 a Universidade Católica de Louvain, na Bélgica, conferiu-lhe o título de *doctor honoris causa*.

Nesse mesmo ano, graças a uma doação generosa, Szondi pôde criar seu instituto (Szondi Institut – www.szondi.ch), voltado para atividades de pesquisa, formação e especialização de terapeutas. Um de seus objetivos era integrar diferentes linhas dentro da psicologia profunda. Szondi entendia ser a Análise do Destino a conexão entre as teorias de Freud, baseada no inconsciente pessoal, e de Jung, baseada no inconsciente coletivo. O conceito de inconsciente familiar, desenvolvido por Szondi, seria, portanto, a ponte entre essas duas teorias. A imagem inspirada na "Ponte das Correntes" de Budapeste foi adotada como logomarca do seu instituto.

Szondi era uma pessoa muito reservada e de poucos amigos, mas com muitos discípulos. Recebia poucas pessoas, com as quais falava basicamente sobre seu trabalho. Trabalhou duro até o fim da sua vida: curou pessoas, lecionou e dirigiu o instituto que leva o seu nome. Seus cursos eram credenciados junto à universidade, nos programas de pós-graduação. Sua obra é vasta, com cerca de cem publicações. Em seu último livro, publicado dois anos antes de sua morte, Szondi escreve no epílogo:

> Este livro completa uma série sobre o destino humano, ao menos da minha parte. Deixo o legado da pesquisa sobre o destino para os meus discípulos, que dela participaram durante décadas, a quem expresso minha gratidão. Não consegui responder a muitas questões cruciais, mas mesmo assim estou contente. Minha vida longa permitiu que eu descrevesse em oito livros as questões básicas do destino instintivo humano.

Szondi faleceu aos 92 anos, em 26 de janeiro de 1986. Sua esposa, Lili, faleceu alguns meses depois.

A Análise do Destino é relativamente pouco conhecida, embora seja estudada em várias universidades, em particular na Universidade Católica de Louvain, onde se desenvolveu sob uma outra ótica, a partir de 1963, sob a orientação de Jacques Schotte. O destino pessoal de Szondi e da sua teoria estão intimamente relacionados. Após a Segunda Grande Guerra, com a forte influência cultural

americana, onde dominava o behaviorismo, pouco espaço havia para uma teoria da personalidade que tivesse a genética como fundamento: o ser humano era visto como fruto do seu meio. Por "ironia do destino", particularmente devido à eugenia nazista, adotada como parte fundamental da ideologia de pureza racial que culminou no Holocausto que quase vitimou Szondi e sua família, surgiram questionamentos éticos quanto à adequação de se aplicar conceitos genéticos no entendimento de distúrbios da psicopatologia humana.

Szondi foi fortemente criticado por suas ideias, consideradas determinísticas do ponto de vista biológico. No entanto, desde a metade do século XX, com a descoberta da estrutura do DNA por James Watson e Francis Crick em 1953, possibilitando o mapeamento completo do genoma humano, concluído em 2003, abriu-se um novo campo de exploração para entender as origens biológicas da personalidade. Hoje temos a confirmação científica de que o comportamento humano depende da interação entre fatores genéticos e ambientais, como postulava Szondi meio século antes. As portas para uma compreensão mais ampla e profunda das raízes biológicas da personalidade se abriram e é nesse contexto que a leitura da obra de Szondi adquire relevância.

Por outro lado, Jacques Schotte e os seus discípulos na Universidade Católica de Lovain procuraram mostrar que o essencial da obra de Szondi – aquilo que ainda hoje pode trazer de novo aos psicólogos e psiquiatras – ultrapassa em muito a sua referência à genética. Schotte aprofundou o modelo pulsional proposto por Szondi pondo em evidência a sua lógica interna e a sua fertilidade heurística enquanto modelo da personalidade humana. Trata-se de um modelo psicológico que permite integrar tanto as grandes aquisições da psiquiatria kraepeliniana[1] como os conceitos essenciais da psicanálise e permite resolver de forma coerente um problema particularmente atual em psicologia e psiquiatria: o problema da articulação e da continuidade entre a estrutura da personalidade e as suas eventuais perturbações psicopatológicas, numa perspectiva dimensional.

[1] Emil Kraepelin (1856-1926) foi um psiquiatra alemão e é comumente citado como o criador da moderna psiquiatria, psicofarmacologia e genética psiquiátrica.

A obra *Introdução à Psicologia do Destino* é uma coletânea de artigos nos quais Szondi discorre sobre destino, escolha, pulsão, liberdade e compulsão. Humanista que foi, acreditava que o ser humano dispõe de diversas possibilidades de destino e que o caminho da liberdade passa necessariamente pelo autoconhecimento e pela descoberta do inconsciente familiar.

Trata-se de uma leitura instigante, que despertará o interesse não só de cientistas, psiquiatras e psicólogos, mas também de educadores e filósofos. Uma obra cujo conteúdo se mostra mais atual do que nunca. Contrariando a previsão que Szondi faz no final do primeiro capítulo desta obra – segundo a qual, provavelmente, os representantes da Psicologia Profunda de então cairiam no esquecimento, a exemplo dos adeptos da Frenologia Profunda –, ousamos dizer que o século XXI é favorável para o despertar da teoria de Szondi e da sua Análise do Destino.

São Paulo, fevereiro de 2012.

Giselle Müller Roger Welter
Psicóloga, Mestre em Psicologia, Especialista em Psicologia Escolar e Educacional. Orientadora Profissional e de Carreira, consultora organizacional. Membro da International Szondi Society.

Dados biográficos[1]

Szondi completou 80 anos em 11 de março de 1973.

Expressivas homenagens foram então prestadas ao idealizador da teoria gênica das pulsões, a "Análise do Destino", e da técnica projetiva de diagnóstico conhecida como "Psicodiagnóstico das Pulsões" ou "Teste de Szondi".

A Faculdade de Medicina de sua terra natal, a Hungria, onde ele se formou e iniciou suas pesquisas, remeteu-lhe a maior honraria com que distingue seus ex-alunos: o Diploma de Honra de Ouro.

Recebeu o título de "Doutor Honoris Causa" da Universidade de Louvain, Bélgica, onde os fundamentos teóricos e conceitos szondianos são ensinados, juntamente com o uso do "Teste de Szondi".

O prefeito de Zurique, Suíça, onde Szondi se radicou desde o fim da Segunda Guerra Mundial, ofereceu, no salão nobre da Prefeitura, uma recepção em honra do cientista e habitante ilustre da cidade.

O incansável pesquisador, o criativo cientista, o humanista por excelência, viu o reconhecimento e o interesse por sua obra alastrar-se e consolidar-se.

Mas a vida de Szondi – sua realização humana e científica, sua teoria querendo restabelecer a unidade entre a psicologia e a biologia – consistiu de muitos anos de lutas, glórias e decepções, prestígio e humilhações, acompanhados sempre da fé na "Análise do Destino".

Formando-se em medicina, o interesse científico de Szondi voltou-se para o problema dos retardos mentais. Sua primeira publicação é *Lues e o Retardado Mental*, 1920. Seguem-se várias outras, entre 1922 e 1925, ano em que foi editado seu excepcional livro *A Mente Retardada.*

[1] Este breve esboço biográfico foi publicado na primeira edição brasileira de *Introdução à Psicologia do Destino*, em 1975. (N. E.)

Partindo dessas pesquisas, ele estabelece sua teoria biogenética das pulsões. É conveniente reparar que Szondi distingue "Instinkt" (instinto) e "Trieb" (pulsões).

Ampliando seus conhecimentos profissionais, especializa-se em psiquiatria, psicologia profunda e endocrinologia. Por volta de 1930, esses conhecimentos e uma vasta experiência clínica levam-no a formular a teoria da "Análise do Destino" e o "Genoteste", seu método psicodiagnóstico hoje conhecido como "Teste de Szondi".

Nessa época é professor da Escola Superior de Psicopedagogia de Budapeste e diretor do Laboratório de Pesquisas Científicas da mesma faculdade onde, com uma excelente equipe de médicos, psicólogos e estudantes universitários, pesquisa ativamente e estabelece os fundamentos científicos do "Genoteste" baseado no efeito genotrópico dos genes.

Em 1937, a *Acta Psychologica* de Den Haag, Holanda, publica *Analysis of Marriages* [Análise de Casamentos], transmitindo as bases da nova teoria do destino, de Szondi.

Em 1939, publica a *Teoria e Metodologia*, resumo dos seminários e aulas sobre o diagnóstico experimental das pulsões. Szondi não só cria um novo procedimento psicodiagnóstico, mas concebe uma nova interpretação dos dinamismos psíquicos.

O destino me proporcionou a satisfação de poder estudar e trabalhar com Szondi de 1937 a 1939.

No domingo de Páscoa de 1939, ele escreveu-me uma carta longa, das montanhas onde descansava. Cito um pequeno trecho para dar a conhecer melhor o homem, o humanista, além do cientista:

> O homem deve ter a coragem de ser diferente daqueles que o circundam, quando necessário. Deve ter a coragem de ser *bom*, ainda que os outros ajam *mal* com ele ou em torno dele. O que é o mal? A "Análise do Destino" me ensinou que ser mau significa *não ter encontrado ainda* a apropriada, a adequada saída de emergência para os impulsos negativos. Disse: *ainda não*. Portanto, acredito que amanhã ou depois poderá ser diferente.

Mal sabia Szondi naquela época o quanto se necessitaria, num futuro não muito distante, de sua grande compreensão humana. Até junho de 1944 viveu

com a esposa e um casal de filhos na Hungria. Com a invasão daquele país pelas tropas alemãs, na segunda metade da guerra, Szondi concentrava toda sua atividade na salvação de médicos e amigos desesperados.

Apesar de passar fome, frio e de haver sido deportado juntamente com sua família, esperava com serenidade e fé tempos mais propícios para continuar seu trabalho científico. Aproveitou todas as adversidades para um enriquecimento humanístico, transmitindo a todos que com ele sofreram força para viver e paz de espírito.

No fim da guerra está com sua família na Suíça. Em 1946 publica o livro *Schicksalsanalyse* [Análise do destino].[2] Às margens do lago de Genebra, escreve o segundo volume – *Experimentelle Triebdiagnostik* [Diagnóstico Experimental das Pulsões], publicado em 1947.[3] Na mesma época, provavelmente em consequência das vivências durante a guerra, escreve um estudo sob o título de "A Humanização dos Instintos".

O terceiro livro, *Triebpathologie* [Patologia das Pulsões], foi publicado em 1952. Em paralelo é editada uma infinidade de artigos e livros relativos à teoria e ao novo teste. Seria exaustivo acompanhar a bibliografia, ainda que essencial, a partir desta data. O último livro editado é *Kain: Gestalten des Bosen*, em 1969, e no outono de 1973 surge o mais recente: *Moses: Antwort auf Kain*.[4]

Atualmente, Szondi dirige na Suíça a Fundação Instituto Szondi – Kralbuhlstrasse 30, 8044, Zurique, Suíça –, formada graças a um magnata generoso e fiel adepto da "Análise do Destino", trabalhando com uma equipe de doze professores e quatro assistentes na pesquisa científica.[5]

Antes de terminar, acho que é minha obrigação salientar que, aqui no Brasil, existe muito pouca divulgação das teorias e do Teste de Szondi.

---

[2] *Schicksalsanalyse*. Basel, Benno Schwabe, 1946. [Este livro será publicado pela É Realizações. (N. E.)]

[3] *Experimentelle Triebdiagnostik*. Bern, H. Huber, 1947.

[4] *Kain: Gestalten des Bosen*. Bern und Stuttgart, Huber, 1969; *Moses: Antwort auf Kain*. Bern und Stuttgart, Huber,1973. Estes livros serão publicados pela É Realizações. (N. E.)

[5] Szondi faleceu em 1986, mas suas obras continuam a ser editadas e, como bem apontou Giselle Welter na apresentação deste volume, há pesquisadores dedicados ao estudo e difusão de sua obra. (N. E.)

São de meu conhecimento as seguintes:

a) Na Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia, no ano de 1950, o já falecido Prof. Bela Székely ministrou um curso sobre o "Psicodiagnóstico Experimental de Szondi".

b) A *Revista de Psicologia Normal e Patológica*, de 1955, n. 2, 3 e 4, e de 1956, n. 2, publicou, de Antonius Benko, S.J., "Valores e Limites do Teste de Szondi", um esboço dos pontos principais da teoria e da prática do teste, talvez a única pesquisa e publicação científica feita no Brasil a respeito do assunto.

c) O Círculo Brasileiro de Psicologia Profunda, nos Estudos de Psicanálise, 1970, n. 4, Belo Horizonte, publicou um excelente artigo de Szondi: "Freud, o Cientista", e no registro bibliográfico apresenta, da autoria do Prof. Dr. Malomar L. Edelweiss, também ex-aluno de Szondi, considerações referentes à tradução em língua espanhola do *Tratado del Diagnostico Experimental de los Instintos*, de Szondi.

d) Na Universidade de João Pessoa, Paraíba, o Prof. Luis F. Gonçalves de Andrade ensina, no curso de formação de psicólogos, as teorias e o teste de Szondi. O Prof. Andrade é formado pela Universidade de Louvain, preparando seu doutoramento referente às suas pesquisas com o teste de Szondi.

O Dr. Juan Alfred Cesar Müller apresentou ao XIV Congresso Interamericano de Psicologia, realizado em 1973, em São Paulo, um trabalho relacionado ao Teste de Szondi.

Sinto-me feliz pela primeira tradução de um livro de Szondi para o português e grato ao Dr. Müller – colega szondiano convicto e meu grande amigo – pelo convite para escrever uma curta biografia de meu mestre, orientador, incentivador do trabalho humanístico e amigo.

Gostaria de crer que com a presente tradução iniciamos no Brasil a ampliação do conhecimento e a divulgação da terceira escola, como é denominada frequentemente a teoria szondiana.

São Paulo, junho de 1975.
Dr. *Honoris Causa* Pedro Balázs
Psicólogo – Professor da Escola de Comunicações e Artes
Universidade de São Paulo

Introdução à Psicologia do Destino

Liberdade e compulsão no destino do homem

Palavra do tradutor

Em 1950, publiquei meu primeiro trabalho a respeito da escola de Szondi, na *Revista da Universidade de La Plata.* Depois, disse muitas vezes que o exato conhecimento da "terceira escola" era essencial. Se não tentei antes traduzir uma das obras do Dr. Szondi, foi porque tinha plena consciência das dificuldades da tarefa.

Contudo, o exemplo do meu amigo Prof. Dr. Soto Yarritu, que verteu para o espanhol a primeira obra de Szondi, e o auxílio de Dona Déa Esmeralda Hochgesandt, a quem expresso meus agradecimentos, acabaram por me convencer de que chegara o momento de apresentar esta primeira tradução em língua portuguesa. E escolhi esta obra por tratar-se de uma coletânea, podendo assim atuar como um leque que nos possibilitará outras aberturas posteriormente.

Não conheço outra técnica psicológica que permita um diagnóstico tão rápido e perfeito quanto a de Szondi. O método szondiano ainda é de valor incomparável no que se refere ao controle do nosso trabalho durante a psicoterapia breve, área em que me especializei. Problemas também centrais, como o aconselhamento terapêutico matrimonial, o prognóstico de êxito nas terapias das neuroses e psicoses e a orientação vocacional com finalidade terapêutica, encontram em Szondi uma base sólida para um encaminhamento que, de outro modo, dificilmente se faria. Observou-me o editor que a prova da qualidade e importância da escola szondiana era visível no resultado de meu trabalho, com o que concordo, sobretudo por tratar-se de uma escola que consegue integrar todas as outras de forma ordenada.

Em 1965, quando a Editora Mestre Jou publicou minha tradução da obra do Dr. Ungricht, já tinha em mente o trabalho que agora apresento.[1] Em 1970, no Congresso Internacional dos Szondianos, em Zurique, prometi ao velho mestre que em nosso próximo congresso – a ser realizado em Paris, em setembro deste ano – entregaria o livro vertido ao português, comemorando meus trinta anos de discipulado. De fato, iniciei como discípulo de Szondi em 1946 e, a partir daí, venho empregando e expandindo sua metodologia que, finalmente, agora está recebendo uma aceitação cada vez maior no Brasil. E é visando incentivá-la e enriquecê-la que apresento esta tradução.

Uma vez prometi a uma amiga norte-americana que dedicaria a ela esta tradução, pois temos em comum o amor ao Brasil e à escola de Szondi. Aqui está finalmente, Marjorie, o livro que prometi.

São Paulo, julho de 1975.
J. A. C. Müller

[1] O tradutor refere-se a J. Ungricht, *Escolha da Profissão, Escolha da Vida.* São Paulo, Editora Mestre Jou, 1966. (N. E.)

Esta vida não é um estado de devoção,
mas a conquista da devoção;
não é ter saúde, mas conquistar a saúde;
não é ser, mas vir a ser;
não é repouso, mas sim atividade.
Nós ainda não somos, seremos.
A vida não está pronta e acabada,
mas em elaboração;
não é fim, mas caminho.

Lutero
(W.A., 7; 337, 30-35)

Prefácio à primeira edição

A dignidade e a responsabilidade do homem residem, entre outros, na capacidade de carregar *conscientemente* o próprio destino.

E ele se reveste de dignidade precisamente por ser o único ser vivo com capacidade de conscientizar-se. Porém, forçado a superar os antagonismos entre liberdade e compulsão, entre a própria personalidade e a herança familiar, carrega o pesado fardo da vida humana.

O presente livro contém alguns artigos e aulas abordando o problema dos *antagonismos*. Não oferecem receitas de como solucioná-los, mas procuram apenas indicar caminhos que podem, em determinadas circunstâncias, conduzir à solução dessa tarefa.

Estes textos foram publicados em diferentes revistas e em épocas diferentes, motivo pelo qual redundâncias não puderam ser evitadas.

L. Szondi

Zurique, outono de 1967.

Prefácio à terceira edição inalterada

O Instituto Szondi comemora em novembro de 1995 vinte e cinco anos de existência. No mesmo ano é publicada uma nova edição desta coletânea de textos de Leopold Szondi. Uma reedição que se torna ainda mais necessária, na medida em que não existe outro *vade mecum* sobre os fundamentos da Análise do Destino que seja tão conciso. Além disso, na edição de seus textos, Szondi procurou enfatizar de maneira especial, quase de forma programática, sua visão filosófica, ideológica e existencial das coisas, cujos detalhes correriam o risco de se perder na abrangência da sua obra. A nova geração de terapeutas e psicólogos, em sua busca contínua do todo e do abrangente na Análise do Destino – para também poder se remontar ao todo – lhe é grata por isso. É com satisfação que o conselho da fundação pode, por meio desta edição, atender a um vivo e iminente interesse na Análise do Destino.

Parte 1

O Destino

Capítulo 1

Transformação do conceito de destino na psicologia profunda[1]

1.1 Generalidades sobre a transformação do conceito de destino

A palavra *destino* costuma provocar penoso embaraço em muitos cientistas contemporâneos. Esta afirmação é verdadeira, quer seja abertamente admitida ou discretamente negada.

Em geral, a cadeia de associações condicionadora desse constrangimento segue o mesmo caminho já percorrido no passado pelo desenvolvimento histórico do conceito de *destino.* Queiramos ou não, somos obrigados a pensar nos múltiplos métodos oraculares (na China, na Grécia e noutras regiões); no karma, como representação do determinismo interior; nas reencarnações, no *Samsara* (dos hindus), ou seja, no ininterrupto ciclo da vida do nascimento à morte; na astrologia e no horóscopo (dos caldeus); na αναγχη[2] e ειμαρμενη,[3] na μοίρα[4] e τύχη[5] (dos gregos), no *fatum* e *necessitas* (dos romanos). Também podem surgir outras lembranças, como

[1] Publicação comemorativa para Werner Leibbrand. Mannheim, 1967.

[2] Ananque, mãe das Moiras e a personificação do destino, necessidade inalterável e fato. Ela era raramente adorada até a criação da religião mística órfica. (Nota da revisora técnica, doravante N. R. T.)

[3] Heimarmene, personificação do destino imutável. (N. R. T.)

[4] Moiras, deusas do destino na mitologia grega. (N. R. T.)

[5] Tiquê, filha de Zeus, representa a sorte, a fortuna. (N. R. T.)

dada Providência Cristã (Santo Agostinho) e a *individuelle* fortuna (da Renascença); Schiller e os dramas do destino do Romantismo,[6] e assim por diante.

O ocultismo mágico e o irracional parecem estar intimamente ligados à palavra "destino". A própria filosofia do destino do século XIX tampouco logrou alterar essa concepção. Assim, podemos ler na obra *Sobre a Aparente Intencionalidade do Destino do Indivíduo*, escrito por Schopenhauer em 1851: "O fato de todo acontecimento, sem exceção, ocorrer com a mais rigorosa 'necessidade' é uma verdade apriorística, consequentemente inabalável. Quero denominá-la aqui de fatalismo demonstrável".[7]

A isto contrapõe Schopenhauer o *fatalismo transcendental*, dizendo:

> De qualquer forma, porém, trata-se de um fatalismo de grau superior, quando reconhecemos que tudo o que acontece neste mundo é ao mesmo tempo planejado e inevitável; tem atrás de si uma determinação fatalista, mas que *não é cega*. Com esse tipo de fatalismo – não demonstrável como o fatalismo puro e simples – todos nos defrontaremos, mais cedo ou mais tarde, talvez aceitando-o temporária ou definitivamente, de acordo com nossa mentalidade. Podemos denominá-lo *fatalismo transcendental*, para distingui-lo do fatalismo comum e demonstrável.[8]

E continua:

> A repetida ocorrência da mesma regularidade aos poucos conduz à visão, a qual muitas vezes se converte em convicção, de que o curso da vida do indivíduo, por mais confuso que possa parecer, é um todo tão coerente quanto a mais bem planejada obra épica, com uma tendência determinada e um sentido didático.

Isto ainda foi reforçado em uma nota de rodapé:

---

[6] H. Ellenberger, "Das Menschliche Schicksal als Wissenschaftliches Problem". *Psyche*, IV, H. 11, 1951, p. 576-610.

[7] A. Schopenhauer, *Parerga und Paralipomena*. Schopenhauers Samtliche Werke, J. G. Cotta'sche Buchhandlung Nachfolger. Stuttgart e Berlim, Achter Band, 1. Teil, p. 207.

[8] Ibidem, p. 208.

> Nossas ações e *nossa biografia* não são *obras nossas*, mas sim daquilo que ninguém considera como tal, ou seja, da nossa essência e existência... Portanto, a vida do homem já está irrevogavelmente traçada, em todos os seus pormenores, no momento do nascimento...[9]

Aquilo que o filósofo do século XIX refletiu, de modo puramente especulativo, tornou-se Ciência Natural através dos pesquisadores do século XX. A simples citação dos títulos de algumas obras contemporâneas comprova esse fato. Em 1929 foi editado o tratado de Lange, *Crime como Destino*;[10] em 1931, Schultz publicou *Destino e Neurose*;[11] em 1932, apareceu *A Hereditariedade como Destino*, estudo caracterológico de Pfahler;[12] de 1936 data *Destino Vital de Gêmeos Criminosos* de Krans;[13] em 1944 foi publicado *Caráter e Destino*, de Rudert.[14] Caráter e hereditariedade são atualmente considerados como *destino*, uma vez que suas regras e leis vêm sendo pesquisadas com exatidão com os métodos das ciências naturais.

No presente, não só a genética toma a liberdade de falar em "destino", mas também a medicina. Em 1940, surgiu o livro *Doença, Crise Vital e Destino Social*, de Hollmann[15] e, em 1956, Jores escreveu em seu livro *O Homem e sua Doença*:

> Todo médico atento, ao fazer o levantamento cuidadoso dos antecedentes familiares e pessoais de seus pacientes, surpreende-se cada vez mais com as conexões entre doença, destino vital e destino social, nos quais esses três fatores se entrelaçam intimamente.[16] Na clínica médica, Von Weizsacker foi o precursor destas ideias na Medicina Interna.[17]

Desta forma, destino praticamente se tornou terminologia médica.

---

[9] Ibidem, p. 209.

[10] J. Lange, *Verbrechen als Schicksal*. Leipzig, Theime, 1929.

[11] H. Schultz-Hencke, *Schicksal und Neurose*. Jena, G. Fischer, 1931.

[12] G. Pfahler, *Vererbund als Schicksal*. Leipzig, Barth, 1932.

[13] H. Kranz, *Lebensschicksale Krimineller Zwillinge*. Berlim, Springer, 1936.

[14] J. Rudert, *Charakter und Schicksal*. Potsdam, Potsdamer Vortrage V, E. Stichnote, 1944.

[15] W. Hollmann, *Krankheit, Lebenskrise und Soziales Schicksal*. Leipzig, Thieme, 1940.

[16] A. Jores, *Der Mensch und seine Krankheit*. Stuttgart, Klett, 1956.

[17] Ver V. Weizsäcker, *Korpergeschehen und Neurose*. Klett, Stuttgart, 1947; V. Weizsäcker, *Studien zur Pathogenese*. Stuttgart, Thieme, 1946.

1.2 Transformação específica do conceito de destino na psicologia profunda

1.2.1 Na psicanálise

Desde que Freud criou a psicologia profunda com seu livro *A Interpretação dos Sonhos*, em 1900, teve que confrontar-se muitas vezes com o conceito de destino. Isto foi feito por ele especialmente em relação à questão: seriam as afecções neuróticas de natureza endógena ou exógena? Freud respondeu a essa questão de maneira evasiva em 1912, quando escreveu:

> A psicanálise nos advertiu a abandonar a infecunda contraposição de fatores internos e externos, de destino e constituição, e nos ensinou a procurar regularmente a causa dos distúrbios neuróticos numa determinada situação psíquica, a qual pode ser originada através de diversos caminhos.[18]

Com referência a esses caminhos, ele distingue, três anos mais tarde, em 1915, quatro tipos de assim chamados *destinos pulsionais*, a saber: (1) transformar-se no oposto, isto é, a conversão de uma determinada pulsão da atividade para a passividade, e a conversão do conteúdo de amor para o ódio; (2) voltar-se contra si mesmo, ou masoquismo; (3) a repressão; (4) a sublimação. Embora Freud fale aqui de *destinos pulsionais*, ainda assim descobriu o *importante papel do ego na formação do destino*, especificamente através *das funções defensivas do ego*. Ele escreve: "Em relação aos motivos que se opõem a uma continuação direta dos instintos, os destinos pulsionais podem ser vistos como modalidades de defesa contra essas mesmas pulsões".[19]

Em 1924, Freud deu uma definição mais ampla do conceito de destino:

> A última imagem da série de figuras que começa com os pais (professores, autoridades, heróis consagrados no ambiente social) é a potência obscura do destino. Mas apenas uma minoria pode concebê-la

---

[18] Sigmund Freud, "Über Neurotische Erkrankungstypen". *Ges. Schr. Bd. V. Int. Psa.* Leipzig, Verlag, Zürich: Wien, p. 408

[19] Sigmund Freud, "Triebe und Triebschicksale". *Ges Schr. Bd. V.*, p. 452.

> impessoalmente. Quando o poeta holandês Multatuli (Eduard Douwes Dekker, 1820-1887) substitui a Μοιρα [Moira] dos gregos pelo par de deuses Λόγος χαι ' Αυαγχη,[20] pouco há a objetar. Aqueles que atribuem os eventos do mundo à Providência, a Deus ou ao Deus-Natureza despertam a suspeita de que ainda continuam a sentir – mitologicamente – esses extremos e longínquos poderes como se fossem os pais, aos quais acreditam estar ligados por laços libidinosos.[21]

Consequentemente, para a psicanálise, o destino individual é condicionado pelo conflito pessoal das pulsões entre o superego, inimigo das pulsões, e o ego. O tipo específico de exigência pulsional e as funções defensivas do ego constituem, conjuntamente, os fatores responsáveis pela forma especial do destino individual. *Para Freud, o destino individual é especialmente moldado pelos momentos traumáticos representados pelo complexo de Édipo, pelo temor da castração e pelas formas de defesa de ambos.* Somente em 1937, dois anos antes de sua morte, Freud reconheceu novamente a hereditariedade como fator importante na formação do destino, distinguindo, então, três fatores na origem das doenças psíquicas: (1) *a influência dos sonhos*; (2) *a força constitucional da pulsão*; (3) *a mutação do ego*. Enfatizou que nem sempre a força da pulsão deve ser responsabilizada por essa mutação, pois é possível que a espécie e o modo de atuação das defesas do ego sejam de origem *hereditária*.[22] Apesar do reconhecimento da influência do momento constitucional e sua contribuição desde o início, para Freud, contudo, era concebível que um fortalecimento da pulsão surgido mais tarde durante a vida produzisse os mesmos efeitos que a constituição herdada.[23]

Os resultados obtidos pelas pesquisas psicanalíticas do destino foram resumidos por Ellenberger em 1951, na publicação "Psyche":

I. Fatores psicanalíticos determinantes do destino:

---

[20] Logos e Ananque, as duas faces de "heimarmene", da ordem que faz do mundo um cosmos. (N. R. T.)

[21] Sigmund Freud, "Das oekonomische Problem des Masochismus". *Ges. Schr. Bd. V.*, 1924, p. 384.

[22] Sigmund Freud, "Die endliche und die unendliche Analyse". *Ges. Werke.* XVI, p. 64-68.

[23] Ibidem, p. 68.

1. experiências primordiais;
2. formação de uma imagem paterna, ou materna, e o seu papel na escolha do amor;
3. situações da primeira infância que condicionam o destino posterior, como repetições compulsivas. Por exemplo: (a) a situação edipiana, sobre a qual Freud escreve: "Em última análise, o destino é apenas uma projeção tardia da figura paterna";[24] (b) separação dos pais;
4. fixação e regressão a qualquer estágio pré-genital de desenvolvimento.

II. Algumas formas de destino, segundo a psicanálise:

1. Em relação à questão do êxito ou do fracasso na vida, a psicanálise, segundo Reik, pode constatar as seguintes formas neuróticas de destino: (a) o indivíduo não consegue suportar o êxito. No momento da conquista, renuncia ao resultado, por autopunição; (b) no momento em que está *prestes* a atingir o objetivo, sempre interpõe obstáculos ao êxito; (c) não consegue sentir alegria ou satisfação ao conquistar um objetivo ou o sucesso, ou isso é sabotado; (d) o êxito surge tarde demais, por exemplo, só pouco antes de morrer;
2. *Em relação à saúde e à doença*, são pertinentes as opiniões de Freud de que "a neurose seria uma parte do destino do indivíduo", e adicionalmente significação da "escolha dos sintomas", a escolha do momento do adoecimento, etc.;[25]
3. destinos amorosos;
4. destinos sociais, por exemplo, as formas de destino dos líderes da humanidade, rebeldes, filantropos e misantropos, fundadores de seitas, traidores (Allendy), etc. (cit. de Ellenberger).[26]

---

[24] Sigmund Freud, "Dostojewski und die Vatertötung". *Ges. Schr. Bd.* XII, p. 7.
[25] Ver também V. Weizsäcker, *Korpergeschehen und Neurose*. Klett, Stuttgart, 1947.
[26] H. Ellenberger, "Das Menschliche Schicksal als Wissenschaftliches Problem". *Psyche*, IV, H. 11, 1951, p. 576-610.

Embora Freud tenha apresentado a interação entre momentos constitucionais e traumáticos, a pesquisa psicanalítica do destino permaneceu limitada na sua escola,[27] principalmente em relação à investigação dos efeitos traumáticos na primeira infância – até os primeiros meses de idade. Para os psicanalistas, o destino permaneceu destino pulsional e de defesa.

1.2.2 O conceito de destino na psicologia analítica de C. G. Jung

Paradoxalmente, a psicanálise, que fora taxada de "mecanicista-materialista", ocupou-se de modo relativamente mais intenso com a questão do destino humano do que a psicologia espiritual-demoníaca, esotérico-astrológica de Jung. Em especial destacam-se dois aspectos sob os quais Jung considerou o destino: o *arquetípico* e o *astrológico*.

Arquétipos, como se sabe, são unidades de efeito operantes, intemporais, sempre presentes no inconsciente coletivo, cuja influência se estende por toda a psique. Atuam "como reguladores e estimuladores da atividade criadora da fantasia". Evocam "formações correspondentes, utilizando o material consciente disponível para cumprir sua finalidade".[28]

Jung, por exemplo, procurava a importância do pai para o destino do indivíduo não só na narrativa familiar – como Freud –, mas no arquétipo da imagem paterna.[29] Diz ele: "Se nós, pessoas normais, pesquisarmos nossas vidas, veremos que uma mão poderosa nos conduz infalivelmente a destinos vários, e nem sempre essa mão pode ser chamada de bondosa..."

Na linguagem cotidiana, a fonte de tais destinos ainda aparece como um demônio, como um espírito bom ou mau. A compulsão que configura a vida da nossa alma tem o caráter de uma personalidade autônoma, ou é sentida como tal. Jung atribui "às imagens paterna e materna um poder mágico, que influencia a vida psíquica da criança, como um demônio". Para ele, tanto a imagem materna como a paterna se apoiam sobre um

[27] Escola psicanalítica. (N. R. T.)

[28] Carl Gustav Jung, "Der Geist der Psychologie". *Eranos Jahrbuch. Bd.* XIV, p. 442-43.

[29] Carl Gustav Jung, *Die Bedeutung des Vaters für das Schicksal des Einzelnen*. Rascher, 1. ed., 1909; 2. ed., 1926; 3. ed., 1948, p. 26-38.

molde instintivo congênito e preexistente, sobre um *pattern of behaviour* [padrão de comportamento], denominado por ele arquétipo da imagem paterna e materna. Estamos sujeitos ao poder destas imagens arquetípicas, pois elas traçam o nosso destino. Nesse destino nada mais resta a cada um senão levantar-se contra a influência do arquétipo da imagem paterna ou materna, ou então identificar-se "com o *patris potestas* ou com a formiga--mãe". Escreve ele:

> É exatamente essa identificação inconsciente com o arquétipo que é perigosa; ela não só exerce uma influência sugestivo-dominadora sobre a criança, mas também provoca nela a mesma inconsciência, fazendo com que, de um lado, ela sucumba à influência exterior e, de outro, não consiga se defender dela interiormente. Por isso, quanto mais um pai se identificar com o arquétipo, tanto mais inconsciente e irracional, ou até mesmo psicótico, ele se tornará.[30]

Jung chega à seguinte conclusão:

> A força destino-determinística do complexo paterno provém do arquétipo, e esta é a verdadeira razão pela qual o *consensus gentium* coloca uma figura divina ou demoníaca no lugar do pai, pois o pai individual corporifica inevitavelmente o arquétipo, que confere à sua imagem uma força fascinadora. O arquétipo atua como um ressoador, ampliando exageradamente os efeitos oriundos da imagem do pai, desde que estes estejam em concordância com o tipo herdado.[31]

O segundo aspecto do destino, o astrológico, se manifesta na "teoria da sincronicidade" de Jung.

De acordo com Jung, pode-se falar de uma "identidade relativa ou parcial entre psique e continuidade física". Sob este aspecto, a psique deveria ser compreendida como "massa em movimento". De alguma maneira, a psique toca a matéria e, inversamente, a matéria tem de possuir uma psique latente.[32]

---

[30] Ibidem, p. 28 ss.

[31] Ibidem, p. 38.

[32] Carl Gustav Jung, "Der Geist der Psychologie". *Eranos Jhb. Bd.* XIV, p. 462-63 e 490.

Assim, o arquétipo teria uma natureza atômica, e os átomos teriam natureza arquetípica.[33]

É sobre essa vaga hipótese que se apoia a teoria da sincronicidade. É por meio dela que Jung tenta esclarecer não só os destinos, como também as experiências parapsicológicas. Jung entende por sincronicidade "o encontro, não raras vezes observado, de fatores subjetivos e objetivos que não pode ser explicado casualmente, ao menos com nossos recursos atuais. Sobre esta premissa se baseiam a astrologia e o método do I-Ching".[34] O conceito de "tempo relativo" de Jung também coincide com o conceito de tempo da astrologia. Escreve ele:

> É como se o tempo deixasse de ser uma abstração, mas fosse mais um "contínuo concreto" cujas qualidades e condições básicas podem manifestar-se com relativa simultaneidade em diferentes lugares, num paralelismo impossível de ser explicado pelas leis da causalidade.

Por isso, Jung fala de "qualidades de tempo" e que "tudo que nasce ou é criado nesse momento do tempo tem as qualidades deste momento temporal".[35] Assim como a astrologia, também Jung infere o destino posterior a partir dessas qualidades especiais de tempo. Assim, pode-se entender por que Jung – esse grande alquimista e mago do século XX – praticamente não aceitava tratar de ninguém sem um horóscopo.

1.2.3 A Análise do Destino: Uma nova doutrina científica do destino – a neoanancologia

Fazendo um retrospecto daquilo que foi colocado, pode-se dizer que o conceito de destino passou por muitas transformações desde os meados do século XIX. De acordo com a *filosofia* daquela época, o destino individual se caracterizava pela regularidade e necessidade, pela tendência à unanimidade

---

[33] Ibidem, p. 490.

[34] Ibidem, p. 490.

[35] Carl Gustav Jung e R. Wilhelm, *Das Geheimnis der goldenen Blute*. Zürich, Rascher, 1939, p. XII.

e a um sentido didático do todo. O destino do homem estaria irrevogavelmente predestinado desde o seu nascimento.

Segundo a psicanálise de Freud, as pulsões e os mecanismos de defesa fazem o destino.

Na psicologia analítica de Jung, os arquétipos do inconsciente coletivo e as qualidades do tempo, ou melhor, os momentos do tempo, constituem os poderes demoníacos que determinam o destino. Para essas duas linhas da psicologia profunda, o "destino" não representa um problema central; elas estudam a questão apenas perifericamente na sua psicologia. Só hoje a *genética* contemporânea coloca a questão do destino no centro de suas pesquisas.[36] Em especial pesquisa-se o papel da hereditariedade e do meio ambiente, por meio do estudo da relação de concordância e discordância na biografia de gêmeos uni e bivitelinos, mediante métodos genético-estatísticos. Com isso, a pesquisa do destino transformou-se numa ramificação das ciências naturais. Os resultados da genética, porém, coincidem com os da filosofia de Schopenhauer. Para ambos, destino significa *compulsão*. Denominamos este domínio das pesquisas sobre o destino de *Arqueanancologia*.

A palavra αναγχη [ananque] tem dois significados conhecidos no grego antigo. Primeiro: *compulsão*, restrição da vontade por um poder externo (prisão, correntes, amarras), como também por circunstâncias divinas do destino. Daí seu significado de sofrimento, atribulações e miséria. Em segundo lugar também significa – como a palavra latina *necessitas* – *parentesco consanguíneo* (Xenofonte, Conv. 8.13; Isócrates 1.10).[37] Essa antiga teoria do destino, a arqueanancologia, conhece, portanto, apenas o *destino coercitivo*.

A ideia de apresentar o destino como hereditariedade vem igualmente deste último significado da palavra αναγχη, segundo a qual o destino é determinado pela coação de consanguinidade dos ancestrais familiares.

A igualdade dos destinos de gêmeos univitelinos reforçou a impressão de que a pesquisa geral do destino houvesse estacionado no antigo conceito de

---

[36] Lembrem-se, o livro foi escrito originalmente em 1967. (N. E.)

[37] W. Pape, *Griechisch-Deutsches Handwörterbuch*. 2. ed. Braunschweig, 1849, p. 143.

destino coercitivo. Somente as pesquisas mais recentes ousaram ultrapassar este suposto ponto final, ao fazer indagações que, para a genética acadêmica, soavam quase como heresia. Esses questionamentos surgiram com o intuito de *construir uma ponte viável entre a genética e a psicologia profunda.* Assim, surgiu uma nova teoria sobre o destino humano, a *Análise do Destino.* Esta neoanancologia indagava:

Possui o homem realmente um destino único? O destino individual não consiste de várias possibilidades? E, caso todas essas possibilidades lhe tenham sido conferidas hereditariamente, desde o berço, não teria ele liberdade de escolha? Não haveria para o homem, além do destino coercitivo hereditário, também um destino de escolha livre? Caso o indivíduo traga, de fato, muitas possibilidades de destino desde o início da sua vida, como torná-las visíveis para que ele possa tornar-se consciente delas?

Se o homem é capaz de conscientizar-se das suas possibilidades de destino, será ele capaz também de escolher livremente? Em caso afirmativo, que faculdade interior possibilita essa escolha? Também podemos formular essa pergunta da seguinte maneira: Poderá o homem, uma vez consciente das possibilidades do seu destino, *efetuar uma permuta livre entre essas mesmas possibilidades?* Poderá ele livrar-se de um destino coercitivo, até então vivido, trocando-o por outro, escolhido livremente?

***

Como qualquer pesquisa científica, esta inovadora pesquisa do destino também se iniciou com hipóteses de trabalho, cujas premissas mais importantes eram:

Entre todos os seres vivos, o homem é o único capaz de conscientizar-se das possibilidades do seu destino. Uma suposição, entre outras, levantada por Rudert,[38] em 1944, foi de que o animal não teria destino. Somente em relação ao homem podemos falar de destino, no sentido pleno da palavra.

---

[38] J. Rudert, *Charakter und Schicksal.* Potsdam, Potsdamer Vortrage V, E. Stichnote, 1944.

Ele cunhou a expressão "relação existencial", no sentido de que "o homem percebe a singularidade da sua situação". Dizemos nós: o homem conscientiza as características dessa situação".

Segundo Rudert, o destino tem um único sentido: o homem – ainda que restritamente – é livre. O primeiro passo dessa liberdade é, parece-nos, justamente o fato de o homem *saber* que tem várias possibilidades de existência e que pode, voluntariamente, tomar consciência delas.[39] Mas só é possível tornar consciente o que já existe em nós inconscientemente. Anteriormente dissemos que o indivíduo já dispõe de todas as suas possibilidades de existência. Isto é, que no seu inconsciente já existem ancestrais familiares para o seu destino pessoal – quase como modelos e figuras (Rilke), como possibilidades existenciais, como *pattern of behaviour* – alojadas no núcleo das células, ou seja, nos genes dos cromossomos. Os antepassados contidos no genótipo procuram se manifestar. Psicologicamente, esse ímpeto de manifestação é expresso como *pretensão dos ancestrais*. Já que tais pretensões dos ancestrais são dinâmicas, embora inconscientes, fala-se – na psicologia profunda – de um *inconsciente familiar*. Este é a sede e antessala das figuras ancestrais que procuram retornar por meio do nosso próprio destino. O sentido da hereditariedade é, sem dúvida – como Heidegger formulou –, a repetição: "A repetição é a transmissão da tradição explícita, isto é, o retorno às possibilidades de existência precedentes".[40]

Segundo a teoria da "Análise do Destino", as possibilidades de existência herdadas familiarmente, enquanto "pretensões ancestrais", deveriam alcançar a consciência a partir do suposto inconsciente familiar – espontânea ou artificialmente – por meio de uma psicoterapia.

Assim, a "Análise do Destino" se refere a *três qualidades* (não camadas) do inconsciente:

---

[39] A. Gustafsson, "The Effect of Heterozygoty on Variability and Vigour". *Hereditas* XX-XII, 1946.

[40] M. Heidegger, *Sein und Zeit*. 5. ed. Halle a. d. S., Max Niemeyer Verlag, 1941, p. 385.

1. O *inconsciente pessoal* (Freud), que inclui todas as manifestações pulsionais, pessoais e reprimidas;
2. O *inconsciente coletivo* (Jung), com todos os arquétipos humanos;
3. O *inconsciente familiar*, da "Análise do Destino", com as pretensões especiais dos ancestrais.

Em qualquer conduta humana – ação e omissão –, em todos os acontecimentos predestinados, estas três qualidades do inconsciente estão operando. Do emaranhado dessas qualidades do inconsciente só é possível diferenciar as funções específicas das características individuais com ajuda de métodos especiais. O método que revela a qualidade das pretensões ancestrais inconscientes é exatamente a técnica destinoanalítica.[41]

A "Análise do Destino" é *uma linha da psicologia profunda que, antes de tudo, torna conscientes as pretensões ancestrais inconscientes. Por meio dela, o indivíduo é levado a confrontar-se com as possibilidades do seu destino (das quais não tinha ainda consciência) e colocado diante de uma alternativa de escolha de uma forma existencial pessoal melhor.*

Portanto, ela conscientiza o homem de haver vivido, inconscientemente, um destino coercitivo, repetindo o destino familiar de um de seus ancestrais; adicionalmente, verifica que ele dispõe de outras, e melhores, possibilidades de existência além desse penoso destino coercitivo e que poderá escolher entre elas. Somente então poderá *ele* afirmar que conquistou seu próprio destino pessoal. Com isso, fica claro que a Análise do Destino (AD):

1. Procura construir uma ponte entre a genética (pretensões ancestrais) e a psicologia profunda (conscientização das pretensões ancestrais inconscientes);
2. Distingue duas grandes categorias de destino: *destino coercitivo e destino de livre escolha.*

---

[41] L. Szondi, "Analysis of Marriages, Contributions to Fate Analysis". *Acta Psychologica.* The Hague, M. Nijhoff, vol. III, n. 1, 1937 [também presente neste volume.(N. E.)]; L. Szondi, *Fünftes Buch: Schicksalsanalytische Therapie.* Bern und Stuttgart, H. Huber, 1963.

Essas duas formas de destino relacionam-se numa ordem sucessiva. O conceito de destino não perde, portanto, seu caráter coercitivo, sendo, porém, complementado pelo caráter de *escolha*. O novo conceito de destino da neoanancologia diz:

Destino é o conjunto das possibilidades de existência, herdadas e livremente elegíveis.

***

A hipótese de trabalho sobre o destino humano que foi apresentada, serve como princípio norteador de pesquisas, mas não serve para facilitar a transformação, imediata e sem esforço, do "sonho do pesquisador" em realidade. Foram necessários mais de 25 anos (1937 a 1963) para que a Análise do Destino encontrasse uma metodologia de trabalho adequada na genética,[42] no diagnóstico,[43] na patologia clínica,[44] na egologia[45] e na terapia do destino.[46] Aqui só foi possível apresentar em traços amplos esse longo processo de realização.

As funções que condicionam o destino coercitivo são: 1) *as funções hereditárias dos genes*; 2) *as funções pulsionais e afetivas*; 3) *as funções sociais*; e 4) *o ambiente mental ou cosmoconceitual* em que o indivíduo nasceu, *por força do destino.*

As funções *que condicionam o destino de livre escolha* são: 5) *as funções do ego*; 6) *as funções da mente* (ver Figura 1.1).

---

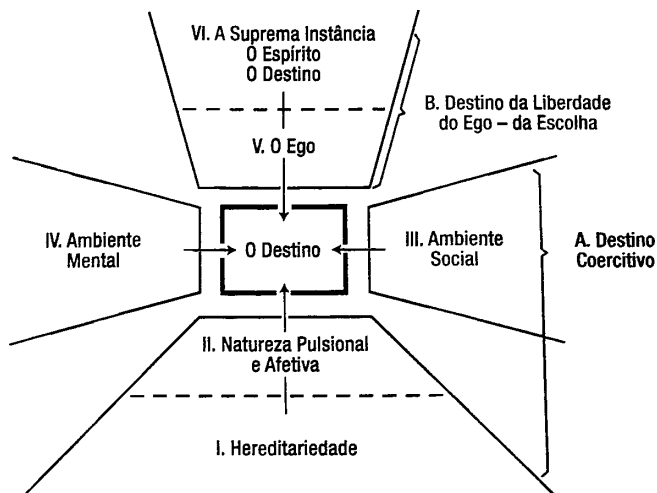
[42] L. Szondi, "Analysis of Marriages, Contributions to Fate Analysis". *Acta Psychologica.* The Hague, M. Nijhoff, vol. III, n. 1, 1937; L. Szondi, *Schicksalsanalyse. Ertes Buch: Wahl in Liebe, Freundschaft, Beruf, Krankheit und Tod.* Basel, Schwabe et Co., 1944 (2 ed., 1948; 3 ed., 1964).

[43] L. Szondi, *Zweites Buch: Lehrbuch der experimentellen Triebdiagnostik.* Bern und Stuttgart, H. Huber, 1947 (2 ed., 1960).

[44] L. Szondi, *Drittes Buch: Triebpathologie.* Bern und Stuttgart, H. Huber, 1952.

[45] L. Szondi, *Viertes Buch. Ich-Analyse.* Bern und Stuttgart, H. Huber, 1956.

[46] L. Szondi, *Fünftes Buch: Schicksalsanalytische Therapie.* Bern und Stuttgart, H. Huber, 1963.

FIGURA 1.1: FUNÇÕES QUE CONDICIONAM O DESTINO COERCITIVO

Essas funções não devem ser compreendidas como estaticamente separadas, mas de modo dinâmico, como reciprocamente complementares, ou seja, dialeticamente, pois o conceito neoanancológico de destino é dialético, movimentando-se constantemente entre contradições e oposições, e não formulado como algo estaticamente imóvel. *As seis funções vitais condicionantes e configuradoras do destino movem-se normalmente de modo contínuo, simultâneo e em oposição.* Isso faz com que o destino também se transforme em sua forma de manifestação com o passar do tempo. Da mesma forma como as cenas e a peça de teatro mudam sobre um palco giratório, assim também acontece com o destino no palco da vida individual (comparar com Schopenhauer).[47]

[47] A. Schopenhauer, Schreibt in dem erwähnten Aufsatz: "Wie jeder der heimliche Theaterdirektor seiner Träume ist, so auch jenes Schicksal, welches unserem wirklichen Lebenslauf beherrscht, irgendwie zuletzt von jenem *Willen* ausgehe, der unser eigener ist..." p. 223. [A. Schopenhauer escreve no citado parágrafo: "Do mesmo modo como cada um é o diretor secreto do teatro dos seus sonhos, por analogia, o

Se o destino fica paralisado numa determinada posição desse palco giratório da vida a ponto de petrificar-se na existência (por exemplo, na catatonia), torna-se destino coercitivo. Se, no entanto, com auxílio do espírito, o ego for capaz de enfrentar vigorosamente os efeitos petrificadores das funções determinantes do destino e de manter o palco giratório em movimento, poderá – sob circunstâncias favoráveis – estar em formação um destino de livre escolha.

As pesquisas relativas às funções do ego bem como à terapia do destino[48] comprovaram de maneira convincente que o regente móvel do palco do destino são o *ego* e o *espírito*. Um grau especial de maturidade do ego atua no destino individual como "*conciliador dos opostos*", como *pontifex oppositorum*. Quando o ego alcança esse estágio de maturidade, oscila constantemente entre a herança, a natureza pulsional e afetiva, os ambientes social e mental e o espírito.

Esse ego é o executor da escolha. Pode transformar a compulsão em liberdade no destino. O ego que está em constante movimento, que concilia funções opostas e é capaz de escolher, consegue, portanto, mudar o destino coercitivo, transformando-o em um destino de livre escolha.

Consequentemente, *da mesma forma que o ego, o destino também estará em constante peregrinação.* Movimenta-se entre a esfera da herança ancestral, a própria natureza pulsional e afetiva, o ambiente social-intelectual-ideológico e o reino espiritual. Se o ego paralisar em alguma área dessas funções, o destino será paralisado com ele. Petrifica-se em um destino compulsivo, interrompendo o processo de humanização do indivíduo. O destino se petrifica na existência (por exemplo, nos psicóticos, delinquentes contumazes, etc.).

A novidade da anancologia pode ser resumida do seguinte modo:

O destino individual não é condicionado por um poder obscuro ou por um demônio. O destino humano – como tudo no ser humano – representa um sistema de funções, passível de ser examinado com exatidão na medicina e na psicologia. Assim como o ser humano não pode ser concebido sem

---

destino, que, em última instância, domina nossa biografia, também parte, de alguma forma, da vontade que nos é própria..."]

[48] L. Szondi, *Viertes Buch. Ich-Analyse.* Bern und Stuttgart, H. Huber, 1956; L. Szondi, *Funftes Buch: Schicksalsanalytische Therapie.* Bern und Stuttgart, H. Huber, 1963.

um sistema nervoso, para nós também é inimaginável concebê-lo sem um sistema de destino. Embora esse sistema de destino não possa ser visualizado anátomo-topograficamente, e suas perturbações não possam ser desvendadas mediante um processo patológico-anatômico após a morte, hoje já é possível verificar as funções fisiológicas e as perturbações patológicas desse sistema mediante métodos clínicos especiais. A pesquisa clínica das funções do sistema de destino do ser humano deveria (como já acentuaram Weizsäcker, Hollmann, Jores e outros) fazer parte do esquema geral de exame de cada paciente, pois esse sistema de destino também pode "adoecer", exatamente como o sistema nervoso ou como o sistema hematológico de um ser humano. A seguir faremos um resumo dessas pesquisas especiais sobre o destino.

1.3 A GENÉTICA DO DESTINO

Antes de tudo, acentue-se aqui que as funções hereditárias do destino se manifestam especialmente em cinco áreas da vida: 1. *escolha no amor*; 2. *na amizade*; 3. *na profissão*; 4. *na doença*; 5. *no tipo de morte*.

Essas são as áreas de manifestação do destino mais importantes. Embora na vida cotidiana se fale de "escolha", a genética do destino foi capaz de descobrir funções hereditárias *latentes* e ativas no inconsciente familiar.

1.3.1 A escolha do cônjuge – libidotropismo como destino

Uma parte demasiado grande das escolhas no amor, na amizade e na profissão não é livre, mas dirigida pelos genes recessivos latentes, presentes de forma análoga no genótipo dos dois parceiros. Esse fenômeno é denominado *genotropismo* e desempenha importante papel na genética do destino. Com base em centenas e centenas de análises matrimoniais (1937 a 1963), a Análise do Destino constatou a regra genotrópica da escolha do parceiro.[49]

---

[49] L. Szondi, *Schicksalsanalyse. Erstes Buch: Wahl in Liebe, Freundschaft, Beruf, Krankheit und Tod.* Basel, Schwabe et Co., 1944 (2 ed., 1948; 3 ed., 1964); L. Szondi, *Zweites Buch: Lehrbuch der experimentellen Triebdiagnostik.* H. Huber, Bern und Stuttgart, 1947 (2 ed., 1960).

Genotropismo é a atração recíproca dos condutores (portador) de genes análogos, latentes, recessivos, condicionada pelo destino, no amor, na amizade e na profissão.

Assim, nesses casos, a escolha é "ilusória", pois ela não é dirigida pelo próprio indivíduo, mas pelos genes análogos (ancestrais). Essas pessoas que se atraem reciprocamente não são portadoras (homozigóticos) de uma predisposição recessiva que retorna; portanto, não são indivíduos aa ou aabb, mas trazem dentro de si, em *estado latente* e em doses individuais, os mesmos genes recessivos. Sua fórmula de hereditariedade mista (heterozigótica) é, por conseguinte, no processo hereditário monômero, Aa; no dímero recessivo, AaBb.

A fórmula da atração é, portanto, AaBb X AaBb.

Na Análise do Destino, esses condutores são denominados indivíduos parentes de genes ou eletivos (Goethe), sendo o seu tipo de atração recíproca genotrópica. Esse fenômeno, que se confirmou empiricamente num grande número de indivíduos,[50] conduziu a um novo tipo de pesquisa familiar, denominada *pesquisa familiar genotrópica.* Ela consiste no seguinte:

a. Além da árvore genealógica do paciente, deve-se fazer, também, as árvores genealógicas de todos os indivíduos que tiverem uma relação mais estreita com ele no amor, na amizade ou na profissão;

b. Além das doenças manifestas, deve-se também investigar, com exatidão, as profissões, os caracteres e as biografias dos parentes consanguíneos e afins, tanto sadios, como doentes. Dessas pesquisas familiares genotrópicas resultou, então, *a regra genotrópica da escolha do parceiro.*

Um exemplo: na árvore genealógica de uma assistente social, psiquicamente normal, a mãe figura como esquizofrênica internada. A assistente social ficou noiva duas vezes; teve, porém, que romper os dois noivados, porque nas famílias dos noivos havia igualmente parentes próximos esquizofrênicos (tio e

[50] L. Szondi, "Analysis of Marriages, Contributions to Fate Analysis". *Acta Psychologica.* The Hague, M. Nijhoff, vol. III, n. 1, 1937; L. Szondi, *Schicksalsanalyse. Ertes Buch: Wahl in Liebe, Freundschaft, Beruf, Krankheit und Tod.* Basel, Schwabe et Co., 1944 (2 ed., 1948; 3 ed., 1964).

tia), a respeito dos quais ela e seu noivo nada sabiam anteriormente. Segundo a genética da análise do destino, as duas ações eletivas não foram livres, mas de tipo genotrópico.

No primeiro livro da Análise do Destino[51] são apresentadas centenas de escolhas de parceiros desse tipo; entre elas, há um conglomerado de 517 indivíduos[52] formado a partir de escolhas genotrópicas.[53]

A regra por trás da escolha genotrópica dos parceiros foi confirmada por Rey-Ardid (1955), em Madrid,[54] em relação à esquizofrenia; por Nachin (1957), em Lyon, em relação às psicoses alcoólicas;[55] por Wagner-Simon (1963), em Riehen, perto da Basileia, em relação às dificuldades conjugais;[56] e por muitos colaboradores da Associação da Análise do Destino, de Zurique. Embora a regra e o método da pesquisa familiar do genotropismo continuem sendo questionados após 25 anos, ela encontra o apoio em eminentes predecessores desse pensamento.

Em particular, numa afirmação intuitiva de Johannsen, que escreve:

> Os cálculos (da difusão de genes recessivos anormais entre a população) não pretendem nem mesmo uma exatidão aproximada, mas despertam interesse. Uma das condições alegadas em relação à imprecisão das pesquisas com amostras populacionais é a de que os matrimônios são contraídos "ao acaso"; ou seja, a escolha não segue padrões preferenciais. É bem possível, e até provável, que a inclinação *recíproca consciente ou inconsciente de indivíduos-Aa*

---

[51] L. Szondi, *Schicksalsanalyse. Erstes Buch: Wahl in Liebe, Freundschaft, Beruf, Krankheit und Tod.* Basel, Schwabe et Co., 1944 (2 ed., 1948; 3 ed., 1964).

[52] Este conglomerado de 517 pessoas inclui a árvore genealógica de três famílias cujos destinos foram entrelaçados mediante escolhas genotrópicas. (N. R. T.)

[53] L. Szondi, *Schicksalsanalyse. Erstes Buch: Wahl in Liebe, Freundschaft, Beruf, Krankheit und Tod.* Basel, Schwabe et Co., 1944 (2 ed., 1948; 3 ed., 1964), p. 165-200.

[54] R. Rey-Ardid, "Contribución a la Genética Psiquiátrica". *Arch. Neurobiol.*, Madrid, vol. 18, n. 1, 1955.

[55] Cl. Nachin, *Investigation Préliminaire à une Étude Scientifique de l'Alcoollisme Psychiatrique.* Lyon, 1957.

[56] Th. Wagner-Simon, "Psychagogik bei Eheschwierigkeiten. Schicksals-psychologische Erhellung einer genotropen Menschenkonglomeration". Beiheft z. Schweiz Zeitschr. *F. Psych u. ihre Anwend.*, n. 47. Szondiana V., 1963.

> *análogos prevaleça.* Nesses casos, o cálculo baseado no número de indivíduos-Aa que puderam se realizar resultaria numa frequência demasiado elevada do respectivo gene recessivo. É de se esperar, para a humanidade como um todo, que esta consideração tenha alguma validade e que, portanto, genes recessivos anormais não encontrem grande difusão, como fazem temer os cálculos acima citados.[57]

Johannsen já pressentia, portanto, a inclinação recíproca, consciente ou inconsciente, de *indivíduos-Aa análogos.* Mas tal inclinação, denominada *genotropismo,* só pode ser demonstrada pela Análise do Destino.

Como importante constatação empírica, mencionamos *a regra biológica dos parceiros,* de Stumpfl (1935). Escreve ele:

> Verificou-se que o índice de criminalidade de um grupo populacional, selecionado sob um ponto de vista sociológico uniforme, corresponde ao índice de criminalidade dos cônjuges desse grupo, isto é, há uma correlação numérica definida. (...) Acreditamos, com isto, ter encontrado uma regra segundo a qual a escolha conjugal se dá sob o efeito de uma atração recíproca de caracteres e que, apesar das múltiplas diversidades desses caracteres, é finalmente explicada por uma similaridade essencial, profunda e imanente.[58]

A semelhança entre essas pesquisas e as da Análise do Destino reside no fato de Stumpfl também ter estendido suas investigações às famílias dos cônjuges e ter considerado a atração como um processo biológico. A regra biológica dos parceiros de Stumpfl apoia-se, ainda que não definidamente, numa profunda semelhança, essencial, entre os parceiros. Somente em 1937, dois anos mais tarde, a Análise do Destino conseguiu comprovar, em um comunicado provisório, sob o título de *Analysis of Marriages* [Análise de casamentos],[59] que essa "semelhança essencial" consiste na igualdade dos indivíduos-Aa de

[57] W. Johannsen, *Elemente der exakten Erblichkeitslehre,* 1909, p. 578.

[58] F. Stumpfl, "Erbanlage und Verbrechen. Monogr". *Aus. D. Gesamtgebiete d. Neur. U. Psych.,* Heft 61. Springer, Berlin, 1935, p. 28 ss.

[59] L. Szondi, "Analysis of Marriages, Contributions to Fate Analysis". *Acta Psychologica.* The Hague, M. Nijhoff, vol. III, n. 1, 1937.

cada cônjuge, ou seja, nos dos genes recessivos latentes análogos dos parceiros, como supusera Johannsen.

Também Von Verschuer menciona a panmixia[60] entre as pressuposições para uma análise genética da população, condição segundo a qual "a escolha do cônjuge não se dá casualmente, mas com frequência dentro de determinados grupos de pessoas (seleção de casais)".[61] Que este "grupo de pessoas" é constituído de indivíduos heterozigotos análogos Aa ou AaBb e que são os genes recessivos análogos latentes que governam a atração, eram fatos desconhecidos também deste autor.

1.3.2 A escolha da amizade – sociotropismo

A escolha da amizade, sociotropismo, também se baseia na mesma igualdade dos genes recessivos latentes, da mesma forma que a escolha do cônjuge.[62]

1.3.3 A escolha da profissão – ópero ou ergotropismo

A escolha da profissão, ópero ou ergotropismo, enquanto uma forma especial de genotropismo, possui uma elevada importância, tanto na sociologia como em relação ao fenômeno da *heterose* no ser humano.

Para a Análise do Destino, a profissão é mais do que uma fonte de renda. Na escolha da profissão, um grupo de pessoas procura uma atmosfera de trabalho na qual possa colaborar com indivíduos que são portadores manifestos de genes análogos, latentes e em doses individuais.

Um exemplo clássico é a semelhança das árvores genealógicas de psiquiatras, psicanalistas e psicólogos com as de seus pacientes (comparar com as árvores genealógicas 26 a, b, c, e p. 59-69 na obra *Schicksalsanalyse* [Análise do Destino]). Nas árvores genealógicas de excelentes psiquiatras e psicanalistas

[60] Cruzamentos ao acaso, sem restrições. Os indivíduos podem cruzar entre si obedecendo a única condição de serem da mesma espécie.

[61] Ver O. Verschuer, *Genetik des Menschen*. Munchen-Berlin, Urban und Schwarzenberg, 1959, p. 56.

[62] L. Szondi, *Schicksalsanalyse. Erstes Buch: Wahl in Liebe, Freundschaft, Beruf, Krankheit und Tod*. Basel, Schwabe et Co., 1944 (2 ed., 1948; 3 ed., 1964). Comparar casos 36, 37, 38, p. 250-59. [Esta obra também será publicada pela É Realizações. (N. E.)]

encontramos, em porcentagem acima da média, parentes psicóticos e às vezes esquizofrênicos, sejam eles consanguíneos ou de escolha. No círculo familiar e seletivo de indivíduos *homo sacer* (sacerdotes, monges, freiras, pastores, rabinos), a frequência do *morbus sacer*, ou seja, parentes consanguíneos epiléticos, é quase dez vezes maior; nos parentes por escolha, essa frequência é quase quatro vezes maior que na média da população. Esse fato foi verificado estatisticamente com base numa pesquisa sobre hereditariedade com 707 parentes consanguíneos e 712 por escolha de 25 sacerdotes; portanto, um total de 1.419 indivíduos. Isso reforçou de maneira significativa a exatidão da tese do libidotropismo, que é a forma mais frequente de genotropismo.[63] Curiosamente, também foram encontrados piromaníacos nas árvores genealógicas de bombeiros; paranoicos litigantes, nas de juristas; e assim por diante.

Esses resultados da Análise de Destino comprovam, pela primeira vez, que a assim chamada heterose também desempenha um papel importante no ser humano.

Denomina-se *heterose* o fenômeno verificado nos indivíduos heterozigotos com flutuação aleatória na frequência gênica, que são portadores, em doses individuais, de genes letais ou de grave morbidez com *força vital aumentada*, tanto vegetativa, quanto germinativa. A vitalidade acima da média desses heterozigotos foi verificada sobretudo em determinadas espécies de cereais e, parcialmente, também no reino animal.[64]

1.3.4 A escolha da doença – morbotropismo

Denominamos de escolha da doença, morbotropismo, o fenômeno em que o indivíduo frequentemente reage com uma perturbação a surtos infecciosos (Lues, etc.) ou a traumas; essa perturbação já se faz presente, de forma endógena, na família, mesmo *na ausência* de infecções ou traumas. Aqui, portanto, pode-se presumir o efeito direcionador dos genes latentes. Exemplos extraídos do livro *Schickalsanalyse* [Análise do destino]:

---

[63] L. Szondi, *Schicksalsanalyse. Erstes Buch: Wahl in Liebe, Freundschaft, Beruf, Krankheit und Tod.* Basel, Schwabe et Co., 3 ed., 1964, p. 491-501.

[64] Ver trabalho de A. Gustafsson, "The Effect of Heterozygoty on Variability and Vigour". *Hereditas* XXXII, 1946.

Numa determinada família, a sífilis congênita conduziu à surdez, sendo que a surdez hereditária já se manifestara em vários membros.[65] Em outro caso,[66] a sífilis de origem hereditária levou à epilepsia numa família em que esta – *sem sífilis* – já existia *hereditariamente*. Interessante, também, é o caso daquela família na qual cinco de seus membros tinham dificuldades auditivas. Essas dificuldades de audição apareceram num deles após um surto de tifo; no outro, após um ferimento na cabeça; no terceiro, depois de uma encefalite; nos outros dois, após acessos de malária.[67]

1.3.5 A escolha da morte – tanatotropismo

A escolha da morte, tanatotropismo, enquanto destino, significa a escolha e o tipo do suicídio. Neste ponto, a Análise do Destino pode confirmar a estreita relação entre epilepsia latente e suicídio, entre homossexualidade, esquizofrenia paranoica, mania e suicídio, através de estudos de famílias.[68]

Os suicidas do grupo hereditário paranoide-homossexual preferem usar veneno ou revólver, enquanto aqueles do grupo dos sádicos preferem corda, navalha, faca, punhal, machado ou sabre. As formas de suicídio preferidas pelo grupo hereditário-epileptiforme são o salto em profundidade, da janela ou torre, da ponte, do trem, além da morte pelo fogo ou a autocombustão (com gasolina, querosene). O tipo mais frequente de suicídio no grupo catatônico-esquizoforme é a morte pela fome (por exemplo, na anorexia mental) ou deixar-se atropelar pelo trem. Suicidas do tipo circular costumam escolher tipos de morte por via oral: ingestão de morfina, álcool, soporíferos, etc.[69] No caso 90, há um relato de oito suicidas na mesma família.

---

[65] L. Szondi, *Schicksalsanalyse. Erstes Buch: Wahl in Liebe, Freundschaft, Beruf, Krankheit und Tod.* 3. ed. Basel, Schwabe et Co., 1964, caso 88, p. 354.

[66] Ibidem, caso 89, p. 354.

[67] Ibidem, caso 83, p. 350.

[68] Ibidem, p. 360-66.

[69] Ibidem, comparar casos 90-91, p. 361-66.

1.4 O DIAGNÓSTICO EXPERIMENTAL DO DESTINO

1.4.1 A análise das funções das pulsões e do ego no destino coercitivo, com o auxílio do Teste de Szondi

A Análise do Destino tentou evitar as dificuldades que se apresentam na pesquisa genotrópica do destino de determinadas famílias, fazendo com que os pacientes escolhessem, de uma coleção de 48 fotografias, as doze pessoas mais simpáticas e as doze mais antipáticas. As fotografias são apresentadas em seis séries de oito. Cada série é constituída de oito fotografias, cada qual com uma fotografia de (1) um hermafrodita (*h*); (2) um sádico (assassinos) (*s*); (3) um epilético genuíno (*e*); (4) um histérico (*hy*); (5) um catatônico (*k*); (6) um paranoico (*p*); (7) um depressivo (*d*); (8) um maníaco (*m*). A partir das escolhas das doze fotografias mais simpáticas e das doze mais antipáticas faz-se o registro do *perfil de primeiro plano* do indivíduo. As 24 fotografias remanescentes são reapresentadas em seis séries quádruplas, e de cada série devem ser escolhidas as duas fotografias mais simpáticas e as duas mais antipáticas. Com isso surge um segundo perfil, o *perfil complementar experimental,* que torna visíveis as funções das pulsões e do ego do plano de fundo. Essa experiência de duas fases é repetida dez vezes, em dias diferentes, e o resultado é obtido após a aplicação de um determinando método de cálculo. O procedimento de pesquisa experimental das funções pulsionais e do ego *apoia-se num sistema de oito fatores pulsionais.*[70]

Todos os oito fatores condicionam tendências pulsionais dialeticamente opostas. São eles: (1) fator do amor pessoal humanitário; (2) fator do sadismo e do masoquismo; (3) fator da intenção assassina de Caim e da justiça de Moisés, ou da ética; (4) fator do exibicionismo e do retraimento, da moral; (5) fator de possuir-tudo ou negar-tudo; (6) fator do ser-tudo e do ser-nada; (7) fator da procura e do apego; (8) fator do agarramento e da separação (os dois últimos fatores originam-se de Hermann).

---

[70] L. Szondi, *Zweites Buch: Lehrbuch der experimentellen Triebdiagnostik.* Bern u. Stuttgart I., H. Huber, 1. ed. 1947, 2. ed., 1960.

A Análise do Destino dá aos oito fatores pulsionais o nome de raízes ou *radicais* da vida pulsional, uma vez que permanecem essencialmente os mesmos. Os radicais pulsionais hereditários possuem efetivamente algo de a-histórico, algo em si ainda não totalmente especificado, que perpassa toda vivência, comportamento e realização, sempre presentes em cada indivíduo.[71]

O sistema de oito fatores pulsionais mostrou ser muito eficaz no último quarto de século, em especial por ser capaz de analisar de maneira experimental os fenômenos aparentemente uniformes da vida pulsional, decompondo-os experimentalmente, quase que espectralmente, em suas raízes nutritivas, em seus radicais.

Com base em milhares de investigações (na Hungria, na Suíça, no exterior), pode-se dizer o seguinte sobre essas pesquisas experimentais do destino:

1. Primeiro: o teste revela as doenças psíquicas extremas de tipo familiar, cujo portador é o examinando;

2. Segundo: torna especialmente visíveis as funções latentes das pulsões e do ego, que pela hereditariedade ameaçam o portador;

3. Terceiro: Adicionalmente, o teste pode revelar 17 estruturas pulsionais e egoicas diferentes, que podem ser avaliadas como *possibilidades de destino*, ou formas de existência. Destas, doze formas existenciais são diagnosticáveis como perigo; e cinco como formas existenciais de defesa.

4. Quarto: Por meio da determinação das proporções das existências perigosas e protetoras, é possível determinar a *indicação de um tratamento psicoterapêutico.*[72] Através de um cálculo especial, juntamente com o julgamento social das reações individuais durante a escolha das fotografias, Beeli conseguiu elaborar um prognóstico bastante útil do destino.[73]

---

[71] Ver K. Jaspers, *Allgemeine Psychopathologie.* Berlin und Heidelberg, Springer, 1948, p. 490 ss e 522.

[72] L. Szondi, "Indikationsstellung zur analytischen Psychotherapie mit Hilfe des Szondi--Testes. Französisch". *Revue de Psychologie Applique,* 1965.

[73] A. Beeli, "Psychotherapie-Prognose mit Hilfe der experimentellen Triebdiagnostik". *Abhandlungen z. experimentellen Triebforschung u. Schicksalspsychologie.* Bern und Stuttgart, H. Huber, n. IV, 1965.

Em relação ao sistema de pulsões de Gall, Leibbrand e Wettley escreveram em sua conhecida obra, *Der Wahnsinn* [A Loucura]:

> Antes de Freud, Gall já reconhecera a sexualidade precoce da criança, admitindo uma espécie de senso de estrangulamento ou assassino, cuja legitimidade, no ser humano, provém da sua condição de carnívoro. Ele identificava um senso de furto, uma capacidade de imitação, um senso linguístico, léxico, cromático e tonal. Acentuava, repetidamente, que essas disposições seriam *possibilidades*, e não estariam fixas. É justamente esse *conceito de possibilidade*, em sua multiplicidade combinatória, que estabelece o fundamento prático para pedagogos e juízes. Gall pensava ser possível utilizar essa teoria no sentido de uma psicoterapia e psiquiatria socializada. Achou, portanto, o mesmo que hoje Szondi espera conseguir com sua teoria das pulsões, isto é, que o conhecimento das possibilidades pulsionais conduzirá à compreensão de si. Além disso, acreditava, assim como Szondi, que estaria em condições de dar *prognósticos pulsionais que pudessem ser utilizados juridicamente*.

Essa interessante retrospectiva da história da medicina,[74] destacando a teoria pulsional de Gall (1758-1828), comprova, mais uma vez: nada há de novo debaixo do sol.

1.5 A patologia do destino

Já foi discutido que o destino humano é dirigido por um sistema de funções. Essas funções constitutivas e dirigentes do destino, como, por exemplo, as funções hereditárias, pulsionais, afetivas, do ego e da mente, podem em parte – e algumas vezes na totalidade – sofrer perturbações ou "adoecer". As diferentes formas patológicas de destino surgem de acordo com a modalidade de associações funcionais perturbada.

---

[74] W. Leibbrand e A. Wettley, *Der Wahnsinn, Geschichte der abendländischen Psychopathologie.* Freiburg/München, K. Alber, 1961, p. 457-58.

Perguntamos então: que associações funcionais específicas podem ser encontradas experimentalmente por trás das doenças clínico-psiquiátricas fenotipicamente diferentes? Aqui, abstendo-nos de representações individuais, fazemos referência ao livro *Triebpathologie* [Patologia das Pulsões], no qual foram descritas, para todas as doenças psiquiátricas, as associações funcionais latentes correspondentes.

A partir de pesquisas comparativas, abrangendo casos diversos de psicoses, neuroses, psicopatias, anomalias sexuais, como também de criminosos e viciados, considerando tanto os respectivos diagnósticos clínicos como os resultados das análises experimentais das pulsões e do ego, tiramos as seguintes conclusões:

1. Os resultados das pesquisas relativas às pulsões e ao ego de doentes mentais sugerem que a ideia de uma unidade patológica, segundo a concepção de Kraepelin, não seria simplesmente uma "caça ao fantasma", como acentuaram os extremistas *sindromáticos*, entre eles Hoche e Scheider;

2. Verificou-se experimentalmente que predisposições especiais fatoriais do ego e das pulsões atuam dinamicamente no ser humano como *radicais biológicos*, que determinam se, sob determinadas circunstâncias, o indivíduo teria mais tendência a adoecer de forma esquizofrênica ou de forma circular;

3. Finalmente, as funções pulsionais e do ego, enquanto *associações funcionais*, condicionam o *rumo* da doença. Este é determinado: (a) pelo tipo especial de cisão, hereditariamente determinado, das funções pulsionais e do ego; (b) pela área pulsional e do ego, onde se situam *os perigos relativamente maiores*; (c) pelo tipo especial de defesa do ego;[75]

4. Segundo essas pesquisas experimentais, a ideia de unidade patológica se apoia no fato biológico, a saber: cada indivíduo possui uma disposição pulsional e do ego especial, que determina onde – sob determinadas circunstâncias – poderiam ocorrer os *maiores*

[75] Ver L. Szondi, *Viertes Buch. Ich-Analyse*. Bern und Stuttgart, H. Huber, 1956.

riscos. Portanto, apenas nesse sentido é possível sustentar a ideia de unidade patológica. A essência da *catatonia* corresponde ego-psicologicamente à *negação,* ao desejo desmedido de *desvalorizar todos os valores.* A essência da *paranoia* encontra-se na *ego-diástole* ilimitada, no *desejo de natureza projetiva e inflativa.* Na *depressão,* destaca-se o desejo insaciável de *busca;* na *mania,* o desejo desmedido de *desprender-se de todas as ligações com o mundo;*

5. O resultado mais importante dessas pesquisas é o seguinte: cada ser humano é portador, em seu inconsciente familiar, de uma disposição pulsional e egoica para todos os quatro grandes grupos de doenças, ou seja, as formas circulares, esquizofrênicas, paroxísticas ou hístero-epileptiforme e a possibilidade de patologia[76] sexual. Assim sendo, não há duplicidade, mas quadruplicidade dos grupos de destino doentios. *As diferenças individuais caracterizam-se tão somente pela graduação proporcional dessas quatro disposições fundamentais.* A disposição para as psicoses hereditárias é sempre condicionada pelas proporções hereditárias. Estas são evidenciadas experimentalmente através das *proporções de latência das associações funcionais;*

6. A psiquiatria funcional e a psicologia profunda distinguem-se, de acordo com o exposto, da escola de psiquiatria clássica, clínica, principalmente em dois pontos: (a) procura localizar os radicais biológicos das unidades patológicas nas disposições pulsionais e do ego; (b) sempre apreende as doenças mentais considerando as proporções, as relações de força entre as diferentes associações funcionais. Apenas a partir do aspecto proporcional é possível, segundo nosso entendimento, apreender a natureza dos doentes multidimensionalmente, ou seja, em todas as direções de suas possibilidades de destino;

7. Ao invés de fazer diagnósticos clínicos, deveriam ser especificadas, caso a caso, as proporções individuais das funções pulsionais e do ego, como associações ocultas. Nisso vemos o fundamento mais importante para uma *psiquiatria funcional.*

---

[76] Deve-se ter em mente o contexto sociocultural da época, que considerava a homossexualidade como doença. (N. R. T.)

Esses resultados das pesquisas experimentais relativas às associações funcionais de doentes mentais coincidem com a visão da genética moderna. Luxemburger, um representante dessa escola, escreve: "É possível que um esquizofrênico possua, além do pleno genótipo esquizofrênico, disposições maníaco-depressivas ou epiléticas parciais e vice-versa...". E continua:

> Considero inclusive que *um mesmo indivíduo pode tornar-se primeiramente epilético, depois esquizofrênico e, ainda, por fim, maníaco-depressivo.* Segundo o atual estágio atingido pelas pesquisas sobre hereditariedade, não há razão para supor que as psicoses hereditárias se excluam mutuamente... Pesam contra tal visão, além da combinação familiar de diversas psicoses hereditárias extremamente frequentes (também em irmãos), o grande número de esquizofrenias, ciclotimias e epilepsias atípicas, assim como aqueles casos de difícil diagnóstico, denominados "psicoses mistas".[77]

Este ponto de vista de um moderno pesquisador da hereditariedade é plenamente confirmado pelas pesquisas experimentais sobre o destino. No entanto, até o momento, a genética não conseguiu determinar as proporções individuais e atuais das predisposições hereditárias. Podemos fazer isso agora com a ajuda do Teste de Escolha de Fotografia. O destino de cada ser humano, enquanto indivíduo, é sempre marcado pelas proporções pessoais de sua predisposição hereditária, especialmente por meio de suas predisposições pulsionais e de seu ego. Consequentemente, cada doente mental deve ser descrito considerando as proporções individuais das suas predisposições funcionais, e não apenas por um único diagnóstico clínico.[78]

A partir dessas considerações, temos que a Análise do Destino construiu sua sindromática experimental sobre as perturbações das *associações funcionais invisíveis e latentes*, e não – como Hoche e Schneider – sobre os sintomas clínicos manifestos. Uma vez que essas *associações hereditárias ocultas* constituem as funções do destino coercitivo, a Análise do Destino fala de uma *patologia do destino*, referindo-se aos quadros patológicos, psiquiátricos e hereditários.

---

[77] Apud Jaspers, *Allg. Psychopathologie*, p. 472.

[78] Por exemplo, ver "Dritter Teil. Klinische Psychologie. Experimentelle Syndromatik". In: *Drittes Buch: Triebpathologie*. Bern und Stuttgart, H. Huber, 1952, p. 235-508.

1.6 A DOUTRINA DO EGO – EGOLOGIA DO DESTINO

O importante papel das manifestações do ego no destino de cada indivíduo se mostra de muitas maneiras:

1. Na conscientização e na capacidade de conscientização das pretensões ancestrais inconscientes do inconsciente familiar. Isto acontece, em parte, por meio da expressão, isto é, da projeção das *imagens ancestrais*, segundo a qual a busca e a escolha de um parceiro ocorria até então; e em parte por meio da tomada de consciência do fato de que a pessoa é tomada por tendências ancestrais opostas, isto é, por *inflação*;

2. O ego *deve tomar posição* frente às pretensões ancestrais, às suas possibilidades de destino que se tornaram conscientes: afirmando-as, incorporando-as, introjetando-as ao próprio ego, identificando-se com elas, ou, então, (de)negando-as,[79] negando-as e, em casos extremos, até mesmo *destruindo-as*;

3. Como mencionado na parte geral, o ego pode, em circunstâncias favoráveis, desenvolver-se a ponto de tornar-se capaz de superar os *antagonismos da existência*, ou seja, o sonho e a vigília; o inconsciente e o consciente; os mundos subjetivo e objetivo; a onipotência e a impotência; o corpo e a alma; a feminilidade e a masculinidade; o espírito e a natureza; este lado e o além. Já mencionamos que a Análise do Destino denomina esse ego altamente desenvolvido de *Pontifex Oppositorum*. Esse ego, *capaz de ter uma visão geral e de superar todas as antinomias preexistentes*, tem força para escolher um *destino de livre escolha*, entre as possibilidades herdadas de *destino compulsivo*.

Os ensaios de número 4 e 5 abordam, pormenorizadamente, as funções egoicas elementares, bem como suas perturbações.

---

[79] A utilização do termo (de)negação segue a proposição de Laplanche e Pontalis, que reconhecem não ser possível ao tradutor optar pelo emprego dos termos em português negação ou denegação para o termo alemão "Verneinung". (N. R. T.)

1.7 O destino de livre escolha

Preliminarmente fez-se a pergunta: que instância tem, então, o poder de eleger um destino de livre escolha, no lugar do destino compulsivo?

No ser humano, essa instância é o *Ego Pontifex*, em outras palavras, as funções do ego, conciliando os antagonismos que se tornaram conscientes. Para que possa construir conscientemente um destino de livre escolha, o ego deve exercer as seguintes funções:

1. *Integração.* O ego deve dominar e dirigir soberanamente suas funções elementares. Psicologicamente, isso significa que o ego toma consciência (inflação) das diversas pretensões ancestrais, as quais projetava no mundo (projeção) até o momento, avaliando-as por meio da adoção de parâmetros da realidade; e, se uma das muitas possibilidades de existência herdadas lhe oferecer a possibilidade de um destino melhor, ele a confirma, incorporando-a (introjeção), e (de)negando (negação) o destino coercitivo vivido até então, seja ele uma anormalidade sexual, uma neurose afetiva do ego ou de contato, ou até mesmo uma pré-psicose;

2. *Transcendência.* O ego deve ser capaz de transcender até o espírito. Deve procurar uma ligação com uma ideia suprapessoal (como a *humanitas*,[80] arte, ciência ou religião) e ativar a função de crença na humanidade;

3. *Participação espiritual.* O ego deve tornar-se uno com esta ideia superior de maneira duradoura, isto é, o ego deve poder participar.

Integração, transcendência e participação elevada conferem ao ego a força necessária para (de)negar o destino compulsivo, poder eleger livremente seu próprio destino humano entre as possibilidades de destino familiares conscientizadas e viver de acordo com tal opção.

---

[80] O antigo termo latino *humanitas* geralmente se refere à humanidade e às normas e comportamentos que humanizam o ser humano. Era frequentemente associado à paideia. (N. R. T.)

1.8. A TERAPIA DO DESTINO

Talvez seja válido afirmar que as três condições das quais depende o surgimento do *Ego Pontifex*, anteriormente mencionadas, também podem ser condicionadas hereditariamente. Não se pode negar que uma elite humana, nem sempre constituída de intelectuais, é capaz de alcançar *espontânea* e *naturalmente* esse alto grau do *Ego Pontifex*. No entanto, a Análise do Destino fez a experiência de que essas condições estão inativas, em estado latente, também em muitos doentes mentais, embora vivam seu difícil destino compulsivo como neuróticos ou psicóticos. Essa circunstância forçou a Análise do Destino a experimentar métodos artificiais, ou seja, métodos *psicoterapêuticos*, por meio dos quais é possível transformar o destino compulsivo em um destino livre.

Do ponto de vista do direcionamento do efeito de uma psicoterapia de base analítica, podemos classificar os caminhos de cura em *processos diretos e indiretos*. Como paradigma do processo de cura direto deve-se mencionar a psicanálise, na qual o terapeuta visa diretamente às tendências pulsionais reprimidas (Complexo de Édipo, etc.), que são responsáveis pelo surgimento dos sintomas. A terapia da Análise do Destino não consegue aplicar esses métodos terapêuticos diretos nos casos em que as pretensões ancestrais herdadas e causadoras da doença nunca foram conscientes e, consequentemente, também, não puderam ser reprimidas, apesar de ameaçarem de modo latente o destino do indivíduo através do inconsciente familiar, como, por exemplo, uma predisposição familiar para a autodestruição ou para a epilepsia. A Análise do Destino deve, portanto, com frequência, escolher *meios indiretos* de tratamento. São eles:

1. *Inversão dos destinos pulsionais dialeticamente construídos a partir da forma de destino social-negativa para a social-positiva.* Paradigma: piromania latente → bombeiro; esquizofrenia latente → psiquiatria; mania processual latente → advogado; mania religiosa latente → psicologia da religião, etc. Nestes casos, o operotropismo atua terapeuticamente, depois que o paciente tomou consciência de que seu destino compulsivo está intimamente ligado à possibilidade de escolha de uma determinada profissão;

2. *Inversão das partes cindidas, ou seja, dos destinos complementares do ego em determinadas doenças que envolvem cisão.* Alguns exemplos: a paranoia projetiva (mania de perseguição) – enquanto uma parte cindida do ego – pode, sob determinadas circunstâncias, inverter-se na outra parte cindida complementar, na existência de trabalho compulsivo. Ou: a paranoia inflativa (megalomania) pode desaparecer se, pela inversão, a outra parte cindida do mesmo ego (o ego fugitivo) puder ser vivida em viagens de negócio, *globetrotter*, etc.;[81]

3. *Troca* de uma forma de existência doentia por outra, mais inofensiva, cuja predisposição pode ser encontrada no patrimônio hereditário do paciente através do teste e do exame da árvore genealógica. Assim, é possível que o paciente consiga trocar a paranoia esquizofrênica por uma enxaqueca paroxismal,[82] ou por um outro tido de paroxismo;[83] ou paranoia e mania por uma compulsão.[84]

Para promover essas trocas das formas de destino, a terapia destinoanalítica elaborou métodos especiais (método do martelamento, do psicochoque).[85]

***

Apresentamos as transformações do conceito de destino na psicologia profunda e chegamos a uma psicoterapia que até ousa transformar as formas de destino do indivíduo. Essa ousadia é nova? No livro já citado, *Der Wahnsinn* [A Loucura: A História da Psicopatologia Ocidental], Leibbrand e Wettley apontam que, em 1843, Von Struve elaborou uma *frenologia profunda* destinada, sobretudo, a tornar-se a base do tratamento de doenças mentais.

[81] Para mais detalhes, ver L. Szondi, *Fünftes Buch: Schicksalsanalytische Therapie.* Bern und Stuttgart, H. Huber, 1963, p. 272 ss e o ensaio nº 5.

[82] Ibidem, caso 24, p. 227.

[83] Ibidem, caso 25, p. 278.

[84] Ibidem, caso 26, p. 279.

[85] Ibidem, p. 149-190.

É possível, e até provável, que cem anos atrás a frenologia profunda tivesse os mesmos objetivos que tem hoje a psicologia profunda. No entanto, atualmente, qual adepto da psicologia profunda conhece o nome de Von Struve e sua frenologia profunda? É provável que os adeptos da psicologia profunda tenham o mesmo destino, daqui a cem anos. Mas consolemo-nos com a frase Hölderlin:

"Não somos nada; o que buscamos é tudo".

Parte 2

A Escolha

Capítulo 2

Sobre a psicologia da escolha[1]

2.1 A escolha determina o destino

2.1.1 Escolhas direcionadas hereditariamente – genotrópicas

A escolha determina o destino. Sobre esse axioma foi construída, durante 26 anos (1937-1963), a Análise do Destino. No ano de 1937 começamos a procurar uma resposta para a pergunta: *qual ou quais instâncias dirigem a escolha no amor, na amizade, na profissão e até na "escolha" de uma determinada forma de doença ou tipo de morte?*

Dos primeiros sete anos dessas pesquisas (1937-1944) resultou o primeiro livro sobre a Análise do Destino,[2] que, mais tarde, recebeu o subtítulo de *Genética do Destino.* Esse livro relata minuciosamente a regra geral de escolha, determinada hereditária e biologicamente, denominada "Genotropismo". Com base em centenas de árvores genealógicas, nas quais foram analisadas escolhas matrimoniais, de amizade, da profissão, de tipos de doenças e de morte, essa regra de escolha hereditariamente dirigida foi assim formulada: *duas pessoas*

---

[1] Neue Zürcher Zeitung, 29 de maio e 5 de julho de 1966. Em francês, na Revue Philosophique de Louvain, 1967. Conferência realizada em 3 de março de 1966 na Faculdade de Filosofia e Medicina da Universidade Católica de Louvain.

[2] L. Szondi, *Schicksalsanalyse.* 1. ed. Basel, Schwabe, 1944. (2. ed., 1948; 3. ed., 1965).

que, por herança (biológica), são portadoras de inclinações análogas, recorrentes e ocultas, atraem-se mutuamente.

Na escolha genotrópica, a pessoa não tem consciência das instâncias dirigentes de sua escolha, ou seja, dos elementos hereditários ocultos em seu patrimônio hereditário. No entanto, a escolha é consciente. A pessoa sabe que escolhe, só não sabe por que escolhe exatamente assim, e não de outro modo. No destino individual, as escolhas genotrópicas, hereditariamente dirigidas, exercem um papel eminente.

Essa constatação genética, exclusivamente de base empírica, chocou a maioria dos geneticistas, psiquiatras, psicólogos e psicanalistas. Um grupo de críticos acusou a Análise do Destino de "proclamar um determinismo genético levado ao extremo, que ultrapassaria de muito o de Freud e Jung". Outra acusação dizia que "a tendência de interpretar o destino individual e familiar no sentido hereditário biológico, quase como uma espécie de *predeterminação fatalista*, traça um paralelo com o calvinismo".

Por várias razões, das quais mencionarei apenas algumas aqui, pude suportar de modo relativamente fácil essa tempestade de críticas e, malgrado a oposição, expor em cinco livros os resultados das pesquisas sobre o destino.

A ideia do genotropismo, da qual apenas mais tarde tive conhecimento, já fora pressentida no começo do século por um dos maiores geneticistas, pelo professor de fisiologia botânica da Universidade de Copenhague, o dinamarquês Johannsen. Em sua obra clássica *Elemente der exakten Erblichkeitstlehre* [Elementos da Doutrina Exata da Hereditariedade],[3] Johannsen calculou a frequência de genes recessivos recorrentes na população, isto é, a frequência de indivíduos com hereditariedade manifesta semelhante, chamados homozigóticos na população.

Ele escreve:

> Os cálculos não podem pretender sequer uma exatidão aproximada, embora despertem seu interesse. Uma das condições, em relação à qual o quociente de erro para a população humana seja talvez o maior, é a

[3] W. Johannsen, "The genotype conception of heredity". *American Naturalist*, n. 45, 1911, p. 129-59.

> aceitação do fato de que os matrimônios são celebrados de modo "totalmente casual", isto é, sem diferentes tipos de escolhas preferenciais.

E prossegue:

> É bem possível, e até mesmo provável, que a inclinação recíproca, consciente ou inconsciente, entre indivíduos análogos Aa (de hereditariedade mista) seja afirmada.[4]

Portanto, Johannsen já previa a atração consciente ou inconsciente de portadores de genes análogos recessivos no caso de condutores de hereditariedade mista (heterozigotos), sem, no entanto, ter desenvolvido uma teoria sobre o efeito genotrópico desses elementos hereditários análogos.

Em 1935, portanto dois anos após a primeira comunicação em língua inglesa dos meus resultados e da minha teoria, *Analysis of marriages: An attempt at the theory of choice in love,*[5] Stumpfl, um psiquiatra alemão que conduzia investigações paralelas sobre famílias de criminosos e seus cônjuges, descobriu uma regra que se apoia na seguinte definição: "na escolha do cônjuge, a atração recíproca de caracteres é redutível, em última análise, a uma profunda semelhança de caráter".[6] Essas investigações, visavam, porém, apenas as qualidades caracterológicas, já manifestadas, de cônjuges criminosos. Stumpfl ainda não enxergava nessa escolha compulsiva o papel geral dos genes recessivos ocultos, como já pressentira Johannsen. Contudo, seus resultados têm importância na história das pesquisas genéticas sobre a escolha, pois estendeu suas pesquisas familiares também aos cônjuges dos criminosos.

Entre 1937 e 1939, surgiu o Teste de Escolha de Fotografias, o "Diagnóstico Experimental das Pulsões".[7] Inicialmente, seu propósito era de natureza puramente genética, na medida em que deveria revelar a natureza condutora pessoal do sujeito examinado, sem recorrer às arvores genealógicas. Por isso,

---

[4] W. Johannsen, *Elemente der exakten Erblickeitslehre,* 1909, p. 124-25.

[5] L. Szondi, "Analysis of marriages. An attempt at the theory of choice in love". *Acta Psychol.* Den Haag, 1937.

[6] F. Stumpfl, "Erbanlage und Verbrechen". *Monogr. aus d. Gesamtgebiete d. Neur. U. Psych.* Heft 61. Berlin, Springer, 1935, p. 28 ss.

[7] L. Szondi, *Experimentelle Triebdiagnostik.* 1. ed. Bern, Hans Huber, 1947.

naquela época, eu ainda chamava o Teste de Escolha de Fotografias de *Genoteste*. As primeiras experiências com o teste foram realizadas em 97 pares de gêmeos, a saber – 36 univitelinos; 36 bivitelinos do mesmo sexo; e 25 bivitelinos do sexo oposto. A grande concordância das reações de escolha das fotos do grupo univitelino confirma a tese, segundo a qual a hereditariedade pode ser um fator muito importante na escolha (ver Figura 2.1).

A Figura 2.1 mostra, na parte superior, os perfis completos do teste de escolha de gêmeos univitelinos (I e II). A concordância na escolha das fotografias é extraordinária. Na parte de baixo, podemos verificar as concordâncias na escolha das fotografias na atividade egoica, isto é, nas fotografias que nos orientam sobre a vida interior das pessoas examinadas. Aqui a concordância é particularmente grande. Embora os univitelinos tenham sido testados em salas diferentes, ou seja, separadamente, suas escolhas foram concordantes, não só quantitativamente, mas também qualitativamente, e com frequência escolheram até mesmo as mesmas fotografias de um determinado fator pulsional.

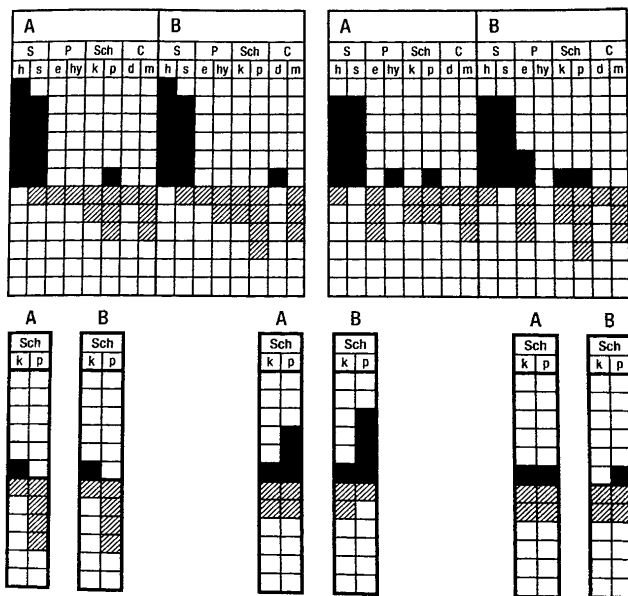
2.1.2 Comportamentos de escolha dirigidos pelo ego – egotrópicos

Mas, como mesmo entre componentes de um grupo de univitelinos também se verificam *discordâncias*, concluímos que outros fatores também influenciam a escolha, além dos fatores hereditários. Experiências ampliadas posteriores com o Teste de Escolha de Fotografias comprovaram a *relevante influência das funções do ego durante as pesquisas experimentais sobre a escolha.* Este foi o ponto de partida para as pesquisas que comprovaram que, além das categorias de comportamentos de escolha genotrópicos, hereditariamente dirigidos, também existe uma segunda categoria de escolha: a escolha egotrópica, direcionada pelo ego, na qual a escolha não é direcionada pela hereditariedade, mas pelo ego consciente.

Já em 1943, foi publicado em húngaro *Experimentelle Analyse des Ichs* [Análise Experimental do Ego],[8] no qual foram expostos os fundamentos de uma existência com um destino de livre escolha ou destino movido pelo ego – antes, inclusive, da publicação da *Schicksalsanalyse* [Análise do Destino] em alemão (1944).

---

[8] L. Szondi, *Az Én kisérleti elemzése (Die experimentelle Analyse des Ichs).* Budapest, 1943.

FIGURA 2.1: PERFIS DE TESTES DE PARES DE CÊMEOS UNIVITELINOS

S - Vida sexual
- h - Amor, ternura
- s - Sadismo, masoquismo

P - Vida afetiva
- e - Afetos grosseiros
- hy - Afetos delicados

Sch - Vida egoica
- k - O ego material (ter)
- p - O ego espiritual (ser)

C - Vida de contato
- d - Procurar, apegar-se
- m - Agarrar-se, separar-se

Cada ☐ corresponde, no teste experimental, à escolha de uma foto da necessidade correspondente.

■ Simpática
▨ Antipática
} Escolha

Em 1956, surgiu a edição alemã reelaborada e ampliada da *Ich-Analyse* [Análise Experimental do Ego].[9] Nesse livro, já foram apresentadas duas categorias do destino humano: 1) a categoria do destino genotrópico, compulsivo-hereditário; 2) a categoria do destino egotrópico, livremente escolhido pelo ego. Com base nessas experiências temos a nova definição do conceito de destino:

O *destino é a totalidade de todas as possibilidades de existência herdadas e livremente elegíveis.* O ser humano não tem, portanto, um destino único, herdado e rigidamente determinado, como ensinava a antiga doutrina do destino (arqueanancologia) até Schopenhauer. A nova teoria do destino, ou neoanancologia, diz:

O ser humano vem ao mundo com uma multiplicidade, um feixe de possibilidades de existência, dentre as quais poderá, mais tarde, escolher livremente.

Isto é:

1. quando conseguir conscientizar-se dessas possibilidades herdadas de existência;
2. quando o seu ego e sua ligação com o espírito for suficientemente forte para uma tomada de posição.

A correção dessa nova definição de destino foi metodicamente examinada e comprovada em numerosos casos, expostos no quinto livro da série *Schicksalsanalytichen Therapie* [Terapia Destinoanalítica].[10]

Esperamos que no futuro esses fatos sejam suficientes para enfraquecer a acusação de que a Análise do Destino anunciaria um determinismo genético-fatalista.

2.2 Generalidades sobre o conceito de escolha

Temos que abordar aqui uma pergunta frequentemente dirigida à Análise do Destino: por que a Análise do Destino fala de escolha também nos

---

[9] L. Szondi, *Ich-Analyse.* Bern, Hans Huber, 1956.

[10] L. Szondi, *Schicksalsanalytische Therapie.* Bern, Hans Huber, 1963.

casos que mais provavelmente *são resultado da hereditariedade*, do que da liberdade de escolha?

Nossa resposta é a seguinte:

Primeiramente, a Análise do Destino chama de "coerção de escolha dos ancestrais" as ações genotrópicas hereditariamente dirigidas dos condutores. Estas ações conduzem, como sabemos, a destinos compulsivos. A pessoa de fato acredita que sua escolha é pessoal, mas a tal "escolha" é na verdade uma "compulsão à repetição dos ancestrais". Por isso falávamos anteriormente de uma escolha "inconsciente", mas sempre acentuando que também aqui a escolha é *consciente, embora as instâncias genéticas que a dirigem permaneçam inconscientes.* Hoje, nesses casos idênticos, preferimos falar de escolha compulsiva e não de "escolha inconsciente". Isso se dá porque, como se conclui a partir das discussões posteriores, psicologicamente, só se pode falar de escolha nos casos em que tendências opostas de uma dicotomia atuam dialeticamente. Mas nas ações genotrópicas o ego está diante da dialética. Uma figura ancestral fortemente reprimida, isto é, inconsciente (por exemplo, um epilético, um esquizofrênico, um ciclotímico, etc.), força o descendente-condutor a agir assim, e não de outro modo. Assim, neste caso o papel desempenhado pelo ego é muito insignificante, e frequentemente totalmente ausente.

Em segundo lugar, encontramos um outro grupo de comportamentos de escolha, a respeito dos quais se pode perguntar: a liberdade de escolha não teria nenhuma importância nessa categoria de destinos compulsivos? *Compulsão e liberdade são polaridades que se contradizem ou, pelo contrário, se completam?*

Não queremos iniciar aqui uma discussão filosófica, mas, tendo como base tratamentos clínico-empíricos, e especialmente analíticos, pretendemos defender o seguinte ponto de vista:

A liberdade nem sempre é o antagonista da compulsão, mas, frequentemente, o caos e a anarquia. No conceito de liberdade também existe certa compulsão.

Compulsão e liberdade não formam, em determinados casos, uma polaridade contraditória, mas, sim, um par complementar no qual a tendência à repetição da herança e para a liberdade do ego se movimentam em oposição. Esse movimento constitui a dialética entre hereditariedade e o ego.

No entanto, mesmo as dialéticas, como os próprios seres humanos, têm os seus destinos, com muitas possibilidades. Apoiando-me nas exposições de Jaspers,[11] menciono três modalidades dessa solução da dialética:

1. Inversão – a reversão de uma determinada tendência em outra, isto é, a troca das tendências predominantes (mudança de dominância). Exemplo, amor-ódio, sadismo-masoquismo;

2. Integração – a síntese de tendências opostas, isto é, presença de ambas. Exemplo, ternura somada à agressão no sexo;

3. Opção por uma tendência com a exclusão de outra, isto é, uma ou outra. Exemplo: a decisão de desligar-se do mundo e a renúncia à continuidade da vida.

No caso das moléstias hereditárias puramente somáticas – em oposição ao sofrimento psicossomático –, não se pode falar em dialética hereditariedade-ego. Entretanto, nos distúrbios psíquicos, como as neuroses do caráter e da psique em determinadas psicoses, a dialética hereditariedade-ego exerce influência. Em todos os casos em que o ego assume uma posição contrária a uma estrutura pulsional e afetiva de origem hereditária, surge uma dialética hereditariedade-ego. Dependendo da potência das forças opostas, de acordo com os fatores ambientais, com a cosmovisão e com a espiritualidade, a luta pode conduzir – de modo passageiro ou permanente – a um dos tipos mencionados de solução da dialética. E, mais ainda: a mesma dialética, dependendo das circunstâncias, pode conduzir (a) à inversão; (b) à síntese das duas tendências; (c) a uma decisão no sentido de uma ou outra.

Como exemplos, menciono os seguintes casos da prática analítica:

EXEMPLO 1: um ator, descendente de uma família que contava com vários homossexuais, vive ativa e exclusivamente a homossexualidade até o seu 27º ano de vida. Depois, ele se transforma, se casa, tem filhos e vive durante muitos anos de forma exclusivamente heterossexual com a esposa. Somente

[11] K. Jaspers, *Allgemeine Psychopathologie*. 5. ed. Berlin, Springer, 1948, p. 284 ss.

após o nascimento dos filhos é que se torna bissexual, entregando-se às duas orientações sexuais.

A natureza hereditária da homossexualidade dele pode ser suposta como provável, pois um primo seu e um tio foram homossexuais, enquanto seu pai foi bissexual. O paciente só foi informado pela mãe sobre a natureza familiar e hereditária da sua homossexualidade quando, por causa da bissexualidade, o seu casamento já estava correndo perigo, e por isso tinha recorrido à psicanálise.

O caso mostra claramente como, de uma maneira diversificada, no decorrer dos anos, o ego se posicionou em relação à sua tendência à inversão.

Nesse caso, a Análise do Destino supõe uma dialética entre a hereditariedade e o ego. No entanto, chama os três tipos de solução de "escolha". Sabemos muito bem que isso difere da opinião de Jaspers. Segundo ele, deve-se falar aqui de reversão e de síntese, mas não de escolha. A escolha, segundo Jaspers, é exclusivamente aquele tipo de dialética que coloca o homem diante da solução isso-ou-aquilo.[12] A Análise do Destino não segue esse estreitamento do conceito de escolha. Os critérios do conceito de livre escolha, egotrópica, são mais amplos:

1. na escolha dirigida pelo ego é necessário que a pessoa se torne consciente do par com duas tendências opostas. Neste caso, não se pode falar de uma escolha "inconsciente", como no genotropismo;

2. é necessário que o ego consiga se posicionar livremente em relação ao par de opostos, do qual tomou consciência antes;

3. o posicionamento do ego pode diferir em cada dialética: (a) uma vez afirmando e identificando; (b) outra vez negando, evitando, obstruindo, reprimindo, desvalorizando e até destruindo; (c) a tomada de posição também pode ser ambivalente, e todo o movimento da dialética é imobilizado intencionalmente pelo ego compulsivo. Este é o estado de "nem isso-nem aquilo", como nos neuróticos compulsivos. Mas, mesmo nesse caso, a ambivalência é compreendida como tomada de posição: (d) finalmente, o ego que toma posição tem a possibilidade de socializar as oposições na profissão ou, com a ajuda do espírito, sublimá-las na arte, na ciência ou na religião.

---

[12] K. Jaspers, *Allgemeine Psychopathologie*. 5. ed. Berlin, Springer. 1948, p. 284 ss.

Foi assim que o ator mencionado anteriormente, que solucionara sua dialética uma vez pela homossexualidade ativa, outra vez pela heterossexualidade exclusiva e depois pela bissexualidade, declarou que gostaria de se submeter à análise e de tornar-se psicanalista.

Aqui devemos frisar que também a herança psicopatológica pode ser conscientizada, no início da doença. Além disso, o ego também pode tomar posição em relação à hereditariedade, como nos casos anteriormente citados.

EXEMPLO 2: Uma farmacêutica foi obrigada pelos pais a ficar noiva de um homem que ela não amava. Depois que a paciente não conseguiu fazer os pais mudarem de opinião, eles a encontraram um dia compulsivamente encolhida num canto do sofá. Assim ficou por dias, sem falar, sem comer, imóvel. O psiquiatra consultado internou-a com o diagnóstico de esquizofrenia catatônica, depois confirmado na clínica. Após alguns meses, obteve alta e começou a fazer análise. No divã ela reconstituiu o acontecimento do seguinte modo: queria desfazer o noivado de qualquer maneira. Em seu desespero, pensava que seu noivo pretendia envenená-la. Então se recordou de que, quando mocinha, vira o irmão da sua mãe exatamente no mesmo estado de rigidez, emudecido, negativamente encolhido no canto de um sofá, antes de ser internado. Ela se conscientizou de que era portadora da mesma disposição. Suas ideias de envenenamento levavam a essa conclusão. Ela se identificara com o tio, foi internada e alcançou, como ganho da doença (Freud), o almejado rompimento do noivado.

Contra essa hipótese de uma dialética que se movimenta entre a predisposição catatônica e o ego, poder-se-ia opor o diagnóstico de histeria. Nós também não excluímos a escolha por imitação, mas afirmamos que só se pode imitar fielmente aquilo que já está presente na pessoa disposicionalmente. Corroborando a exatidão dessa hipótese, nesse caso, apresentamos os seguintes dados: o irmão da mãe da paciente adoeceu antes, e o irmão do pai e a própria irmã foram internados depois do adoecimento dela, com o mesmo diagnóstico: *catatonia*. Neste caso, a identificação consciente com o tio numa situação de vida desesperançosa, e a reflexão consciente sobre as vantagens da

doença corresponderam às funções do ego que, com a catatonia hereditária, encontravam-se numa dialética flexível. Para que pudesse romper o noivado, o ego tinha que afirmar a herança catatônica.

A resposta da Análise do Destino às questões formuladas no início é, portanto, a seguinte:

1. A dialética herança-ego pode estar ausente em um determinado grupo de doenças psíquicas hereditárias. Neste caso, a Análise do Destino fala de um destino coercitivo, isto é, de uma escolha coagida pelos ancestrais.

2. Em um outro grupo de doenças psíquicas hereditárias – especialmente na fase inicial da doença –, é possível e até provável que na alma dos pacientes se desenvolva uma dialética entre a herança específica e o ego que se posiciona.

3. A Análise do Destino usa o termo escolha para todos os tipos de solução dessa dialética herança-ego. Portanto, a reversão, a síntese "assim-como-também", a decisão "ou isso, ou aquilo", bem como a indecisão "nem isso, nem aquilo" e, ainda, a socialização e a sublimação de uma ou das duas tendências, são possibilidades de escolha.

4. O ego que escolhe livremente pode, por conseguinte, desempenhar um importante papel, mesmo em determinados destinos compulsivos.

5. Compulsão e liberdade são, então, oposições complementares e não contraditórias.

2.3 Especificidades sobre escolha na experimentação

Tendo discutido o conceito geral de escolha na psiquiatria e na psicologia, a problemática em relação ao diagnóstico experimental das pulsões, ou seja, o Teste de Escolha de Fotografias, se torna mais compreensível, pois o experimento de escolha pretende imitar, artificialmente, os processos de escolha

na vida real. Por esse motivo, o Teste de Escolha de Fotografias foi construído sobre um sistema pulsional que, em sua estrutura, apresenta uma dialética quádrupla. Em outras palavras:

1. A *dialética de tendência* entre duas tendências pulsionais polarmente opostas, presente em cada necessidade pulsional;
2. A *dialética da necessidade ou fatorial* entre os dois fatores constitutivos de cada pulsão.
3. A *dialética pulsional* entre as pulsões marginais (pulsão sexual e do contato) e as centrais (censura).
4. A *dialética entre os agentes do primeiro plano e os do plano de fundo.*

A Tabela 3.1 resume as três primeiras dialéticas e torna visível a estrutura construtiva do sistema pulsional da Análise do Destino por meio de um esquema.[13] Mais adiante abordaremos o quarto tipo de dialética.

O processo experimental de escolha é realizado com o auxílio de um teste. Esse teste consiste de uma caixa de seis compartimentos, cada um com oito fotografias. Existem, portanto, 48 fotografias na caixa. Cada fotografia dos conjuntos compostos de oito fotografias representa um indivíduo que está manifestamente doente de um fator pulsional. Em um conjunto de oito fotografias estão representados todos os oito fatores pulsionais, isto é, a cada fator pulsional corresponde uma fotografia. Dessa maneira, os fatores pulsionais estão representados por seis fotografias cada no teste todo. As formas patológicas, indicadas pelas respectivas letras iniciais, referem-se às pessoas que estão representadas na fotografia, e não aos examinandos que escolherem a fotografia correspondente. Tanto a rejeição total das fotografias de qualquer um dos fatores pulsionais, quanto a escolha frequente demais das mesmas (acima de três, como esperado, em média), representa um indício bastante sério de que o referido fator pulsional está exercendo, naquele momento, um importante papel na vida pulsional da pessoa examinada.

A aplicação básica do diagnóstico experimental da pulsão consta de duas partes.

---

[13] Neste volume, p. 96. (N. E.)

A *primeira* parte da aplicação pretende, através da escolha das doze fotografias mais simpáticas e das doze mais antipáticas (dentre as 48 fotografias), conhecer os movimentos pulsionais e as funções do ego que, por sua atualidade episódica ou por sua força constitucional permanente, afloraram no primeiro plano da personalidade. Essas tendências de primeiro plano, tanto da pulsão quanto do ego, constituem, porém, apenas a metade da totalidade da personalidade. Denominamos essa metade de *agente de primeiro plano.* O perfil do agente de primeiro plano é chamado de *perfil de primeiro plano.* Para diagnosticar o agente de primeiro plano, servimo-nos, consequentemente, na primeira fase de escolha, de 24 das 48 fotografias apresentadas.

A *segunda* parte da aplicação básica consiste da escolha das 24 fotografias restantes, que não foram escolhidas na primeira etapa do teste. A partir dos resultados desta segunda etapa de escolha é possível chegar às funções pulsionais e do ego da outra metade da personalidade, que se encontram atualmente no plano de fundo. O segundo perfil, obtido dessa maneira, representa o "*agente do plano de fundo*", sob a forma do assim chamado "*perfil do plano de fundo experimental complementar*".

Os agentes de primeiro plano e os do plano de fundo representam o duplo destino do indivíduo, pulsional e do ego, que se movimentam dialeticamente, em oposição, e se complementam na totalidade. Em conjunto, fornecem as bases para a avaliação da atual situação psíquica do indivíduo. Mas os dois perfis pulsionais revelam, provisoriamente, apenas duas possibilidades complementares de destino da pessoa, exatamente aquelas que estão atualmente ativas no primeiro plano e no plano de fundo, nesta fase da existência. Cada indivíduo traz, porém, dentro de si, várias possibilidades de destino pulsional e do ego. Por isso, temos que repetir a aplicação básica muitas vezes – se possível oito ou dez vezes – em diversas situações da vida.

O que nos interessa aqui não é a interpretação dos perfis do teste (descrita no *Manual do Diagnóstico Experimental das Pulsões*), mas, exclusivamente, o processo de escolha durante o experimento. Após 30 anos de aplicação do teste de escolha em muitos milhares de indivíduos, psiquicamente sadios ou doentes, chegamos à seguinte compreensão do processo de escolha:

1. As fotografias de estímulo que compõem o teste possuem um caráter evocativo fatorial específico, no sentido de Lewin;
2. Cada fotografia de estímulo toca, por associação, as pessoas submetidas ao teste, nas profundezas da sua alma – frequentemente até de modo chocante –, nas quais as tensões emocionais internas estão aumentadas, devido à natureza hereditária e à natureza individual pulsional reprimida;
3. A tensão pulsional do momento com frequência se manifesta no experimento, justamente pela escolha acima da média (3) das fotos que correspondem ao fator pulsional, cuja necessidade apresenta tensão aumentada (portanto, fotos 4, 5 e 6);
4. A escolha de qualquer uma das fotografias corresponde sempre, como confirmado pelas associações da psicologia profunda, a uma tomada de posição consciente em relação à necessidade pulsional que foi posta em movimento experimentalmente, mesmo quando o testando procura ocultar tal fato por meio de respostas intelectuais banais;
5. Quando as fotografias de estímulo perdem seu caráter evocativo, trata-se, na maioria das vezes, de graves perturbações da percepção e da compreensão, como no caso de indivíduos dementes, psicóticos ou portadores de complexos pré-psicóticos.

Sobre o caráter evocativo, Lewin (1926) escreveu:

> Um estado de tensão pré-existente, originário de uma disposição, de uma necessidade ou uma realização parcialmente concluída, toca um determinado objeto ou acontecimento que é experienciado como atração de tal maneira que esse sistema tensionado passa a ter domínio sobre a motricidade. Dizemos, então, que esses objetos possuem *caráter evocativo*.[14]

Os objetos, aos quais o examinando reage no processo experimental de escolha, são as fotografias apresentadas, as quais possuem oito características evocativas distintas, correspondentes aos sistema pulsional.

Os estados de tensão, com os quais o examinando reage às fotografias, são as tensões da necessidade em relação aos oito campos dos fatores pulsionais.

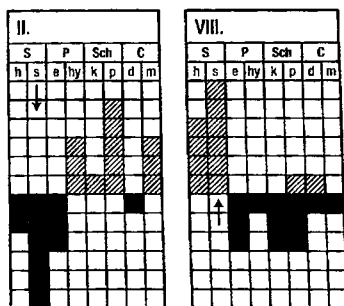
[14] K. Lewin, *Vorsatz, Wille und Bedürfnis*. Berlin, Springer, 1926, p. 28.

A exatidão da hipótese, segundo a qual a quantidade de fotografias escolhidas em cada um dos campos dos fatores depende efetivamente do grau de tensão da necessidade, é facilmente demonstrável, sobretudo em casos patológicos graves.

EXEMPLO 3: um criminoso de guerra, coronel militar de 53 anos de idade, que mandara fuzilar milhares de sérvios e judeus no sul da Hungria, sem ordem superior, foi testado na prisão por um de meus antigos colaboradores (Dr. Noszlopi), depois da guerra. Na mesma série de dez aplicações, o testando escolheu uma vez todas as seis e, outra vez, cinco das seis fotografias de assassinos (ver Figura 2.2).

FIGURA 2.2: DOIS PERFIS DO TESTE DE UM CRIMINOSO DE GUERRA

II. — S: h, s; P: e, hy; Sch: k, p; C: d, m

VIII. — S: h, s; P: e, hy; Sch: k, p; C: d, m

No perfil II, escolheu as seis fotos de assassinos como *antipáticas* ■ (ver s).
No perfil VIII, escolheu as mesmas seis fotos como *simpáticas* ▨ (ver s).

Para a compreensão do processo de escolha, é importante que se saiba que esse assassino de massas selecionou como antipáticas as seis figuras de assassinos, no início do exame, mas depois elegeu todas as seis como simpáticas. É indício de que *mudou seu posicionamento sobre o assassinato.* De fato, inicialmente, ele desenvolveu ideias religiosas delirantes na prisão.

Uma série de observações semelhantes mostra que, durante a experiência de escolha, exatamente como na vida, o examinando realmente pode assumir posicionamentos diferentes em relação às mesmas fotografias e, inclusive, ocasionalmente, mudar de posição.

Também contamos com resultados de *experiências com associações* em relação às fotografias, por meio das quais podemos dar continuidade à análise do processo de escolha. Algumas dessas associações[15] comprovam que *a escolha de determinadas fotografias pode realizar-se por meio da lembrança de determinados familiares doentes, ou por meio da identificação ou contraidentificação com eles.* Seguem alguns exemplos:

EXEMPLO 4: o examinando é um professor do nível secundário, de aproximadamente 30 anos de idade. Fotografia evocativa: um histérico. *Associações:* "Ai! (o paciente joga a fotografia). Eu me lembro de minha detestável tia, que sempre representa o sustentáculo da sociedade... Ela está ocupada, tem muito sucesso, esforça-se por ter poder na família... Desempenha importante papel em associações beneficentes e asilos..."

EXEMPLO 5: neurótico obsessivo-compulsivo, depois esquizofrênico. Fotografia evocativa: um epilético. *Associações:* "Um trabalhador, uma alma simples... (bloqueio). *Me faz lembrar meu tio; ele era uma pessoa diferente, com mania de religião... ele morreu em um manicômio*". Aqui, começa o efeito do choque. Muito elucidativas são aquelas associações em que o paciente vê, na fotografia, a imagem da própria doença a si mesmo ou a imagem do seu "agente do plano de fundo".

EXEMPLO 6: o examinando era um professor do nível secundário, de 28 anos de idade. Diagnóstico – esquizofrenia paranoide. Fotografia evocativa: um epilético. *Associações*: "O homem não me parece antipático agora, embora me parecesse antipático antes. Ele se parece comigo... mas não... ele é mais duro que eu... Talvez ele seja um psicótico... um esquizofrênico... ele sofre de cisão do ego-consciente... deve ter tido um período de imbecilidade. Agora estou me sentindo exatamente como se tivesse tomado uma injeção de cardiazol...[16] tenho medo... *sinto que as convulsões estão chegando*".

---

[15] Ver *Lehrbuch der experimentellen Triebdiagnostik*. 2. ed., p. 362-72.

[16] O paciente foi submetido a várias terapias por choque com cardiazol, antes da aplicação.

EXEMPLO 7: um jovem esquizofrênico de 20 anos comenta a respeito da foto de um homossexual: "Quando vi esta fotografia, soube imediatamente que tinha sido fotografado aqui. O fotógrafo sabia que estava me fotografando, e dizia que eu devia sorrir, e que a máquina poderia captar o *meu rosto.* Essa fotografia só pode ser minha, e de nenhum outro".

EXEMPLO 8: uma costureira paranoide, hístero-epilética, homossexual latente, comenta a respeito da fotografia de uma mulher histérica: "Desconfortável. Tenho medo deste. (Ela acha que é a fotografia de um homem). É a pessoa que sempre está atrás de mim (portanto, seu agente de plano de fundo). Vejo esses rostos com frequência. Tenho medo deles. Também os vejo com máscaras fúnebres. São malignos".

Portanto, a fotografia de uma mulher histérica é percebida por uma paciente com uma homossexualidade latente como sendo de um homem. De fato, a paciente sofre com o seu desejo de fundo, de querer ser homem e de amar mulheres. Assim, sente-se perseguida por seu agente de plano de fundo masculino, projetado na mulher histérica. Seus desmaios ocorriam com mais frequência justamente durante a prova dos vestidos da freguesa que ela amava.

Outros exemplos podem ser encontrados no *Manual do Diagnóstico Experimental da Pulsão.* Contudo, esses poucos exemplos também mostram que, durante o ato de escolha induzido artificialmente durante o experimento, o examinando assume conscientemente uma posição em relação a determinadas fotografias de ancestrais e às pretensões destes.

Com isso, confirmou-se experimentalmente a hipótese geral sobre o processo de escolha na vida real. Aqui poder-se-ia formular a seguinte pergunta:

Se a Análise do Destino admite que, em determinados casos de destino compulsivo hereditário, o ego também tem certa liberdade, e se, também, reconhece a existência de uma parcela de coerção hereditária no destino do ego livre, contra o qual o ego deve mover-se dialeticamente, em que consiste, então, a diferença entre destino hereditário e destino do ego? Tem sentido, depois de tudo isso, falar de duas categorias de destino humano?

A resposta é a seguinte: a diferença entre as duas categorias de destino está nas proporções quantitativas entre a compulsão herdada e a liberdade de escolha do ego. *Pois, afinal, são exatamente as proporções quantitativas da dialética herança-ego que determinam o destino do indivíduo.*

Essa diferença quantitativa se manifesta de duas maneiras: de um lado, na força relativa da hereditariedade em relação ao ego que toma posição; e, por outro lado, na duração do processo de conscientização da hereditariedade, ou da pretensão dos ancestrais.

Nos destinos fortemente compulsivos, uma pretensão patológica dos ancestrais irrompe quase instantaneamente na consciência (ver o exemplo 2). Consequentemente, a duração do ato de escolha do ego não pode ser maior que o "*flash*" das pretensões ancestrais. A escolha acontece à luz desse *flash*.

Em contrapartida, no livre destino do ego, a conscientização das pretensões ancestrais, enquanto herança, pode tornar-se duradoura. Isto é, o conhecimento da pretensão permanece na consciência e, por conseguinte, a tomada de posição do ego também se mantém. A influência hereditária, que foi conscientizada, passa a ser um componente constante da consciência. Essa circunstância possibilita ao ego decidir entre as duas modalidades de escolha: a constante denegação, o evitamento, a aceitação, isto é, a introjeção, a socialização e a sublimação da influência hereditária, etc. A terapia destinoanalítica nos convenceu de que é assim que ocorre.[17]

Passemos agora para o projeto de um esquema das formas de escolha.

2.4 Esquema das formas de escolha

2.4.1 *Na psicanálise*

Freud estabeleceu as quatro seguintes modalidades de escolha:

[17] Ver *Schicksalsanalytische Therapie*, Dritter Teil, Klinik, p. 266-522.

1. *Escolha do objeto incestuosa, edipiana ou por apoio, anaclítica.* Segundo a psicanálise, esta é primeira forma de escolha de objeto, e também a geral, própria do adulto. É anaclítica porque, na escolha, o sujeito se apoia nas imagens parentais.

2. *Escolha narcísica do objeto*, na qual o indivíduo não se apoia nas imagens parentais, mas em si mesmo, ou em uma de suas qualidades manifestas.

3. *Apoio em uma faceta da própria personalidade, que não conseguiu atingir o pleno desenvolvimento.* Por exemplo, uma menina se apaixona por um rapaz que representa as qualidades masculinas para as quais ela não encontra uma forma de vida aceitável.

4. *Medo do incesto:* o examinando procura manter-se o mais distante possível da imagem da própria mãe, do pai, do irmão ou da irmã. Procura um parceiro contrastante com o pai, mãe, irmão ou irmã (ver carta de Freud ao autor, Figura 2.3).

2.4.2 *Na Análise do Destino*

Considerando a Análise do Destino, abordamos até agora principalmente a perspectiva teórica do processo de escolha. Baseando-nos em tudo o que foi apresentado, procuraremos apresentar as formas de escolha passíveis de aplicação, segundo a Análise do Destino:

2.4.2.1 *Escolha compulsiva genotrópica, heredodirigida*

Neste caso, a escolha é totalmente, ou quase totalmente, dirigida pelos ancestrais. Assim, distinguimos:

1. escolha compulsiva ou pseudoescolha: sem a presença de uma verdadeira dialética herança-ego, a herança, ou a natureza do condutor do examinando, condiciona a escolha.

2. escolha genotrópica com dialética herança-ego. Neste caso, a compulsão hereditária dominante é conscientizada pelo ego que, então, assume uma posição.

FIGURA 2.3: CARTA DE FREUD AO DR. SZONDI

PROF. Dr. FREUD

18. 6. 1937

TRANSCRIÇÃO

Viena IX, Berggasse 19
18.06.1937

Prezado Doutor,

A partir do seu interessante trabalho pude perceber, com satisfação, o quanto o Sr. levou em conta a visão analítica.

Não me sinto em condições de avaliar em que medida o Sr. conseguiu comprovar sua própria tese heredobiológica por meio de suas pesquisas. O tema me é demasiadamente estranho. Ocorrem-me algumas objeções em relação ao material apresentado. A escolha do cônjuge e do parceiro amoroso frequentemente não coincidem. Na maioria das vezes, a liberdade de escolha é muito restrita.

A experiência psicanalítica revela uma variedade razoável de condicionantes do amor: a ligação a objetos de amor muito antigos e às impressões recebidas deles, o apoio narcísico à própria pessoa, muitas vezes nas características do sexo oposto que não se desenvolveram na própria pessoa (por exemplo, o menino que desejou ser a menina, etc.). A ligação amorosa também pode indicar uma dependência negativa. Portanto, o mais distante possível das imagens incestuosas da mãe, irmã, etc.

O fator destacado pelo Sr. poderia exercer importante papel sem ser, entretanto, o único ou decisivo.

Desculpe-me por estas observações não conclusivas.

Com a maior consideração,
Freud

2.4.2.2 Livre escolha dirigida pelo ego, egotrópica

Aqui a escolha é determinada pela dominância do ego. As duas submodalidades são:

1. o examinando conhece a natureza do seu condutor, mas o seu ego prevalece sobre a herança que é relativamente fraca.
2. o examinando conhece as próprias imagens primordiais, estruturadas na primeira infância, isto é, suas vivências infantis e traumas, mas o seu ego supera seus efeitos e escolhe livremente.

Com muita frequência, o psicoterapeuta tem a oportunidade de vivenciar as escolhas livres, egotrópicas, determinadas pela predominância do ego, após a análise. Mas nada impede que determinadas pessoas também consigam fazer esse tipo de escolha livre sem se submeter a um tratamento analítico.

2.5 Conclusão

A Análise do Destino partiu do axioma: a escolha faz o destino. Procurou construir um fundamento médico-psicológico para este axioma. Para isso, analisou modalidades e processos de escolha no amor, na amizade, na profissão, na doença e na forma da morte.

Por fim, estabeleceu duas categorias de comportamento de escolha: 1. a categoria genotrópica, dirigida hereditariamente e 2. modalidades de escolha egotrópicas, dirigidas pelo ego.

Para poder socializar e humanizar a natureza hereditária, instintiva e afetiva do ser humano, a pedagogia, a psicologia e a psicoterapia deveriam levar o paciente a tomar consciência de suas tendências eletivas perigosas, hereditariamente dirigidas para que ele possa, assim, promover a realização de escolhas livres, dirigidas pelo ego.

Parte 3

As Pulsões

Capítulo 3

Educação e tratamento das pulsões[1]

3.1 A TEORIA GÊNICA DAS PULSÕES

Ao apresentar um sistema pulsional, todo esforço deveria começar pela verificação do *genus proximum* biológico, que expressa o elemento comum a todos os tipos de pulsão. Só depois se buscaria a *differentiae specifica*, por meio da qual é possível distinguir, genética e fenomenologicamente, os diversos tipos de pulsão.

A Análise do Destino enxerga esse elemento comum a todas as pulsões na origem gênica.

Segundo a hipótese de trabalho da Análise do Destino, os genes constituem a fonte das pulsões. A natureza comum da pulsão é determinada pela natureza comum dos genes, portanto, pela natureza das minúsculas partículas (macromoléculas) com uma qualidade especial, as quais determinam a hereditariedade de cada reação pulsional.

Na teoria gênica, admite-se que os atos pulsionais sejam determinados por genes específicos, denominados "genes pulsionais". Se as pulsões são de origem gênica, então aquilo que é comum à natureza de todas as pulsões

---

[1] Schweiz, *Zeitschrift f. Psychologie and ihre Anwendungen.* Vd. V. H. 1, 1946. Palestra apresentada na V Reunião da Schw Gesellschaft für Psychologie und ihre Anwendungen [Sociedade Suíça de Psicologia e suas Aplicações].

também determina a natureza de todos os genes. O aspecto comum à natureza de todos os genes consiste no esforço de cada gene em continuamente transmitir as características familiares, tribais e da própria espécie para a próxima geração.

Cada gene, segundo os ensinamentos da genética, esforça-se por restabelecer o estado precedente na nova geração. Portanto, se adotarmos o ponto de vista da teoria gênica e afirmarmos que as tendências pulsionais, sem exceção, são de origem gênica, diremos *eo ipso* que o aspecto comum às pulsões nada poderá ser senão a pretensão inerente a todos os genes de restabelecer algum estado precedente.

Nesse ponto há concordância entre a teoria gênica da Análise do Destino e a teoria da pulsão da psicanálise. Freud diz, literalmente: "Uma pulsão seria, portanto, um ímpeto imanente ao organismo vivo para o restabelecimento de um estado precedente".[2] No entanto, Freud deixou de responder à seguinte pergunta: o que exatamente impele as pulsões para o restabelecimento de um estado precedente? A resposta emerge da teoria gênica: aparentemente as pulsões impelem para o restabelecimento de um estado precedente justamente porque são de origem gênica. É somente a partir da origem no gene que as pulsões visam ao restabelecimento de estados precedentes, que já existiram no curso da filogênese.

Destas considerações resulta a implicação estrita:

1. Se cada pulsão é de origem gênica, temos que considerar tantas tendências pulsionais quantos forem os genes da pulsão.

2. O dualismo das pulsões, no qual se baseia hoje a psicanálise (pulsões sexual e do ego, ou de vida e de morte), ainda precisa ser complementado.

O dualismo decorrente da teoria gênica se caracteriza pelo fato de ser igualmente válido para cada pulsão, para cada necessidade pulsional. É, inclusive,

[2] S. Freud, *Ges. Schriften*. Vd. VI, p. 226. (*Jenseits des Lustprinzips* [Além do Princípio do Prazer])

uma consequência direta da origem e da natureza gênicas, comuns a todas as pulsões. Esse dualismo é o dualismo dos pares de pulsões opostas.

A teoria gênica está, portanto, baseada na teoria genética. Segundo a teoria genética, a maioria dos seres humanos, sem considerar os raros indivíduos com origem idêntica, homozigóticos, são heterozigóticos e têm uma hereditariedade mista em relação a todas as necessidades pulsionais. Isso significa que, em relação a uma determinada necessidade pulsional, existe uma tendência herdada do pai que é diferente daquela herdada da mãe. Assim, podemos presumir que as necessidades pulsionais são determinadas por pares gênicos específicos (alelos), dos quais dois constituintes homólogos (duas unidades de genes) representam, na maioria das vezes, tendências pulsionais em oposição (Aa, Bb, Cc, etc.).

De acordo com a teoria da pulsão da Análise do Destino, uma determinada necessidade pulsional, sob a forma de par de pulsões opostas, está predeterminada hereditariamente no indivíduo. A expressão "par de pulsões opostas" corresponde à *expressão psicológica do conceito biológico* na teoria da pulsão da Análise do Destino, par alelomorfo[3] que determina genicamente uma necessidade pulsional.

Na teoria genética da pulsão, a expressão "pulsão" corresponde, portanto, a um processo dímero, bifatorial, determinado por pelo menos dois pares alelomorfos independentes, que representam as duas necessidades pulsionais mendelianas (por exemplo, AabB).

Por *necessidade pulsional* entendemos o processo psicológico pulsional baseado em apenas um par de alelos, portanto, determinado por dois genes homólogos, paterno e materno (Aa ou Bb).

> I. A tendência pulsional é determinada apenas por um gene do par de alelos, portanto, pelo gene paterno ou materno. A expressão "tendência pulsional" *corresponde*, pois, somente a apenas um dos dois processos constituintes da necessidade pulsional (por exemplo, A ou a, B ou b, etc.). A Análise do Destino defende a ideia de

[3] Genes alelos ou alelomorfos são genes que interagem determinando um caráter hereditário e formam par. (N. R. T.)

que os doentes mentais são, principalmente, doentes da pulsão, em especial da pulsão do ego. A degradação e a conversão do ego e da totalidade da personalidade, assim como as perturbações do comportamento relacionadas a isso, devem ser compreendidas como formações reativas consecutivas, frequentemente até como mecanismos de defesa. A teoria psiquiátrica da hereditariedade encontrou três círculos hereditários de doenças mentais independentes, até agora: O grupo hereditário esquizoforme Sch,[4] ao qual pertencem as doenças mentais catatônicas e paranoides (Rudin, Hoffmann, Luxemburger, etc.);

II. O círculo hereditário C[5] ou maníaco-depressivo (Hoffmann, Rudin, Luxemburger, Lenz);

III. O círculo hereditário P[6] epileptiforme (Bratz) ou paroxístico (Szondi); a este acrescentamos, ainda, um quarto:

IV. O círculo hereditário S,[7] que corresponde às doenças da pulsão de natureza sexual, ao qual pertencem os homossexuais, os sádicos e masoquistas.[8] Pilz, Hirschfeld, Von Romer, Lang e outros

[4] Sch corresponde às três letras iniciais da palavra *Schizophrenie* (Esquizofrenia). (N. R. T.)

[5] C corresponde à letra inicial da palavra contato. (N. R. T.)

[6] P corresponde à letra inicial da palavra paroxístico. (N. R. T.)

[7] S corresponde à letra inicial da palavra sexual. (N. R. T.)

[8] As principais organizações mundiais de saúde, incluindo muitas de psicologia, não mais consideram a homossexualidade uma doença, distúrbio ou perversão. Desde 1973 a homossexualidade deixou de ser classificada como tal pela Associação Americana de Psiquiatria (APA). Em 1975, a Associação Americana de Psicologia deixou de considerar a homossexualidade uma doença. No Brasil, em 1985, o Conselho Federal de Psicologia deixou de considerar a homossexualidade um desvio sexual e, em 1999, estabeleceu regras para a atuação dos psicólogos em relação às questões de orientação sexual, declarando que "a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio e nem perversão", determinando inclusive que os psicólogos não deverão ter como objetivo o tratamento e/ou cura da homossexualidade. No dia 17 de maio de 1990, a assembleia-geral da Organização Mundial de Saúde (OMS) retirou a homossexualidade da sua lista de doenças mentais, sob Classificação Internacional de Doenças (CID). Por fim, em 1991, a Anistia Internacional passou a considerar a discriminação contra homossexuais uma violação aos direitos humanos. As ideias de Szondi devem ser, portanto, contextualizadas historicamente. Esta obra data de 1967. (N. R. T.)

comprovaram que os sintomas patológicos desse círculo possuem uma forma hereditária independente e especial.

Correspondendo aos quatro círculos de doenças psíquicas independentes e hereditárias, não podemos admitir nem mais nem menos do que quatro pulsões: I. sexual, pulsão S; II. paroxística "de indução", pulsão P; III. esquizoforme, pulsão Sch; IV. circular de contato, pulsão C.

Uma vez que cada um dos quatro círculos psicopatológicos hereditários apresentam duas formas sintomáticas, clínica e geneticamente distintas, devemos pressupor a existência de, ao todo, oito necessidades ou desejos pulsionais.

As oito moléstias psíquicas hereditárias, das quais cada par subordina-se a um tipo hereditário comum, são:

I.	Círculo hereditário sexual	1. homossexualidade (h) 2. sadismo (s)	
II.	Paroxístico	3. epilepsia (e) 4. histeria (hy)	
III.	Esquizoforme	5. catatonia (k) 6. paranoia (p)	esquizofrenia
IV.	Doenças circulares	7. depressivo (d) 8. maníaco (m)	estado

Com base na premissa de que os genes patológicos e fisiológicos em processo de mutação constituem formas concretizadas de genes das mesmas pulsões primárias, admitimos oito necessidades pulsionais específicas, sendo que cada par pertence a um círculo pulsional. Assim, o sistema pulsional da Análise do Destino considera oito necessidades fisiológicas pulsionais, que denominamos "fatores pulsionais", apresentados na Tabela 3.1.

TABELA 3.1: O SISTEMA PULSIONAL DO DIAGNÓSTICO EXPERIMENTAL DA PULSÃO

As 16 tendências pulsionais	*Os 8 fatores pulsionais*	*Os 4 vetores pulsionais*
1. Tendência ao afeto pessoal e sensual: amor pessoal. 2. Tendência ao afeto coletivo e humanizado: amor humanitário.	I. Feminilidade, sentimento maternal. Fator *h*	I. S Pulsão sexual
3. Tendência ao sadismo, agressão, atividade. 4. Tendência à civilização, cavalheirismo coletivo, sacrifício, submissão, ou passividade e masoquismo.	II. Masculinidade. Fator *s*	
5. Tendência ao mal, isto é, a acumular raiva, ódio, ira, vingança, sentimento de injustiça, intolerância (reivindicação de Caim) 6. Tendência ao bem, à justiça coletiva, tolerância, bondade, disponibilidade para ajudar, piedade/Frömmigkeit (reivindicação de Abel).	III. *Ética, sentimentos de Caim e Abel.* Fator *e*	II. P Pulsão paroxística
7. Tendência a exibir-se impudicamente. 8. Tendência à modéstia coletiva.	IV. *Necessidade moral, egotismo, exibicionismo.* Fator *hy*	
9. Tendência ao autismo, egoísmo, egocentrismo, narcisismo, à introjeção, incorporação. 10. Tendência à adaptação ao coletivo, recalcamento.	V. *Constrição do ego, egossístole, o ego material que toma posição, ter* Fator *k*	III. Sch Pulsão do ego
11. Tendência a tornar-se uno com outrem, à participação, ou a acusar outras pessoas (projeção) 12. Tendência a distribuir mentalmente as necessidades humanas para o coletivo, para a espiritualização do ego, para a expansão do ego (inflação).	VI. *Inflação do ego, egodiástole, o ego espiritual, ser* Fator *p*	
13. Tendência à aquisição de valores em detrimento dos outros, a sair em busca de novos objetos, à infidelidade. 14. Tendência a renunciar em favor de todos os seres humanos, à fidelidade, à analidade, a ligar-se.	VII. *Necessidade de adquirir, necessidade de sair em busca.* Fator *d*	IV. C Pulsão de contato
15. Tendência a agarrar-se ao objeto (coisa, pessoa), à oralidade, ao hedonismo. 16. Tendência à separação, à solidão.	VIII. Necessidade de agarrar-se. Fator *m*	

3.1.1 Metodologia

Para a investigação das oito necessidades pulsionais, servimo-nos de um método de escolha que chamamos diagnóstico experimental da pulsão. A essência desse método consiste no seguinte:

Agrupamos 48 fotografias numa série em que cada doença pulsional, reconhecida como heredobiologicamente independente, é representada pelo número de fotografias correspondente. Cada série compreende seis fotos de doentes pulsionais: (1) hermafroditas (*h*); (2) assassinos, sádicos (*s*); (3) epiléticos (*e*); (4) histéricos (*hy*); (5) esquizocatatônicos (*k*); (6) esquizoparanoicos (*p*); (7) depressivos (d); (8) maníacos (m). Essas fotografias são apresentadas seis vezes ao testando, em grupos de oito, cada fotografia representando uma doença pulsional. É-lhe solicitado que escolha, entre as oito fotografias de cada série, duas que lhe pareçam as mais simpáticas e outras duas, como as mais antipáticas. Tem-se, portanto, no fim da aplicação do teste, doze fotografias que o examinando considerou simpáticas, e doze, que considerou antipáticas.

Os resultados das escolhas variam, naturalmente, de indivíduo para indivíduo. Primeiramente, trata-se de saber quantas fotografias e quais doentes pulsionais foram escolhidos pelo testando; em segundo lugar, quantas dessas figuras foram consideradas simpáticas e antipáticas por ele.

O resultado final da escolha é anotado num gráfico quadricular, sendo que as escolhas simpáticas são marcadas em quadros hachurados, e as antipáticas em quadros preenchidos (ver Figura 2.2, p. 81).

Esse gráfico é denominado *perfil pulsional*. O teste é repetido dez vezes, se possível, com cada testando, com certo intervalo de tempo, seriadamente. Obtêm-se, assim, dez perfis de cada testando. Com base no perfil pulsional, utilizando uma técnica muito simples de contagem, verifica-se sua classe pulsional e a fórmula pulsional atual, que possibilita determinar o destino pulsional individual, o caráter e eventualmente a doença pulsional do examinando.

A possibilidade de determinar experimentalmente os destinos pulsionais conduziu a um psicodiagnóstico que permite distinguir, com segurança e precisão, os pacientes normais e os doentes da pulsão; os neuróticos e os psicóticos; os moralmente elevados e os criminosos; e, finalmente, os humanizados e os não humanizados.

3.2 PULSÃO E EDUCAÇÃO

Aplicamos o experimento diagnóstico das pulsões descrito acima em pesquisas com jovens em idade escolar e adultos normais. Entre os examinandos contavam-se 36 gêmeos univitelinos, 36 bivitelinos do mesmo sexo e 25 bivitelinos de ambos os sexos. E sua idade oscilava entre oito e 38 anos. Com auxílio do método gemelar, verificou-se a proporção de forças entre o meio circundante e a hereditariedade. Na Tabela 3.2 são apresentados os oito fatores pulsionais de acordo com o seu grau de influenciabilidade pelo meio ambiente.

Dessas pesquisas gemelares podemos concluir, em relação à influenciabilidade e educabilidade das oito necessidades pulsionais, que há uma graduação a observar:

TABELA 3.2: A EDUCABILIDADE DOS OITO FATORES PULSIONAIS

Graduação da influenciabilidade		Fatores pulsionais	Necessidades pulsionais
Facilmente educável	1	e	Acúmulo da raiva, ódio, ira, inveja e ciúme. "*O Mal*"
	2	s	Sadismo, *agressão.*
	3	d	Analidade. *Busca de objetos de valor.*
Moderadamente educável	4	hy	*Exibir-se.*
	5	m	Oralidade. *Agarrar-se.*
Dificilmente educável	6	p	Expansão do ego, *egodiástole.* Potência do ego. Ampliação da personalidade.
	7	h	*Ternura.* Bissexualidade.
	8	k	Avidez de ter. Egocentrismo, autismo, *egossístole.*

3.2.1 Facilmente influenciável ou educável

Constatações:

1. Necessidade de acumular raiva, ódio, ira, vingança, inveja e ciúme até ao paroxismo e de descarregá-los depois, de modo repentino e explosivo. Resumindo, o "mal" do ser humano (e);
2. A sede de sadismo, o desejo de agressão (*s*);
3. A tendência à analidade, ou seja, o desejo de sujar tudo e, ainda, de apropriar-se de objetos de valor de terceiros (*d*).

A força dos fatores exógenos parece ser maior sobre essas três necessidades pulsionais do que o poder da hereditariedade.

Aqui devemos destacar que muitas ocorrências atribuídas ao êxito educacional, após um exame mais rigoroso, revelam ser uma "camuflagem".

3.2.2 Moderadamente influenciável ou educável

1. O desejo de exibir-se, de estar constantemente em cena; no sentido patológico: o exibicionismo (hy);
2. A necessidade oral e de agarrar-se (Hermann); implicitamente tudo o que se denomina "hedonismo" (*m*);

3.2.3 Dificilmente influenciável ou educável

1. O desejo de expansão do ego, ou de fortalecimento do ser e engrandecimento da personalidade; no sentido cultural, ímpeto à espiritualidade (p);
2. O desejo de dar e receber *afeto*, o aspecto feminino no ser humano, predisposição ontogenética à *bissexualidade* (*h*);
3. O desejo mais difícil de influenciar é o de dominação, egoísmo, egocentrismo, autismo e narcisismo. Por esse motivo, apelidamos esse fator de "concreto armado".

3.3 Humanização das pulsões

É possível humanizar as pulsões desumanas e inumanas através da educação e do tratamento?

À luz das pesquisas sobre as pulsões, deveríamos atribuir um novo significado aos conceitos "humanidade" e "humanismo". Propomos as seguintes definições:

Humanidade é a variedade humana de destino pulsional individual extremamente rara e positiva, caracterizada por duas qualidades fundamentais: (1) o ego desses indivíduos escolhe, na maioria das vezes, o aspecto humano entre a polaridade pulsional humana e inumana, inerentes à sua natureza; (2) o espírito[9] dessas pessoas irradia pensamentos humanos sobre todo "objeto humano" do mundo.

Humanismo é exatamente o movimento espiritual que luta pela expansão do amor e difusão da humanidade.

Portanto, Humanidade tem o significado de destino pulsional, enquanto Humanismo é um movimento puramente espiritual.

Indivíduos humanizados são, portanto, segundo a Análise do Destino, pessoas cujo destino é: (1) escolher sempre o humano na polaridade pulsional; (2) irradiar o humano, não só em relação a si mesmo, aos membros da família, aos companheiros da mesma religião, classe social, raça, povo e nação, mas, também, sobre todo "objeto" humano do mundo.

A Tabela 3.3 apresenta as polaridades pulsionais do humanismo e inumanismo.

[9] Espírito no sentido amplo da palavra, significando a mente humana e seus produtos. (N. R. T.)

TABELA 3.3: NECESSIDADES INUMANAS E HUMANAS E SUAS REAÇÕES

Vetor	Reação	Desejos inumanos	Reação	Desejos humanos
Sexualidade S	h = +	Sensibilidade individual cujo objeto é sempre e exclusivamente uma determinada pessoa, família, religião, classe social, raça, nação, etc.	h = –	Sensibilidade coletiva cujo objeto é sempre toda a humanidade.
	s = +	Agressão, eventualmente sadismo em relação a uma determinada pessoa, família, religião, classe social, raça, nação, etc.	s = +	Cavalheirismo coletivo, sacrifício, humildade perante todos os homens.
Paroxismo (Ética e moral) P	e = –	Acumulação de raiva, ódio, ira, injustiça, contra uma determinada pessoa, família, religião, raça, classe social, nação, etc.	e = +	Justiça coletiva, piedade.
	hy = +	Exibir-se impudicamente.	hy = –	Pudicícia coletiva.
Pulsão do ego SCH	k = +	Autismo, egoísmo, egocentrismo, narcisismo possessivo.	k = ± k = –	Autodomínio e adaptação ao coletivo.
	p = –	Acusação, incriminação de determinada pessoa, família, religião, raça, classe social, nação.	p = +	Difusão mental de sentimentos humanos em relação à coletividade. O ego mental. Potência do ego.
Pulsão de contato	d = +	Aquisição de valores desfavorecendo a outrem. Avidez possessiva.	d = –	Resignação em favor de todos os homens. Fidelidade.
	m = +	Apoiar-se numa determinada pessoa, família, raça, classe nação e incapacidade de ligar-se à humanidade.	m = –	Separar-se de uma pessoa, família, raça, classe, nação, etc. Infidelidade.

As necessidades humanas podem ser agrupadas do seguinte modo:

I. *Grupo dos fatores pulsionais espirituais humanos:*

(1) o difusor do *Humanum*, o ego espiritual:	{ *p* = positivo
(2) o amor coletivo, predisposição para a cultura:	{ *h* = negativo
(3) o autodomínio com *adaptação*:	{ *k* = ambivalente *k* = negativo

II. *Grupo dos fatores ético-humanos:*

(1) a justiça coletiva:	{ *e* = positivo
(2) o autodomínio coletivo, cavalheirismo, sacrifício, predisposição para a civilização:	{ *s* = negativo
(3) a renúncia:	{ *d* = negativo

Com base nessas pesquisas, compreendemos que:

1. É mais fácil para o ser humano civilizar-se "eticamente" do que humanizar-se "espiritualmente".

2. Tanto o processo de civilização mediante a ética quanto a humanização espiritual são fenômenos parciais da humanização das pulsões. Ambas as formas fenomênicas são condicionadas pelos genes; seus fundamentos gênicos são heterogêneos.

3. Como consequência, as formas fenomênicas da humanização em cada ser humano dependem da combinação individualmente variável dos fatores ético-civilizadores e espiritualmente-humanizadores.

4. Os impulsos que podem manifestar-se de forma ético-humana são os mesmos que os resultados das pesquisas com gêmeos apontaram como mais facilmente influenciáveis: (1) agressão (*s*); (2) acumulação de raiva, ódio, ira, vingança, inveja e ciúme (*e*); (3) desejo de apropriação, cobiça (*d*).

5. Sob o efeito de uma educação favorável podem surgir, em vez da agressão, o cavalheirismo, a capacidade de sacrifício e,

eventualmente, a humildade, no lugar da "maldade" (raiva, ódio, ira e vingança) de Caim. Por fim, a bondade, a justiça, a compaixão do piedoso Abel, ou seja, a resignação pode ocupar o lugar da ambição.

6. As necessidades que determinam o fundamento pulsional do comportamento espiritual-humano correspondem aos fatores mais difíceis de serem influenciados. São eles: a expansão do ego (*p*), a egodiástole, o autocontrole com adaptação simultânea (*k*) e, finalmente, a ternura materno-feminina, o feminino original (*h*).

Com isso, chegamos à última seção de nosso tema: como influenciar as pulsões por meio da psicoterapia?

3.4 Tratamento das pulsões

1. Com o auxílio do diagnóstico experimental da pulsão,[10] examinou-se o efeito da sonoterapia, mas, sobretudo, da terapia de choque elétrico,[11] insu-

---

[10] Trata-se do teste criado por Szondi e que leva o seu nome. No formato de experiência de escolha de fotografias de pessoas, visa explorar as variáveis individuais das funções pulsionais e do ego. O resultado do teste permite fazer um diagnóstico dos planos de destino do indivíduo: descobrir as intenções e tendências manifestas do seu destino individual; verificar quais são suas principais possibilidades de existência; elaborar um prognóstico de destino e o plano da terapia destinoanalítica. O teste pretende apreender possibilidades de existência, e não tanto fazer um diagnóstico. Sobre isso, ver F. Jüttner, *Schicksalsanalyse in Zusammenfassungen*. Stiftung Szondi-Institut, 2003; L. Szondi, *Schicksalsanalyse*. Basel, Schwabe & Co. AG Verlag, 1996; L. Szondi, *Lehrbuch der experimentellen Triebdiagnostik*. Bern-Stuttgart-Wien, Verlag Hans Huber, 1972, vol. 1. (N. R. T.)

[11] A eletroconvulsoterapia (ECT) é um tratamento psiquiátrico no qual são provocadas alterações na atividade elétrica do cérebro por meio de passagem de corrente elétrica, atualmente sob condição de anestesia geral. Existe grande desconhecimento acerca desse tratamento, sobre o qual existe muito preconceito. A corrente denominada "antipsiquiatria" faz muitas críticas à adoção da ECT como procedimento psiquiátrico, embora esta tenha sido o primeiro tratamento comprovadamente eficaz para transtornos psiquiátricos. A ECT surgiu no final dos anos 1930 como um possível tratamento para a esquizofrenia. Com o passar do tempo, observou-se

línico e de Cardiazol,[12] em doentes mentais. Verificou-se experimentalmente que, nos esquizofrênicos não demasiado idosos, o ego humano "sadio" permanece totalmente intacto. Ele fica à espreita no plano de fundo, aguardando o momento oportuno, por exemplo sob o efeito do choque, para entrar em cena, após a expulsão do outro, do ego esquizofrênico "insano".

A sonoterapia, assim como o efeito do choque, provoca uma mudança, uma alternância na manifestação das duas estruturas pulsionais, frequentemente em polaridades opostas e em luta constante. Trata-se de uma comprovação empírica da hipótese, segundo a qual *tanto o inumano quanto o humano estão simultaneamente presentes em nós, sendo que o ego "escolhe" o inumano,* no caso das psicoses, *e o humano,* sob o efeito da sonoterapia ou do choque. No entanto, os dois efeitos conseguem atrair para o palco a personalidade "sadia", ou seja, humana, apenas transitoriamente.

Como fazer para que o ego que toma posição conceda um voto de confiança permanente à personalidade humana? Aqui estamos, ainda, diante de um mistério insolúvel.

Talvez o caminho para a solução desse mistério possa ser mostrado pelo tratamento das neuroses por meio da psicologia profunda, que também visa, de maneira mais branda, resolver o mesmo mistério. *A confrontação catártica*

---

que era muito mais eficaz para o tratamento da depressão. Com o surgimento dos psicofármacos, acreditou-se que a ECT seria abandonada (como aconteceu com a insulinoterapia), mas, após um período de declínio no seu uso, ela foi retomada e sua técnica bastante aprimorada, com a introdução da anestesia geral, por exemplo. Nos Estados Unidos, aproximadamente 50.000 pessoas por ano são submetidas à eletroconvulsoterapia. Taxas igualmente elevadas são observadas em outros países desenvolvidos. No Brasil não há estatísticas a respeito do seu uso. Sobre o assunto, ver W. Piccinini, "História da Psiquiatria: A Guerra do Eletrochoque (ECT)". *Psychiatry on-line Brazil,* vol. 11, n. 7, 2006, disponível em <http://www.polbr.med.br/ano06/wal0706.php>. (N. R. T.)

[12] O Cardiazol é um dos nomes do pentilenotetrazol, também conhecido como metrazol e pentetrazol. É uma droga empregada como estimulante da circulação e da respiração do cérebro. A descoberta de que altas doses dessa droga causam convulsão é atribuída ao neurologista e psiquiatra húngaro-americano Ladislas J. Meduna, em 1934. Embora fosse utilizada na convulsoterapia, sua eficácia nunca foi comprovada. A aprovação do uso dessa substância foi revogada pelo FDA, nos EUA, em 1982. (N. R. T.)

com o inconsciente, com os desejos inconscientes recalcados, durante a psicanálise, tem o mesmo efeito de choque que a choqueterapia com insulina, Cardiazol e eletricidade.

Aqui o "novo ego humano" é metodicamente fortalecido e fixado mediante novas identificações.[13]

2. O segundo problema discutível seria: a conscientização do conteúdo infantil recalcado *realmente bastaria para provocar*, em todos os casos, *uma mudança permanente na polaridade da personalidade?* Jung já afirmara anos atrás que muitas vezes é necessário realizar a confrontação, não só com o inconsciente individual infantil, mas, também, com o inconsciente coletivo.

A Análise do Destino admite a existência de três grupos de funções do inconsciente:

a. o *inconsciente individual*, pessoal, com o conteúdo infantil recalcado. A elaboração dessas funções faz parte da psicanálise freudiana;

b. o *inconsciente familiar*, pois as tendências pulsionais familiares latentes continuam a atuar dinamicamente como uma ameaça. O confronto e a reconciliação do indivíduo com os "ancestrais latentes" é, porém, a tarefa específica da terapia destinoanalítica;

c. o *inconsciente coletivo*, que é elaborado mediante o confronto com os arquétipos na psicologia dos complexos e na psicoterapia de Jung.

A psicanálise freudiana é a ontogênese; a Análise do Destino, a genética; e a psicologia dos complexos de Jung, a arqueologia do inconsciente.

Essas três linhas da psicologia profunda têm algo em comum, pois todas elas partiram da descoberta do inconsciente por Freud, que inaugurou uma nova era.

Ademais, as três linhas estão baseadas na mesma premissa básica: *a existência dos fenômenos recalcamento e transferência.*

Mas existem duas diferenças entre as três linhas:

---

[13] Ver "Psychoschock-Therapie". In: *Schicksalsanalytischen Therapie*. Bern e Stuttgart, Huber, 1963.

a. Cada uma dessas linhas pesquisa uma profundidade diferente da psique.

b. O método de pesquisa adotado difere dependendo da situação. Somente a ontogenia, a genética e a arqueologia do inconsciente, em conjunto, podem resultar na *totalidade psicologia profunda*. Somente a partir da integração das linhas de pesquisa independentes podemos sonhar com a revelação da totalidade da imagem das profundezas da psique.

c. Por fim, a última e mais embaraçosa questão é a seguinte: para a humanização das pulsões basta a conscientização das tendências pulsionais latentes, infantis, familiares ou coletivas? A Análise do Destino nega tal alegação. Para que as tendências pulsionais ameaçadoras possam ser vividas de forma humanizada não basta conscientizar-se das vivências traumáticas latentes. É necessário favorecer, de alguma maneira, a satisfação das tendências ameaçadoras que foram conscientizadas, pois a conscientização delas jamais corresponde à sua satisfação. *Uma necessidade pulsional se torna inofensiva somente quando ela é satisfeita.* Esse é o motivo pelo qual a Análise do Destino atribui grande importância à escolha da profissão, das amizades e do amor.

No livro *Schicksalsanalyse*,[14] publicado em 1944, chamamos a atenção sobre as estreitas relações existentes entre profissão e hereditariedade. Queremos salientar, mais uma vez, que uma escolha profissional condizente com o inconsciente familiar frequentemente promove a cura mais eficaz e duradoura das pulsões doentias. Recentemente conhecemos, por exemplo, dois sobrinhos de um assassino. Um deles tornou-se açougueiro, e o outro, cirurgião. Ou, na Hungria, a filha de um carrasco tornou-se freira. A irmã de um matricida tornou-se missionária. O pai de um morfinômano, que durante o tratamento revelou ter como fetiche calcinhas de mulher, possuía uma confecção de calcinhas nos Estados Unidos, etc. São exemplos de como se pode viver a estrutura pulsional familiar ameaçadora de maneira socializada, na profissão.

[14] L. Szondi, *Schicksalsanalyse.* Basel, Bemmo Schwabe, 1944.

O mesmo é válido em relação à escolha dos amigos. O papel da amizade no destino do indivíduo ainda não foi suficientemente avaliado do ponto de vista pulsional-psicológico. O amigo (ou amiga) cumpre a função pulsional-psicológica de completar o "triângulo biológico do destino" representado por pai, mãe e filho ou filha, após a separação dos pais. Sem esse complemento, o ser humano se sente como que "amputado". Algo lhe falta, algo é constantemente buscado para que possa preencher essa "lacuna". Caso não obtenha êxito, pode viver em permanente busca, correndo sério risco de tornar-se dependente.

Na Análise do Destino procuramos comprovar em detalhe de que maneira a escolha amorosa protege dos perigos da pulsão.

O médico, o psicólogo profissional e o educador deveriam atuar como "parteiros" que ajudam no processo de trazer à luz, *de maneira socializada,* os desejos pulsionais que ameaçam o indivíduo e a sociedade nas profundezas da psique.

3.5 Conclusão

Nas discussões reconheceu-se a utilidade da Análise do Destino como novo método terapêutico e, ainda, a aplicação do diagnóstico experimental da pulsão na psiquiatria e no diagnóstico da profissão. Contudo, foram rejeitadas a teoria gênica do destino e das pulsões – que serviram de base tanto para a terapia destinoanalítica como para o diagnóstico experimental do destino. O analista do destino, porém, considera que as escolhas são condicionadas pela pulsão, não só no amor, na amizade e na profissão, mas, também, na seleção das teorias que embasam o trabalho científico. Com muita frequência uma hipótese de trabalho é admitida ou rejeitada por simpatia ou antipatia pessoal, sem que tenham sido realizadas verificações empíricas suficientes antes da tomada de posição. A "escolha da teoria", nesses casos, é puramente subjetiva e depende exatamente da estrutura individual instintiva do contestante. O destino da teoria gênica da pulsão é o mesmo da "teoria de Édipo",

de Freud. Ambas são chocantes. É compreensível que as pessoas fiquem chocadas ao ouvir que não são responsáveis pelas próprias escolhas, mas que estas são dirigidas pela presença latente de seus ancestrais doentios. Enquanto o ser humano não tiver a coragem de aceitar uma explicação objetiva de seu próprio destino à luz de uma análise do destino, ele sempre ficará chocado com a teoria gênica, resistirá a ela e a rejeitará. O mesmo aconteceu, de início, com a psicanálise. Devemos, pois, aguardar tranquilamente o efeito do choque e, somente depois de superada a resistência, será possível chegar-se a um posicionamento objetivo.

PARTE 4

O EGO

Capítulo 4

O Ego "Pontifex"[1]

4.1 O EGO COMO CONCILIADOR DE TODOS OS ANTAGONISMOS

Os conceitos, assim como os seres humanos, também têm seus destinos. Fazendo um retrospecto da trajetória do conceito de ego nos últimos três milênios, surpreendemo-nos, em primeiro lugar, com a extensão das possibilidades de destino desse conceito. O que o ego representou ao longo do tempo! Ele foi Deus, criador e senhor do universo, o dirigente interior imortal; foi o próprio corpo, a classe social, a propriedade, o ambiente, o nome próprio, a alma de tudo que age e se movimenta no mundo; foi o espírito, a substância metafísica; foi um feixe de percepções, representações e vivências; foi juízo e memória; sujeito e transcendência do estar-no-mundo; foi parte do inconsciente, órgão de defesa, pulsão não libidinosa, objeto sexual, o reservatório primitivo da libido, o ideal do ego, um sistema de censura, a potência garantidora contra a impotência,

---

[1] Palestra proferida na Schweizerischen Arbeitsgemeinschaft für Schicksalspsychologie, 1955. "Perspektiven der Zukunft". Oktober, 1967. Freiburg i. Br. [Como parte da bibliografia deste ensaio constam: E. Wellek, *Die Polärität im Aufbau des Charakters.* Bern, Francke AG; R. Guardini, *Der Gegensatz.* Mainz, Matthias-Grünewald-Verlag, 1955; L. Szondi, *Triebpathologie.* Bern und Stuttgart, Hans Huber, p. 368; J. Winthuis, *Das Zweigeschlechterwesen.* Leipzig, Hirschfeld, 1928.]

a vontade de poder; foi o centro da consciência e uma parte da totalidade da psique, o próprio *self*.[2]

Devemos interpretar tudo aquilo que foi considerado objeto e função do ego ao longo do tempo sempre como realização e objetivação de processos inconscientes, como projeção de processos coletivos vindos do inconsciente e, com isso, considerar seriamente todas as definições que surgiram em cada momento, isto é, aceitá-las como realidades psíquicas. Assim, alcançamos o significado *integral* do ego.

Em outras palavras, o ego, de fato, na qualidade de portador e transmissor do passado, tem relação estreita com Deus, com o criador do mundo e dirigente interno, com o espírito e com a natureza pulsional corpórea, com a onipotência e com a impotência, com o julgamento (censura) e com a memória. Está estreitamente ligado ao feixe de funções e também às unidades funcionais, às pulsões libidinosas e não libidinosas, à masculinidade e feminilidade, à consciência e ao inconsciente, ao corpo e à alma, à vigília e ao sonho, a este lado e ao além.

Nas transmutações históricas do ego, isto é, na escolha dos conteúdos e funções que preencheram de significado o conceito de ego, a Análise do Destino leva em consideração os comportamentos de escolha entre os pares opostos de funções e objetos que habitam o inconsciente e nele se movem antagonicamente de modo dinâmico-dialético.

Semelhante ao historiador moderno, o analista do destino considera que, na história – assim como no destino de cada um –, um acontecimento decisivo, uma ação, um julgamento diretivo, um ponto de vista e um modo de pensar jamais são obra do puro acaso. Tudo o que acontece na história da humanidade, assim como no destino de cada indivíduo, é duplamente determinado. Essa dupla determinação significa que *o destino não está subordinado apenas à lei da causalidade* – como aceitava o materialismo histórico –, mas está sincronicamente sujeito à corrente contígua das consequências do "*princípio*

---

[2] *Self* no sentido de si mesmo. (N. R. T.)

da totalidade",[3] ou seja, à *finalidade*, à lei do plano de vida do indivíduo e da humanidade, de uma maneira geral. Sem o plano de vida, o conceito de destino nada mais é que uma casca de ovo sem conteúdo. Segundo a Análise do Destino, a história da humanidade e do indivíduo – enquanto destino – é sempre o resultado de duas leis opostas. É o resultado final das leis da causalidade e da finalidade, ou seja, do princípio da totalidade. Tanto a existência do indivíduo quanto da humanidade estão baseadas numa *estrutura de opostos*. Os polos opostos estabelecem uma relação dicotômica entre si.

A primeira relação de oposição é *complementar*, a segunda é *contraditória*, na qual os antípodas se excluem mutuamente. As polaridades psíquicas são quase todas de natureza complementar. Elas se completam alternadamente. Os pares de opostos contraditórios excluem-se mutuamente e, por esse motivo, o indivíduo jamais consegue integrá-los, devendo escolher sempre um dos componentes do par. Por exemplo, "escolher" o ser, a vida, e renunciar ao não ser, ou seja, ao suicídio.

Sob esse aspecto se aclara a diferença entre integração e escolha. A *integração*, a complementação das polaridades em um todo, é a solução ideal para as oposições complementares. Quando o indivíduo soluciona as polaridades complementares de sua psique (por exemplo, a masculinidade e a feminilidade, as pretensões de Caim e Abel, etc.) com a escolha de uma pretensão e o recalcamento da outra, essa forma de solução pode de fato ser socialmente favorável para a coletividade, embora represente uma ameaça para a própria pessoa. Somente a integração, a complementação dos antípodas coexistentes, permite solucionar a questão de maneira ao mesmo tempo favorável para a coletividade e para o indivíduo. A escolha de um antípoda é correta somente em se tratando de polaridades contraditórias. Para a psicologia interessam primeiramente os pares opostos complementares. Estes não estão separados um do outro, portanto não estão independentes, estaticamente, sem qualquer

[3] Um dos princípios da dialética, segundo o qual tudo está relacionado. A natureza é um todo coerente, no qual objetos e fenômenos estão ligados entre si, condicionando-se reciprocamente. (N. R. T.)

relação, mas os polos opostos "*vivem*" juntos em uma "coexistência complementar" e alternada.

Essa coexistência complementar e alternada de polos na vida corpórea e psíquica significa que:

1. os polos opostos se movimentam *dialeticamente*, sempre em oposição;
2. existe uma colaboração constante, uma cooperação recíproca, entre os dois polos de um par de opostos;
3. através dessa coexistência e cooperação complementares das polaridades configuram-se, tanto no mundo físico quanto no psíquico, todas as estruturas com suas qualidades peculiares;
4. caso a tendência à complementaridade dos polos opostos seja interrompida ou perturbada, o indivíduo e a humanidade estarão expostos ao risco de uma catástrofe.

Se considerarmos a instância do ego sob o aspecto da coexistência complementar e da cooperação dos polos opostos, chegaremos às conclusões a seguir.

Na psique, emoções, tendências e ideias contraditórias encontram-se em movimento ininterrupto, como o ímpeto de expandir-se onipotentemente como Deus (egodiástole) e, ao mesmo tempo, restringir-se aos limites da existência humana (egossístole). Ou o ímpeto de atingir a perfeição espiritual e, concomitantemente, desejar satisfazer a natureza pulsional. Ou pretender ser ao mesmo tempo homem e mulher, isto é, alcançar a plenitude da natureza andrógina.[4] Ou ter a necessidade de objetivação e, ao mesmo tempo, de subjetivação de um processo psíquico interno. Ou desejar sintetizar tudo num feixe complexo e, ao mesmo tempo, ser capaz de considerar e viver uma função isolada desse feixe. Ou ter o ímpeto para a conscientização de processos inconscientes e, simultaneamente, de tornar novamente inconsciente o que era consciente e assim conservá-los permanentemente no inconsciente.

[4] L. Szondi, *Triebpathologie.* Bern und Stuttgart, Hans Huber, p. 368; J. Winthuis, *Das Zweigeschlechterwesen.* Leipzig, Hirschfeld, 1928.

Esses, como todos os outros pares de opostos não enumerados aqui, vivem juntos no ser humano, numa coexistência e cooperação recíprocas que se completam mutuamente.

***

Caso isso seja assim na realidade psíquica, temos que admitir a existência de uma instância superior, de uma administração central da psique, que tenha a incumbência apartidária do *consensus partium* e exerça a função de "buscar o consenso" entre os opostos.

Isto quer dizer que *temos de instituir uma instância conciliadora acima dos pares de opostos* que, de um lado, reúna e conserve intacta a cooperação recíproca e complementar das polaridades, que corresponda ao significado de *consensus partium* e que, do outro, tal instância deveria ser uma instância complementar, distribuidora de poder e organizadora, que assumisse a tarefa, a incumbência, de supervisionar e superar as polaridades e exercesse a função da complementação, de completar as polaridades. A psicologia do destino define o ego como construtor de pontes, superador de todas as polaridades psíquicas, afirmando que *o ego é o Pontifex Oppositorum.*

O ego é, portanto, o distribuidor de poder, o organizador e administrador da coexistência e da cooperação complementares dos polos opostos da psique consciente e inconsciente.

O ego socializa e sublima, individualiza e humaniza todas as polaridades da natureza pulsional. O *ego é a ponte que permite superar todas as polaridades existentes no interior da psique.* O ego é o múltiplo e complexo eixo da roda do destino, em cujos polos se encontram os pares de opostos psíquicos.

Isto quer dizer que o ego não é o Deus onipotente ou o ser humano impotente; é a ligação entre Deus e o ser humano.

O ego não é espírito nem natureza; é a ponte entre espírito e natureza pulsional.

O ego não é objeto nem sujeito; é o mediador entre objeto e sujeito.

O ego não é um feixe de funções nem uma função especial independente; é a mão que une num feixe as funções isoladas.

O ego não é homem nem mulher; é a ligação entre homem e mulher em nós.

O ego não é o centro da consciência nem uma parte do inconsciente; é o eixo em cujos polos estão afixados a consciência e o inconsciente.

O ego não é somente vigília nem somente sonho; é a ponte entre vigília e sonho.

O ego não é este lado nem o que está além: é a ponte entre este lado e o além.

Mas como é possível que uma única instância seja capaz de conciliar e integrar todas as polaridades?

As condições prévias da atividade de *Pontifex* do ego são:

1. *transcendência,* ou seja, a capacidade de passar de um domínio para outro;
2. *integração,* isto é, a capacidade de restabelecer a totalidade a partir das suas partes complementares;
3. *participação,* ou seja, ser capaz de ser uno, de ter um quinhão no outro, nos seres humanos e nas coisas, no mundo e em tudo.

Portanto, o conceito de ego, enquanto *Pontifex Oppositorum,* deve ser definido como uma instância transcendente, integradora e participativa.

Somente desse modo o ego pode atuar como instância integradora.

À antiquíssima questão dos Upanixades – "O que é teu eu?" –, podemos agora responder numa linguagem atual:

É o que torna o homem semelhante à divindade e que torna Deus semelhante ao ser humano: isso é o teu ego.

É o que distribui as forças e os poderes da psique entre as instâncias do ser ávidas de poder: isso é o teu ego, aquele que distribui o poder.

É o que carrega todas as polaridades da psique, como uma poderosa roda com muitos eixos: isso é o teu ego, o *Pontifex Oppositorum,* o construtor de pontes entre todas as polaridades.

É o que move os pares de opostos da psique em direção uns aos outros, que os obriga a complementarem-se reciprocamente: isso é o teu ego, o complementador e construtor da totalidade.

É o que leva o homem à perfeição, à união de homem e mulher, à perfeita androginia: isso é o teu ego, o esforçado aspirante à perfeição.

É o que estimula o inconsciente à conscientização e que novamente recalca o consciente no inconsciente: isso é o teu ego, o conscientizador e recalcador.

É o que liga o corpo à psique, a vigília ao sonho, este lado ao além: isso é o teu ego, *que está sempre a caminho.*

Ser Deus e ser humano, ser humano e ser animal, ser na natureza corpórea e ser no espírito, ser no homem e ser na mulher, ser no consciente e ser no inconsciente, ser na vigília e ser no sonho, ser deste lado e ser no além, tudo isso são atitudes e posições escolhidas pelo ego na ponte de comando da psique; são apenas modalidades parciais e episódicas da existência, possibilidades de destino, de ser-ego.

Ser-ego é o início e o fim da existência, ou melhor, da existência humana. A existência sem o ser-ego corresponde ao ser-animal, ao ser-planta ou ao ser-pedra. Disso resulta a exatidão da afirmação:

O nascimento do ego corresponde, de certo modo, ao nascimento da psique humana. E mais que isso: é o nascimento do ser-humano de uma maneira geral – em contraposição a ser-animal.

Capítulo 5

Uma nova orientação para a questão da cisão do ego[1]

5.1 Generalidades sobre as cisões do ego

O fenômeno a que, em 1911, Bleuler deu o nome heurístico de "cisão" (do ego)[2] já figurava na literatura existente com diferentes denominações, tais como "dissociação", "desintegração da consciência" (Gross), "disjunção" (Wernicke). Hoje esses termos desapareceram. E a expressão homônima "cisão da consciência de si" (Foersterling), que significava um aumento da perturbação psicomotora, não era muito útil. Foi somente graças a Bleuler – que estabeleceu um fundamento sólido para a psiquiatria rebatizando a *dementia praecox* (Kraepelin) de esquizofrenia, uma psicose da cisão – que obtivemos uma clara conceituação da cisão do ego.[3]

Bleuler distinguia dois tipos de cisão: uma *primária*, na qual associações de pensamentos concretos originais, firmemente ligadas, são cindidas. Uma *secundária*, na qual um complexo de ideias com carga afetiva se separa gradativamente, alcançando uma crescente autonomia na vida.

Com a denominação de "esquizofrenia", Bleuler procurava se referir aos dois tipos de cisão, pois frequentemente se fundem num só. Segundo Bleuler,

---

[1] Medizinische Klinik. 48.59. *Jahrgang*, 27. November 1964.

[2] E. Bleuler, *Dementia proecox oder Gruppe der Schizophrenien*. Leipzig, Leipzig-Wien, 1911.

[3] Ibidem.

a esquizofrenia é caracterizada, especialmente, por (1) *ausência de inibição* e (2) *autismo*. Devido à ausência de inibição, ideias incompatíveis podem coexistir. (Por exemplo, o esquizofrênico pode ver, simultaneamente, numa mesma pessoa, tanto o seu inimigo NN, como o médico XY.) Como consequência do autismo, o paciente substitui a realidade, desagradável para ele, por um mundo irreal desejado.

Duas outras importantes afirmações de Bleuler ficaram quase esquecidas até agora. Afirmou, em primeiro lugar, que os fenômenos de cisão não são próprios somente da esquizofrenia; *a psique sadia, tanto na vigília quanto no sonho, também pode cindir o seu ego*. Assim, segundo Bleuler, a cisão esquizofrênica deveria ser entendida simplesmente como o exagero de um fenômeno fisiológico cindidor. E, em segundo lugar, que a cisão fisiológica dos complexos, em determinadas circunstâncias, também pode acarretar cisões histéricas, epiléticas, autísticas e paranoides. Consequentemente, fenômenos de cisão também podem surgir em outras doenças mentais. Segundo Bleuler, o esquizoide apresenta cisão demais; o sintônico, na medida exata; e o epilético, pelo contrário, cisão de menos.[4]

Com base nessas duas memoráveis afirmações de Bleuler, que ainda não foram pesquisadas, estudamos a questão da cisão do ego em indivíduos de povos primitivos e civilizados, sadios e doentes mentais, entre os anos de 1937 e 1963, por meio da análise experimental do ego,[5] da observação clínica e, em parte, também pela psicoterapia analítica e análise dos sonhos.[6] A Tabela 5.1 apresenta uma visão geral dos dados da pesquisa.

Os resultados da análise experimental do ego, sobre os quais discorremos no livro *Experimentelle Triebdiagnostik*,[7] possibilitaram a verificação do processo normal de evolução das funções do ego. Os resultados obtidos com a população de pacientes (*Ich-Analyse*, 1956)[8] permitiram verificar para que estágio prévio da cisão o ego dos pacientes de diferentes grupos costuma regredir

---

[4] F. Minkowska, *Arch. D. Julius Klaus St.* Zürich XII. (1937), H. 1/2.

[5] L. Szondi, *Experimentelle Triebdiagnostik*. Bern, Huber, 1947.

[6] L. Szondi, *Schicksalsanalytiche Therapie*. Bern, Huber, 1936.

[7] L. Szondi, *Experimentelle Triebdiagnostik*. Bern, Huber, 1947.

[8] Idem, *Ich-Analyse*. Bern, Huber, 1956.

com maior frequência. Essas análises experimentais do ego, realizadas em 3.341 casos, nos estimularam a idealizar uma *Teoria Funcional do Ego,* que auxiliou na elaboração de uma nova orientação para a questão das cisões do ego.[9]

TABELA 5.1: VISÃO GERAL DOS DADOS DA PESQUISA

		Nº de casos
A. Negros selvagens, primitivos		100
B. Homens civilizados (da infância à velhice)		2.154
Destes		
1. Idade do negativismo	3-4 anos	75
2. Idade de jardim de infância	5-6 anos	150
3. Idade escolar	7-8 anos	100
4. Pré-puberdade	9-12 anos	125
5. Início da 2ª puberdade	13-16 anos	200
6. Fim da 2ª puberdade	17-18 anos	175
7. Idade da escolha da profissão	19-20 anos	100
8. Adolescência	21-30 anos	300
9. Idade de constituir família	31-40 anos	300
10. Menopausa	41-60 anos	250
11. Início da velhice	61-70 anos	250
12. 3ª idade	71-80 anos	84
13. Velhice	81-90 anos	45
	Total	2.154
C. *Doentes Mentais*		
1. Enfermos delirantes		250
2. Psicóticos alucinados		40
3. Melancólicos		63
4. Maníacos (hipomaníacos ou maníaco-depressivos)		35
5. Epiléticos		156
6. Com sexualidade anormal		327
7. Psicopatas		90
8. Neuróticos		196
	Total	1.087

[9] L. Szondi, *Schicksalsanalytiche Therapie.* Bern, Huber, 1936.

5.2 Cisões do ego à luz da teoria funcional do ego

Segundo essa teoria, o ego não é um órgão anatomicamente localizável, nem um aparelho psíquico (Freud),[10] mas um conjunto de quatro funções egoicas elementares, que denominamos *radicais do ego.* Esses quatro radicais congênitos do conjunto funcional chamado "ego" são:

1. *participação,* isto é, a busca da unidade e da igualdade com outro. Ela conduz à formação de unidades binárias, por meio da projeção do poder do ego. É a vivência do ego no outro (unidade mãe-criança, clã-solidariedade). Após a desintegração dessa unidade binária, essa busca passa a funcionar como *projeção secundária,* colocando o poder do ego nas outras pessoas, que passam a prejudicar ou até a perseguir o próprio indivíduo. Também corresponde ao estado de impotência dentro do ego, no caso da *paranoia projetiva* (mania de perseguição);

2. *inflação,* isto é, a busca do ego pela duplicação do seu poder, *querer ser ambos-e-tudo,* a "ambitendência", na acepção de Bleuler. Também recebe a denominação de inflação a obsessão por duas *tendências opostas,* que correm sincrônica e paralelamente, porém sem se unirem ou excluírem mutuamente. Essa função corresponde ao conceito de *cisão primária* (Bleuler). A consequência da inflação também poderia ser denominada "autismo no ser", cujo conteúdo pode variar de pessoa para pessoa e de tempos em tempos. Por exemplo, desejar ser simultaneamente homem e mulher, demônio e anjo, senhor e servo, criança e general, ser humano e animal. Denominamos essa função, apoiando-nos em Jung, de inflação, predominante na *paranoia inflativa* (megalomania);

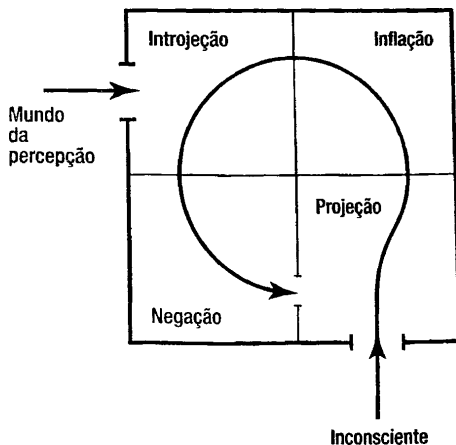
3. *introjeção,* isto é, o desejo original do ego de tomar posse, de incorporar e capitalizar objetos de valor, ideias de valor e todo conteúdo de valor e de poder do mundo exterior e interior. Em resumo: *o desejo de ter tudo e de saber tudo.* A função fisiológica da introjeção é servir de ponte entre a percepção do mundo exterior e interior.

[10] S. Freud, *Ges. W.* XVII. London, 1941.

A forma doentia é o *autismo em relação à posse*, isto é, o "pensamento mágico", na acepção de Bleuler, no caso da esquizofrenia;

4. *negação*, ou tendência elementar do ego para esquivar-se, para a negação, a inibição, o recalcamento. A forma doentia é denominada negativismo, desvalorização de tudo, desespero, destruição egocêntrica, a autodestruição na catatonia, no vício e no suicídio.

Na psicopatologia, os quatro radicais funcionais jamais foram integrados num conjunto funcional denominado "ego", tendo sido sempre considerados de maneira isolada e independente. Mas a análise experimental do ego provou, finalmente, que essas quatro funções elementares estão interligadas na sucessão regular de um movimento circular (Figura 5.1). São como "estações", tanto no desenvolvimento do ego quanto na vida posterior do ego, que devem ser percorridas por todas as manifestações pulsionais, por todas as percepções internas ou externas, e representações que afloram no psiquismo. Já em 1947 pudemos comprovar que o desenvolvimento fisiológico do ego percorre o mesmo caminho do circuito do ego: (1) participação-projeção; (2) inflação; (3) introjeção; (4) negação ou adaptação.[11]

FIGURA 5.1: EXPOSIÇÃO ESQUEMÁTICA DO MOVIMENTO CIRCULATÓRIO DO EGO

[11] L. Szondi, *Experimentelle Triebdiagnostik*. Bern, Huber, 1947.

Esse circuito adquire, justamente na patologia do ego, uma importância especial. Pudemos demonstrar que cada cisão do ego é decorrente da paralisação do movimento circular em uma determinada "estação", ou seja, numa função elementar do ego. Esse fato pode ser formulado de outra maneira.

As cisões do ego não têm origem na divisão de "conteúdos", mas na falha, na paralisação de determinadas funções elementares. A natureza especial das funções do ego que permanecem após o desligamento e que passam a ser empregadas de maneira exagerada também determina, sempre, a natureza específica dos sintomas psiquiátricos. Se quisermos continuar mantendo a expressão "cisão", devemos falar de "cisão das funções elementares ou das tendências elementares do ego". No entanto, as funções cindidas desaparecem apenas do primeiro plano. Na verdade, elas permanecem intactas no plano de fundo, podendo, ocasionalmente, reintegrar-se ao circuito do ego ou ocupar sozinhas o palco da vida egoica, através da inversão das partes cindidas.[12]

Dessa teoria do ego sobre o circuito das quatro funções elementares do ego também fazem parte dois conceitos conhecidos, mas que aqui passam a ter um significado especialmente importante: integração e desintegração.

Nessa teoria do ego, a *integração* é entendida como um estado em que, via de regra, as quatro funções elementares percorrem seu circuito sem ficar paradas durante muito tempo, ou seja, sem falhas, independentemente da qualidade do conteúdo psíquico atual. Isso significa que a vida egoica estará integrada quando todos os seus conteúdos – sejam eles manifestações pulsionais ou representações e ideias – percorrerem seu circuito, da projeção à inflação, desta para a introjeção e da introjeção para a negação. Na integração não deve faltar nenhuma das quatro funções elementares. Todas elas podem entrar em de ação.

A *desintegração*, ao contrário, corresponde ao estado no qual todas as quatro funções elementares estão paralisadas e, com isso, os conteúdos psíquicos da "ausência do ego", ou seja, do *estado crepuscular*, ocorrem inevitavelmente (por exemplo, os ataques crepusculares em epiléticos).

[12] L. Szondi, *Schicksalsanalytische Therapie*. Bern, Huber, 1936.

Com essa teoria do ego puramente funcional, que examina, em primeiro lugar, as cisões das funções do ego, e não os conteúdos deste – ao contrário de Freud[13] –, procuramos responder às seguintes questões: *como se dá a cisão das quatro funções elementares do ego nos diferentes grupos: (A) no ego de indivíduos primitivos, (B) no ego de civilizados e (C) no ego de diferentes doentes mentais?*

5.3 Cisões do ego nos primitivos

O arquivo da *Internationale Forschungsgemeinschaft für Schicksalspsychologie* [Sociedade Internacional de Pesquisa da Psicologia do Destino], em Zurique, dispõe de mais de cem análises experimentais do ego (com o Teste de Szondi) referentes a povos selvagens da África Equatorial. Foram realizadas por Percy, então médico-chefe do Albert Schweitzer, mediante exames feitos nos acompanhantes sadios dos doentes que estavam em tratamento no hospital da floresta virgem, em Lambarene. Todos os examinandos viviam na selva e não tinham sido civilizados. Entre eles havia membros das tribos mais primitivas, como Fang, Galoa, Akele, Massango, N'komi e Eshira. De cem negros, 42 apresentaram o tipo de cisão total projetiva-participativa; 72% deles apresentavam uma combinação de cisões, com predomínio da projeção.

A cisão do ego desses primitivos era idêntica àquela que, considerando as pessoas civilizadas, encontramos apenas em paranoicos projetivos com mania de perseguição, ilusão, delírio egocêntrico e prejuízo do julgamento.[14] Entretanto, os cem negros examinados – também na condição de membros de uma sociedade tribal selvagem – eram *indivíduos totalmente sadios e não esquizofrênicos. Mas, ainda assim, do ponto de vista da psicologia do ego, apresentavam cisões do ego* justamente porque vivenciavam exageradamente a função da participação projetiva, nesse caso sob a forma de uma acentuada solidariedade com o clã. E, sobretudo, na unidade com seus animais totêmicos e suas plantas totêmi-

---

[13] S. Freud, *Ges. W. XVII.* London, 1941.

[14] L. Szondi, *Ich-Analyse.* Bern, Huber, 1956.

cas, ou seja, na sua religião. A anulação das outras três funções do ego – tão importantes para o ser humano civilizado –, a saber, inflação, introjeção e, em especial, negação, não havia adoecido sua psique primária. Esses resultados comprovam duas coisas: primeiro, que Bleuler tinha razão quando admitia que as cisões são *fisiológicas*, mesmo nos homens primitivos. Segundo, que, nos primitivos, a projeção total pode conduzir a uma forma sadia de solidariedade com o clã e também à religião totêmica, ao passo que a mesma cisão do ego conduz a delírios e alucinações nos povos com cultura. O julgamento das consequências de uma projeção depende, portanto, de cada civilização.

5.4 Cisões do ego em civilizados

Teremos que abdicar da discussão sobre a cronologia do percurso evolutivo das cisões do ego por falta de espaço. Aqui vamos abordar somente as cisões do ego de dois grupos de adultos: o dos indivíduos comuns e o dos indivíduos mentalmente sublimados.

1. O indivíduo adulto comum divide o feixe de quatro funções elementares do seu ego de tal modo que, na vigília, vivencia apenas a parte cindida, constituída de projeção e negação. Essa parte cindida aparece como "adaptação social". Do ponto de vista da psicologia do ego, essa adaptação corresponde ao estado em que o ego renuncia (negação) aos desejos colocados no mundo (projetadas).

A outra parte cindida, *neutralizada* pelo indivíduo comum, compreende *o ser-tudo* (inflação) e o *ter-tudo* (introjeção). Para que possamos nos tornar indivíduos socialmente adaptados, temos que renunciar ao ter-muito e ao ser-muito. Essa adaptação geralmente tem início aos 9 ou 10 anos de idade. Em geral, na média da população, só paulatinamente ela atinge a frequência máxima (54,2%). A frequência da adaptação apresenta a seguinte curva ascendente: entre 13 e 20 anos de idade, 22%; 21-30 anos, 28,3%; 31-40 anos, 29,1%; 41-60 anos, 40,3%; 61-70 anos, 43%; 71-80 anos, 54,2%.[15]

[15] L. Szondi, *Experimentelle Triebdiagnostik*. Bern, Huber, 1947.

O passo evolutivo decisivo, do estágio primitivo para o civilizado, consiste, portanto, em *colocar em ação* a função egoica da negação e renunciar às projeções do desejo. Estas são plenamente satisfeitas pelo indivíduo selvagem – sem querer renunciar a essas projeções – no estado de vigília, como participação e unificação com o seu totem e seu clã, ao passo que o civilizado o faz apenas no sonho.

2. O *sublimado* põe todas as funções elementares do ego em ação num movimento circular contínuo. Todos os conteúdos da psique percorrem esse circuito, uma vez que os conteúdos do ego permanecem apenas momentaneamente, durante um curto espaço de tempo, em uma das quatro estações. O número de pessoas do grupo sem qualquer cisão do ego é muito pequeno. Com maior frequência encontramos o assim denominado "trabalhador intelectual compulsivo", que cinde somente a função da projeção, conseguindo manter sua obsessão (inflação) sob controle, e em parte realizando-a por meio do trabalho compulsivo.

5.5 Cisões do ego em doentes mentais

Nossas pesquisas confirmaram experimentalmente não só a tese de Bleuler relativa à existência de uma cisão fisiológica do ego em indivíduos primitivos e civilizados sadios, mas também sua concepção de que os fenômenos de cisão podem ocorrer tanto no grupo das esquizofrenias, como em doenças mentais de outro tipo.

Em uma amostra relativamente grande de doentes psiquiátricos (1.087 casos) provenientes de diversos países, pudemos separar oito tipos diferentes de cisões do ego e estabelecer sua relação especial com determinados quadros clínicos.

Na enumeração dessas oito formas de cisão a seguir, procederemos de modo a sempre indicar, em relação às duas partes cindidas do ego, as funções clinicamente atuantes e as cindidas, com suas respectivas manifestações clínicas e fisiológicas.

5.5.1 Formas de cisão no grupo das esquizofrenias

Neste grupo foram identificadas quatro formas diferentes de cisão do ego.

5.5.1.1 Primeira forma: cisão projetivo-paranoide

1. A parte cindida clinicamente atuante desencadeia apenas a projeção total. O quadro clínico aparece como: (a) paranoia projetiva, isto é, mania de perseguição, delírio egocêntrico, ilusão e prejuízo do julgamento; ou (b) paranoia de base epilética, segundo Buchholz (1895)[16] e Seidel.[17]

2. A parte cindida neutraliza a inflação, a introjeção e a negação no plano de fundo. Essa parte condiciona o assim chamado "ego trabalhador compulsivo", que pode se manifestar após um surto projetivo-paranoide. Não raro essas duas partes cindidas podem, rapidamente, trocar de posição, de modo que a fase paranoide mal possa ser notada.

A cisão projetivo-paranoide aparece no desenvolvimento psíquico como ego "participativo" precoce, sob a forma da unidade mãe-criança. Outrora, quando o "homem selvagem" ainda existia, encontrávamos a cisão projetivo-paranoide do ego em 42% dos primitivos, como citado anteriormente.

5.5.1.2 Segunda forma: cisão do ego inflativo-paranoide, inflativo-epileptiforme, histérico-inflativa e hebefrênica

1. A parte cindida clinicamente atuante desencadeia apenas a obsessão e a inflação. Seus sintomas clínicos são: a) megalomania, delírio religioso, erotomania, delírio querelante; b) surtos obsessivos epileptiformes com delírios assassinos ou religiosos; c) obsessão súbita histeriforme, teatral-patética e frequentemente imbecilidade hebefrênica com delírio de grandeza; d) vigarice hebefrênica; e) mania inflativa.

2. A parte cindida neutraliza a ação da projeção, da introjeção e da negação. Essa parte cindida frequentemente dissolve a obsessão, assumindo a

---

[16] A. Buchholz, *Über die chron. Paranoia bei epileptischen Individuen*. Leipzig, 1895.

[17] R. Ph. Seidel, *Experimentelle Existenzformenanalyse an einem Krankengut von 126 Epileptikern*. Zürich, 1962.

forma clínica de evasão epileptiforme (fuga), de movimentação constante e errante (poriomania), pequeno mal ou genuínos ataques epiléticos.

A cisão inflativa pode aparecer fisiologicamente em crianças de 5 a 6 anos de idade e, mais tarde, na segunda puberdade (17 a 18 anos de idade), como fuga.

5.5.1.3 Terceira forma: cisão do ego autística, introprojetiva e introjetiva

1. A parte cindida clinicamente atuante é o ego introprojetivo, desencadedor da projeção e da introjeção. Na psiquiatria, é denominada autismo. Do ponto de vista da psicologia do ego, o que acontece é o seguinte: os desejos inconscientes não são transferidos para as pessoas do meio ambiente – como no caso da paranoia projetiva –, mas para o próprio ego. Todos os desejos e suas exigências são incorporados, introjetados, ou seja, afirmados. Com isso, o indivíduo ultrapassa os limites da realidade, desenvolve pensamentos mágicos e age de maneira indisciplinadamente autista (Bleuler). No início da melancolia, o ego também sofre uma cisão autista. Mas, enquanto o esquizofrênico autista é onipotente em relação ao "ter", o melancólico se torna impotente devido à autodesvalorização e autorrecriminação, através de delírios de pecado e empobrecimento. Não obstante, ele é tão autista quanto o esquizofrênico, só que desenvolve ideias delirantes negativas, por meio das quais ultrapassa os limites da realidade.

2. A parte cindida neutraliza a inflação e a negação. Essas duas funções do ego condicionam o fenômeno da "inibição". Autismo e inibição são sintomas clínicos de partes cindidas em oposição. A análise experimental do ego[18] também pode confirmar aqui as afirmações de Bleuler. A cisão autista aparece, fisiologicamente, na fase do negativismo da criança.

Uma vez que, frequentemente, a cisão introjetiva pura, sem projeção, pode conduzir ao autismo, denominamos esta terceira forma também de cisão introjetiva. O oposto dela é a alienação (ver a quinta forma de cisão).

---

[18] L. Szondi, *Lehrbuch der exp. Triebdiagnostik.* Bern, Huber, 1960.

5.5.1.4 Quarta forma: cisão do ego negativo-catatônico

1. A parte cindida clinicamente atuante desencadeia nas psicoses somente a negação exagerada, a destruição; já nas neuroses ela desencadeia o recalcamento e a evitação neurótica.

O negativismo grave aparece clinicamente na esquizofrenia catatônica, no vício e no suicídio.

2. A parte cindida neutraliza a introjeção, a inflação e a projeção, isto é, as ideias delirantes projetivas, inflativas e introjetivas. Presumivelmente, a negação catatônica dos psicóticos corresponde a uma espécie de tentativa de cura espontânea da paranoia e do autismo. Nos neuróticos, o recalcamento assegura certa proteção contra a aceitação da feminilidade (homossexualidade) e do sentimento de abandono.

Fisiologicamente, a cisão de negação aparece sobretudo como recalcamento originário na segunda infância (3 a 6 anos de idade) e, depois, na pré-puberdade (9 a 12 anos).

As quatro formas de cisão discutidas aqui permitem distinguir quatro formas nosológicas no grupo das esquizofrenias:

(1) a paranoia projetiva; (2) a paranoia inflativa; (3) a esquizofrenia introjetiva, autista; (4) a esquizofrenia catatônica.

5.5.2 Formas de cisão no grupo das epilepsias

Como nota preliminar, devemos frisar que as perturbações epileptiformes do ego também podem aparecer clinicamente nos tipos de cisão esquizofrênica, pela inversão do movimento de rotação das partes cindidas. Os próximos dois tipos de cisão paroxística possuem uma conotação especial, pois elas são, primariamente, distúrbios epileptiformes do afeto, e não perturbações das funções do ego. O conteúdo desses distúrbios corresponde à mentalidade assassina de Caim. Essa inundação afetiva causa, secundariamente, as cisões do ego.

5.5.2.1 Quinta forma: alienação paroxística, condicionada pelo afeto

1. A parte cindida clinicamente atuante põe em ação, simultaneamente, três funções do ego: a negação, a inflação (junto com a inibição) e a projeção.

O fenômeno resultante é a alienação epileptiforme e hístero-epileptiforme. Caso a negação se transforme em autodestruição, surge o quadro clínico da alienação, caracterizado por crises episódicas de alcoolismo, suicídio e também, com frequência, por histeria e depressões crônicas.

2. A parte cindida neutraliza uma importante função do ego para o mundo perceptual: a introjeção. Na psicologia do ego, a alienação é definida como consequência de um desligamento da introjeção condicionado pelo afeto, ou seja, é resultado do desligamento da ponte perceptual entre o movimento para fora e para dentro. Com a cisão da introjeção, falham, também, todos os conteúdos incorporados: conhecimento, memória, representações mnemônicas, motoras e sensório-motoras. Já em 1911, Bleuler falava sobre a cisão dos afetos na esquizofrenia como um mecanismo de proteção, pois, caso a introjeção domine – sozinha – o quadro clínico, o autismo ocorre de fato.

Fisiologicamente, a alienação aparece na fase de transição do jardim da infância para a idade escolar (5 a 7 anos) e da adolescência para a idade adulta.

5.5.2.2 Sexta forma: cisão desintegrada, epileptiforme, com estados crepusculares

1. A parte cindida clinicamente atuante está totalmente separada do ego. Todas as quatro funções elementares estão temporariamente desligadas. Clinicamente, surge um estado crepuscular, crise de ausência, oral-petit-mal,[19] e frequentemente apenas desorientação ou mutação do ego.

2. A parte cindida situada no plano de fundo contém as quatro funções do ego que foram desligadas no primeiro plano. Esse ego aparece, frequentemente, antes e depois da crise crepuscular, como pressentimento de catástrofe (fobia).

Fisiologicamente, essa desintegração pode surgir, temporariamente, como mutação do ego, dos 17 aos 20 anos, e dos 60 aos 70 anos de idade.

---

[19] Equivalente a ataques psicomotores. Compreende ataques epiléticos durante o sono, ataques do lobo temporal e crise uncinada. (N. R. T.)

5.5.2.3 Sétima forma: cisão do ego de forma obsessivo-compulsiva, anancástica

1. A parte cindida clinicamente atuante desencadeia a introjeção e a negação simultaneamente e com igual intensidade. Cada sim (introjeção) é imediatamente inviabilizado por um não (negação). Isso dá origem ao quadro clínico da ambivalência, do desespero, da incapacidade de agir na neurose e na psicose obsessivo-compulsivas.

2. A parte cindida neutraliza a inflação extremamente perigosa e a projeção; melhor dizendo, neutraliza a paranoia. Com isso, a cisão compulsiva serve de proteção contra a paranoia de fundo (ver trabalhos de Stengel[20] e Müller).[21]

Mas a compulsão também pode oferecer proteção contra a feminilidade, no caso da homossexualidade latente. Fisiologicamente, a cisão compulsiva atinge sua frequência máxima dos 9 aos 13 anos, isto é, na pré-puberdade.

5.5.2.4 Oitava forma: cisão adaptativa do ego

Já foi mencionado que, nos adultos civilizados sadios, predomina a forma de cisão do ego denominada "adaptativa". Com a finalidade de exaurir o assunto, mencionaremos aqui essa forma de cisão, mais uma vez, para apresentar o sistema dos oitos tipos de cisão na sua totalidade.

1. A parte cindida atuante desencadeia as funções de projeção e negação. Com isso surge a adaptação.

2. A parte cindida neutraliza os desejos de ser tudo (inflação) e ter tudo (introjeção). Essa parte cindida também é denominada "narcisismo total". Em alguns indivíduos sadios e acadêmicos ambiciosos, essa parte cindida corresponde ao caráter narcisista no primeiro plano.

Enquanto a frequência da adaptação fisiológica cresce continuamente até a idade senil, a cisão de narcisismo total é mais frequente entre os 20 e 30 anos, e mais raramente na puberdade. Esse tipo de cisão praticamente nunca ocorre na pré-puberdade e na idade avançada.

[20] E. Stengel, a) *J. ment. Sci*, 1945, p. 166; b) *J. ment. Sci*, n. 94, 1948, p. 650.
[21] Ch. Müller, Schweiz. *Arch. Neurol. Psychiat*, n. 72, 1953, p. 218.

5.6 Aplicação da teoria funcional da cisão do ego na psiquiatria

5.6.1 Interpretação da mutação das doenças mentais antagônicas

A sistemática da teoria funcional da cisão, discutida acima, pode auxiliar o psiquiatra na compreensão dos antagonismos aparentes que surgem durante a doença bem como de casos simultâneos mistos.

Como primeiro exemplo, mencionaremos a relação entre esquizofrenia e epilepsia, alvo de muita discussão. Alguns psiquiatras (Meduna, Staehelin) defendem a tese da existência de um antagonismo biológico entre essas duas doenças. Outros falam de combinação, ou casos mistos.[22] Já em 1895, Buchholz[23] aventou a hipótese da paranoia de base epilética.

Atualmente, Dörries e Selbach[24] defendem a mesma opinião, de que as esquizofrenias paranoides, catatônicas e hebefrênicas podem ter base epilética.

Alajouanine *et al.* elaboraram a teoria de que a atividade epilética provoca surtos psicóticos.[25]

A partir das formas de cisão esquizofrênica e epilética identificadas empírica e experimentalmente, e não por especulação, fica evidente que a esquizofrenia e a epilepsia podem corresponder a duas manifestações diferentes de duas partes cindidas do mesmo ego. Mas, como ambas têm suas próprias predisposições hereditárias, essa combinação raramente aparece. Uma das partes cindidas provoca a perturbação do ego na esquizofrenia e a outra, na epilepsia, de forma que, quando a parte esquizoparanoide age no primeiro plano, a parte cindida epileptiforme está no plano de fundo. As partes cindidas podem, no entanto, trocar de lugar por meio da rotação, como num palco giratório. A interpretação clínica das duas partes cindidas nas formas de cisão 3 e 5 aponta para a possibilidade do surgimento sucessivo das duas formas de doenças antagônicas,[26] por meio da rotação das partes cindidas.

---

[22] U. Schorsch, *Psych. d. Gegenwart*, II. Springer, 1960.

[23] A. Buchholz, *Über die chron. Paranoia bei epileptischen Individuen.* Leipzig, 1895.

[24] H. Selbach, *Handbuch der inneren Medizin, V.* Springer, 1953.

[25] U. Schorsch, *Psych. d. Gegenwart, II.* Springer, 1960.

[26] L. Szondi, *Schicksalsanalytiche Therapie.* Bern, Huber, 1936.

O segundo exemplo é fornecido pelas formas de cisão 1 e 7, que apontam para a relação existente entre obsessão compulsiva e esquizofrenia. Ambas correspondem a partes cindidas do mesmo ego. A obsessão compulsiva frequentemente protege da paranoide.[27] Esse segundo exemplo leva à terapia.

5.7 Aplicação da teoria da cisão na terapia

Se a parte cindida for condicionante da perturbação esquizoparanoide do ego, é sempre contraindicado dissolver a compulsão por meio de qualquer forma de psicoterapia. Por outro lado, em determinadas circunstâncias, é possível trocar a paranoia por comportamentos obsessivo-compulsivos, provocando artificialmente a rotação das partes cindidas. Mas somente através de uma análise experimental do ego poder-se-á verificar se isso será possível. No livro *Schicksalanalytische Therapie* [Terapia Destinoanalítica],[28] descrevemos uma série de métodos artificiais para a rotação das partes cindidas, destacando o método do "psicochoque".[29] Mas, antes de optar pela rotação artificial das partes cindidas, é preciso saber ao certo se a parte cindida que se pretende trazer para o primeiro plano não será mais difícil de suportar do que a outra, que gostaríamos de colocar no plano de fundo. Aqui, novamente, a análise experimental do ego pode nos indicar que caminho devemos seguir.

A teoria da cisão desempenha um importante papel na escolha da *terapia ocupacional*. Basicamente, é preciso saber que, através de uma ocupação adequada, é possível reintegrar paulatinamente as partes cindidas ao funcionamento do ego. Um exemplo clássico é a integração da introjeção por meio da aprendizagem contínua e da acumulação de conhecimentos (estudar medicina, idiomas), nos casos de alienação.[30] Mesmo as partes cindidas vividas de

[27] Ibidem.
[28] Ibidem.
[29] Ibidem.
[30] L. Wurmser, *Szondiana III*. Bern, Huber, 1962.

maneira doentia no primeiro plano podem, ocasionalmente, ser *socializadas* por meio de um trabalho adequado. Assim, a obsessão compulsiva pode ser tratada com o trabalho de catalogação,[31] ou a paranoia com o trabalho de investigação (detetive, espionagem, psicologia).[32] Muitos conseguem socializar a parte cindida epileptiforme com mentalidade assassina por meio do trabalho de cura (enfermeira, cirurgião, padre, analista), embora ela entre em cena, episodicamente, como Caim encolerizado.

A psiquiatria é a medicina específica para tratar das perturbações do ego. Pessoas com perturbações da pulsão e do afeto costumam procurar a ajuda do psiquiatra apenas depois que seu ego já está perturbado. No centro de todas as psicoses e neuroses está o ego, e só depois dele vem a vida pulsional e afetiva. Desta consideração resulta que a psiquiatria precisa tanto de uma psicologia e de uma análise do ego adaptadas a ela, como a oftalmologia precisa da ótica e do oftalmoscópio.

[31] L. Szondi, *Schicksalsanalytiche Therapie.* Bern, Huber, 1936.
[32] L. Szondi, *Schicksalsanalyse.* 1. ed. Basel, Schwabe, 1944; 2. ed., 1948; 3. ed., 1965.

Análise de Casamentos

Tentativa de elaboração de uma teoria da escolha amorosa

Prefácio

O objetivo deste trabalho é servir de introdução àquilo que pode ser devidamente chamado de "análise do destino".

Mas, antes de tudo, temos de saber o que significa exatamente o termo "destino". Até o momento, não surgiu nenhuma definição rigorosa; temos de nos contentar em parafraseá-lo.

Ao acompanhar a vida de um indivíduo, geralmente observamos algo como um plano definido manifestando-se nela, um plano determinado pela natureza peculiar do indivíduo e também pelos fatores à sua volta. As fases da vida podem variar muito, podem sofrer mudanças consideráveis, mas ao observador imparcial a vida parecerá um *todo* notável, cujas partes e constituintes pertencem e, de algum modo, correspondem umas às outras. A "mão" do destino, ainda que trabalhe de forma invisível, torna-se então óbvia, não importando quais fatores externos ou internos a estejam governando. Ela se revela equilibrada, caso esteja sob a influência de forças muito contrárias. Por mais vago e incerto que pareça o curso da vida, alguma tendência fundamental irrompe insistentemente em todas as suas fases.

Quem diz isso é Knebel, aos noventa anos, em uma de suas cartas. A visão geral aí expressa foi verdadeiramente seguida por Schopenhauer em suas especulações "transcendentais": "Über die anscheinende Absichtlichkeit im Shicksale des Einzelnen" [Sobre a aparente intencionalidade no destino do indivíduo]. O fatalismo que está na base dessa obra de Schopenhauer envolve a tese de que o curso da vida é inequivocamente determinado e adaptado a um plano. A vida, vista pelas lentes desse fatalismo transcendental, há de aparecer como um *todo coerente,* construído como uma narrativa ou como um romance.

O propósito da "análise do destino" que propomos é encontrar, no destino de um indivíduo, o plano que faz com que sua vida pareça um todo globalmente coerente. Mas, como dissemos antes, o destino trabalha de maneira invisível.

Temos de clarificar duas questões bem no início de nossa pesquisa.

Primeira: Em quais fenômenos da vida a estrutura adaptada necessariamente a um plano único se manifestará mais claramente?

Nossa principal ideia era que, caso exista algum plano ou necessidade na vida do indivíduo, ele deve, em primeiro lugar, aparecer *em sua escolha, em sua seleção daquilo que ama, deseja, imita, que toma como ideal, da sua profissão, das doenças que contrai e daquela da qual eventualmente morrerá*. Tirando os ensinamentos religiosos, os problemas relacionados a essas escolhas só foram atacados pela intuição instintiva dos poetas, pelas especulações dos filósofos e pela psicanálise de Freud. Todas essas questão atingem profundamente o problema geral: *Qual é o fundamento de qualquer escolha?*

A teoria que tento demonstrar e tornar aplicável à psicologia do instinto neste trabalho pretende ser uma teoria geral da escolha.

A segunda questão diz respeito ao método pelo qual podemos ter sucesso na tentativa de tornar visível e compreensível a "mão oculta" do destino. Escolhemos o método *genealógico*, e tentamos encontrar o plano oculto da vida procurando os ancestrais reprimidos que retornam.

Nossa primeira contribuição introdutória à análise do destino responderá a uma pergunta: *O que dirige nossa escolha amorosa?*

Um objetivo adicional deste trabalho pode ser a tentativa de colocar em seu devido lugar a ciência do amor, do Eros – talvez possamos chamá-la de "erologia" – entre as ciências exatas.

Introdução – Uma nova ideia para a teoria da escolha amorosa

O que determina a escolha do objeto do nosso amor? Será que existem leis ou regras que a governam? E, caso não exista nenhuma, isto é, se a seleção sexual for direcionada meramente pelo capricho do acaso ou do erro, não existiria, talvez, alguma espécie de arbitrariedade "oculta" ou "inibida" por trás das escolhas ao acaso?

Esse problema tem sido assunto recorrente na poesia de todas as eras. Mas a questão também ocupou as mentes de biólogos, estatísticos e psicólogos. Não foi a intensidade do interesse por esse problema que mudou ao longo do tempo, nem a ideia básica da "escolha por semelhança" (K. Pearson) foi radicalmente alterada. O que efetivamente se desenvolveu foi o método geral pelo qual essa ideia básica seria corroborada.

O autor deste trabalho tenta atacar o problema a partir de um ponto de vista genealógico, por meio de uma vasta pesquisa de ancestrais e de relações consanguíneas. A questão em sua forma definitiva é a seguinte: *Por que determinada pessoa escolhe um certo indivíduo, e não outro, como objeto de seu amor?*

Começarei descrevendo o caso que inicialmente me deu a ideia de atribuir um papel à ancestralidade na questão da seleção sexual.

***

Muitos anos atrás uma jovem senhora da província veio ao meu consultório. Estava acompanhada pelo marido. Primeiramente, ela enumerou algumas queixas triviais, como nervosismo, insônia, dor de cabeça, aversão a pessoas e à vida em sociedade. Depois, com mais confiança, ela admitiu que, alguns anos antes, tinha passado por um tratamento psicanalítico por causa de algumas ideias compulsivas. Ela dizia que frequentemente sentia a urgência de pular num poço. Sua

mão costumava parar durante a escrita. Ela sentia uma espécie de "bloqueio" e não conseguia continuar. Não conseguia escrever determinadas letras, especialmente a letra "k". O tratamento psicanalítico aparentemente ajudara, de modo que ela pôde retornar para sua casa na província. Mas as compulsões neuróticas retornaram, ainda que de forma diferente. Certo dia seu filho ficou doente. Ela mesma cuidou dele. Era preciso dar ao menino remédio na colher, de um vidro comum de remédio, mas depois que ela deu o remédio para o filho foi tomada por um estranho sentimento de medo, semelhante ao pânico, com a sensação de que o tinha envenenado. Ela nunca mais conseguiu se livrar da ideia compulsiva do envenenamento. Agora ela não só está atormentada pela ideia de que envenenou o filho com um veneno mortal de efeito retardado, mas, também, sente a mesma ansiedade sempre que dá aos filhos ou a qualquer pessoa – marido ou convidados – doces ou balas. Ela não fica mais em casa. Está sempre inquieta. Agora tem de vir à cidade para procurar ajuda e livrar-se de ideias atormentadoras. Ela sabe que são ideias meramente "idiotas", mas não consegue se livrar delas por vontade própria. A essa altura ela me perguntou, com lágrimas nos olhos: O senhor já viu alguém que fica se torturando com ideias tão idiotas como essas? Mas eu respondi que as queixas dela não me surpreendiam nem um pouco, e confortei-a falando de uma velha senhora do interior que se consultava comigo regularmente por causa de ideias compulsivas muito semelhantes. Eu até falei que essa senhora costumava reportar suas queixas praticamente com as mesmas palavras que ela. Nesse momento o marido, que tinha ficado calado o tempo todo, subitamente observou: "Conheço esse caso, doutor, porque essa senhora é *minha* mãe".

Essa afirmação inesperada assustou-me. Peguei minhas notas a respeito do caso da velha senhora e li: "Setenta e dois anos. Mãe de quatro filhos. Ficou viúva jovem. Nervosismo começou quando solteira, mas só sob a forma de insônia. Sua "mania" apareceu após a morte do marido, durante as contrarrevoluções na Hungria. Um oficial militar tinha sido alojado em sua casa na província, e a namorada desse oficial envenenou-se a si própria ali. Desde aquele evento ela passou a ser perseguida por ideias estranhas. Torturava-se na crença de que seria a assassina daquela mulher. Achava que a tinha envenenado ao deixar alguma coisa no quarto da infeliz. Ainda agora ela tem a ideia de que está envenenando

seus filhos ou netos sempre que deixa um vidro de remédio sobre a mesa. Certa vez derramou veneno de rato no jardim, mas depois sofreu terrivelmente com a ideia de que tinha envenenado o povoado inteiro. O mesmo sentimento a acometia quando oferecia doces a seus convidados. Ela tinha medo de ir a alguns lugares porque tinha o pavor mortal de misturar veneno na comida de outras pessoas. Havia em seu jardim, perto do poço, uma árvore frutífera, e às vezes alguma fruta caía no poço; então ela achava que a fruta era venenosa. Sempre que alguém do povoado morre, ela fica imediatamente obcecada pelo pensamento de que a pessoa morreu por causa da farinha que seu marido vendera, anos antes, para o povo da aldeia. (O marido era vendedor de milho e farinha.)

Foi essa a anamnese. Então pedi aos dois – ao marido e à esposa – que me contassem a história de seu amor e de seu casamento, e descobri o seguinte: Eles tinham ouvido falar um do outro quando ainda eram crianças, mas não tinham se conhecido. Também tinham um parentesco distante. O pai do marido e o tio da esposa eram primos. Esse tio é que teve a ideia – antes mesmo de eles se conhecerem – "de que Deus tinha destinado um para o outro". Mas parecia que suas vidas não seriam entrelaçadas. Aos dezoito anos, a menina se casou com outro homem, mas esse casamento, baseado sobretudo em vantagens materiais mútuas, logo se dissolveu. A jovem divorciada retornou à casa dos pais. Ali ela conheceu seu futuro marido e casou-se com ele. Sua ideia compulsiva de envenenamento apareceu no quinto ano de seu casamento; ela nunca sofrera de nada parecido antes. O pai, um de seus tios paternos e o avô paterno sofriam todos de asma, a mãe sofria de enxaqueca, um de seus irmãos morrera na guerra. Ela tinha dois filhos, um menino e uma menina. O filho está começando a gaguejar.

O destino dessas pessoas, invariavelmente, me levou a levantar a questão: Por que o marido não se apaixonou por outra mulher? Por que se apaixonou por essa, que aparentemente é perseguida pelas mesmas Eríneas[1] que sua própria mãe? Considerando o estágio atual de nosso conhecimento sobre esse assunto, espera-se que a resposta para essa pergunta venha principalmente de psicanalistas.

---

[1] As deusas Eríneas são personificações da vingança, encarregadas de castigar os crimes, especialmente os delitos de sangue. (N. R. T.)

Sem dúvida um seguidor da escola psiquiátrica conservadora atribuiria aquilo que é fatal e trágico nesse casamento a um mero acidente e afirmaria que a questão é indigna de ser considerada seriamente por um psicólogo que defende a pesquisa exata e a aplicação da técnica de raciocínio da ciência natural.

Mas julguei necessário também considerar outras possibilidades. Perguntei: Poder-se-ia, talvez, abordar a tragédia dessas três pessoas sob o aspecto da genealogia? Ou, para colocar a questão de modo mais direto, não seria o mesmo ancestral – o genealogista diria o mesmo gene recessivo – que, ao reaparecer, estaria causando o destino comum de mãe, filho e nora? Não seria possível que eles fossem "parentes pelo gene", que seu gene comum seria o de um ancestral neurótico? Esse gene comum, esse traço ancestral comum, poderia ter determinado o destino dessas pessoas. Talvez tivesse sido apenas esse gene "neurótico" que retornou na mãe e em sua nora, assumindo em ambas a mesma forma de neurose. Enfim: pode-se presumir que o mesmo gene "neurótico" que afeta a mãe e a esposa poderia atuar no menino, ainda que não de forma manifesta, mas oculta, sob a forma de um gene recessivo latente? Assim, o gene reprimido oculto seria aquela força fatal que o teria conduzido em sua escolha conjugal, cegamente, e sem suspeitar, para uma determinada mulher, e a nenhuma outra.

Passaram-se alguns anos desde que tive essa ideia. Durante esse anos ocupei-me de investigações genealógicas de natureza e propósito muito distintos. Eu tinha sido oficialmente comissionado para estudar as árvores genealógicas de muitas centenas de indivíduos excepcionais, entre os quais havia débeis mentais, loucos, epiléticos, surdos-mudos, cegos, gagos, criminosos e, também, pessoas extremamente talentosas. Enquanto eu olhava as árvores genealógicas, muitas vezes me deparava com relações amorosas e casamentos entre membros saudáveis e doentes dessas famílias peculiares. Em cada um dos casos, a ideia proposta acima me vinha à mente, e perguntei-me: onde está o gene recessivo latente comum? Qual é o traço ancestral reprimido e fatal que reuniu esses dois amantes?

Assim, essas investigações genealógicas passaram a incluir também a análise do desenvolvimento de amores e casamentos fatais. O que descobri com essa análise será amplamente demonstrado no relatório a seguir, que trata de diversos casamentos peculiares. Na segunda parte deste trabalho, tentarei provar a "teoria do gene recessivo" da escolha amorosa.

Capítulo 1

Análise de casamentos

1.1 Conformidade de doenças encontradas entre parentes consanguíneos de namorados e pessoas casadas

Ao longo de minhas investigações genealógicas, tive a oportunidade de observar de perto a vida amorosa de certos indivíduos e de seus parentes. Durante as análises desses relacionamentos amorosos e casamentos fui levado pela ideia, um tanto ousada, apresentada acima: ainda que "os casamentos sejam firmados no céu", a mão divina que os arranja é dirigida pelos ancestrais reprimidos e todavia recorrentes, pelos genes recessivos latentes. Observei constantemente a *similaridade das doenças* nas famílias de pessoas casadas. Naturalmente, eu estava, antes de tudo, interessado nos males herdados na família, nas doenças "heredofamiliares". Logo consegui coletar um certo número de casos instrutivos. Primeiramente, chamou-me a atenção o fato de que os casamentos ditos "concordantes", isto é, os casamentos entre as pessoas com a mesma doença hereditária, são surpreendentemente raros. Identificamos dois casos raros desse tipo.

1.1.1 Casais (casados) com as mesmas doenças hereditárias

Caso 1. Alguns anos atrás, a missão carcerária encaminhou-nos um garoto de catorze anos. O pai do menino tinha estado várias vezes na prisão por roubo, fraude e arrombamento. À época, cumpria pena de um ano e meio. As

autoridades carcerárias foram informadas de que o filho desse prisioneiro, o garoto em questão, também tinha começado a roubar. Duas vezes não soube explicar o paradeiro de vinte *pengő*[1] devidos a seu instrutor, e depois se soube que ele havia comprado uma câmera e uma caneta tinteiro com a quantia que faltava. Ele não se esquivava de pequenas mentiras. Ao mesmo tempo, era extremamente tímido, parecia sempre estar com medo de algo, não tinha coragem de revidar quando atacado por algum de seus colegas no instituto onde fora colocado; era tímido demais até para pedir pão quando estava com fome. Diziam que ele era continuamente maltratado por seus colegas de escola. Além disso, ele exibia alguns hábitos esquisitos. Guardava todo tipo de coisa estranha – pedras, pedaços de barro, e enchia seu armário com isso. Supostamente, ele não tinha nenhum conhecimento do comportamento criminoso do pai. A mãe, que trouxera o menino à clínica pública, era uma pessoa muito humilde, excessivamente grata, dizendo obrigado várias vezes por tudo e, de maneira muito humilhante, querendo beijar nossas mãos a cada palavra positiva. Ela nos contou a história de seu casamento.

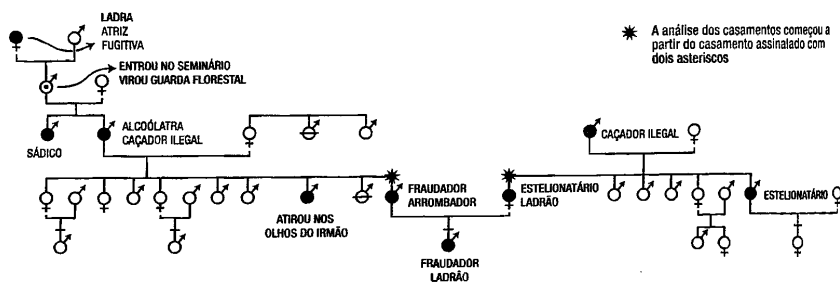
Eu costumava frequentar o ensino básico com meu futuro marido, e já naquela época ele me amava. Meu marido, pessoa taciturna e reservada, não fez o ensino secundário, mas depois passou no exame de contador. Seu primeiro emprego foi de contador. Nos casamos em 1921. Em casa, ele era uma boa pessoa, mas muitas vezes passava a noite fora de casa, bebendo e jogando. Também gostava muito de caçar. Um ano depois de o menino nascer, fomos para uma cidade de mineração, onde meu marido conseguiu emprego. Esse foi o primeiro lugar em que ele cometeu fraude. De algum jeito ele livrou a própria cara e voltamos para a capital. Aqui ele logo obteve uma nova, e excelente posição. Suas habilidades, especialmente para organizar, eram muito apreciadas. Mas, por alguma razão, ele não pôde ficar nesse emprego, deixou novamente a capital e virou maître de um restaurante numa cidade do interior. Talvez tenha sido nesse restaurante que ele adquiriu o hábito de beber. Naquela época ele cogitava divorciar-se de mim e se casar por

[1] Moeda corrente na Hungria até a década de 1940. (N. E.)

dinheiro. Para esse propósito, ele entrou em contato com diversos agentes casamenteiros. Mas, por fim, ele desistiu desse plano e tentou ganhar dinheiro atuando ele mesmo como casamenteiro. No começo ele ia muito bem, mas depois voltou a se envolver em ações criminosas. Empregou agentes que lhe deram títulos que nunca conseguiu devolver, porque perdera a quantia no jogo. Foi mandado para a cadeia por estelionato e fraude. Depois de cumprir quatro meses de pena, entrou em contato com uma pessoa com antecedentes criminais, que o convenceu a cometer um arrombamento em conjunto. Enquanto seu cúmplice dava uma volta com uma mulher, ele entrou no apartamento dela e roubou o seu dinheiro e suas joias. Alguns dias depois, porém, foi preso e condenado a sete meses de prisão. Depois de ser solto, abriu uma agência de emprego para garçons. Ele trabalhava com quatro agentes, e, de novo, cometeu fraude com títulos. Depois de ter cumprido pena por esse motivo, não melhorou e seguiu seus velhos caminhos, entrou em contato com pessoas de caráter duvidoso, arrombou a oficina de um joalheiro, e roubou o conteúdo do cofre. Atualmente ele está cumprindo pena por esse crime. Toda vez que o visito na prisão, ele me diz que logo vai sair e tenta me dissuadir do divórcio porque, diz ele, não suportaria passar por isso. Apesar de sair com outras mulheres, ele tentou esconder isso de mim, como fazia em relação a tudo. Comigo, ele era, de modo geral, muito afável. Nunca ouvi ele falar de um jeito grosseiro, nem fazer juramentos. Ele não tinha muito interesse nos filhos, não brincava com eles, nunca os beijava, mas dizia sempre que os amava do seu jeito. As freiras missionárias que trabalhavam na prisão disseram que ele rezava muito, e com frequência, e que mencionava seu desejo de voltar a ser um cidadão honesto.

A esposa visitou-me diversas vezes durante a época em que seu filho estava sendo examinado, e chamou-me a atenção que ela estivesse sempre bem vestida. Ela sempre usava um vestido diferente. Fiquei desconfiado. Certa vez eu simplesmente a surpreendi, perguntando diretamente: "Quando foi a última vez que a senhora roubou?". Ela respondeu com calma, e sem corar ou ficar envergonhada, e confessou que, como diretora de um grande armazém, muitas vezes "levava para casa" algumas besteiras, roupas de baixo e blusas.

No que diz respeito ao comportamento criminoso, a semelhança entre pai, mãe e filho pareceu-me ainda mais fatal quando investiguei o relacionamento. Descobri que os pais do marido e da esposa tinham sido amigos inseparáveis. Os dois pais eram larápios notórios e muitas vezes iam caçar juntos. Ambos eram bêbados rudes e brutais. O avô paterno do marido foi seminarista, estudou teologia, mas depois mudou de ideia e tornou-se guarda florestal. A mãe desse homem, isto é, a bisavó do marido, tinha sido atriz, e certa vez roubou todas as joias da família, fugindo com elas. Um tio paterno do pai tinha uma natureza cruel e sádica: diziam que ele aterrorizava de maneira assustadora seus empregados. Assim, a semelhança fatal quanto às disposições criminosas entre marido e esposa poderia ser rastreada no relacionamento consanguíneo.

FIGURA 1.1: CASO 1

Caso 2. Um homem gago casa-se com a filha gaga de sua própria irmã. Todos os oito filhos desse casal concordantemente doente são gagos. Mas a gagueira também pode ser encontrada nos filhos de pais saudáveis, entre os parentes. No ramo *A* dessa família, há três gagos entre os filhos de pais com fala normal. De modo análogo, o menino do ramo C da família é gago, mas seus dois pais são saudáveis.

O tipo "concordante" de casamento – podemos designá-lo resumidamente de "doente x doente" –, representado pelos dois casos relatados acima, é muito raro, mesmo entre pessoas com algum defeito ou doença. Tivemos de

passar pelas árvores genealógicas de cerca de cem pessoas de cada tipo de defeito para encontrar um casamento entre parceiros com o mesmo tipo de defeito, como, por exemplo, casamento entre dois débeis mentais, dois epiléticos, etc. Ainda que pareça que esse tipo de casamento concordante seja preferido por pessoas portadoras de algum defeito, não apenas por causa do princípio "similis simili gaudet", mas também por razões sociais. Se considerarmos que esse tipo de união não chega nem a 1% de todos os casamentos em que há crianças defeituosas, podemos esperar uma frequência ainda menor desse tipo na população média.

Mas deveria esse fato significar que o princípio da "escolha idêntica" não se aplica a esse tipo particular de pessoas, para essa "variação humana", como desejamos chamá-la? Voltemo-nos àquilo que outros autores constataram a respeito da conformidade corporal e mental entre pessoas casadas.

Há dois princípios opostos um ao outro desde sempre na questão da escolha amorosa. Segundo um, a base da seleção sexual é a diferença entre os parceiros; a atração sexual seria causada pelo "estímulo de diferenciação" (Bain). O outro princípio diz exatamente o inverso: que a base da atração sexual é a identidade ("escolha por semelhança", K. Pearson). As duas perspectivas foram defendidas por renomados cientistas. "O amor é a cooperação dos contrastes", escreveu Bernardin de St. Pierre, e Schopenhauer compartilhava essa opinião.

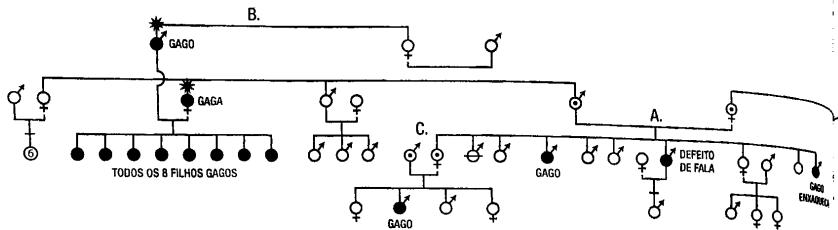
Recentemente Kretschmer e W. Gemünd defenderam essa perspectiva. Em seu livro *Das Ehebuch* [O Livro do Casamento], Kretschmer analisa 100 casais casados com base nos tipos constitutivos, estruturas mentais e temperamentos, descritos por ele como leptossômico, pícnico e atlético, ou esquizotímico e ciclotímico. Ele descobriu que, no que diz respeito à constituição psicossomática, o número de matrimônios discordantes é maior do que o de concordantes. Ele inferiu disso que os parceiros de um casamento completam-se mutuamente um ao outro, tanto no que diz respeito aos traços que serão transferidos aos filhos quanto ao seu contato pessoal. Assim, eles surtem uma espécie de efeito "complementar" um sobre o outro. O mesmo princípio foi aceito por W. Gemünd, o eugenista. Ele indaga se

essa escolha de parceiros serve a propósitos superiores relacionados à manutenção da raça, e pressupõe que as disposições que se encontram na união das células-germe (anfimixe) em alguma medida compensam e completam uma à outra. Assim, garantindo um nível médio, o instinto racial desvia o risco da preponderância de traços unilaterais e extremos no plasma genético da raça. "No amor, somos atraídos por aquilo que é semelhante a nós", escreveu Leonardo da Vinci (Frammenti) e essa afirmativa tornou-se muito popular, mas o seu contrário também. As duas visões têm seus próprios estatísticos. Eles procuram chegar a uma decisão considerando sobretudo traços como a estatura e a cor dos olhos. O leitor que se interessar por mais detalhes e por dados numéricos dessas observações podem procurar as colunas de algumas edições antigas de uma revista de um clube intitulada "*Round-About*", uma investigação iniciada por um Sr. W. Stead que pretendia, a partir de suas experiências, ajudar os membros do clube, em sua busca de amigos e parceiros amorosos, por meio da correspondência. Nessa revista, Havelock Ellis também abordou a questão da escolha amorosa, por meio de uma circular com um questionário. O leitor pode descobrir a partir dos dados estatísticos dele e de K. Pearson que a escolha amorosa não é essencialmente determinada pelas diferenças entre parceiros. Pelo contrário, os dados conseguem mostrar que, por exemplo, homens altos geralmente se casam com mulheres que são um pouco mais altas do que a média. Igualmente, as esposas de homens baixos são um pouco mais baixas do que a média. Quanto à estatura, a relação entre marido e esposa é, segundo K. Pearson, mais ou menos aquela que há entre "tio e sobrinha". Uma comparação muito apropriada que pode ter um sentido psicológico mais profundo. Os pontos de vista sobre o valor da atração da cor dos olhos também se baseiam em diversos princípios. Alphonse de Candolly julgava que a diferença na cor dos olhos era um estímulo para a atração amorosa. Suas ideias estavam apoiadas em dados estatísticos da Suíça, do norte da Alemanha e da Bélgica; nesses países, a maioria dos casamentos acontece entre pessoas com olhos de cores diferentes. As mulheres com olhos marrons parecem ser exceções. Contrastando com isso, os dados reunidos por Pearson parecem

demonstrar que o princípio da "escolha por semelhança" também vale no campo da cor dos olhos. Homens de olhos claros casam-se com mulheres de olhos claros com mais frequência do que com mulheres de olhos escuros, ao passo que a maioria das esposas de homens de olhos escuros também tem olhos escuros. A importância da similaridade como estímulo para a seleção sexual é aumentada pela observação, até o momento não controlada, de que o princípio da "escolha por semelhança" é verificado não apenas para estatura e para cor dos olhos, mas também para a aparência externa total, como mostrada por fotografias. Ao encontrar muitos jovens casais em lua de mel em Nice, H. Toll, embriologista, achou impressionante a similaridade entre maridos e esposas. Essa observação levou-o a reunir um grande número de fotografias de casais jovens e velhos. A partir desse material, ele estabeleceu que havia uma similaridade global entre marido e mulher, e considerou que essa similaridade seria uma espécie de casamenteira geral. A similaridade dos parceiros, naturalmente, não é adquirida na vida a dois.

Consideremos, porém, a questão da "escolha por semelhança" mais detidamente e perguntemos se a identidade fatal que determina a escolha sexual deve necessariamente referir-se a características ou doenças externas e mentais visíveis e mensuráveis. A similaridade, que não pode ser percebida diretamente com os olhos, pode igualmente ser decisiva para a união sexual. As pessoas não mostram todas as suas propriedades somáticas e mentais escancaradamente nos olhos, como julgavam os proponentes fanáticos da "pesquisa da íris". Teoricamente, é concebível que o traço comum a duas pessoas, e que pode representar um estímulo para a atração sexual, permaneça oculto aos parceiros durante todo o período de seu amor. Isso se deve ao fato de um dos parceiros intencionalmente esconder e camuflar o traço idêntico, como tantas vezes demonstrou a psicanálise, ou ao fato de o traço operar inconscientemente, porém com uma força fatal e dinâmica ao reunir suas vidas.

Assim, a partir da observação da infrequência de casamentos entre pessoas com a mesma doença manifesta não se pode inferir que o princípio da "escolha por semelhança" não seja verdadeiro; podemos presumir que a similaridade esteja restrita ao "banco genético" oculto que a pessoa traz consigo.

FIGURA 1.2: CASO 2

1.1.2 Por que pessoas saudáveis às vezes escolhem parceiros doentes?

Em nossas investigações genealógicas, observamos que, em contraste com a escassez de casamentos "concordantes", o número de "discordantes" – como podemos denominá-los sinteticamente – foi mais elevado do que o esperado. Entre os pais de crianças débeis mentais, encontramos em 15-20 casos dentre 100 que uma pessoa saudável tinha se apaixonado por uma doente, tendo se casado com ela. Isso nos levou a considerar mais detidamente nossa ideia a respeito da escolha no amor. A questão que espontaneamente se apresentou foi: *Por que uma pessoa – aparentemente saudável – se apaixona por outra doente e não por outra saudável?*

Não duvidávamos de que o caminho para a solução dessa questão passava por outra questão ainda mais simples: *Quem, ou que tipo de pessoa, escolhe um parceiro doente?* Sabemos que é uma questão extremamente delicada. Em primeiro lugar, acredita-se que muitos casamentos se baseiam em vantagens financeiras, econômicas ou sociais para ambos os lados. Mas a posição do genealogista é hoje mais fácil do que a do sociólogo ou a do psicólogo. Especificamente, ele pode formular sua questão da seguinte maneira: *De que pessoas descendem aqueles indivíduos aparentemente saudáveis que escolhem um parceiro doente?* Ao colocar a questão dessa maneira, a natureza do casamento como algo iniciado pelo amor verdadeiro ou baseado em interesses de outro tipo torna-se irrelevante.

Caso 3. Para variar um pouco, tomamos nosso próximo exemplo do grupo de pessoas surdas-mudas e deficientes auditivos. Uma garota bem de vida, saudável em todos os aspectos (também com a audição intacta), casa-se com um homem quase surdo. A surdez deste último tem origem otosclerótica. O caráter verdadeiramente hereditário do defeito é evidente, considerando o fato de uma de suas irmãs e seus irmãos mais velhos também serem surdos. Esse casamento discordante deu origem a dois filhos: o primeiro, um menino, tem problemas de audição, e permaneceu solteiro a vida toda; o segundo filho, uma menina, tinha audição normal, casou-se e hoje tem uma filha de dez anos. Essa menina tem elevada dificuldade de audição e se comunica com as pessoas apenas por leitura labial. Considerando esse caso trágico, é difícil não perguntar como é que uma mulher saudável, conhecendo a situação, foi se casar com um homem surdo, transmitindo, desse modo, a surdez do marido a seus filhos e netos. Contudo, é possível encontrar uma explicação a partir do estudo da árvore genealógica dessa mulher; *ela mesma, ainda que inteiramente saudável, teve um pai surdo e uma irmã surda.* De acordo com nossos pressupostos teóricos, queremos enfatizar particularmente nesse caso que marido e esposa tinham, apesar da sua "discordância" fenomenológica, *um parentesco genético.*

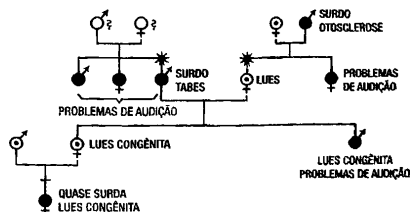
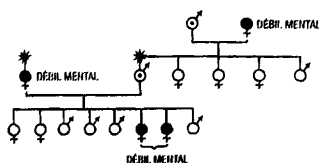
FIGURA 1.3: CASO 3

Caso 4. Tirado de famílias de débeis mentais. Um homem, em seus melhores anos, com certa inclinação para a bebida, mas saudável psicologicamente nos demais aspectos, casa-se com uma mulher imbecil,[2] que lhe dá oito filhos. O sexto e o sétimo (ambos do sexo feminino) são débeis mentais. Perguntamos: *Que tipo de homem é esse indivíduo saudável e são que escolheu uma mulher imbecil, ainda que assegurando vantagens materiais?* A árvore genealógica desse homem responde à pergunta. Aquele que contraiu esse casamento também tinha uma mãe com deficiências mentais. O marido saudável e a esposa débil mental tinham, portanto, parentesco genético no que diz respeito à imbecilidade.

FIGURA 1.4: CASO 4

Caso 5. Uma jovem tem relações sexuais com um vendedor de loja. O fruto dessa relação é um filho. A família considera que a jovem manchou sua boa reputação. A fim de evitar o nascimento de um filho ilegítimo, a jovem é "forçada" a casar-se com um escoveiro cego. Nossa questão, neste caso, é a seguinte: *Que tipo de indivíduo é essa garota, que, ainda que sob pressão da família, se casa com um cego?* O estudo da árvore genealógica da família fornece os seguintes dados: a garota era o sexto entre nove filhos. A mãe era uma pessoa ordeira e laboriosa; o pai, um bêbado e jogador. *O avô pelo lado materno ficou cego quando jovem, aos 31 anos,* e morreu no ano seguinte. A causa e a circunstância da sua perda de visão não puderam ser rastreadas. O casamento da neta aqui considerada pode ser, portanto, descrito da seguinte maneira: a neta de uma pessoa que perdeu a visão aos 31 anos casa-se

[2] No sentido médico do termo. (N. E.)

com um cego. Para chegar a uma compreensão total desse casamento, é importante não se dar por satisfeito com a pressão familiar, nem atribuir o caso a um mero acidente. Mais adiante relataremos casos associados ao relacionamento consanguíneo de pessoas cegas que justificará ainda mais nosso ponto de vista. Talvez seja possível criticar nossa análise dizendo que não conseguimos comprovar que, nesse caso, a cegueira era de natureza hereditária. De acordo com nossos pressupostos, os genes recessivos latentes determinam a escolha no amor e no casamento, *mas os mesmos fatores genealógicos reprimidos são eficazes não apenas no amor, mas, como veremos depois, também na escolha de doenças adquiridas (não hereditárias). Assim, o fato de a cegueira nesse caso ser herdada ou adquirida é irrelevante.*

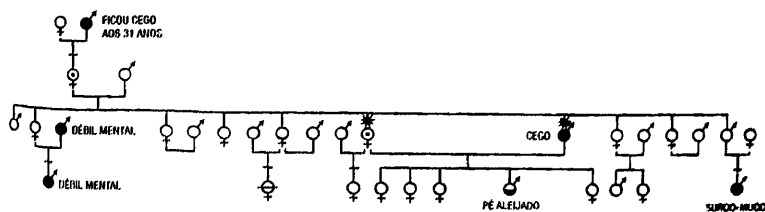
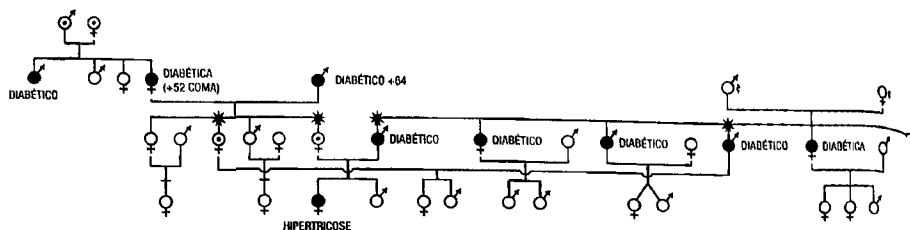
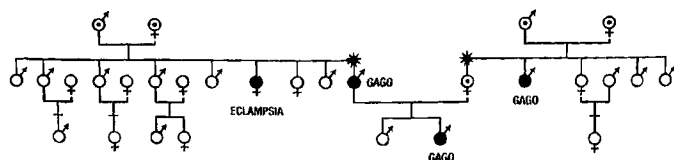
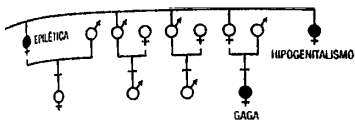
FIGURA 1.5: CASO 5

Caso 6. Duas irmãs aparentemente saudáveis se apaixonam por dois irmãos. Apesar de sua relativa juventude, eles sofrem de diabetes. Os respectivos casais se casam. Um dos casamentos é estéril; no outro nasce uma filha com pelos notavelmente masculinos e um filho até então saudável. Não conseguimos obter dados sobre os pais dos respectivos maridos. Entre seus irmãos e irmãs (eram dez ao todo), três (sem contar os maridos) sofriam de diabetes. Além disso, havia uma irmã epilética na família, e uma das sobrinhas (filha de uma irmã) gaguejava. As esposas dos irmãos tinham respectivamente 43 e 34 anos à época de nossa investigação, nenhuma das duas era diabética, seus irmãos e suas irmãs também são saudáveis; *mas tanto seu pai quanto sua mãe eram diabéticos*, e também um de seus tios maternos.

FIGURA 1.6: CASO 6

Caso 7. Uma menina com fala normal se apaixona por um homem que gagueja. Eles se casam e têm dois filhos. Um deles é gago. Nenhum dos oito irmãos e irmãs do marido gagueja, mas uma irmã tinha cólicas eclâmpticas. Os pais dele são aparentemente saudáveis. Outra vez perguntamos: *De que tipo de família veio a garota que se casou com um gago?* O estudo da árvore genealógica da família dela fornece a resposta que esperávamos: *Um dos irmãos da esposa também é gago.* Assim, a irmã de um gago, ainda que ela mesma tenha a fala perfeita, casa-se com um gago.

Nosso próximo e último caso do grupo de casamentos discordantes (doente x saudável) é uma contribuição à questão: *De que família vêm aquelas mulheres que, apesar de aparentemente saudáveis e moralmente irrepreensíveis, se casam com homens de inclinação criminosa* (ladrões ou trapaceiros)?

FIGURA 1.7: CASO 7

Caso 8. Uma garota de 19 anos se apaixona por um engenheiro florestal de 23 anos e se casa com ele. O homem é uma pessoa rude e arrogante,

ateu, enquanto a garota é exatamente o contrário: gentil, delicada, religiosa e temente a Deus. O homem gosta de atos de bravura, faz todo tipo de coisa ousada, desde que ganhe dinheiro com isso. Quando fica sem dinheiro, não hesita em roubar. Rouba dinheiro e bens, sem nenhuma consideração pelas pessoas roubadas. Vende os objetos roubados e esbanja o dinheiro no jogo e em corridas de cavalo. Além disso, é um bêbado. Apesar disso tudo, sua esposa o ama. No começo vivem bem. Mas o marido se torna cada vez mais rude com a própria esposa, ameaçando-a com frequência – mesmo quando está sóbrio – com um machado na mão. Seu alcoolismo piora cada vez mais, ao passo que seu organismo não tolera bem o álcool. Depois perde o emprego e é colocado num sanatório psiquiátrico por causa do alcoolismo. Nessa instituição, sua condição apresenta uma melhora temporária. Mas logo após receber alta volta a beber e também a roubar. Nesse meio tempo, seu filho cresceu e começou a ser influenciado pelo pai de maneira muito indesejada. O pai muitas vezes consegue convencer o filho a tomar dinheiro dos parentes sob pretextos falsos e ardilosos, e vai jogar com o dinheiro assim obtido. Mas esse dinheiro não basta. Ele chega a falsificar as assinaturas dos parentes em letras de câmbio, empregando vigias noturnos para estabelecimentos inexistentes e pegando títulos que nunca restitui. Por esse motivo, é levado à justiça. Assim, ele vai decaindo pouco a pouco. Virou mendigo e vaga por aí, sem qualquer cuidado, em andrajos, sem teto. Sua esposa e seu filho nem sabem mais se ele está vivo ou morto.

Quem é essa mulher que ama um homem desses? É, em primeiro lugar, uma pessoa histérica. Neurótica desde a infância, teve crises de ansiedade e pesadelos. Tem medo de quadros, pois vê diversas figuras peculiares nelas, e acha que essas figuras vão sair de lá, atacá-la e maltratá-la. Certa vez, quando seu marido, bêbado, a tratou com muita violência, desmaiou e, com a consciência obscurecida, achou que tudo tinha mudado à sua volta, e viu

a ambulância do lado de fora, levando seu corpo para o hospital. Ataques desse tipo se tornaram mais frequentes nela. Desde 1931 está divorciada do marido e passou a viver com um primo seu (do lado materno), superintendente num asilo. Tem dois filhos. Um deles, uma menina, foi posto no asilo quando da separação do marido; e o menino foi enviado aos quatorze anos para um reformatório. O comportamento desse menino no reformatório foi inteiramente satisfatório no primeiro ano; ele era bom aluno o tempo todo. Depois de um ano, porém, seu comportamento mudou. Fugiu do reformatório depois de roubar alguns objetos de pequeno valor. Como sua mãe, tentou repetidas vezes suicidar-se.

A investigação familiar trouxe à tona o seguinte: o pai da esposa era capataz de um estaleiro. Era um bêbado de natureza muito agressiva, e frequentemente se envolvia em discussões violentas. Devido à sua natureza má, virou aleijado, tendo sido jogado para fora de uma taverna após uma briga terrível, tendo quebrado as pernas. Ficou preso à cama por nove anos depois disso. Morreu de algum problema do coração.

Outro membro da família, um meio-irmão da esposa, adquiriu uma grande fortuna, mas depois passou a beber e gastou todo o dinheiro nisso. Depois, decaiu gradualmente, passou a roubar e a trapacear, e teve problemas sérios com a lei.

Além disso, pode valer a pena mencionar que uma irmã do marido é uma pessoa invejosa, avarenta e malevolente; ela é muito rica, mas dizem que rouba pequenas coisas, sobretudo roupas, de parentes e até de estranhos.

O pai do marido era maquinista, um bêbado rude e inescrupuloso que costumava bater na esposa regularmente; morreu de apoplexia do coração, na rua, após beber a noite inteira.

Acabamos de examinar cinco casamentos fatais, histórias de amor desesperado. O infortúnio comum a esses casais consistiu na escolha – feita por indivíduos saudáveis – de parceiros com um defeito ou uma doença evidente. A investigação dos registros familiares, porém, trouxe à tona o fato surpreendente de que todas as cinco pessoas aparentemente saudáveis que contraíram esses casamentos descendiam de famílias nas quais a mesma doença ou defeito manifesto pelo parceiro escolhido era hereditariamente recorrente.

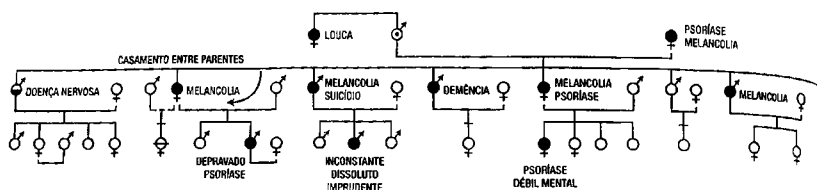
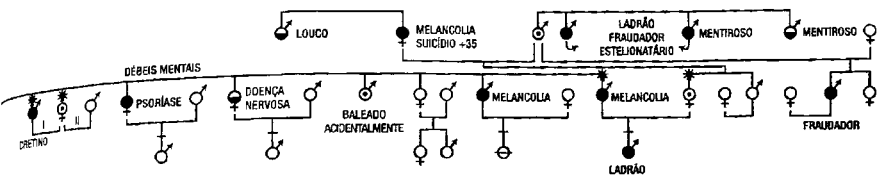
A menina de audição perfeita que se casa com um surdo tem pai surdo e irmã surda. O homem plenamente são que se casa com uma débil mental tem mãe débil mental. As irmãs completamente saudáveis que se casam com os dois irmãos diabéticos têm pai, mãe e um tio materno diabéticos. A menina de fala normal que se casa com um gago tem um irmão gago. Por fim, a mulher religiosa e temente a Deus (ainda que histérica) que se casa com um bêbado violento, ladrão e trapaceiro, tem um pai igualmente violento e dado a bebedeiras, e um meio irmão que é ladrão.

A doença ou defeito de um dos cônjuges "reunidos pelo destino" mostrou ter natureza heredofamiliar nos casos acima, e estava manifesta à época em que contraíram casamento.

Mas também conhecemos indivíduos saudáveis cujos parceiros aparentemente saudáveis à época do casamento desenvolveram sintomas de natureza heredofamiliar mais tarde, em sua vida conjugal; mas a investigação familiar outra vez mostrou que essa doença também poderia ser encontrada na família do outro cônjuge. Apresentaremos três casos do gênero. Todos combinam em sua estrutura com aquele primeiro caso que inspirou esta investigação.

FIGURA 1.8: CASO 8

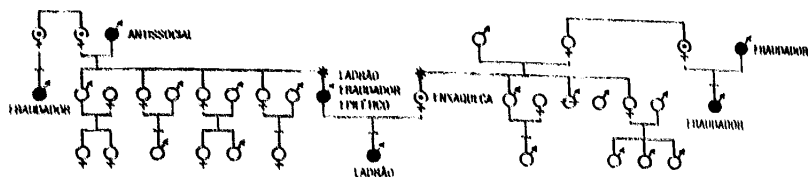
Caso 9. Uma menina de 20 anos que não se sente à vontade na casa de seu padrasto casa-se com um escriturário bem posicionado de 30 anos. Ela afirma que "gostava, mas não amava" esse homem, enquanto este estava muito apaixonado por ela. No oitavo ano de casamento, o marido, subitamente, passa a sofrer de uma grave depressão e fica incapaz de trabalhar. Investiguemos os antecedentes genealógicos desse caso aparentemente banal.

FIGURA 1.9: CASO 9

A esposa plenamente saudável perdera a mãe quando tinha um ano de idade. *Sua mãe cometeu suicídio aos 33 anos num estado de profunda depressão, tomando veneno* (solução sublimada). *A doença do marido e a da sogra parecem idênticas.* Mas o caso em questão apresenta mais de uma coincidência: a similaridade entre as famílias do marido e da esposa estende-se a outros membros, também. Enquanto marido e esposa são muito diferentes, se não opostos em quase tudo, seus parentes consanguíneos se assemelham principalmente em dois traços. Um é a disposição para a melancolia, o outro é a disposição para a criminalidade. Sintomas de melancolia foram observados em cinco irmãos e irmãs do marido, e um deles cometeu suicídio num estado de profunda depressão, como sua sogra. O segundo traço de similaridade está na conduta criminosa. A disposição criminosa foi encontrada num irmão da esposa que era estelionatário, e dois de seus tios paternos foram condenados por fraude. Os correlatos destes na família do marido são: dois sobrinhos do pai (o filho de uma irmã, e um irmão) que decaíram totalmente e vivem como vagabundos. Uma filha deles, de dezoito anos, é ladra notória. Essas famílias ainda incluem outro caso interessante. Além do casamento fatal descrito acima, há outro caso nessa família, em que a combinação das partes parece obedecer integralmente ao princípio de "escolha idêntica". Uma irmã do marido casou-se duas vezes. Seu primeiro marido era decididamente cretino. Poder-se-ia perguntar: por que essa mulher plenamente sã casou-se com um homem que tinha, sem dúvida nenhuma, idiotia? Os dados levantados pela investigação familiar mostram, porém, que uma irmã da

esposa sã (a que vem depois dela na ordem de nascimento) era débil mental. *Assim, a irmã normal de uma mulher imbecil casou-se com um débil mental.*

Outra irmã normal dela também tem uma filha que é débil mental.

Caso 10. Uma mulher muito rica e um pouco inconstante que sofre de enxaqueca – mas, tirando isso, completamente saudável – casa-se com o dono de uma fábrica que, em sua juventude, tinha cãibras epileptoides. Vivem bem durante seis anos. Então, o marido ficou arruinado financeiramente. Depois se envolveu em toda espécie de negócio duvidoso: o resultado é que ele tem problemas com a lei, e é levado a julgamento. Foi condenado diversas vezes por fraude. Com a idade, sua disposição criminosa é comprometida, ele evita o trabalho, rouba as joias da esposa que restaram após o colapso financeiro, vende-as e leva uma vida miserável. Eles têm um filho que se parece muito com o pai, e que também roubou altas somas da própria casa e de seu empregador.

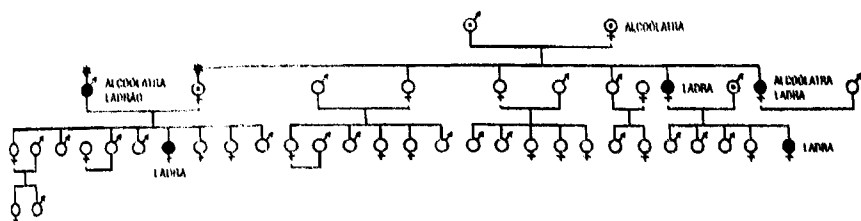
Qual é o segredo desse casamento discordante? Voltamo-nos, novamente, para os registros familiares. A esposa tem uma tia materna cujo destino se parece muito com o seu. Ela também fez uma união aparentemente boa com um homem bem de vida, mas depois seu esposo decaiu moralmente, se tornou um embusteiro e – para completar a analogia – os dois têm um filho que também é um embusteiro. O alter ego do sobrinho trapaceiro também pode ser encontrado na família do marido: ele tem um tio materno que repetidas vezes cometeu desfalques e trapaças.

FIGURA I.10: CASO 10

Caso 11. O que vimos nos casos acima será ainda mais fortemente confirmado pela história do casamento seguinte, bastante trágica. Um casal vive bem e em paz há muitos anos. Ambos são pessoas laboriosas e trabalham duro. O homem é fazendeiro. Têm nove filhos, quatro meninas e cinco meninos. A esposa morreu subitamente de sépsis aos 44 anos. O marido, que sempre cumpriu escrupulosamente seu trabalho diário, em sua tristeza, começa a beber. Ele vai decaindo gradualmente, e acaba virando ladrão. Logo é seguido em sua carreira criminosa pela filha, uma empregada doméstica de dezessete anos. Esta rouba em todos os lugares em que trabalha. Rouba diversos artigos de valor, um anel de diamante, um anel de pedra branca, um par de sapatos marrons, uma blusa, roupas íntimas, cinco pengö em dinheiro, dois lençóis de linho, uma toalha de mesa de damasco, etc. Foi encaminhada para passar dois anos num instituto estatal de correção pela Vara da Juventude. Poder-se-ia pensar que foi a morte da mãe que levou à ruína da família. Mas a investigação genealógica trouxe à luz que *duas irmãs (dentre cinco) da falecida mãe também eram ladras notórias e também a filha de uma delas.*

De acordo com nossos pressupostos teóricos, formulamos da seguinte maneira a principal característica desse casamento fatal: marido e esposa tinham em comum os "genes do roubo", mas essa disposição permaneceu latente no marido até a morte de sua esposa.

Poderíamos enumerar outros casamentos desse tipo. Mas a questão apresentada no começo pode ser respondida a partir dos casos analisados até agora. Perguntamos: *Por que alguém – aparentemente saudável – se apaixona por um indivíduo doente e não por um saudável?* Nossos casos provaram que *a pessoa aparentemente saudável escolheu um parceiro afligido por um defeito hereditário que*

também podia ser encontrado em suas próprias relações consanguíneas. Nos termos da nossa teoria, formulamos isso da seguinte maneira: os mesmos genes que estavam presentes de modo manifesto – como defeitos hereditários – no parceiro escolhido estão contidos de maneira oculta e reprimida, mas de algum modo ainda eficaz, no banco genético da pessoa aparentemente saudável e de seus parentes consanguíneos. Na parte teórica deste estudo, procuraremos provar por meio de uma pesquisa genealógica precisa que os ancestrais agourentos, os genes fatais encobertos e reprimidos, foram na verdade incluídos no "dote genético", na "aparelhagem genética" do parceiro aparentemente saudável.

FIGURA 1.11: CASO 11

1.1.3 Por que um indivíduo saudável se apaixona por uma pessoa igualmente saudável, mas cujos parentes consanguíneos sofrem das mesmas doenças hereditárias que seus próprios parentes consanguíneos?

Nas seções anteriores, abordamos casamentos discordantes em que um dos cônjuges é doente e o outro saudável, e em que a semelhança fatal só poderia ser observada entre a doença, ou defeito, do parceiro doente e a dos parentes consanguíneos do parceiro saudável.

A seguir, apresentaremos casos em que ambos os parceiros do casamento são saudáveis, e assim permanecem durante toda a sua vida de casados. Contudo, mostraremos que nos *parentes consanguíneos do marido e da mulher é possível encontrar traços de doenças hereditárias relacionadas.* Na terminologia de acordo com nossas suposições teóricas: casamentos contraídos entre duas pessoas aparentemente saudáveis, mas com parentesco genético em relação a alguma

doença "hereditária". *A semelhança fatal entre os cônjuges é, portanto, revelada na semelhança dos males hereditários observados em seus parentes consanguíneos.*

Caso 12. Um homem saudável e mentalmente são casa-se com uma mulher igualmente sã de mente e corpo. Eles têm um filho que também é normal, mas que depois se torna um bêbado. Esse filho também se casa com uma mulher saudável, que lhe dá um filho. Este último, porém, supostamente por causa de uma meningite, é débil mental. O avô cometeu suicídio. A pesquisa familiar revelou que três irmãos do pai e também três irmãos da mãe tinham sido internados em asilos para loucos por causa de insanidade relacionada com estupor. Esse casamento é um exemplo clássico para demonstrar até que ponto a conformidade com as verdadeiras doenças hereditárias pode existir entre os parentes consanguíneos dos cônjuges. O caso levanta a questão sobre se a imbecilidade, mesmo tendo aparecido após uma meningite, poderia ter sido determinada por genes recessivos latentes. Eles podem decidir qual dos filhos fica imbecil após a meningite e qual não. Assim, *o casamento descrito acima foi contraído entre irmão e irmã de indivíduos dementes.* Não será difícil provar – na parte teórica deste trabalho –, a partir das leis mendelianas, que ambos os parceiros aparentemente saudáveis tinham parentesco genético – no que diz respeito à demência.

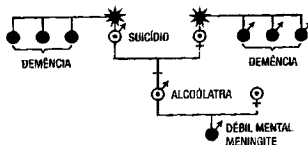
FIGURA 1.12: CASO 12

Caso 13. Marido e mulher são saudáveis. Um de seus dois filhos é débil mental, e o outro é completamente são. Que tipo de "identidade genética" oculta estaria por trás desse casamento? Por ora, basta oferecer o seguinte dado familiar: um irmão mais velho do marido e, também, um sobrinho da esposa são débeis mentais.

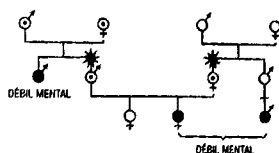
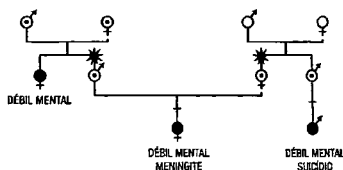
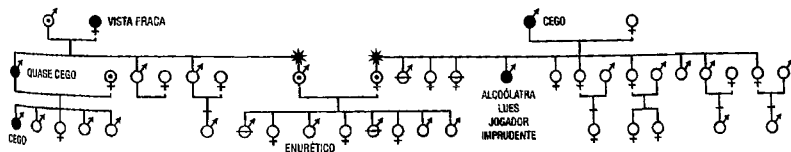
FIGURA 1.13: CASO 13

Caso 14. É uma espécie de caso gêmeo do anterior. Os dois parceiros são inteiramente saudáveis. Apesar disso, a filha deles é débil mental. Em nossa investigação, uma irmã do marido plenamente são, assim como um sobrinho da esposa igualmente sã, revelam-se débeis mentais. Os cônjuges são – como aqueles do caso anterior – idênticos na demência de seus parentescos consangüíneos.

FIGURA 1.14: CASO 14

Caso 15. Um homem de 21 anos, metalúrgico, apaixona-se por uma garota de 23 anos. Desse casamento nasceram oito filhos, e um deles (com oito anos de idade) apresenta sintomas neuróticos e enurese, além de problemas educacionais.

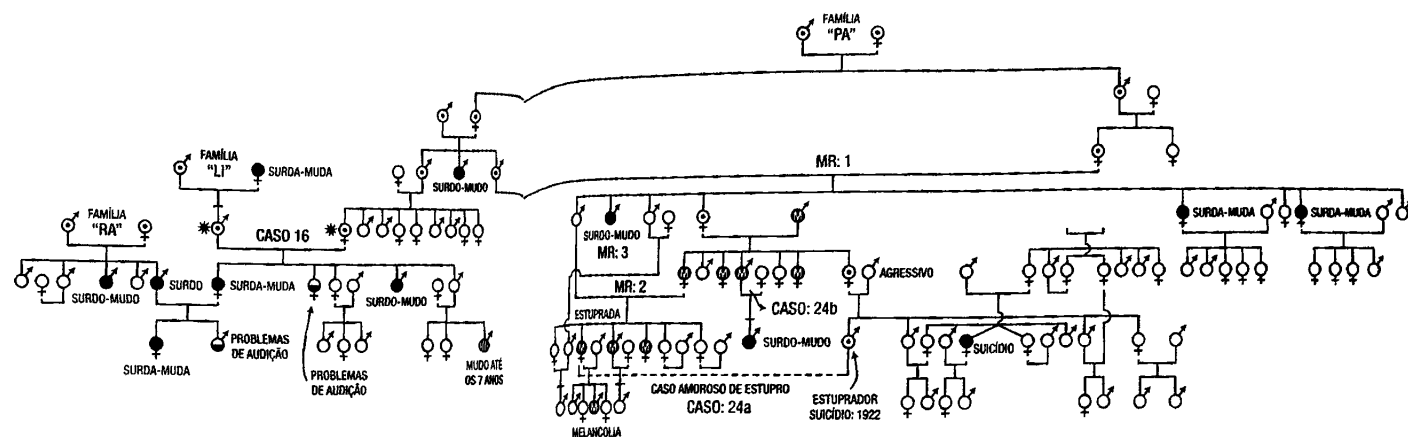
Existirá algum "parentesco genético" entre os parceiros? Segundo as descobertas da investigação familiar, o pai da esposa era cego, o pai e um irmão do marido tinham muito pouca visão, sendo quase cegos. Um dos quatro filhos deste último nasceu completamente cego.

FIGURA 1.15: CASO 15

O caso seguinte refere-se a descendentes normais de indivíduos surdos-mudos.

Caso 16.[3] A filha completamente sadia de um latifundiário rico e altamente respeitado torna-se esposa de um homem saudável. Nenhum dos dois tem qualquer problema de audição. Eles têm cinco filhos; destes, dois – um menino e uma menina – nasceram surdos, e um terceiro tem acentuada deficiência auditiva. O irmão mais velho é normal. Este é casado e hoje tem um filho que foi mudo (não surdo) até os sete anos, e com doze anos aprendeu a falar, mas com um vocabulário muito limitado. A filha surda-muda casou-se com um homem surdo cujo defeito apareceu após uma difteria aos seis anos. Desse casamento nasceram dois filhos, um dos quais nasceu surdo, e o outro apresentou deficiência auditiva aos nove anos, após ter coqueluche. Queremos enfatizar que os parceiros desse casamento *não eram parentes consanguíneos.* Mas, segundo nossas suposições, eles podem ser parentes genéticos. Seu parentesco genético aparece na investigação familiar. A mãe do marido nascera surda, assim como um tio paterno da esposa. Não temos dados sobre a família da mãe surda-muda do marido. Mas sabemos o suficiente a respeito da família da esposa.[4] Esta tem oito irmãos e irmãs, nenhum dos quais é surdo ou tem problemas de audição. O pai da esposa tinha dois irmãos, um dos quais é surdo-mudo, como mencionado anteriormente, e o outro irmão tinha audição normal.

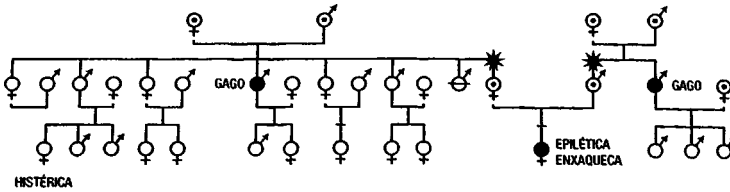
[3] Comparar com família "Li" na árvore genealógica da figura 1.16.

[4] Comparar com família "Pa" na árvore genealógica da figura 1.16.

FIGURA 1.16: CASOS 16 E 24A

Este casou-se com uma prima plenamente sadia. Mas três de seus oito filhos, um menino e duas meninas, eram surdos-mudos. Veremos outro ramo dessa família posteriormente neste estudo, quando abordarmos o casamento de parentes consanguíneos e como os genes recessivos latentes funcionam em estado reprimido no caso do estupro. Aqui estamos apenas registrando que o casamento descrito acima *foi contraído entre descendentes saudáveis de pessoas surdas-mudas.*

Caso 17. Um homem saudável e de fala normal se casa. Sua esposa também é saudável, ainda que apresente algum bócio. Sua filha única, no entanto, é epilética e tem tendência a ter enxaquecas.

Haverá algum tipo de conformidade entre os parceiros? A investigação familiar revelou o fato de *um irmão do marido e um irmão da esposa serem gagos.* Depois discutiremos a conexão genealógica entre epilepsia e gagueira. Assim, o ancestral comum que – de acordo com nossa teoria – uniu marido e esposa era um gago. Numa investigação genealógica, estudamos mais de cem famílias de gagos e descobrimos que a combinação de parceiros que aparece nesse caso é muito comum e típica entre parentes saudáveis de gagos.

FIGURA 1.17: CASO 17

Caso 18. Uma menina de dezoito anos que trabalha numa indústria têxtil namora um empregado de vinte anos de uma oficina de automóveis. O homem é saudável mental e fisicamente, mas tem uma natureza um tanto violenta e gosta de beber. Sua relação amorosa logo se tornou íntima, e a menina deu à luz um menino. Então eles se casam. A esposa sempre afirmou amar o marido, enquanto o marido sempre negou amá-la, alegando ter sido forçado a casar-se com ela por causa do filho que tiveram. Depois de dois anos de vida de casados, o marido começa a dormir fora e a ter relações com outras mulheres. Deixou a mulher por quatro vezes, mas voltava novamente e praticamente implorando para que ela começasse uma vida nova com ele. Durante alguns anos, eles viveram parcialmente juntos, parcialmente separados. Há cerca de cinco anos eles se separaram de novo e não reataram desde então. O filho agora está com nove anos, uma criança cheia de energia, que diversas vezes foi pega roubando livros e cadernos na escola e, também, dinheiro em casa.

Enquanto viviam juntos, marido e esposa sem dúvida estiveram unidos por fortes laços eróticos, apesar da negação do marido. Do contrário, os repetidos esforços do marido para reconciliar-se com sua esposa e voltar a viver com ela não fariam sentido. Ao observar sua árvore genealógica, podemos estabelecer com certeza seu parentesco genético. A conformidade de seu parentesco e consanguinidade parece ser dupla: primeiro falaremos da criminalidade, depois da insanidade alcoólica. Uma irmã do marido, que trabalha numa fábrica, é ladra notória. O seu correspondente na família da esposa é um irmão com ficha na polícia por repetidos roubos. Este último assemelha-se a seu cunhado também sob outros aspectos. Ele também tem natureza violenta e gosta de beber. O avô materno da esposa perdeu sua fortuna inteira na bebida, largava

a esposa de tempos em tempos, vivia temporariamente com outras mulheres, e depois voltava para ela, assim como o marido da sua neta. Devido ao *delirium tremens* foi internado num asilo para loucos. Foi enviado para casa, em observação, e matou a esposa, apunhalando-a. O correspondente do avô e do pai da esposa é o pai do marido, que morreu aos cinquenta e três anos num asilo para loucos, em que foi internado por causa de seu *delirium tremens.* Na nossa terminologia dizemos que esse casamento também foi contraído entre os descendentes de ancestrais que sofriam de doenças idênticas.

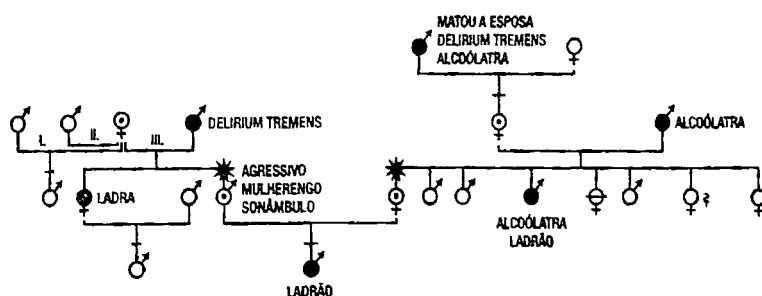
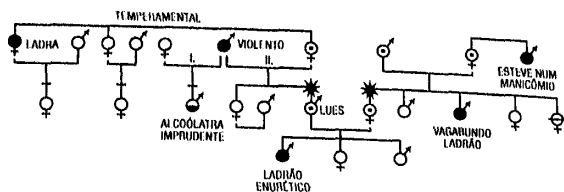
FIGURA 1.18: CASO 18

Caso 19. A filha única de um pintor de paredes, frágil e delicada, casa-se com um corretor nervoso que sofre de sífilis. Nascem três filhos, dois meninos e uma menina. O menino mais velho, agora com doze anos, é mentiroso, muito teimoso, neurótico, com frequência chora a noite inteira e sente muito ciúme de sua irmã e de seu irmão mais novo. Por outro lado, ele é muito generoso, dá seus brinquedos para crianças desconhecidas e troca a corrente de ouro roubada por roupas de bonecas. Recentemente também passou a roubar dinheiro. O pai e a mãe são pessoas completamente honestas. Mas um irmão da mãe passou, quando jovem, muitos anos num instituição estatal de correção por repetidos roubos. Uma tia materna do pai é o equivalente desse homem. É uma ladra incorrigível. O pai dela (avô do menino) é uma pessoa temperamental, irascível e rude, que costumava dar tiros em seus gatos quando estava de mau humor. O parentesco genético entre os parceiros parece evidente.

FIGURA 1.19: CASO 19

Mas talvez devamos interromper os relatos desses exemplos de casamentos trágicos e fatais, para lidar com a tarefa mais difícil, que é dar uma interpretação genealógica da conformidade hereditária estabelecida entre os parentes consanguíneos dos cônjuges.

Capítulo 2

A teoria da escolha amorosa pelo "ancestral"

Segundo nossos pressupostos, a escolha no amor é amplamente dirigida pelos genes recessivos latentes, pelos ancestrais comuns que reaparecem e reencarnam formalmente nas gerações posteriores, após terem sido reprimidos por algum tempo. Os cônjuges, ainda que muitas vezes dissimilares em seus traços manifestos, são atraídos um pelo outro pelo estímulo de uma "identidade" única. Essa identidade não é diretamente visível; ela existe na forma de genes recessivos latentes comuns. São esses os traços ancestrais comuns reprimidos que atuam como uma espécie de casamenteiro natural.

Nossa atenção voltou-se para o efeito desses agentes ocultos e secretos sobretudo por causa de duas observações. Em primeiro lugar, ficamos impressionados com o fato de que, em geral, pessoas saudáveis "escolhem" parceiros doentes, cujos pais ou mães, irmãos ou irmãs ou quaisquer outros parentes consangüíneos próximos são afligidos por um tipo de doença hereditária idêntico ou relacionado àquele presente no parceiro doente. Os casos 3 a 11 pertencem ao grupo desses casamentos aparentemente discordantes.

Nossa teoria "do ancestral", baseada no efeito dos genes recessivos latentes, leva à mesma conclusão a que chegou a psicanálise. Ao falar da escolha amorosa, Freud diz: "O caminho da escolha objetal geralmente tem conduzido o homem através da imagem da sua mãe, e talvez da própria irmã, para o seu objeto de amor" (*Totem und Tabu*, p. 16).

A segunda observação que efetivamente deu fundamento à nossa teoria revelou-nos o fato de que, em geral, *o amor surge entre os descendentes saudáveis, sem defeitos, de pessoas que sofrem de alguma doença hereditária comum.* Esses amantes não costumam ser parentes, mas – em nossa terminologia – têm parentesco genético. Os casos 12 a 19 pertencem a esse grupo de casamentos.

O papel dos genes recessivos latentes, enquanto casamenteiros, também foi demonstrado em alguns casos de casamentos repetidos (duas vezes ou mais) das mesmas pessoas. Falaremos posteriormente desses casos. (Ver casos de 20 a 23.)

Mas se quisermos derivar dessa ideia aparentemente ousada uma teoria que pode ter uso prático para a psicologia do instinto, a mera enumeração de exemplos não será suficiente. Teremos de esclarecer o significado de três circunstâncias.

1. É preciso provar que nos casamentos descritos, ou em casamentos similares, os genes recessivos das doenças genuinamente hereditárias encontradas de forma manifesta nos relacionamentos consanguíneos de ambos os cônjuges existiam, de fato ou ao menos com grande probabilidade, de forma latente nos próprios cônjuges, aparentemente saudáveis. A genealogia formula isso com sua terminologia particular da seguinte maneira: é preciso provar que os cônjuges são *heterozigotos* ou *híbridos* (os termos serão definidos posteriormente).

2. É preciso examinar se os genes recessivos latentes, supostamente inerentes aos parceiros heterozigotos ou híbridos, estavam ou não de alguma maneira ativos na época em que os parceiros se apaixonaram ou se casaram.

3. Por fim, caso essas dificuldades sejam superadas positivamente, cabe-nos comprovar que, com toda a probabilidade, esses genes recessivos latentes têm exatamente o destino biológico relevante: *dirigir, instintiva e inconscientemente, nossa escolha amorosa e também nossa escolha em outros atos biológicos* em que esse direcionamento seja necessário. Esse terceiro ponto constitui a essência da nossa teoria da escolha amorosa.

Antes de tentarmos reunir e apresentar nossos argumentos em relação a esses três pontos, parece recomendável uma breve discussão e explicação de alguns conceitos e relações básicas da genealogia para aqueles que não são suficientemente versados nessa desenvolvidíssima ciência da herança.

2.1 Conceitos básicos da genealogia

Nossa teoria se baseia na existência de genes recessivos latentes. O que esses termos significam exatamente?

Segundo a teoria de Mendel, cada traço de um indivíduo está enraizado numa dupla disposição: uma parte que se origina do pai, e outra que se origina da mãe. Assim, a biologia genealógica opera com certas unidades genealógicas, com os ditos "genes", e a disposição para qualquer traço de um indivíduo é considerada uma espécie de par de disposições baseado em um par de genes.

O par de genes é chamado de par alelomorfo (Mendel), ou, simplesmente, par alelo (Johanssen). Eles se referem estritamente a um único e mesmo traço, propriedade ou característica mórbida. Um "alelo" desse par de genes entra no indivíduo, no assim chamado "zigoto" proveniente da célula-germe materna, e o outro "alelo" vem da célula-germe paterna, na união das células-germe. Assim, um dos alelos sempre simboliza um ancestral paterno, e o outro um ancestral materno, e esses dois ancestrais (genes, alelos) juntos determinam o aparecimento de algum traço ou doença. Embora o sentido do termo "gene", estritamente falando, esteja limitado a uma unidade genealógica, no uso geral ele pode ser estendido ao portador desse gene e designar um indivíduo, assim como os termos hetero ou homozigoto podem designar a totalidade do indivíduo que se desenvolverá a partir da célula-ovo fertilizada. Igualmente, as expressões "gene" e "ancestral" são intercambiáveis em muitos casos. Nesse sentido, podemos falar de ancestrais que reaparecem e retornam, sempre que um gene se torna manifesto nos filhos. "Zigoto" designa a célula-ovo fertilizada, mas no jargão genealógico também corresponde à totalidade do indivíduo. Assim, o zigoto é o detentor de todo o "banco genético" ou equipamento genético paterno e materno. No par de genes, as unidades de disposição que se referem a um determinado traço podem ser idênticas ou opostas. Por isso, a genealogia fala em indivíduos "heterozigotos" e "homozigotos".

Chamamos um indivíduo de homozigoto se ele herdou genes idênticos para um mesmo traço do pai e da mãe; heterozigoto, se os genes recebidos

do pai e da mãe não são idênticos em relação a um determinado traço. *O indivíduo heterozigoto é, no que tange aos genes ou ancestrais que determinam um certo traço, uma variação humana híbrida ou bastarda.* Caso a diferença dos genes paternos e maternos refira-se a um, dois ou mais pares de genes, falamos respectivamente em variação humana mono-, di- ou polizigótica, ou mono-, di- ou poli-híbrida.

A aparência exterior, o fenótipo, do indivíduo homozigoto está em perfeita harmonia com as disposições representadas pelos genes. A genealogia moderna criou um sistema de sinais para expressar isso.

Vamos demonstrar esse sistema num exemplo. Designamos o gene que determina a audição perfeita usando o símbolo "A", e o gene representando a disposição para a surdez por "a". Os indivíduos homozigotos quanto à audição podem assim ser representados por dois tipos de fórmula genética:

AA = audição intacta
aa = surdez
} Indivíduo homozigoto

Na fórmula disposicional do indivíduo heterozigoto há um par de alelos que, no caso da audição, contém um gene para a disposição à surdez, e outro para a audição perfeita. Essa heterogeneidade dos ancestrais quanto à audição torna esse indivíduo híbrido, ou bastardo. A fórmula disposicional do indivíduo heterozigoto é "Aa".

Como resultado da dupla ancestralidade, o indivíduo heterozigoto pode ter dois tipos de aparência externa, dois tipos de "fenótipo": pode ser que um desses genes se sobreponha ou domine – corresponde ao gene dito dominante –, no nosso caso A (o gene da audição perfeita) –, ao passo que o outro gene ("a", surdez) fica encoberto ou reprimido. Também podemos dizer que um ancestral surdo permanece latente no indivíduo. Na genealogia, o gene que é mantido no plano de fundo pelo gene dominante é denominado de gene "recessivo latente".

Mas é possível que os dois genes contrastantes determinem em conjunto o respectivo traço do indivíduo. Nesse caso, deparamo-nos com

um traço intermediário que é uma transição entre o traço do indivíduo homozigoto-dominante e aquele do indivíduo homozigoto-recessivo. Um bom exemplo desse traço transicional é a variação híbrida que resulta do cruzamento do homem branco com o negro, o mulato, cuja cor da pele forma uma transição entre a pele branca (homozigoto-dominante) e a negra (homozigoto-recessivo).

Assim, diz-se que um traço é "herdado de maneira dominante" se ele fica manifesto não apenas em dose dupla (homozigoto AA), mas também em dose simples (heterozigoto Aa).

O modo da herança é recessivo se um certo traço só pode ser transferido em dose dupla, em forma de homozigoto (aa).

2.2 Métodos para o estabelecimento da natureza homozigótica

Para os fins de nossa teoria da escolha amorosa, interessa-nos, em primeiro lugar, o *indivíduo heterozigoto* e o papel dos genes *recessivos latentes.*

Se tentarmos encontrar evidências genealógicas para nossa teoria, primeiro teremos de provar que algum dos cônjuges – aquele aparentemente saudável na categoria B de casamentos, ou ambos os parceiros, na categoria C – é um indivíduo heterozigoto, híbrido. Temos de saber: que famílias ***dão origem*** a indivíduos heterozigotos, e *como identificá-los como tal?*

A Figura 2.1 ilustra a modalidade hereditária recessiva simples ("fator único", monômero).

Nessa figura:

A indica o gene (ancestral) saudável.

a indica o gene (ancestral) mórbido.

AA indica o indivíduo saudável homozigótico-dominante.

aa indica o indivíduo doente homozigótico-recessivo.

Aa indica o indivíduo saudável heterozigótico-dominante.

Mas o que indica que uma pessoa é heterozigótica, com uma disposição mórbida latente? Podemos deduzir a resposta facilmente da figura 2.1.

O indivíduo é heterozigótico quando:

1. um dos progenitores é saudável quanto ao fenótipo e aos fatores genéticos, ao passo que o outro é doente recessivo (homozigoto recessivo). A fórmula genética desse casamento é: AA x aa (ver a categoria B1 de casamentos na figura 2.1);

2. um dos progenitores é aparentemente (fenotipicamente) saudável, mas descende de ancestrais doentes (heterozigotos), ao passo que o outro é doente recessivo. A fórmula genética desse casamento é Aa x aa (ver categoria B2 de casamentos na figura 2.1);

3. os dois progenitores são aparentemente saudáveis, mas um de seus filhos sofre de uma doença hereditária recessiva (heterozigoto recessivo: aa). Nesse caso, os dois progenitores devem ser heterozigotos, e isso significa que ambos podem carregar seus ancestrais doentes na forma latente. A fórmula genética desse parentesco é Aa x Aa. (Ver categoria C1 de casamentos, figura 1);

4. a natureza heterozigótica de uma pessoa saudável, cujos progenitores são ambos saudáveis pode ser comprovada de maneira simples, embora não completamente, pela observação de que ele tem um irmão ou uma irmã doente. Nesse caso, podemos afirmar, com uma probabilidade de 2/3, que o indivíduo é heterozigoto ou, em outras palavras, que ele é portador de um gene mórbido latente. (Ver categoria C1 de casamentos, figura 2.1).

Se uma pessoa saudável vem de uma família na qual existe a ocorrência de uma doença hereditária recessiva, a probabilidade de que seja heterozigota pode ser calculada a partir do grau da relação consanguínea entre o membro saudável e o membro doente da família. Em geral, podemos calcular a probabilidade de um gene latente estar sendo carregado por qualquer pessoa, isso é, a probabilidade de qualquer pessoa ser heterozigota em relação a um determinado traço, se soubermos a frequência daquele traço (ou doença) recessivo na população média.

FIGURA 2.1: ESBOÇO DA HERANÇA RECESSIVA MONOFATORIAL

Capítulo 3
Uma tentativa de demonstração do caráter heterozigótico de cônjuges aparentemente saudáveis, isto é, da presença de genes recessivos latentes nos casamentos descritos anteriormente

3.1 Categoria de casamento: saudável x doente

Será possível provar que as pessoas aparentemente saudáveis descritas em nossos relatos são heterozigóticas em relação ao traço ou à doença hereditária crítica? Comecemos com aqueles amantes específicos que – mesmo sendo aparentemente saudáveis – escolheram um parceiro doente. Cabe-nos mostrar que esses indivíduos saudáveis eram "portadores genéticos" de algum mal hereditário recessivo, "ocultador" dos mesmos "ancestrais", semelhantes aos parceiros escolhidos e aos próprios parentes consanguíneos que sofriam manifestamente da doença hereditária em questão.

Como assinalamos anteriormente, em nosso primeiro caso, o qual impulsionou esta investigação, o marido não possuía o traço crítico, mas sua mãe e sua esposa sofriam da mesma neurose. Como a neurose da mãe e da esposa apresentavam uma similaridade quase espectral, tanto na forma quanto no conteúdo, temos, segundo os princípios da genealogia, o direito de presumir que mãe e esposa eram, ao menos no que diz respeito à neurose em questão, indivíduos com uma fórmula genética idêntica, isto é, eram do mesmo genótipo. Uma vez que a mãe do marido tinha uma doença hereditária recessiva, o filho era, de acordo com o primeiro tipo de casamentos, categoria B (figura 3.1), necessariamente um indivíduo heterozigoto híbrido. E isso é verdade

independentemente de a disposição neurótica ser transferida hereditariamente por dois ou mais fatores genéticos, isto é, de seguir um modo "dímero ou polímero" de herança. O que representa a recessividade dímera para a interpretação genealógica dos casamentos anteriores? Significa apenas que a fórmula genética da mãe e a da esposa não são "aa" (mono-homozigótica-recessiva), mas aa bb (di-homozigótica-recessiva) e que a fórmula genética do marido saudável não é Aa (mono-heterozigótica) mas AaBb (di-heterozigótica) (Ver B1, figura 3.1). Assim, nossa suposição pode ser formulada da seguinte maneira: o homem que se apaixonou pela mulher que apresentou, no quinto ano de casamento, a mesma neurose que tortura sua própria mãe contém – encoberto e oculto – o mesmo ancestral neurótico.

Por uma inferência análoga, é igualmente possível provar que os cônjuges saudáveis nos nossos terceiro e quarto casos são indivíduos heterozigotos. Um dos progenitores dessas pessoas aparentemente saudáveis sofria da mesma doença recessiva do parceiro doente que fora escolhido. No terceiro caso, o pai da menina que escolheu um marido surdo tinha dificuldade de audição. No quarto caso, o homem, ele mesmo inteiramente são, tomou como esposa uma débil mental, sendo que ele também tinha uma mãe débil mental. A surdez ou a dificuldade de audição, como demonstrado além de qualquer dúvida nas investigações genealógico-patológicas clássicas de J. Bauer, são herdadas de forma recessiva dímera. A debilidade mental é um defeito hereditário recessivo que às vezes tem como base um fator genético único (como, por exemplo, a idiotia familiar conectada com a cegueira, ou aquele tipo peculiar de debilidade mental frequente na Suécia, descrito por Sjögren), mas o mais comum é estar baseado em dois ou mais fatores genéticos (Lange, Luxenburger, Brugger, Lokay, Reiter e Osthoff, Pleger, etc.).

A combinação de cônjuges nos casamentos de que se originam as pessoas que escolheram cônjuges doentes nos casos 1, 2 e 4 pode pertencer às seguintes categorias de casamentos (supondo-se uma recessividade dímera):

B1. AaBb x aabb ou B2. Aabb x aabb ou B3. aaBb x aabb (Figura 3.1). Nos casos 3 e 4, o caráter heterozigótico dos cônjuges é comprovado, sem qualquer dúvida, pelo fato de que tiveram filhos doentes recessivos. No caso 3, um

dos dois filhos era surdo, no caso 4, dois filhos dentre oito filhos eram débeis mentais. Não temos como duvidar de que esses "eleitores de cônjuges" eram heterozigóticos, "ocultadores de traços", "ocultadores de ancestrais".

Duas irmãs aparentemente saudáveis se apaixonaram por dois irmãos com diabete (caso 6). Os pais das duas irmãs também eram diabéticos. O caráter hereditário do diabetes foi mostrado em parte pelas observações de gêmeos (Bunce e Dougherty, Joslin, Kückens, Umber, Werner, Pannhorst), em parte pelos dados estatísticos de máculas hereditárias (Camidge, Buchanan, Finke, Grote, Hansen, John, v. Noorden, Prissel, Wagner, Seckel, Umberg). O modo da herança é recessivo, de acordo com os dados disponíveis até agora. O fato de ambos os pais das irmãs serem diabéticos, embora esse mal estivesse ausente nas irmãs, corrobora a regra geral de que na maioria das famílias diabéticas a doença não é transferida para os filhos sob a forma manifesta num período de cinquenta anos... As irmãs tinham menos de cinquenta anos. Elas ainda estão ocultando o "ancestral" doente. Do ponto de vista da nossa teoria, é muito importante que, nos casos 7, 8, 9 e 10 o caráter heterozigótico do cônjuge aparentemente saudável seja claramente evidenciado pelo fato de que os casais em questão já tinham um filho manifestamente doente à época da nossa investigação, enquanto que, por outro lado, há indicadores de que essa doença é hereditária de modo recessivo. Há muito sabemos que a gagueira, o traço crítico no caso 7, é uma neurose baseada em disposição hereditária. O que não tinha sido estabelecido a respeito dessa questão, até recentemente, era o modo preciso da herança, principalmente o número de fatores genéticos. Numa investigação durante os anos de 1932 a 1935, tentei completar nosso conhecimento sobre esse problema e, por meio de uma pesquisa genealógica sistemática de famílias de gagos, mostrei que essa neurose da fala está baseada em dois fatores genéticos recessivos.

A pesquisa genealógica relacionada à questão da herança de disposições criminosas ainda está em curso. Se descartarmos os criminosos que também são doentes mentais, loucos, gravemente psicopatas ou narcomaníacos, ainda teremos um grupo considerável de criminosos, a partir dos quais o caráter hereditário da criminalidade pode ser demonstrado. Isso foi comprovado, pela

primeira vez, na investigação de gêmeos (Lange, Kraus, Stumpfl). Além disso, não há mais dúvida de que mesmo as formas particulares de criminalidade estão ligadas a fatores genéticos discretamente variáveis (ver Bayer). Por outro lado, também parece certo que fatores externos e o ambiente desempenham um papel relevante na manifestação da criminalidade. Os resultados da investigação de gêmeos apontam particularmente para essa direção. O modo preciso da herança da criminalidade ainda não foi estabelecido. Os fatos que se encontram à nossa disposição parecem muito intricados, além de indicar com grande probabilidade a recessividade polímera. Isso é confirmado pelos dados estatísticos de Estabrook a respeito das famílias de alguns arrombadores e prostitutas americanos bem conhecidos. Ele chegou aos seguintes resultados.

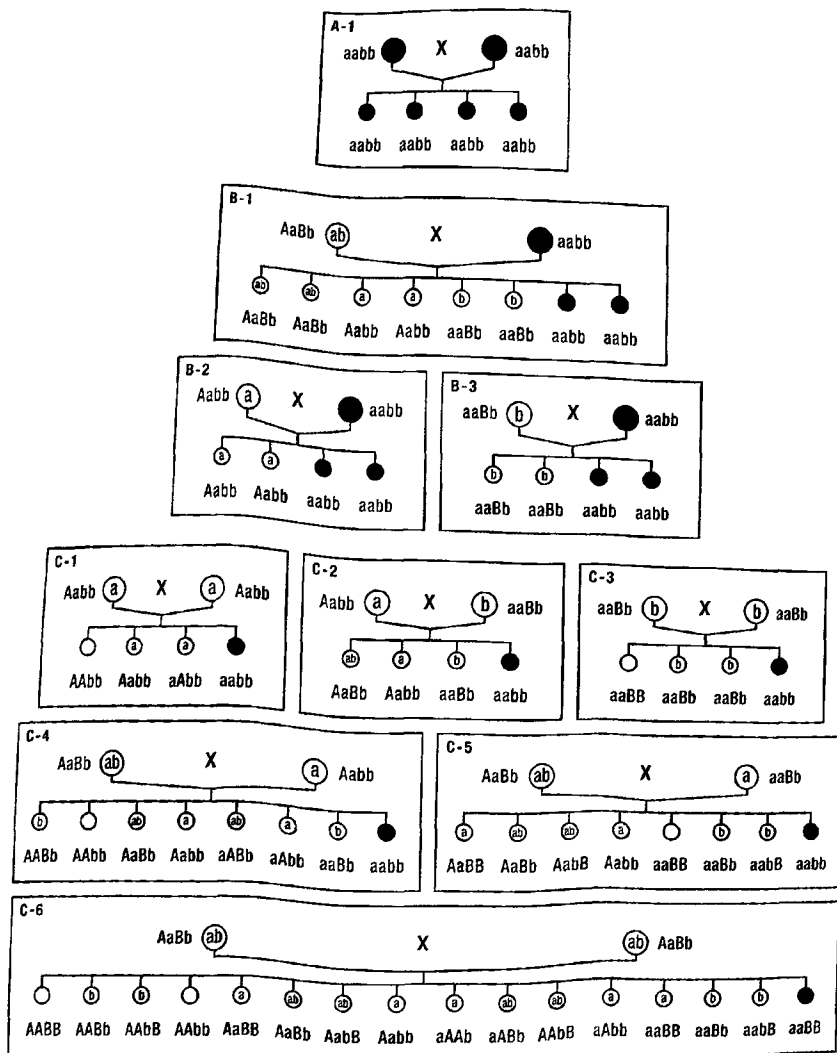
Se ambos os progenitores vêm de famílias criminosas, ainda que eles mesmos sejam inocentes perante a sociedade, pode-se esperar que 19% de seus filhos sejam socialmente desviantes (criminosos ou prostitutas). Se um dos pais efetivamente apresenta comportamento socialmente desviante, e o outro não apresenta qualquer desvio, embora possivelmente venha de uma família criminosa, pode-se esperar que 51% dos filhos apresentem comportamento socialmente desviante e apenas 49% sejam normais. Por fim, se ambos os progenitores apresentam uma disposição criminosa, podemos contar que 77% dos filhos apresentarão comportamento socialmente desviante.

Quanto ao caso 9, a esposa aparentemente saudável deve ser considerada heterozigota em relação ao traço da criminalidade, porque deu à luz uma criança com comportamento socialmente desviante. Pela mesma razão, seu marido há de ter sido heterozigoto em relação ao traço mencionado acima. Mas os cônjuges desse casamento são heterozigotos em relação a dois traços ancestrais: um é a criminalidade; o outro, a melancolia. Na família da esposa, o ancestral criminoso é representado por dois irmãos de seu pai, e também por um meio-irmão. Havia criminosos na família do marido, um filho de cada irmão. Assim, a esposa trouxe de volta à vida – como frequentemente acontece – seus tios paternos e seu meio-irmão na pessoa de seu filho. Considerando o fato de que a mãe da esposa cometera suicídio devido a uma depressão profunda, o "ancestral melancólico" provavelmente está presente na esposa. Por

outro lado, a melancolia é muito frequente na família do marido. A melancolia é uma das doenças mentais com um curso hereditário bastante tortuoso. Como sabemos hoje, ela é governada por muitos fatores disposicionais; pelo menos um deles pode ser dominante, mas também deve haver fatores recessivos entre eles.

Nós ainda não consideramos o caso 5. O casamento que aparece nesse caso pertence ao tipo discordante: saudável x doente. O casamento foi contraído entre a neta de um cego e um homem cego. Como não conhecemos a causa imediata da cegueira de nenhum dos dois, e como não foi possível observar a ascendência e o parentesco lateral, não estamos em condições de afirmar nada definitivo a respeito do caráter heterozigótico da esposa. No grupo C (saudável x saudável), descrevemos um caso (15) em que os parentes saudáveis de pessoas cegas contraem matrimônio; o defeito do irmão do marido e do filho é certamente inato e herdado. Este caso torna plausível a possibilidade geral de que um parente ou descendente saudável de uma pessoa cega tenha escolhido um parceiro com cegueira manifesta.

Em nove entre dez casos da categoria saudável x doente, conseguimos demonstrar o caráter heterozigoto e híbrido da pessoa saudável que escolheu um parceiro doente por meio da aplicação das leis de Mendel; o ancestral manifesto no cônjuge escolhido estivera oculto e reprimido, ainda que presente naquele que fez a escolha. Agora podemos passar à demonstração do outro grupo de casais – a categoria saudável x saudável –, composta de indivíduos heterozigóticos e híbridos, que ocultam o mesmo "ancestral".

FIGURA 3.1: ESBOÇO DA HERANÇA RECESSIVA DE DOIS FATORES

● aabb, di-homozigoto, *doente.* ⓐ Aabb, quanto ao fator "a", mono-heterozigoto; quanto ao fator b, mono-homozigoto, *saudável.*

ⓑ aaBb, quanto ao fator "b", mono-heterozigoto; quanto ao fator "a", mono-homozigoto, *saudável.* (ab) AaBb, quanto ao dois fatores di-heterozigoto, *saudável.*

A: *doente* x *doente*
categoria de casamentos concordantes.

B: *saudável* x *doente*
categoria de casamentos discordantes.

C: *saudável* x *saudável*
categoria de casamentos concordantes.

3.1.1 Categoria de casamentos: saudável x saudável

Nossa primeira tarefa será verificar se o traço, cujos genes supostamente estão ocultos no casal visível e plenamente sadio à época do casamento, foi herdado de forma recessiva.

Em três casos desse grupo (casos 12, 13 e 14), o traço crítico era a debilidade mental; no caso 15, era a cegueira; no caso 16, a surdez; no caso 17, a gagueira; e, por fim, nos casos 18 e 19, a criminalidade. Excetuando a cegueira, a *forma recessiva* da herança foi demonstrada por meio de pesquisas genealógicas sistemáticas, para todos os traços listados acima. Para a cegueira, o caráter hereditário recessivo só foi estabelecido para uma certa atrofia do nervo ótico (Atrofia de Leber). Não conseguimos descobrir se a cegueira do caso 15 se deu graças a essa atrofia. Nesse caso – por uma questão de princípio, como em todos os outros casos – temos de pensar nos *genes recessivos de outros traços hereditários comuns aos cônjuges e que conduzem, conjuntamente, à escolha amorosa de ambos.* No caso 15, em particular, essa possibilidade é destacada pelo achado de alcoolismo e de fraqueza mental nas famílias dos dois cônjuges, e também pelas disposições criminosas do filho.

Nos casos 13, 14, 16, 18 e 19, progenitores aparentemente saudáveis têm um filho recessivamente doente. *O caráter heterozigótico desses progenitores não deixa dúvidas nesses casos.* O caso 16 é um exemplo instrutivo: os progenitores não são parentes consanguíneos, nenhum dos dois é surdo-mudo, mas dois de seus filhos são surdos-mudos, e, por meio da investigação familiar, descobrimos que a mãe do marido e também um tio paterno da esposa eram surdos-mudos. O caráter híbrido desse casal é igualmente bem demonstrado pela circunstância de que o ancestral recessivo doente é encontrado, sob a forma manifesta, nos irmãos e nas irmãs de uma das partes, ou entre seus filhos. Nesse caso, estaríamos justificados de concluir, com alta probabilidade, pelo caráter heterozigótico e híbrido dos cônjuges, ainda que nenhum filho doente tenha nascido, como provavelmente não nascerá em famílias com apenas um ou dois filhos. Temos uma família desse tipo no caso 12, com um único filho, que não é portador do traço. O caráter heterozigótico dos pais, porém,

parece muito provável, porque três irmãos dos dois lados tinham demência. Além dessa distribuição simétrica da demência entre os parentes laterais do marido e da esposa, há o neto débil mental, que comprova, sem qualquer dúvida, o caráter heterozigótico de seu pai (isto é, o único filho do casal crítico) e atribui caráter similar aos avós.

A fim de demonstrar o caráter heterozigótico do casal do caso 17, temos de recorrer a uma ideia aplicada mais raramente na genealogia: *a alelia múltipla*.

Como vimos, o que acontece no caso 17 é a ocorrência de um filho epilético, que também sofre de enxaqueca, numa família em que os pais são plenamente saudáveis, ainda que, de acordo com nossos pressupostos, escondam o "gene da gagueira". É surpreendente que o filho não seja gago, mas tenha ataques epiléticos, alternados com crises de enxaqueca. Como costumamos dizer, a gagueira, a epilepsia e a enxaqueca são, em sua aparência fenotípica, muito heterogêneas, embora todas as três tenham uma estreita relação genética. Nossa investigação das árvores genealógicas de gagos mostrou que pais, tias, tios e, também, primos de gagos sofrem de epilepsia ou de enxaqueca com frequência maior do que a esperada. A pesquisa genealógica sugeriu-nos a ideia de que a metamorfose fenotípica peculiar da epilepsia, enxaqueca e gagueira, ao longo das sucessivas gerações, se baseia no fenômeno da *alelia múltipla*. Qual é o sentido exato disso?

Até agora falamos apenas de pares de genes compostos por dois alelos constituintes: um dominante e um recessivo. Segundo as novas perspectivas derivadas de experimentos genealógicos, um dos alelos pode originar-se do outro por *mutação*. A forma dominante e a recessiva seriam, portanto, meras expressões extremas do mesmo gene básico. Pode acontecer, porém – como amplamente exemplificado pela genealogia experimental –, de a mutação do gene básico produzir mais do que variações polares, isso é: além das duas variações extremas podem surgir variações de genes intermediárias e transicionais, que podem *constituir toda uma série de fatores*, diferindo apenas em intensidade.

Suponha-se que "A" é o gene dominante da boa audição; então, o gene recessivo "a" pode ser considerado uma mutação resultante do gene dominante.

Mas, de acordo com as pesquisas mais recentes, é bastante presumível que além dessas formas genéticas extremas exista uma série intermediária de genes alelos: a_1, a_2, a_3, a_4... A manifestação fenotípica desses genes alelos pode representar diversas formas transicionais entre a surdez e a boa audição, ou várias formas clínicas de surdez.

Nas drosófilas, uma certa variedade de moscas, dez genes alelos diferentes da disposição da cor dos olhos foram determinados experimentalmente, e a cada um deles corresponde um tom transicional entre vermelho (a cor dos olhos da variedade selvagem) e branco incolor. O grau de dominância dos fatores da série é determinado pela quantidade de pigmento necessária para produzir a cor correspondente; os genes cujas cores correspondentes demandam mais pigmentos são dominantes em relação àqueles que requerem menos. Os genes que determinam a cor dos cabelos ou a pertença a um certo grupo sanguíneo no ser humano constituem, igualmente, uma série múltipla de alelos.

Considerando nossas investigações e computações genealógicas, a gagueira, a epilepsia e a enxaqueca são males hereditários delimitados por certas combinações de alelos derivados da mutação de dois fatores genéticos, que designamos simplesmente como "a" e "b". Presumindo a alelia múltipla, a alternação peculiar dos três males – epilepsia, gagueira e enxaqueca – de geração em geração pode facilmente ser explicada, tornando plausível que pais que padeçam de enxaqueca tenham filhos gagos, e que indivíduos epiléticos que sofram de enxaqueca descendam de pais gagos.

A concepção de alelia múltipla pode ser de grande valia na compreensão de casos em que há indivíduos sofrendo de males hereditários aparentemente diferentes nas famílias dos cônjuges. Muitas vezes, essas doenças heterogêneas são apenas diferentes manifestações clínicas dos mesmos genes, uma reaparição do mesmo "ancestral" em roupagem diferente. A demonstração disso baseia-se sobretudo na suposição da alelia múltipla, que se tornou provável a partir dos dados. A alelia múltipla também explica por que os parentes consanguíneos do marido e da esposa frequentemente exibem doenças hereditárias clinicamente muito distintas. Naturalmente, *o pressuposto de alelia múltipla*

só se justifica nos casos em que a polialelia dos traços recessivos patológicos encontrada nas relações consanguíneas dos parceiros foi comprovada por meio de cálculos exatos da matemática genealógica. Quanto à gagueira, à epilepsia e à enxaqueca, esses cálculos já foram realizados por nós. Como resultado podemos presumir que os cônjuges do caso 17, que têm um irmão gago e cuja filha é epilética e sofre de enxaqueca, são na verdade heterozigotos com fatores genéticos idênticos, descendentes de um mesmo ancestral "de três faces".

Concluímos nossa tentativa de demonstrar o fato de que os cônjuges dos casamentos discutidos acima são indivíduos heterozigóticos, "ocultadores de ancestrais". Ao longo da discussão, talvez tenhamos mencionado a genealogia mais do que convém a um psicólogo não suficientemente versado nessa ciência, ao passo que, para o genealogista, há pouca novidade. Mas isso é inevitável num texto dirigido igualmente ao genealogista e ao psicólogo dos instintos.

Capítulo 4

Serão operantes os genes recessivos latentes?

A tendência atual da genealogia dá cada vez mais atenção à existência de genes recessivos latentes e procura determinar seu campo de efeito. Faremos um breve apanhado do trabalho realizado sobre essa questão.

Como afirmado anteriormente, o gene "normal" que determina a aparência manifesta de um traço normal sofre – não se sabe por quê – uma espécie de mutação e, como resultado disso, surgem novas variações genéticas, que se desviam do gene "normal" em graus quantitativos diferentes. As duas variações extremas aparecem como genes alelos respectivamente dominantes e recessivos. *Em um par genético heterozigótico, a relação dos constituintes dominantes e recessivos não pode ser entendida como algo rígido e estático; pelo contrário, os genes alelos constituem um sistema funcional dinâmico.* A perspectiva de que apenas o gene dominante estaria operando, enquanto o recessivo em nada afetaria o fenótipo, não pode mais ser sustentada. O que está ganhando força na genealogia moderna é justamente o contrário: além do fator dominante, o recessivo também consegue alcançar certa realização. Mesmo num casal heterozigótico, o fator recessivo adquire certa valência, por assim dizer. Assim, a aparência fenotípica do indivíduo heterozigótico não é exatamente igual à do indivíduo homozigótico dominante, sendo mais ou menos intermediária. *Os dois genes-alelos de um indivíduo heterozigótico* são, como originalmente concebido por Mendel, *antagonistas* e *adversários*, sendo que a relação de forças das

partes combatentes é que define o retrato fenotípico, no qual os dois genes antagonistas buscam vir a efeito. Ao contrário do que se acreditava até agora, o fenótipo saudável "normal" não se deve exclusivamente ao fator "normal" dominante, mas envolve, também, o efeito do fator recessivo. Os conceitos de dominância e de recessividade indicam apenas o efeito extremo da luta pela manifestação da valência entre os genes-alelos antagônicos. A isso se deve, como exemplificado na prática clínica, a forma homozigótica de uma doença, ou seja, uma doença baseada na presença de dois fatores idênticos é mais grave do que a forma heterozigótica da mesma doença, isto é, uma doença baseada em apenas um fator particular, que foi perturbado pelo fator antagonista, o gene recessivo latente. Em um período recente da pesquisa genealógica, os meios de análise do fenótipo, isto é, da imagem manifesta total, foram fortemente aprimorados, revelando que o modo de herança de muitos traços não é nem exatamente dominante, nem exatamente recessivo. (Compare-se com as investigações de Goldschmidt e de sua escola.)

Para nossa teoria da escolha amorosa, podemos depreender disso tudo que os genes recessivos latentes não são completamente inativos, mas são fatores com uma força dinâmica.

Apresentaremos dois exemplos de patologia humana que demonstram a força dos genes recessivos latentes, mesmo quando reprimidos num indivíduo heterozigótico. Dois traços patológicos serão considerados: a hemofilia e o daltonismo vermelho-verde.

A hemofilia apresenta uma herança recessiva ligada ao sexo. A mãe mesma – a condutora – não é doente, mas transmite o mal ao filho. A mãe é, sem dúvida, heterozigótica. Mas ficou estabelecido que o sangue da mãe aparentemente saudável também exibe problemas de coagulação diagnosticáveis (Schlossmann). Assim, o gene recessivo latente da hemofilia não é inteiramente inativo, mesmo que em dose única, mas possui uma valência de grau diagnosticável.

O segundo exemplo da vitalidade dos genes recessivos latentes vem do daltonismo vermelho-verde. De modo geral, encontramos aqui as mesmas condições existentes no caso da hemofilia. O modo da herança do daltonismo

também é recessivo e está associado ao sexo. Aqui também a mãe desempenha o papel de condutora saudável, ao passo que seus filhos são homozigotos recessivos: daltônicos vermelho-verde. Contudo, investigações cuidadosas demonstraram que as mães heterozigóticas também tinham dificuldade para reconhecer e distinguir cores complementares: vermelho e verde (Wieland); a força do fator latente e reprimido também se trai nesse caso.

Ao presumir que os genes recessivos latentes inerentes aos cônjuges estão afetando sua escolha amorosa, não entramos em qualquer contradição com as leis da dominância e da recessividade concebidas de maneira inovadora pela moderna genealogia.

Por caminhos tortuosos chegamos ao fulcro da nossa teoria – à suposição de que um dos papéis biológicos dos genes recessivos latentes e reprimidos nos indivíduos heterozigóticos é direcionar a escolha do parceiro.

Capítulo 5

O que torna plausível a hipótese de que os genes recessivos latentes reprimidos direcionam a escolha amorosa?

Nosso ponto de partida foi que há uma espécie de luta entre os genes antagonistas pela preponderância na aparência corpórea e mental manifesta do indivíduo, isto é, no seu "Ego". Nesse conflito, a parte repressora é o gene dominante, que se afirma na imagem exterior do indivíduo, e a parte reprimida e derrotada é o ancestral recessivo oculto. Nessa luta, com exceção dos casos raros de mudança de dominância, o ancestral recessivo é sempre derrotado e só consegue aparecer de maneira tênue na aparência exterior do indivíduo.

Mas o que o gene recessivo pode fazer depois que o portador da sua manifestação exterior foi apreendido? Acreditamos – e talvez esse seja o ponto mais essencial da nossa teoria – *que o gene recessivo latente não desiste inteiramente da sua valência. A maneira como ele se afirma na aparência exterior é limitada pelo seu adversário, o ancestral dominante; assim, sua potência total é usada para realizar outra tarefa, no direcionamento do nosso instinto mais profundo e primário, o Id. O gene recessivo latente torna-se a força direcionadora da nossa escolha amorosa (objeto da libido), determinando a pessoa que amamos, a pessoa que imitamos, as pessoas que tomamos por modelos, nossas profissões, as doenças que temos e das quais, enfim, morremos.*

O gene recessivo reprimido, excluído da determinação da aparência externa, passa a desempenhar, então, um novo papel ao direcionar a vida instintiva inconsciente e oculta do indivíduo.

1. A aplicação de um método estatístico exato para comprovar nossas hipóteses significaria que teríamos de escolher um grupo aleatório de cerca de cem casais casados e estabelecer empiricamente a porcentagem de casais para os quais é possível verificar exatamente a identidade de seus genes recessivos.

Infelizmente, não foi possível aplicar esse método direto. Ainda não avançamos suficientemente na genealogia a ponto de identificar o gene recessivo latente no fenótipo do indivíduo por meio da observação exata, apesar de um grupo de genealogistas modernos sustentar que o gene recessivo latente se afirma, de algum modo, no fenótipo do indivíduo heterozigótico, embora dificilmente possa ser abordado pela observação direta. (Comparar com a escola de Goldschmidt.)

2. A segunda forma de método estatístico exato seria mostrar que os pais, avós e outros parentes consanguíneos próximos dos cônjuges exibem traços hereditários iguais. Esse foi o método utilizado por nós. Todavia, era problemático determinar quais traços melhor serviriam aos nossos propósitos. Obviamente, somente os traços herdados recessivamente poderiam ser escolhidos. Além disso, tínhamos de decidir se consideraríamos traços triviais e onipresentes ou traços extremos na nossa demonstração. Infelizmente, essa alternativa já tinha sido escolhida pelas circunstâncias, porque, até o momento, apenas a herança de traços extremos fora submetida à investigação genealógica exata. Fomos compelidos a limitar, temporariamente, nossa pesquisa a famílias cujos membros apresentavam traços extremos, como surdez, cegueira, debilidade mental, criminalidade, diabetes, etc.

3. Há um terceiro método estatístico, que atenderia melhor ao propósito de demonstrar nossa teoria. Segundo ele, os cônjuges são heterozigotos em relação a certas características. Assim, primeiro teríamos de estabelecer a probabilidade de qualquer pessoa na população média ser heterozigota em relação a uma determinado traço. De posse desse dado, passaríamos a calcular a probabilidade do encontro e do casamento de duas pessoas portadoras do gene recessivo latente do mesmo traço. Depois de isso ter sido determinado, teríamos de investigar a população média e verificar quantos casamentos entre pessoas com os mesmos genes recessivos latentes foram contraídos realmente. Nossa teoria seria comprovada caso a frequência empírica observada

fosse essencialmente superior àquela esperada a partir de probabilidades teóricas. A aplicação desse método, porém, encontra certas dificuldades. Em primeiro lugar, há apenas poucos traços cuja frequência foi estabelecida com métodos estatísticos precisos e confiáveis. Mas precisamos dessa informação para que possamos calcular a porcentagem provável de pessoas heterozigóticas em relação ao traço em questão na população média. Em segundo lugar, *até o momento simplesmente não existem dados empíricos a respeito da frequência de casamentos entre pessoas heterozigóticas quanto ao mesmo traço.* Uma tarefa que fica para o futuro é descobrir com que frequência os irmãos e irmãs aparentemente plenamente sãos de indivíduos débeis mentais, criminosos, surdos, cegos, loucos, etc., efetivamente se casam com pessoas que também possuem parentes consanguíneos débeis mentais, criminosos, surdos, cegos, loucos, etc. Não tivemos condições de realizar esse trabalho tão abrangente; deixamos essa tarefa para o futuro. Portanto, esta primeira investigação não utiliza métodos estatísticos precisos, e seu propósito é apenas indicar a direção na qual as leis que subjazem à nossa escolha amorosa deverão ser buscadas.[1]

Os experimentos de cruzamentos, tão comuns na genealogia animal, não podem ser realizados com seres humanos. Temos de nos contentar com exemplos da vida que façam com que nossa teoria pareça provável. Que exemplos sugeririam a ideia de que os genes recessivos latentes são fatores decisivos na escolha do cônjuge por um indivíduo?

Em primeiro lugar, os casos em que um mesmo e único indivíduo tiver se casado duas ou mais vezes. Esses casos podem ser considerados como análogos, na vida humana, aos repetidos experimentos de cruzamentos em animais. Seria muito favorável para nossa teoria se fosse possível mostrar que *todos os parceiros escolhidos* pela pessoa em questão *tinham um parentesco genético próximo com ela.*

---

[1] A primeira edição desta obra data de 1937. A pesquisa que Szondi menciona seria realizada muito mais tarde e apresentada na terceira parte do livro *Análise do Destino: Escolha no Amor, na Amizade, na Profissão, na Doença e na Morte*, a ser publicado em breve pela Editora É Realizações. Na seção VII desse livro, Szondi discorre sobre a aplicação da metodologia estatística da hereditariedade na Análise do Destino, trazendo exemplos e estudos. (N. E.)

Em segundo lugar, os casos que provam que a intensidade da afeição aumenta com o grau de proximidade da relação genética dos parceiros. Temos de pensar nisso, se considerarmos:

a. o amor ou o casamento entre parentes consanguíneos, em cujas famílias alguma doença bastante grave é herdada;

b. casos de estupro cometido com parentes genéticos ou consanguíneos;

c. casos de incesto, independentemente de haver ou não alguma doença recessiva hereditária na família.

A seguir, narraremos histórias desses tipos de amor e relações sexuais. Começaremos com relatos de pessoas que se casaram duas ou mais vezes.

5.1 O PAPEL DOS GENES RECESSIVOS LATENTES EM PESSOAS QUE SE CASAM DUAS VEZES OU MAIS

Caso 20. A principal figura desse caso é um médico que se casou três vezes, e todas as suas três esposas descendiam de progenitores criminosos, de criaturas brutais com inclinações sádicas.

O homem agora tem cinquenta anos. Sua primeira esposa era uma mulher inteligente, bem-humorada e muito espirituosa. Teve três filhos. O primeiro, uma menina, morreu jovem. Os outros dois, ambos meninos, foram criados de maneira muito reprovável, com a mãe frequentemente batendo neles com uma vergasta. No nono ano de casamento, ela teve um caso com um homem, que acabou por matá-la a tiros, quando ela tinha trinta e três anos. Supostamente, o amante queria casar-se com ela, mas ela não queria se divorciar do marido. Este, durante dez anos, não teve coragem de se casar de novo. Mas eis que se apaixonou novamente por uma mulher, e seu calvário continuou. A segunda esposa era uma verdadeira fera. Superava sua antecessora em crueldade, sadismo e falta de piedade. Tratava os dois filhos do primeiro casamento do seu marido como escravos, trancava-os no apartamento como cães, enquanto saía em busca de diversões. O marido acha que a decadência moral dos filhos (tornaram-se ladrões) se deve aos maus tratos

da mãe. Após oito anos de sofrimentos, ele conseguiu divorciar-se dessa segunda esposa. Depois desse segundo ato da tragédia de seu destino, houve uma breve pausa de dois anos. Então, ele trouxe para casa uma terceira esposa. Mas ela não era melhor do que as duas primeiras tinham sido. Era igualmente brutal com os meninos, que a odiavam mortalmente, mais do que tinham odiado a primeira madrasta. Os meninos, dos quais o mais novo tinha dezesseis anos e o mais velho vinte e um, tiveram um colapso moral. Um deles roubou o colar do pescoço de uma menina num parque público. Certa vez arrombaram a escrivaninha de um amigo e roubaram dela pulseiras de ouro com pedras preciosas. De acordo com os últimos registros policiais, um deles tentou roubar da empresa em que trabalhava quarenta metros de material de lavanderia, enrolando-o em volta do corpo, debaixo do paletó. Mas o proprietário percebeu, e ele foi entregue à polícia.

Isso pode ser suficiente para os casamentos de nosso médico. Voltemo-nos agora para as famílias de origem das três mulheres brutais.

O pai da primeira esposa, tragicamente morta a tiros, era uma pessoa temperamental e dissoluta, que gastou sua fortuna em bebidas e festas. Ela tinha quatro irmãos e irmãs, uma das quais irmã era histérica. Esta tinha duas filhas loucas. O filho de outra irmã, um jovem arquiteto, é um homem imprudente, sem consideração, e um criminoso incorrigível. Repetidamente desviou dinheiro que lhe fora confiado para construções, e uma vez, quando uma casa construída sob sua responsabilidade ruiu por causa de materiais ruins e de má qualidade, fugiu. Recentemente foi levado ao tribunal sob suspeita de ser espião. O terceiro irmão morreu jovem, de pneumonia.

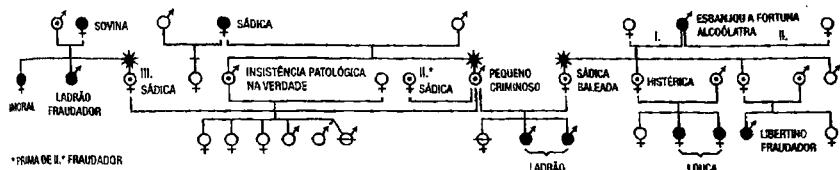
Sobre a família da segunda esposa pouco descobrimos que pudesse ser usado na análise do casamento. Um primo dela recebeu muita publicidade, tendo estado muito em evidência nos jornais diários, durante semanas nos últimos tempos, associado a algum escândalo. Ele fora uma espécie de potentado local de alguma cidade da província, e um dia se descobriu que ele cobria as despesas de sua vida opulenta com o dinheiro do cofre da cidade, tinha negócios escusos, desviava dinheiro, e assim ele passou de um alto posto à cadeia.

No que diz respeito à criminalidade e à crueldade, a família da terceira e atual esposa não é muito diferente da família das duas primeiras. Ela foi tirada

de um gueto por seu marido, filho de um distinto dono de fábrica, católico romano, médico de boa reputação. Ele queria, finalmente, assegurar uma vida familiar feliz. Mas fracassou também dessa vez. A mãe da terceira esposa é uma avarenta que vende comida em mercados de segunda mão. O irmão da esposa é ladrão e fraudador, tendo, até o momento, cumprido oito anos de prisão, em diversas penitenciárias do país. Uma irmã da esposa é uma pessoa devassa.

Isso é tudo que conseguimos descobrir sobre as famílias das três esposas.

Mas de que família descende o médico infeliz, que se casou três vezes, e que em todas as vezes escolheu uma mulher brutal, de uma família criminosa? Ele nasceu num país estrangeiro. Seu pai era uma pessoa distinta que dirigia uma fábrica, um homem plenamente são, e um bom pai, que morreu jovem, de câncer. Sua mãe ainda é viva, tem setenta e cinco anos e é uma mulher nervosa, irritadiça e briguenta, conhecida por ser egoísta e cruel. Ela também tem disposição sádica. Até hoje sente prazer em roubar doces e chocolates de seus netos, comendo-os diante deles, com gosto. Ela se casou duas vezes. Do primeiro casamento nasceram dois filhos, um dos quais é a figura principal do nosso caso. O outro é um funcionário insignificante do interior, um homem forte e robusto que gosta muito de esportes. Agora ele tem problemas no coração e asma. Tem uma natureza obstinada e inquieta, procurando a verdade, quase que patologicamente, em qualquer situação; em virtude disso, perdeu seu emprego. A mãe de nosso médico também contraiu um segundo matrimônio, do qual nasceu uma filha, que queria ser pintora. A mãe viveu com essa filha por algum tempo, mas depois, por causa do comportamento insuportável e cruel da mãe, elas se separaram. Assim, a velha tornou-se adivinha, e vende todo tipo de erva medicinal. Seu filho, o médico, também não a suportava, e estava ansioso por deixar o mais cedo possível a casa dos pais. Por isso se casou cedo. Foi assim que sua tragédia começou. Tal como o Édipo mítico, ele também se casou com sua "mãe", uma e outras vezes. Casou-se com a pessoa de quem tentava fugir. Enfatizamos três pontos desse caso: 1. a similaridade entre as personalidades das três esposas; 2. *a similaridade entre a personalidade das esposas e a da mãe*; 3. a criminalidade dos parentes consanguíneos de todas as três esposas, e até dos filhos.

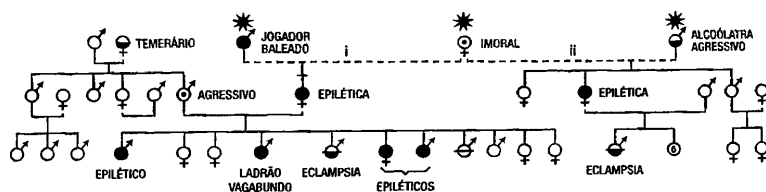
FIGURA 5.1: CASO 20

Segundo nossa teoria: *o gene recessivo que estava presente sob a forma homozigótica em todas as três esposas e que se manifestou em sua natureza sádica cruel, era inerente, em forma heterozigótica latente (em dose única), também ao marido, e esse ancestral reprimido dirigiu-o às pessoas sádicas, e a ninguém mais.*

Entre os filósofos que buscaram as leis da atração sexual, Schopenhauer, em sua obra *Metafísica da vida sexual*, foi quem mais se aprofundou nesse problema. Ele pensava que o instinto que, de modo infalível e irresistível, unia as pessoas de sexos diferentes era o *"sentido" da raça*, a *"vontade" da raça*. "Há algo muito peculiar", diz ele em sua obra, "naquele fervor inconsciente com que dois jovens se olham quando se encontram pela primeira vez; como seu olhar perscruta e penetra! Com que zelo examinam cada traço e detalhe de suas personalidades! Esse exame, essa busca, nada mais é do que *a reflexão do gênio da raça* sobre a combinação de características do indivíduo, possivelmente decorrente da união dos dois".

Ainda que não possamos seguir Schopenhauer até esse ponto, não negamos que a vida às vezes produz casamentos e relações amorosas para os quais a seguinte tese de Schopenhauer parece ser verdadeira: "O objeto de todo amor sexual é exclusivamente o instinto dirigido para a *descendência* que poderá ser gerada". Essa tese parece ser demonstrada pelos casos 21, 22 e 23, de casamentos repetidos da mesma pessoa.

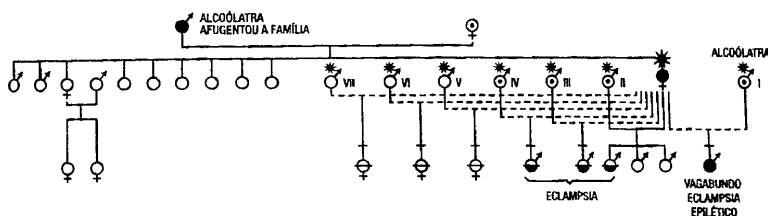
Caso 21. Uma mulher, cozinheira de um navio, conhece no navio um jogador temerário, e se apaixona por ele. Posteriormente, eles se casam e têm uma filha epilética. O marido é assassinado no clube de jogo. Depois da morte do marido, ela vive em concubinato com um pedreiro, com quem tem três filhos, um dos quais é uma menina epilética.

As relações amorosas dessa mulher parecem dar testemunho da afirmação de Schopenhauer. É como se nos dois casos os amantes tivessem sido unidos pelo instinto dirigido para "a descendência". Claro que não acreditamos num instinto desse tipo, e devíamos formular o ponto essencial desse caso da seguinte maneira: a atração pelos dois homens foi gerada pelos genes recessivos "da epilepsia", pela doença que se manifestou "nos descendentes". Essa suposição também é confirmada pelo destino dos netos. A filha do primeiro casamento (legítimo) teve uma vez uma briga feia com o marido, pegou um machado, e ameaçou-o com ele; mas, depois disso, desmaiou e teve um típico ataque epilético. Desde então, esses ataques se tornaram recorrentes. Essa filha teve onze filhos, entre os quais três com epilepsia e uma com eclampsia. A segunda filha do concubinato também se casou e teve um filho, que morreu durante uma cólica eclâmptica.

FIGURA 5.2: CASO 21

Caso 22. Parece que também nesse caso "a descendência que poderá ser gerada" – segundo nossa teoria dos genes recessivos latentes idênticos – uniu os amantes. Uma empregada amorosa manteve relações sexuais com quatro homens, sucessivamente, e teve um filho de cada um. Cada um dos filhos tem convulsões eclâmpticas. Teve o primeiro filho (um menino) aos dezesseis anos; o pai era um alcoolista estrábico. O filho tem convulsões eclâmpticas desde o primeiro ano, com desmaios e perda da consciência. Três semanas depois ele se sente cansado e sonolento; as crises parecem ser levemente epiléticas.

Depois que o primeiro amante da garota foi para a frente de batalha (durante a guerra), ela se casou com outro homem e teve três filhos. Um deles também sofria de convulsões eclâmpticas e morreu no primeiro ano de vida.

A própria empregada também é epilética. Ela se recorda de desmaiar frequentemente na sua infância, mas teve seu primeiro ataque intenso durante seu casamento, aos 28 anos, supostamente no seu desespero, porque alguns vestidos teriam sido comidos por um bode. *A epilepsia e a eclampsia, intimamente relacionadas, são doenças hereditárias recessivas, e assim temos de presumir que todos os quatro parceiros com quem essa mulher teve filhos com epilepsia ou eclampsia eram indivíduos heterozigóticos que ocultavam genes recessivos latentes da epilepsia ou da eclampsia.*

FIGURA 5.3: CASO 22

O próximo caso desse grupo merece consideração especial:

Caso 23. O herói dessa história é um açougueiro que se casou cinco vezes sucessivamente. A primeira esposa era uma mulher aparentemente saudável que teve dois filhos, um dos quais é uma menina epilética. A mãe morreu jovem, de cólera. A segunda esposa, que também morreu jovem, de febre puerperal, teve três filhos. Todos os três já morreram. A terceira esposa morreu de diabetes. Ela tinha uma irmã mais nova epilética, assim como a filha do primeiro casamento do seu marido. Desse terceiro casamento nasceram seis filhos: um deles tem dificuldades de audição e diabetes, e outro tem epilepsia e diabetes. Ambos são meninas. É interessante acompanhar a vida dessas meninas. A primeira se casou com um primo rico do lado do pai. Três de seus oito filhos são surdos-mudos. (Estes são os netos do açougueiro.) A outra menina, que sofre de diabetes e epilepsia, também se casou, mas mantém relações sexuais também com outro homem. Ela tem três filhos com seu marido legítimo, um dos quais é surdo-mudo. Quatro filhos adicionais são fruto da

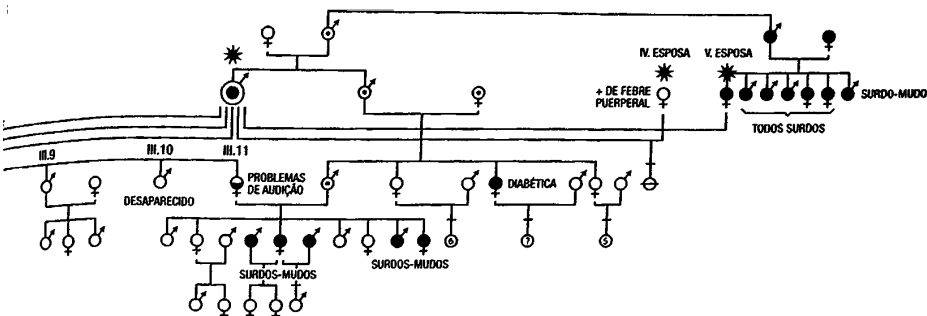
relação amorosa com o outro homem, um dos quais tem um sério problema de fala. A quarta esposa morreu durante o parto, e a criança nasceu morta.[2]

O velho açougueiro tem 11 filhos e 20 netos. Entre os filhos há dois epiléticos e três diabéticos. Entre os netos, quatro surdos-mudos. Mas isso não impediu o açougueiro de se casar pela quinta vez. Escolheu uma prima surda-muda que tinha seis irmãos e irmãs, dos quais cinco surdos e um surdo-mudo. Esse casamento, provavelmente por causa idade avançada da esposa, não resultou em filhos. O açougueiro morreu aos 77 anos de decadência senil.

Do ponto de vista da nossa teoria, esse caso é muito instrutivo, porque envolve não só repetidos casamentos do mesmo indivíduo, mas também um parentesco genético múltiplo. O parentesco genético entre o açougueiro e as mulheres escolhidas revelou-se em três doenças recessivas: 1. epilepsia, 2. diabetes, e 3. surdez ou surdez-mudez. O parentesco genético latente entre ele e a primeira esposa foi representado pela epilepsia; eles tiveram um filho epilético. Pode ter existido um parentesco genético idêntico entre o açougueiro e a terceira esposa, que deu à luz um filho epilético, devendo ter sido, portanto, heterozigótica quanto à epilepsia. Em perfeito acordo com isso, tinha uma irmã epilética. Segundo nossa teoria, *a primeira e a terceira esposas tinham parentesco genético não só com seu marido, mas também entre si, no que diz respeito à epilepsia.*

---

[2] É muito instrutivo fazer uma comparação com o caso 21: nele, a mesma mulher tem dois filhos epiléticos, cada qual de um homem diferente; aqui, o mesmo homem tem duas filhas epiléticas, cada qual de uma mulher diferente.

FIGURA 5.4: CASO 23

Mas nesse terceiro casamento os fatores genéticos do diabetes e da surdez também se denunciam. A terceira esposa é diabética, assim como dois de seus filhos. Se o próprio marido ou seus pais ou irmãos sofriam de diabetes, não conseguimos descobrir. Entre seus primos, havia um com diabetes. O ancestral surdo-mudo parece ter uma valência forte na família do marido. Ele tem sete primos surdos, entre os quais um surdo-mudo; além disso, uma filha da terceira esposa também tem problemas de audição, embora a deficiência tenha aparecido um pouco tarde em sua vida. As duas filhas tiveram no total quatro filhos surdos-mudos (netos da terceira esposa). Uma das filhas surdas-mudas casou-se com seu próprio primo, que tinha audição perfeita. A segunda e a terceira esposas tinham parentesco genético quanto ao diabetes, e a terceira e a quinta, quanto à surdez e mudez.

Seria difícil encontrar um exemplo mais apropriado, mesmo que aplicássemos o cruzamento experimental de animais híbridos, para tornar plausível a hipótese de que um dos papéis dos genes recessivos latentes é direcionar a escolha amorosa. O caso 23 também mostra que, nas famílias com alguma doença recessiva hereditária, a intensidade da atração amorosa pode ser tão intensa que não apenas os parentes genéticos que desconhecem as doenças hereditárias que os ameaçam, e que são socialmente estranhos, se unem por um amor forte, mas, também, parentes consanguíneos que conheciam os perigos por meio de seus próprios filhos defeituosos.

5.2 Casamento entre parentes consanguíneos e gene recessivo latente

Se a hipótese de que o gene recessivo latente desempenha o papel de casamenteiro natural for verdadeira, teremos o direito de tirar uma nova conclusão, que se segue logicamente dessa hipótese: a frequência de casamentos entre parentes consanguíneos será maior em famílias nas quais alguma grave doença é herdada recessivamente. Mas isso que se segue logicamente de nossa hipótese há muito faz parte da experiência dos genealogistas. De todo modo, eles não julgavam que a doença hereditária recessiva pudesse estabelecer um elo causal com o número mais elevado de casamentos entre parentes consanguíneos, e não consideraram que os genes recessivos latentes, responsáveis pelo arranjo desses casamentos, já estivessem na família, nem que seus membros simplesmente não precisariam procurar um parceiro heterozigótico fora da família. Há muito se conhece o fato de que a coincidência de doenças recessivas raras geralmente ocorre em casamentos consanguíneos. Também sabemos que, quanto mais raro o traço hereditário recessivo, maior a frequência de progenitores com parentesco consanguíneo. Entre mais de dez mil pessoas, encontramos apenas um albino. Indo ao encontro disso, 33% dos pais de albinos são parentes consanguíneos. Considerando a população média, entre oito e nove pessoas a cada mil sofrem de demência precoce. Na demência, a frequência de parentesco consanguíneo entre os pais é de apenas 2%, consideravelmente menor do que nos albinos.

Na população média, um em cada cem casamentos acontece entre parentes consanguíneos. A frequência de parentesco consanguíneo entre pais de surdos-mudos é de 6%; entre pais de indivíduos com retinite pigmentosa, 25%; entre pais de indivíduos que sofrem da doença chamada xerodermia pigmentosa, 12%. A relação entre doenças hereditárias recessivas e casamentos entre parentes consanguíneos é bem demonstrada pela pesquisa de Lundborg e Sjögren. A atenção de Lundborg foi despertada por uma província da Suécia, chamada Bleckingen, na qual se dizia haver

muitíssimos casos de epilepsia mioclônica. Lundborg descobriu que nessa província havia um clã camponês que se originava de um mesmo ancestral, chamado Per Person; os membros desse clã não se misturaram com estranhos durante 200 anos. Assim, ele conseguiu investigar um clã camponês com 2.232 pessoas, que tinham origem no mesmo ancestral, genealógica e patologicamente. Nesse material, ele encontrou 20,7% de casamentos entre parentes consanguíneos próximos, e 14,32% de casamentos entre parentes consanguíneos não tão próximos. A porcentagem de todos os casamentos entre parentes consanguíneos era, portanto, de 35%. Isso explica por que uma doença tão rara como a epilepsia mioclônica era tão comum nesse grupo de camponeses. Lundborg encontrou no total 17 pessoas com epilepsia mioclônica em nove famílias. Em oito destas, marido e mulher eram parentes consanguíneos próximos. A doença apresenta uma herança recessiva monômera estrita. As investigações tiveram prosseguimento com Torsten Sjögren, aluno de Lundborg. Ele investigou um clã camponês do norte da Suécia, e encontrou em 34 famílias, de um total de 52, uma forma particular de debilidade mental. Nesse clã, havia 53% de casamentos entre parentes consanguíneos pelo lado paterno, e 14% pelo lado materno. Essa doença também é herdada de modo recessivo.

Nossa teoria, que atribui papel direcionador aos genes recessivos latentes na escolha amorosa, pretende acrescentar ao nosso conhecimento genealógico sobre o casamento entre parentes consanguíneos o seguinte: *O número de casamentos entre parentes consanguíneos é maior em famílias com doenças hereditárias recessivas, porque nessas famílias a relação genética entre os primos de primeiro, segundo e terceiro graus, assim como aquela entre tio (tia) e sobrinha (sobrinho) refere-se não só aos genes da doença recessiva em questão, mas também, ao "banco genético" ou "equipamento genético" total dos indivíduos.*

Isso pode explicar por que a paixão entre parentes consanguíneos às vezes atinge tal intensidade que leva – caso haja resistência – a uma relação sexual forçada ou ao estupro. Esses casos podem ser devidamente classificados como amor incestuoso; sua ocorrência é superior àquela que aparece nos tribunais e para o público. Descreveremos dois casos desse tipo.

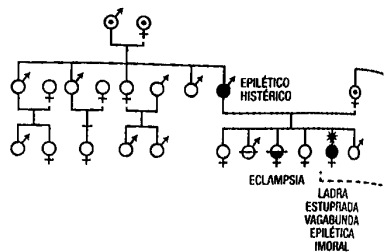
5.3 Estupro e gene recessivo latente

Caso 24a.[3] Chamemos a família em que ocorreu o estupro entre parentes consanguíneos pelo nome fictício de "Li-Pa-Ra". Conheço essa família há dez anos, e venho observando com interesse as doenças e as relações amorosas de seus membros. O grande complexo familiar surgiu originalmente quanto as famílias "Li", "Pa" e "Ra" se conectaram, casando-se entre si. A ramificação das famílias é tão grande e intricada que seus membros praticamente não se conhecem, e somente uma investigação familiar de mais de uma década conseguiu mostrar que estão todos relacionados. Não foi possível demonstrar que os casais casados que, há cerca de um século, ligaram as três famílias, eram compostos de parentes consanguíneos, mas muito provavelmente tinham um parentesco genético, pois em todas as três famílias, mesmo antes de os casamentos conectivos terem sido contraídos, havia membros surdos--mudos. O intercasamento dentro das famílias prosseguiu não apenas entre os membros que não eram parentes consanguíneos, mas, também, entre parentes consanguíneos e genéticos. O casal casado cuja história de amor foi relatada no caso 16 é proveniente dessa família. Como podemos lembrar, um membro saudável da família "Li", cuja mãe era surda-muda e, portanto, heterozigota em relação à surdez-mudez, apaixonou-se por um membro do sexo feminino da família "Pa" que igualmente ocultava o "ancestral" surdo-mudo. Entre seus sete filhos, havia dois surdos-mudos e um com dificuldades de audição. No relato do caso 16, havíamos mencionado que o pai do membro do sexo feminino da família "Pa", que nos fornece o caso que ora descreveremos, era saudável, mas tinha um irmão surdo-mudo; seu outro irmão era saudável, ainda que provavelmente heterozigoto quanto à surdez-mudez, casara-se com uma prima materna, que lhe deu oito filhos, três dos quais surdos-mudos. Um dos filhos saudáveis casou-se com uma filha da sua irmã, uma menina de boa audição, mas que sofria de melancolia. Tiveram seis filhos, três dos quais melancólicos. Houve um terceiro casamento entre parentes

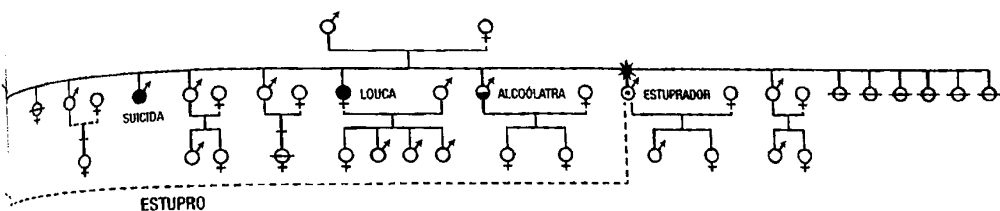
[3] A árvore genealógica deste caso está na Figura 1.10, p. 167. (N. R. T.)

consanguíneos na família "Pa", contraído entre dois primos. Os genes recessivos latentes, como revelado pela frequência de casamentos entre parentes, deram o melhor que podiam no papel de casamenteiros nessa família. A consequência disso foi que o "conselho familiar" dessa nobilíssima família decidiu não autorizar mais casamentos entre parentes, no futuro. Esse tabu de sangue, ainda que impedisse um quarto casamento desse tipo, levou ao caso de estupro que relataremos aqui. A pessoa passiva nesse estupro ainda era menina quando a decisão do conselho familiar foi tomada. A proibição era tão rigorosa que os primos que viviam na vizinhança não podiam nem mesmo visitar-se. Apesar disso, aconteceu de a menina mencionada acima vir a conhecer seu primo, que cuidava de uma fazenda no condado vizinho. Tanto a menina quanto o rapaz tinham audição perfeita. Desse encontro proibido nasceu um amor muito intenso. O conselho familiar, a fim de evitar um novo casamento entre parentes consanguíneos, instou a menina a casar-se com um funcionário de boa posição. O primo foi enviado para a capital. Os genes recessivos comuns que tinham alimentado seu amor tornaram-se ainda mais efetivos como consequência da distância que separava os amantes. O caso terminou de maneira muito trágica. Na época em que a menina se casou à força, a guerra começou e seu jovem marido teve de deixá-la. Alguns dias após sua partida, um incidente muito desagradável aconteceu. A esposa dava uma caminhada à noitinha no jardim, quando foi inesperadamente atacada por um homem. O homem estuprou-a. O estuprador era, como se podia esperar, o primo. Desde então a esposa passou a ter problemas nervosos, tendo sido tratada muitas vezes numa instituição.

O estupro foi, portanto, cometido por um homem com parentesco genético com a vítima. A intensidade do amor parece atingir uma intensidade muito elevada quando o parentesco genético é mais próximo. *Essa tese é verdadeira, em primeiro lugar, para membros de famílias com alguma doença recessiva.* Mas o parentesco genético também pode ser muito próximo entre estranhos, podendo elevar excessivamente a libido. Isso é demonstrado pela história de amor de um outro membro da família "Li Pa Ra": um homem também heterozigoto quanto à surdez-mudez.

Caso 24b. Um membro híbrido da família, solteiro, viajava muito pelo país. As viagens faziam parte da sua profissão. Ele tinha pequenos relacionamentos em todas as cidades. Mas havia uma cidade à qual ele sempre retornava. Regularmente procurava uma mulher ali, uma funcionária de um café, por quem parecia estar atraído intensa e insistentemente. O segredo dessa atração única e incompreensível acabou sendo revelado por um filho ilegítimo nascido após alguns anos: o filho era surdo-mudo.

Talvez eu tenha passado tempo demais analisando essa família, mas senti a necessidade de fazê-lo, pois ela mostra muito claramente a força fatal do amor conclamado e preservado pelos genes recessivos latentes. O ancestral surdo-mudo reprimido recorreu a todas as formas de realização amorosa entre os membros dessa família, da figura pública da Afrodite Pandemios (a funcionária do café) até à Afrodite Urânia, celestial. Os genes recessivos latentes comuns produziram o amor entre os parentes genéticos, levaram os parentes consanguíneos a casamentos fatais, e, quanto o casamento foi obstruído pelo tabu instituído pelo conselho familiar, o desejo sexual excessivamente intenso conduziu ao estupro.

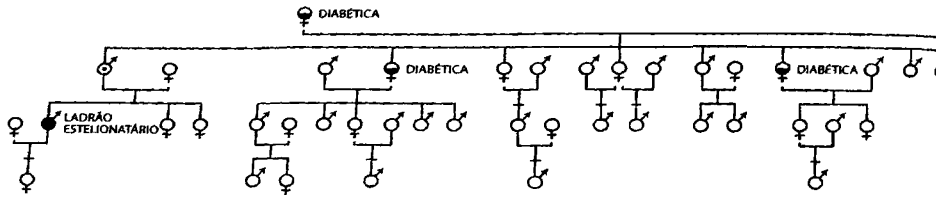
Caso 25. Outro caso de estupro cometido contra um parente consanguíneo. A vítima é uma menina de sete anos que foi estuprada por seu tio materno. A menina estava visitando o tio na província. Ela pediu-lhe que comprasse uma boneca. O tio comprou a boneca, mas não a deu a ela até que ela o deixasse fazer o que queria. Assim aconteceu o estupro. Pelos *dez anos seguintes houve relações sexuais regulares entre a menina e seu tio.* A relação era tão forte que a menina às vezes fugia de casa para ficar com o tio. Este sequer era bom para ela, ainda que lhe desse dinheiro algumas vezes; em geral, tratava-a com rudeza. Ameaçava matá-la caso revelasse alguma coisa sobre seu relacionamento. Também batia nela com frequência. O caso durou até a menina completar dezesseis anos, quando tiveram uma briga feia, e a menina contou tudo para um outro tio.

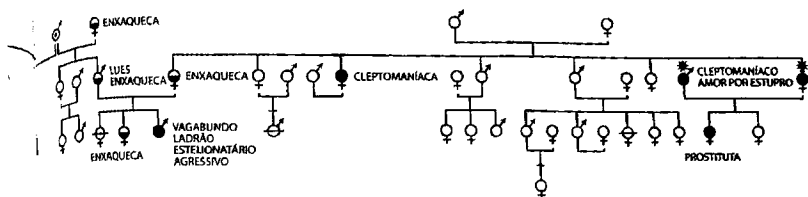
FIGURA 5.6: CASO 25

Pela história que contou, ficou claro que ela não tinha ideia do significado daquilo que vinha fazendo, até que, aos quatorze anos, fora esclarecida sobre isso pelos amigos e pelas aulas de higiene. Desde então ela se julga uma mulher sem valor.

O papel dos genes recessivos latentes pode ser mostrado também nesse estupro de parentes consanguíneos. A menina era epilética. Suas crises consistiam em cair de cabeça e perder a consciência. Mas a epilepsia também se manifestava em algumas formas mentais equivalentes: fugas compulsivas e poriomania. Seu pai também era epilético. A mãe deve ter sido heterozigota, já que teve uma filha epilética. Assim, o tio materno que cometeu o estupro deve ter sido, com grande probabilidade, também heterozigoto em relação à epilepsia.

A força propulsora dos genes recessivos latentes nos casos de estupro também pode ser verificada em casos não cometidos contra parentes consanguíneos. Assim é o caso seguinte.

Caso 26. Há cerca de trinta anos aconteceu em Viena de uma menina, proveniente de uma boa família de classe média, muito inteligente, um pouco indefesa e sensível, ter sido abordada por um homem na rua, à noite; eles deram uma volta no parque. Cerca de uma hora depois, o estranho a derrubou, rasgou seu vestido e, quando ela tentou resistir, apontou-lhe um revólver e forçou-a a ter relações sexuais com ele. A menina era virgem. O estupro levou, contrariando a experiência comum, ao casamento.

FIGURA 5.7: CASO 26

O que pode estar oculto num estupro que resulta em casamento? Estabelecemos alguns fatos que indicam que os genes recessivos latentes também podem explicar esse caso. A criança nascida desse casamento, uma menina, hoje está com vinte e quatro anos. Ela é ladra e prostituta. Quando menina, foi levada ao instituto estatal de correção. Teve de ser expulsa após algum tempo devido à sua má influência sobre as outras internas do instituto. O casal tem outra filha, que dizem ser muito ordeira e modesta. Mas o caráter heterozigótico do marido e da esposa não é apenas evidenciado pela filha recessiva, como parece muito provável, considerando alguns dados de sua vida a dois.

O pai do marido era um oficial do Estado, de alta posição, uma pessoa extremamente respeitável. O marido também era funcionário público, mas, alguns anos depois de casado, perdeu sua posição por causa de sua natureza violenta. Mais tarde, sua cleptomania, que até então se encontrava em estado latente, se manifestou. Furtou toda sorte de objetos dos membros dessa família muito respeitável. Um traço fatal similar revelou-se em sua esposa. Ela também rouba os parentes. A cleptomania é hereditária na família dela. Uma irmã sua começou a roubar regularmente aos vinte anos de idade, apesar do seu marido ganhar o bastante para viver. Recentemente ela quase saqueou a loja de mantimentos da irmã. Ela já estivera numa "instituição" por causa de seus roubos. O filho de outra irmã da esposa também é ladrão. Seu pai – isto é, o cunhado de nossas personagens principais – e todos os tios paternos tinham uma reputação social imaculada, mas, certa vez, um primo roubou todos os anéis de brilhante da família, e foi condenado por estelionato.

As pessoas envolvidas no estupro não eram parentes consanguíneos, mas, sem dúvida, tinham um parentesco genético.

***

Apresentamos aqui três casos de estupro. Dois deles foram cometidos contra parentes consanguíneos. Foi possível observar na família desses parentes consanguíneos alguns males hereditários recessivos (surdez-mudez e epilepsia). No terceiro caso, estuprador e estuprada não eram parentes consanguíneos. Mas sua filha apresentou uma doença recessiva que depois também se manifestou nos próprios pais. O papel desempenhado pelos genes recessivos latentes nos três casos de estupro dificilmente poderia ser negado. Segundo nossa teoria, talvez valesse a pena os médicos forenses pesquisarem a existência de parentesco genético entre pessoas envolvidas em casos de estupro ou de violência sexual. Em particular, o estupro entre parentes consanguíneos aponta claramente para a força dinâmica potencial representada pelos genes recessivos latentes.

5.4 Incesto e gene recessivo latente

Nosso principal propósito tem sido considerar todos os fatos que podem tornar provável a hipótese de que um dos papéis biológicos mais

importantes dos genes recessivos latentes é o direcionamento da nossa escolha amorosa. Para esse fim, analisamos até agora casamentos concordantes e discordantes, casos de amor e de estupro entre parentes consanguíneos e também entre "estranhos". Nossa última tarefa será a análise genealógica do amor incestuoso.

Segue-se logicamente de nossa teoria "do ancestral" que, nas famílias afligidas por alguma doença hereditária, não apenas a frequência de casamentos entre parentes consanguíneos, ou de estupro cometido por um parente consanguíneo contra outro, será mais elevada, mas até mesmo a ocorrência de casos de amor incestuoso nessas famílias poderá ser esperada. Consideraremos três exemplos notáveis da literatura genealógica (I. Bauer):

O caso de Claus: Uma mulher saudável tem cinco filhos com seu marido legítimo. Depois ela passa a ter relações sexuais com seu meio-irmão.[4] Três novos filhos nascem do incesto: todos os três sofrem de ictiose congênita. Um caso muito similar de incesto é descrito por Heidler. A ictiose congênita é herdada recessivamente. Assim, não pode haver dúvida de que as partes envolvidas no incesto eram heterozigotas em relação a essa doença. Os genes recessivos latentes que, segundo nossa teoria, estavam dirigindo o amor que levou ao incesto deviam fazer parte do banco genético do irmão e da irmã; de outro modo, nenhum filho teria nascido com ictiose.

O segundo caso de incesto foi tirado da obra de A. M. Rosenstein. Esse autor observou crianças afligidas por retinite pigmentosa que nasceram de relações sexuais incestuosas. O terceiro caso devemos a Urbantschitsch, que demonstrou, no campo da surdez-mudez, que *o incesto favorece a manifestação dos genes recessivos latentes.* O quarto caso de incesto que consideramos aqui foi apresentado por Fletcher; ele fala de filhos do incesto que nasceram com pés aleijados.

[4] O termo "stepbrother" tem como correspondente em português o termo "meio-irmão", que não necessariamente precisa ter parentesco consanguíneo, uma vez que pode ser enteado de um dos cônjuges. Ao que tudo indica, Szondi considera essa relação um incesto, mas do ponto de vista civil. Posteriormente, em "Totem e Gene", ele explica o conceito civil de incesto vigente em sua época. (N. R. T.)

Poderíamos continuar a enumerar os casos: *praticamente não há doença recessiva que não tenha sido trazida à tona pelo incesto.* A genealogia explica esses fatos da seguinte maneira: o entrecruzamento aumenta a probabilidade de as disposições recessivas ocultas se manifestarem de forma homozigótica. O incesto favorece particularmente essa possibilidade. Mas a genealogia tradicional não consegue responder à pergunta que se refere igualmente ao incesto e ao casamento entre parentes consanguíneos: *Qual é a origem da atração incestuosa entre certos irmãos e irmãs?* Na literatura genealógica existem apenas relatos de casos em que um filho recessivamente doente já era nascido. Mas, sem dúvida, o número de amores incestuosos é muito maior do que aquele descrito pela literatura científica e do que aquele levado aos tribunais. Como exemplo, podemos mencionar os dados estatísticos fornecidos por um reformatório para meninas na capital húngara, segundo o qual 28% das meninas defloradas tiveram relações sexuais com seu irmão, pai ou padrasto.[5]

A conformidade dos bancos genéticos – e, naturalmente, a dos genes recessivos latentes – é, como sabemos, mais completa em irmãos e irmãs gêmeos. Por esse motivo, atribuímos grande importância ao caso a seguir, em que o amor incestuoso se desenvolveu entre gêmeos de sexo diferente. Embora fossem gêmeos bivitelinos, em sua aparência exterior eram muito semelhantes. Era um grau de semelhança só observado em gêmeos univitelinos. Não podemos incluir sua fotografia por razões óbvias. A trágica história de amor dos gêmeos, hoje com trinta e dois anos, será apresentada exatamente como reproduzida por eles em sua autobiografia:

Caso 27.[6] "Consigo fazer a memória voltar até os três anos de idade", escreve o homem. "Em algum lugar na província eu cuidava dos gansos junto com uma menininha, mas não consigo lembrar se ela era minha irmã ou não. O orfanato nos entregara à família de um fazendeiro. Não ficamos lá muito tempo. Pusemos fogo numa meda de palha e fomos levados de

---

[5] Em onze casos dentre 91 (12%), com o pai; em quinze casos (16%), com o padrasto, com o irmão ou com outro parente consanguíneo. (E. I. Vajkai.)

[6] Caso sem ilustração da árvore genealógica. (N. R. T.)

volta para a capital, para o orfanato. Minha irmã permaneceu lá, mas eu fui entregue aos cuidados de um casal mais velho. A partir daquele momento, até os meus quinze anos de idade, eu não soube que tinha uma irmã. Depois de ter concluído a aprendizagem, recebi minha certidão de nascimento, na qual li, com grande surpresa, que eu tinha uma irmã gêmea. Comecei a procurá-la. Primeiro fui até o orfanato em que eu sabia que ela tinha estado. Uma das freiras me informou a respeito da morte da minha mãe e falou que Mary, minha irmã gêmea, era empregada doméstica em algum lugar na capital. Num domingo fui visitá-la. Quando os inquilinos da casa me viram, imediatamente notaram a semelhança impressionante entre mim e Mary. Mas não encontrei Mary. Os inquilinos me disseram que ela era obrigada a esfregar o chão da escada no inverno, e por isso ela fugiu. Então fui perguntar na polícia, e fiquei sabendo que minha irmã gêmea vivia num reformatório perto de Budapeste. Num domingo, no verão de 1918, fui com meu empregador até o reformatório. Quando a vi descendo os degraus, reconheci-a imediatamente, gritei "Mary" bem alto e a abracei. Mal conseguimos falar no primeiro momento. Nos deixaram a sós por uma hora e meia. Estávamos muito contentes e nos beijamos. Mary estava muito surpresa, pois até aquele momento não tinha ideia de que tinha um irmão. Na semana seguinte busquei-a no reformatório e a levei à casa de meu empregador. A esposa dele nos disse que poderíamos *casar, que irmãos gêmeos estão autorizados a se casar, pois não suportam viver separados de qualquer maneira.* Isso me afetou profundamente. Chorei muito naquele dia e por fim decidi nunca abandonar Mary. Fiz planos de trabalhar para sustentá-la, assim que eu conseguisse independência na minha profissão. Desde então, passamos a nos encontrar a cada duas semanas. Certo dia encontrei um colar de prata e dei-o a minha irmã. Muitas vezes levava-lhe comida. A esposa de meu empregador certo dia me censurou pelo fato de minha irmã ser uma mulher ruim, mantida num reformatório. Isso me deixou muito triste, e deixei de procurá-la por algum tempo. Tinha medo de sair com ela na rua. Meus colegas aprendizes me incitaram a beber, e comecei a beber em meu desespero. Bebi e joguei muito. Durante esse período, não vi minha irmã. Mas depois

visitei-a novamente no reformatório. Então falamos pela primeira vez sobre viver juntos e ter uma família comum. Prometi-lhe que obteria a permissão para o nosso casamento. Mas em 1922 tivemos de nos separar novamente. Desde aquele momento, meus maiores esforços foram para juntar dinheiro suficiente para cuidar de Mary. Apesar disso, eu era fraco demais para resistir aos convites de meus amigos, e continuava bebendo e jogando. À noite, muitas vezes, chorava. Por causa da minha aparência muito desleixada, não queria visitar minha irmã no reformatório. Em 1927, fui para a província, onde continuei bebendo. Gastei todo o meu dinheiro nisso. Naquele ano fiquei doente com pneumonia e fui levado ao hospital. Depois, voltei para a capital, e por intermédio da polícia localizei minha irmã, que tinha saído do reformatório. Ela aprendera a costurar no reformatório, mas não conseguia ganhar o suficiente com isso e tinha que trabalhar como doméstica, novamente. Ela tinha conhecido um rapaz, e teve um filho dele. O filho, porém, morreu com três meses. Depois da morte do filho, encontrei-a. Tinha rompido com o namorado. Na noite de natal juramos nunca mais nos separar. Em março de 1928, alugamos um apartamento em conjunto. Ali começou nossa relação sexual. Nosso amor não diminuíra naqueles sete anos em que não nos vimos. Quando, após aqueles anos, pusemos os olhos um no outro, tremíamos de excitação e não conseguíamos falar. Na segunda semana de vida em comum no apartamento tivemos nossa primeira relação sexual. Estávamos no cinema assistindo ao filme *Rei dos Reis*, sobre a vida de Jesus. Durante a exibição fiquei muito agitado, me senti mal e tivemos de voltar para casa. Lá, minha irmã cuidou de mim, e deitou-se ao meu lado. Foi assim que tudo começou. O desejo sexual surgiu primeiro na minha irmã. Daquele dia em diante mantivemos contatos sexuais regulares. Na primeira vez em que discutimos o assunto, sentíamos ter cometido algo proibido. Perguntamos às autoridades civis e ao padre se poderíamos nos casar. Descobrimos que era impossível. Nunca sentimos nossa relação sexual como um pecado. Agora estamos vivendo juntos há sete anos. Nesse período minha irmã ficou grávida quatro vezes. O primeiro bebê viveu apenas três dias e meio, porque Mary não tinha leite para alimentar a menina. A segunda gravidez não durou, pois

sofreu um aborto no segundo mês. O mesmo aconteceu com a terceira. Mas da quarta vez minha irmã conseguiu dar à luz uma criança no oitavo mês, uma menininha de quem gostamos muito, e vamos sacrificar nossas vidas para que ela seja legitimada. Confessamos nosso amor ao padre e imploramos a ele que nos desse permissão para casar".

Aqui termina a confissão do homem. Pedi-lhes que descrevessem o que sentiam um pelo outro. O homem escreveu o seguinte: "Apaixonei-me por ela à primeira vista. Senti meu sangue ferver, os beijos dela queimavam meus lábios. Naquele momento decidi que ela pertenceria a mim e a ninguém mais até minha morte, pois Deus a criou para mim. Eu senti que ela queria a mesma coisa, e agora sei que nunca vamos nos separar. Desde 1927 estamos vivendo juntos com amor e harmonia. Considero-a a esposa que Deus me destinou. Ela é boa para mim, sabe o que é bom e o que é mau, e compartilha tudo que tem com aqueles a quem ama, comigo e com nossa filhinha Ilonka."

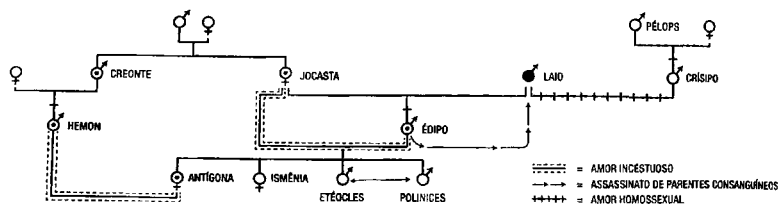
A mulher escreveu: "No nosso primeiro encontro fiquei muito feliz, e senti uma afeição profunda. Fiquei muito feliz por saber que existe alguém a quem pertenço. Fiquei tão tocada que não conseguia falar. Tudo que senti foi a consciência de uma grande felicidade. Quando, depois, tivemos de nos separar temporariamente, sofri muito. Mas meu prazer foi ainda maior quando nos reencontramos após sete anos. Nessa ocasião choramos de felicidade e não conseguíamos falar. Então jurei que, como o Senhor Jesus tinha me devolvido meu irmão, que significava tudo para mim, eu o amaria para sempre. Depois amei-o ainda mais, quando conheci seu bom coração e sua boa alma. A ideia de que ele pudesse ser tomado de mim quando nossa relação se tornasse conhecida me fez tremer. Causava-me muita dor ter de ocultar os nossos sentimentos mais sagrados, nosso amor, que nos faz feliz e não prejudica ninguém. Mas estou disposta a suportar todos os sofrimentos para que possamos viver juntos. Eu não posso viver sem ele, meu coração bate por ele, e esse sentimento é maior que a minha vontade. Prefiro a morte a viver sem ele, já que a minha vida seria apenas sofrimento..."

***

Como curiosidade, podemos contar aqui o mais clássico de todos os mitos de incesto: a história de Édipo, da família dos Labdácidas, de Tebas.[7] A primeira parte da história – o casamento incestuoso de Édipo com sua mãe, Jocasta, após ter matado o pai – é bem conhecida. Do ponto de vista da nossa teoria, vale a pena acompanhar as tragédias dos filhos originados do amor incestuoso. Segundo o mito, desse casamento nasceram quatro filhos, dois meninos, Etéocles e Polinices, e duas meninas, Antígona e Ismênia. Quando Édipo, cego, após uma vida cheia de vicissitudes, morreu no bosque das Eumênides, os filhos começaram a brigar pela posse do trono. Etéocles afugentou Polinices, assim como Laio, seu avô, fora afugentado por Anfíon e por Zeto. Etéocles fugiu para Argos, e retornou com um imenso exército reunido em Argos. A batalha terminou com o combate homem a homem dos irmãos, no qual, como diz o mito, os irmãos mataram um ao outro, assim como o pai deles, Édipo, matara Laio, seu pai. Então Creonte, irmão da mãe, tornou-se rei de Tebas. Ele enterrou o corpo de Etéocles, que morreu em combate justo, e deixou o corpo de Polinices numa colina, exposto aos pássaros do céu. É aí que começa o último – e mais instrutivo para nossa teoria – capítulo da tragédia dos Labdácidas: o amor entre Antígona e Hemon. Como diz o mito, Antígona não obedeceu a ordem de seu tio e enterrou seu irmão Polinices. Com isso ela selou sua própria sentença de morte. Creonte mandou colocar Antígona numa caverna e deu-lhe um pouco de pão e água. Depois, alertado por Tirésias, o profeta cego, e temendo a vingança das Eríneas, correu com seu séquito até a prisão, mas encontrou Antígona morta. A seu lado estava Hemon, filho de Creonte. Quando Creonte ordenou que se levantasse e fosse para casa, ele disse: "É tarde demais, meu pai, a alegria da minha vida se foi; ela já não tem nenhum valor para mim". Ao dizer essas palavras, ele enterrou seu punhal no próprio coração. O mito acrescenta que no reino de Hades e de Perséfone ele reencontrou sua amada, a quem perdera por causa do julgamento cruel de seu pai.

---

[7] Ilustração da árvore genealógica na figura 5.8. (N. R. T.)

FIGURA 5.8: ÁRVORE GENEALÓGICA DE ÉDIPO

Antígona e Hemon eram primos. Jocasta, mãe de Antígona, era irmã de Creonte, pai de Hemon. Esse amor trágico entre parentes consangüíneos é, portanto, o segundo incesto – em sentido amplo – na família dos Labdácidas. Esse mito mostra que, como na vida real e no mundo das fábulas, o incesto aparece nas famílias em que também ocorre amor entre parentes consangüíneos. Os assassinatos de parentes consangüíneos (do pai e do irmão), assim como o amor incestuoso recorrente na família, nos leva a perguntar: que tipo de doença hereditária, ou "pecado primário", poderia estar representada no banco genético da família dos Labdácidas? O mito mesmo não nos pode fornecer informações genealógicas confiáveis a respeito. De qualquer maneira, a maldição da família se origina de um pecado de Laio que, desrespeitando as proibições de Febo Apolo, gerou seu filho Édipo. (Segundo Eurípides, ele cometeu esse crime num estado de embriaguez). Mas *o motivo pelo qual Febo Apolo queria negar filhos a Laio é algo muito obscuro.* Segundo o mito e segundo o Crísipo de Eurípides, *Laio tinha disposição homossexual.* Na interpretação psicanalítica, a disposição homossexual encobre fortes laços incestuosos com a mãe. Laio tirou o filho de Pélops, o belo Crísipo, de sua amante natural. Então, o pai de Crísipo amaldiçoou-o para que não tivesse filhos e, se tivesse, que morresse por suas mãos. O caráter sádico-anal (homossexual) também explica os assassinatos de parentes consangüíneos. Segundo o mito, foi esse o pecado primário da família dos Labdácidas; por causa dele, a família tinha de perecer.

O material desses mitos não pode ser apresentado com o fim de demonstrar o papel biológico dos genes recessivos latentes. Ao rever essas histórias,

quisemos apenas indicar que os fatos encontrados em nossas histórias de casamentos e avaliados por nossa teoria (ver o caso 24) não são fenômenos isolados e incomuns da vida, já que fatos similares podem ser encontrados nas histórias de épocas pré-históricas.

Se quisermos estudar a importância dos genes recessivos latentes para as relações incestuosas, temos ainda outra rota de pesquisa. Podemos examinar as proibições de incesto de algumas tribos primitivas, e os hábitos incestuosos – o casamento incestuoso obrigatório – dos povos pré-históricos. Para estudar o papel dos genes recessivos latentes na escolha do nosso parceiro, parece muito importante considerar as relações entre totem e gene.

5.5 Totem e gene

Em nossa primeira tentativa de determinar o papel desempenhado pelos genes recessivos latentes no amor incestuoso, deparamo-nos com a dificuldade decorrente do fato de que os limites do incesto são demarcados de maneira muito diferente pelos biólogos e pelos juristas. Mais uma vez, esse limite entre o incesto e o amor aprovado pela comunidade é concebido de maneira diferente pelos povos pré-históricos e pelas tribos primitivas dos nossos dias. Ao longo de nossas discussões, porém, essas diferenças de limites só aparentemente vão obstruir nosso trabalho; pelo contrário, de certo modo, elas vão até facilitar a resposta à questão de por que um irmão pode vir a se apaixonar justamente pela própria irmã, uma irmã pelo próprio irmão, um pai pela própria filha, etc.

Na biologia, o incesto representa o grau mais elevado do entrecruzamento, isto é, quando irmão e irmã, mãe e filho, ou um dos avós e um dos netos têm relações sexuais. Do ponto de vista do biólogo, naturalmente, é irrelevante se o relacionamento incestuoso acontece entre parentes consanguíneos originados de uma união legítima ou de um concubinato.

Esse não é o caso para o jurista. Ele demarca os limites do incesto de maneira mais ampla. O código legislativo da maioria dos países civilizados estabelece

que a relação sexual entre marido e cunhada é incesto, e proíbe o casamento se um dos parceiros teve relações sexuais com os pais, avós ou filhos do outro.

Em conexão com essa ampliação jurídica do conceito de incesto, Marcuse fala de "incesto mediado", caso um homem mantenha relações sexuais com mãe e filha ao mesmo tempo. Assim podemos ver que, ao definir o conceito de incesto, o jurista e também o sociólogo vão além da relação "consanguínea" e querem colocar limites às relações livres, como modo de satisfazer os interesses da "família", no sentido mais amplo, baseado em relações sociais, e não sanguíneas. Passando do campo da biologia ao da sociologia, encontramos, portanto, a proibição do "incesto consanguíneo" substituída pela do "incesto familiar".

Mas não podemos pensar que essa limitação às relações livres e essa extensão do conceito jurídico de incesto para além da relação consanguínea em sentido estrito (por exemplo, sogros e cunhados) é aplicada apenas em países civilizados. Essa crença seria radicalmente refutada pela *organização totêmica* de diversas tribos primitivas, principalmente das tribos dos nativos da Austrália Central, dos índios da América do Norte, e muitos povos da África e das Índias Ocidentais.[8] Muitas dessas organizações totêmicas ainda são mantidas por essas tribos.

Neste breve estudo, parece praticamente impossível apresentar devidamente todas as intrincadas questões dos sistemas totêmicos, cujos pontos essenciais ainda estão por ser esclarecidos. Temos de nos basear na literatura.

Porém, devemos dar especial atenção à obra *Totem e Tabu* (1913), de Freud, que oferece ao leitor um excelente apanhado de toda a literatura relacionada às organizações totêmicas e uma introdução à interpretação psicanalítica do fenômeno como um todo. Aqui devemos dizer que, ao dar forma definitiva à nossa teoria "do ancestral" da escolha amorosa, fomos influenciados, em primeiro lugar, por esse livro de Freud. É dele que vem a maior parte do que diremos a respeito da conexão entre totemismo e exogamia.

Qual a essência de um sistema totêmico?

---

[8] Caribe. (N. T.)

O totem é um animal (às vezes uma planta, ou uma força da natureza, como a chuva ou a água) que o homem primitivo acredita 1. ser seu ancestral, 2. proteger a ele e a seus filhos, e 3. trazer bons oráculos em caso de perigo. Assim, para o primitivo, o animal totêmico é, em uma pessoa só, o pai da tribo, o santo patrono e o áugure. Segundo Frazer, podemos distinguir pelo menos três tipos de totem:

1. O *totem tribal*, ao qual a tribo inteira pertence. Ele é herdado de geração em geração. 2. O *totem sexual*, que compreende exclusivamente os membros masculinos ou femininos das tribos. 3. O *totem individual*, que se refere a apenas uma pessoa e não é herdado pela descendência. Pode-se atribuir importância decisiva – do ponto de vista da organização religiosa e social – a apenas um desses três totens: ao *totem tribal*. Isto é, os homens e as mulheres que pertencem a uma tribo ou clã totêmico 1. trazem seu nome e 2. *acreditam descender do mesmo ancestral, isto é, acreditam ser parentes consanguíneos.* Duas proibições sagradas, duas "leis-tabus" do sistema totêmico têm origem nessa crença genealógica do homem primitivo. Uma diz que o animal tabu não pode ser morto, sua carne não pode ser comida nem usada para qualquer propósito, ele não pode ser tocado e nem mesmo olhado, e seu nome não pode ser pronunciado. Segundo a outra lei, *membros do mesmo clã totêmico não podem contrair casamento nem ter relações sexuais uns com os outros.* Essa proibição é a exogamia relacionada ao totemismo.

Esses dois tabus protegem o totem, e aqueles que os violarem devem ser automaticamente punidos por uma grave doença ou pela morte.

Para nossa teoria da escolha amorosa, a exogamia, o casamento e a proibição de parceiros têm máxima importância. Em relação a isso, temos de tratar da questão *do sentido prático da exogamia, do "tabu de sangue".*

Acredita-se que o totem seja herdado. O caminho peculiar da herança do totem pode ser devidamente demonstrado por um exemplo de Freud. Um homem primitivo que pertence ao clã totêmico chamado "Canguru" casa-se com uma mulher do clã totêmico "Emu". Caso exista a crença de que o totem da esposa passará para a sua descendência, todos os filhos oriundos do casamento pertencerão ao clã totêmico "Emu". Segundo o

tabu dos casamentos e acasalamentos, o casamento ou a relação sexual são proibidos entre irmãos e irmãs ou entre filho e mãe, já que, pela ordem da herança, todos eles pertencem ao mesmo clã totêmico, sendo, por conseguinte, parentes consanguíneos. Por outro lado, o pai, que vem do clã totêmico "Canguru" não é considerado parente consanguíneo de nenhum membro do clã "Emu"; ele tem o direito de acasalar-se com as próprias filhas.[9] A situação é muito diferente quando a herança do totem é patrilinear. Em nosso exemplo, todos os filhos pertenceriam, então, ao clã totêmico "Canguru"; o tabu de incesto se referiria ao acasalamento de irmão e irmã, assim como ao de pai e filha, mas permitiria relações sexuais entre mãe e filho.

Para a nossa teoria, é preciso atribuir importância especial à medida de organização totêmica que *proíbe o casamento entre membros do mesmo clã totêmico*, isto é, entre pessoas consideradas descendentes do mesmo ancestral, além de proibir as relações sexuais entre parentes consanguíneos do mesmo clã. Assim, numa organização totêmica, 1. todos os membros da tribo originados do mesmo ancestral são considerados parentes consanguíneos; 2. a irmandade de sangue é substituída pela irmandade de totem; 3. o parentesco consanguíneo é substituído pelo parentesco totêmico e 4. a família consanguínea é substituída pela família totêmica. A consequência natural e lógica dessa organização é 5. *a substituição do incesto consanguíneo pelo incesto do grupo totêmico*. A faixa conceitual do incesto é consideravelmente ampliada na organização totêmica, porque a proibição do casamento é estendida dos parentes consanguíneos para o grupo muito maior das relações totêmicas. O totemismo deu

[9] Essa forma de exogamia totêmica também foi encontrada por Róheim entre os nativos das Ilhas Duan. Em *Totem e Tabu*, Freud acrescenta o seguinte às discussões sobre a exogamia totêmica: "Dem Vater, der Känguruh ist, wird aber – wenigstens durch dieses Verbot – der Inzest mit seinen Töchtern, die Emu sind, frei gelassen" (p. 5) ["Mas para o pai, que é 'Canguru', o incesto com suas filhas, que são Emu, está liberado – ao menos segundo essa proibição".]. Esses dados de Freud referem-se à tribo Kamilaroi do sudeste da Austrália. Segundo Róheim, o amor entre pai e filha hoje é proibido por "regras adicionais", mas esse mesmo autor ouviu dos nativos que em algumas tribos o incesto entre pai e filha ainda hoje é permitido.

ao incesto uma interpretação não só mais ampla, como também diferente, ao permitir o casamento entre certos parentes consanguíneos muito próximos, que são considerados membros de clãs totêmicos diferentes, e ao permitir até mesmo o acasalamento entre progenitor e filho, caso eles não pertençam ao mesmo clã totêmico, de acordo com seu sistema totêmico particular.

5.5.1 Que tipo de interpretação pode ser dada à organização totêmica a partir de nossa teoria "do ancestral" da escolha amorosa?

O totem é o ancestral, cujo nome nasce e é herdado pelo primitivo que acredita descender do totem. *Assim, como ancestral, o totem desempenha o papel de fator herdável, o gene* na organização social e religiosa do primitivo. Substituindo-se o conceito de totem pelo de gene, os termos do totemismo podem ser traduzidos para o linguajar da genealogia da seguinte maneira:

Totem = ancestral = gene. Irmão totêmico = irmão ancestral = irmão genético. Parentesco totêmico = parentesco ancestral = parentesco genético. Família totêmica = família ancestral = família genética. Incesto totêmico = incesto ancestral = incesto genético.

As regras do totemismo expressas em termos genealógicos ficam assim:

1. Os membros do clã são todos parentes genéticos, já que descendem do mesmo ancestral. 2. Os membros do clã aparentados geneticamente carregam o nome do ancestral comum e acreditam ser parentes consanguíneos. Portanto, 3. graças à organização totêmica, é proibido o casamento entre parentes genéticos. Essa proibição é a essência da exogamia do totemismo, ou, em outras palavras, da exogamia genética.

Nossa teoria do ancestral da escolha amorosa pressupõe que 1. essa escolha é dirigida pelos genes recessivos latentes; 2. os amantes são indivíduos portadores de genes recessivos latentes comuns em seu banco genético; 3. *o parentesco consanguíneo é apenas um caso particular de parentesco genético.* Duas pessoas podem ser parentes genéticos sem ser parentes consanguíneos, na opinião do jurista. A genealogia sequer exclui a possibilidade de que dois indivíduos aparentados consanguineamente segundo a lei não sejam ao mesmo tempo aparentados geneticamente, ainda que a possibilidade de essa discrepância

existir seja bem pequena. *O parentesco genético é, assim, um conceito mais abrangente e superior mesmo ao de parentesco consanguíneo.*

Na biologia, a proibição do incesto referiu-se, até agora, ao contato sexual entre parentes consanguíneos, irmão e irmã, pais e filhos, avós e netos. Os países civilizados, como observamos, estenderam essa proibição ao parentesco "legal". Na organização totêmica do primitivo, a proibição do incesto tem uma validade ainda mais ampla, proibindo o contato sexual entre membros de um grupo de relacionamento totêmico ou genético. O tabu do incesto do australiano primitivo impede a união sexual de indivíduos que, segundo nossa teoria, mais provavelmente escolheriam uns aos outros para acasalar-se. Por conseguinte, *podemos considerar a organização totêmica uma regulamentação matrimonial contrária às tendências amorosas naturais.*

Aqui temos de clarificar duas questões:

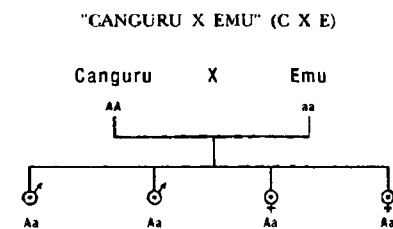
1. Podemos considerar plausível que o totem, o ancestral, seja herdado recessivamente e possa ser considerado inerente, em parte sob a forma manifesta, e em parte como "totem recessivo latente", aos membros do clã totêmico?

2. O que pode ter levado os povos primitivos "selvagens" a ampliar a vergonha do incesto e a proibição do incesto de tal forma e numa extensão compreensíveis pelos homens civilizados? Por que o primitivo desiste da possibilidade de casar-se exatamente com aqueles que são instintivamente atraentes para si?

Por causa da natureza do assunto, por ora temos de nos contentar com os dados míticos reunidos pelos etnólogos em vez de tentar realizar uma demonstração exata.

Quanto à primeira questão, o material posto à nossa disposição pelos etnólogos faz com que pareça óbvio considerar que o totem é herdado de maneira recessiva. *As leis da limitação do casamento parecem corresponder às leis mendelianas da herança recessiva simples.* Fiquemos com o exemplo de Freud descrito anteriormente, e suponhamos que "a", o gene Emu da mãe, seja herdado recessivamente. Nesse caso, a mãe é uma Emu heterozigota recessiva com a fórmula genética "aa". O pai pode ser um Canguru homozigoto dominante com a fórmula genética "AA".

O casamento discordante "Canguru x Emu" (C x E) e os filhos nascidos dele – dois meninos e duas meninas – podem ser simbolizados geneticamente da seguinte maneira:

FIGURA 5.9: SIMBOLIZAÇÃO GENÉTICA DO CASAMENTO DISCORDANTE "CANGURU X EMU" (C X E)

Ou seja: os filhos – tanto os meninos quanto as meninas – ocultam o ancestral Emu "a" em seu banco genético. Assim, por causa de seus genes Emu recessivos latentes, os filhos terão parentesco genético com a mãe. A atração incestuosa dos filhos pela mãe será explicada pelo ancestral Emu recessivo "a" neles presente. Segundo nossa teoria, o ancestral Canguru "A", por ser um fator dominante, não desempenha qualquer papel no direcionamento da escolha amorosa, pois já cumpriu sua tarefa biológica ao produzir um traço manifesto.

O que o tabu consanguíneo do totem efetivamente proíbe? O acasalamento do filho com a mãe. O pai, um Canguru homozigoto dominante ("AA"), e as filhas, bastardas Emus ("Aa"), são concordantes quanto ao fenótipo, mas não quanto ao genótipo, isso é, as filhas ocultam o ancestral Emu e, portanto, pertencem ao totem Emu. Segundo nossa teoria, as filhas não sentem uma atração instintiva pelo pai, que, considerando seu ancestral oculto, é um "estranho" para elas. Mas elas sentem atração pelos irmãos, que também "ocultam o Emu" e que, devido ao seu gene Emu latente, pertencem ao totem Emu. Numa estranha harmonia com isso, o tabu consanguíneo efetivamente proíbe o acasalamento de irmão e irmã.

A lógica do acasalamento da exogamia totêmica, tão "contrária ao amor", pode ser claramente deduzida de nossa teoria.

Não é o propósito deste estudo explicar o totemismo. Tampouco pretendemos assumir a tarefa de interpretar as diversas formas de exogamia com base em especulações genealógicas. Queríamos apenas mostrar que os tabus totêmicos de incesto estão de acordo com a teoria desenvolvida aqui.

É possível que o leitor, ainda que seja versado em genealogia, considere a aplicação de leis mendelianas ao totem pouco usual. Mas a totalidade do tabu consanguíneo da organização totêmica pode ser facilmente compreendida se, em vez de falarmos de ancestrais Emus e Cangurus, bizarros e sem sentido, falarmos, por exemplo, de ancestral *"surdo-mudo"*. Se trocarmos em nossas formulações anteriores a expressão totem Emu por "ancestral surdo-mudo" (ou até por "totem surdo-mudo"), as leis da organização totêmica e do tabu do incesto ficarão da seguinte maneira: A mãe que descende de ancestrais surdos-mudos é ela mesma surda-muda, um indivíduo heterozigótico recessivo de fórmula genética "aa". Portanto, ela só poderá desposar um homem que não tenha parentesco genético com ela, isto é, cujo banco genético não oculte, de forma latente, o ancestral surdo-mudo. O totem da mãe é herdado, e por isso todos os filhos terão o totem surdo-mudo. O pai é dominante homozigoto ("AA") e, portanto, tem audição perfeita; os filhos serão também aparentemente saudáveis, mas ocultarão, de forma latente, o ancestral surdo-mudo em seu banco genético. Em termos genealógicos, podemos expressar isso dizendo que os filhos serão bastardos do ancestral surdo-mudo ("Aa"). Nesse sentido, eles "carregarão o nome do ancestral". A nova versão do tabu consanguíneo seria assim: Os filhos que ocultam o "ancestral surdo-mudo" não podem se relacionar com a própria mãe ou suas irmãs, porque estas têm parentesco genético com o ancestral oculto.

Quisemos demonstrar, por meio da substituição acima (Emu = surdo-mudo), que a exogamia do totemismo é compreensível e dedutível das leis mendelianas da herança recessiva.

Suponho que nenhum dos meus leitores imaginará que as tribos primitivas efetivamente "conheciam" as leis de Mendel. Mas não há dúvidas de que esses povos acreditam no retorno do ancestral. Isso é comprovado pela teoria da concepção e da reencarnação da tribo dos arunta, uma tribo australiana. Os arunta acreditam que as almas dos membros de um mesmo clã totêmico estão

aguardando o seu retorno em um determinado local da sua terra. Quando uma mulher arunta passa por esse local, a alma que está aguardando ali entra em seu corpo e, quando seu filho nasce, ela anuncia à tribo onde é o "local de espera" das almas, onde acredita ter concebido o filho. Dependendo do que ela disser, decide-se que totem será atribuído ao filho.

Graças ao mito dos arunta, ficamos sabendo:

Primeiro, que o povo primitivo efetiva e instintivamente acredita no retorno da alma do ancestral. Na minha opinião, essa crença não difere essencialmente da hipótese da genealogia moderna a respeito da recessividade dos genes.

Em segundo lugar, que o primitivo também considerava ser uma difícil tarefa estabelecer o totem ao qual se deveria atribuir o recém-nascido. Isso também é indicado por certos testes de "ascendência" e de "autenticidade". Esses testes de "pureza totêmica" mostram muito claramente que o homem primitivo tinha muita dificuldade para encontrar o totem oculto do indivíduo híbrido, exatamente como o genealogista de hoje encontra dificuldades ao se deparar com a tarefa de determinar os genes recessivos latentes de um indivíduo heterozigótico. Podemos lembrar que no nosso exemplo a mãe não é uma "Emu" homozigótica ("aa"), mas tão somente um indivíduo heterozigoto que oculta o Emu ("Aa"). Nesse caso, metade dos filhos serão também heterozigotos "ocultadores de Emu", e a outra metade Canguru "puro sangue" ("AA"). Em circunstâncias similares, nem o genealogista conseguiria distinguir facilmente os "bastardos Emus" dos "Cangurus" puros.

A exogamia imposta ao primitivo pela organização totêmica regula os acasalamentos de modo a evitar, por todos os meios, o "incesto genético". O resultado natural desse tabu de incesto genético foi, segundo nossa teoria, o impedimento de qualquer casamento inspirado pela semelhança genética ou pelo amor instintivo, que acreditamos ser a mesma coisa.

Qual a origem da vergonha do incesto aumentada dos primitivos? Essa questão é ainda mais justificada quando conhecemos um fato bem demonstrado pela história da humanidade, isto é, que o amor incestuoso nem sempre foi visto como algo a ser proibido. Pelo contrário, sabemos de períodos da história até mesmo de povos hoje de alta cultura durante os quais o incesto era uma forma natural e às vezes obrigatória de casamento.

O passado histórico do incesto foi preservado em alguns mitos e lendas sobre deuses e reis. Há lendas bem conhecidas sobre o amor entre Osíris e Ísis, Zeus e Hera, e o famoso Édipo. Alguns povos preservaram o incesto como forma natural de casamento também ao longo das eras históricas. Strabo fala de uma princesa árabe que vivia com seus quinze irmãos. O casamento entre irmão e irmã era muito comum entre os egípcios, persas e, de maneira muito pronunciada, entre os peruanos. Os egípcios cultivaram o incesto obrigatório durante o período mais resplandecente de sua história, do reinado do rei Menes até a décima-quarta dinastia. Para um homem egípcio, era natural casar-se com sua irmã ou com sua prima. Os Ptolomeus só se casavam com as próprias irmãs. Ainda hoje o casamento entre primos é a forma mais comum e natural de união matrimonial no Egito.[10] No auge do império persa (de 550 a 330 a.C., na época de Ciro, Dario e Xerxes), a endogamia baseada no incesto floresceu muito. Durante esse período, o casamento era permitido não apenas entre irmão e irmã, mas também entre pai e filha, ou entre mãe e filho. Nas castas dominantes, o casamento incestuoso era até exigido por lei. O culto ao incesto atingiu seu apogeu no decreto de Cambises, que proibiu que o rei se casasse com qualquer mulher que não fosse sua própria irmã ou filha. Sobre o próprio Cambises, a história registra três casamentos incestuosos: segundo Heródoto, ele se casou com Antaxerxes, sua própria irmã; segundo Plutarco, com sua filha, Sisimister; enquanto Curtius alega que ele se casou com a própria mãe.

O culto mais generalizado ao incesto pode ser encontrado no Peru. O incesto era obrigatório na classe dominante e costumeiro nas outras classes. Assim como os antigos reis persas, o regente inca ou os membros de sua família só podiam se casar com sua própria irmã, filha ou mãe. Eles acreditavam que, desse modo, "preservariam a pureza do sangue do sol, do qual descendiam". Rohleder, de cuja monografia foram retirados esses dados, fala dos vedas, povo que ainda vive em Annam e no Ceilão, apesar de estar lentamente em extinção, que mesmo hoje tem como costume nacional o casamento entre irmão e irmã.

---

[10] A redação original desta obra é de 1937. (N. E.)

Desde uma perspectiva histórica, *a atitude emocional da humanidade em relação ao incesto parece ser ambivalente.* Muitos povos, especialmente no auge de sua história, permitiram uma válvula de escape para os desejos incestuosos, ao passo que outros lhes impuseram – e ainda hoje impõem – proibições sagradas e tabus. Entre os cientistas continua o debate sobre qual teria sido a atitude instintiva primária do ser humano em relação ao incesto; se essa atitude envolvia um *desejo de incesto* ou uma *aversão ao incesto.* É notável que, mesmo entre os povos primitivos de culto totêmico, existam tribos – como a tribo arunta, por exemplo – que não adoram o totem, ou comem sua carne, e que não preservam as regras de casamento. É difícil dizer se os costumes incestuosos dos arunta indicam o início ou a decadência dos costumes incestuosos (Freud). Além disso, parece muito curioso que a vergonha do incesto e a aversão ao incesto tenham sido consideravelmente mais pronunciados entre os nativos primitivos da Austrália do que é hoje nas nações civilizadas. Ao falar de proibições de incesto, Freud corretamente aponta para a possibilidade de tendências eugênicas estarem por trás de medidas como essa. Ele está certo ao dizer que a proibição do incesto é muito mais antiga do que a domesticação dos animais e do que as experiências eugênicas na prática do entrecruzamento.

Além dessa ideia de Freud, algumas teorias foram elaboradas para responder a questão da origem da proibição do incesto e da aversão ao incesto. Encontramos opiniões segundo as quais não é o desejo do incesto que seria herdado, mas a aversão a ele (Westermarck). Concordamos com Frazer quando, ao comentar essas teorias, diz: A lei normalmente proíbe apenas aquilo que as pessoas têm o desejo de cometer instintivamente. Ações proibidas e punidas pela própria natureza não exigem proibição nem punição por parte das pessoas. Considerando o fato de que o incesto é proibido por lei, não se deve inferir que existe uma aversão instintiva ao incesto, mas o contrário, que haveria um desejo natural para cometê-lo. A supressão desse desejo natural por força da lei é apenas uma medida aplicada pelo homem civilizado, como consequência de sua convicção de que o incesto é nocivo para a sociedade (tirado de Freud).

O caráter hereditário da aversão ao incesto parece, em certa medida, ser contestado pelas experiências da psicanálise. Esta descobriu que os primeiros desejos sexuais da criança são incestuosos, e que os recalques e inibições desses desejos constituem as forças motrizes da neurose. Em sua tentativa de explicar a aversão ao incesto, Freud refere-se em parte à teoria de Darwin e Atkinson, e em parte às experiências da psicanálise. Darwin inferiu dos costumes dos macacos antropoides que o homem primitivo vivia em bandos, e que o pai, o membro mais velho do bando, proibira seus filhos de acasalarem-se com os membros do sexo feminino desse bando. Assim, o filho era forçado a deixar o bando a fim de encontrar um parceiro sexual. Depois, ele mesmo fundava um bando no qual, seguindo o pai, impunha a mesma proibição. A organização totêmica teve início com a extensão dessa proibição do bando ao clã. Sobre o modo como os bandos primitivos teriam se tornado clãs totêmicos e depois se desenvolvido até formar sociedades civilizadas, Freud diz:

Certo dia, os irmãos que foram banidos se reuniram, espancaram o pai até a morte e devoraram-no e, com isso, puseram um fim ao bando do pai... O pai violento fora certamente o modelo invejado e temido por cada um dos irmãos. E então, com o ato canibal, afirmaram sua identificação com ele, cada qual apropriando-se de um pedaço da sua força. A refeição totêmica, talvez a primeira festa da humanidade, seria a repetição e uma cerimônia memorial desse ato questionável e criminoso, por meio do qual tantas coisas tiveram seu início: as organizações sociais, a limitação pelos costumes e a religião.

Não pretendemos aumentar o número de teorias sobre a origem do incesto acrescentando mais uma.

Mas temos de fazer uma última pergunta: O que pode, em última análise, seguir-se da aplicação da nossa teoria "do ancestral" da escolha amorosa para o tabu consanguíneo e do incesto? Afirmamos: Totem = ancestral = gene. Disso advém outra equação: parentesco totêmico = parentesco ancestral = parentesco genético. Portanto, o amor de parentes totêmicos corresponde ao amor de parentes ancestrais e ao amor de parentes genéticos. Assim, segundo a nossa teoria: *não existe amor que não seja o amor de parentes genéticos.* Mas esse amor é, em sentido mais amplo, nada mais que um amor incestuoso. A conclusão

final a partir da teoria "do ancestral" da escolha amorosa é a seguinte: *Não existe outra forma de amor além do amor incestuoso.*

O incesto – e, por conseguinte, todo tipo de amor – tem sua origem num instinto proibido. De onde vem essa proibição parece ser um segredo nebuloso. Ela é mais rigorosa nas comunidades primitivas, nas quais ela se estende a todos os parentes do clã ou, como podemos dizer, a todos os parentes genéticos. Esses povos vivem de maneira exogâmica, isto é, em *casamentos sem amor.* No que diz respeito à renúncia do amor, o ser humano civilizado tem sido mais fraco do que o primitivo. Ele quer se casar com alguém que ame. Mas o casamento com parentes consanguíneos próximos é proibido por lei. O que ele deveria fazer? Ao homem civilizado é negado o casamento com sua irmã ou mãe; a mulher civilizada não pode acasalar-se com seu pai ou irmão. Mas eles não querem privar-se completamente do incesto.

Assim, eles são instintivamente atraídos por quem possui parentesco genético com sua mãe ou sua irmã, ou com seu pai e seu irmão. Na sociedade civilizada, o incesto consanguíneo é substituído pelo incesto genético. A solução encontrada é uma espécie de solução de compromisso. Conseguir levar a cabo essa solução de compromisso com ou sem sucesso decidirá o destino do indivíduo.

Aqueles que, em virtude de seu "meio-ambiente genético" (genótipo), bem como de seu meio-ambiente externo (perístase), conseguirem lidar com essa solução de compromisso encontrarão seu lugar na comunidade civilizada *sem qualquer distúrbio neurótico.*

A vida daquele que, por razões constitucionais ou peristáticas (na maioria dos casos, ambos), for incapaz de substituir o incesto consanguíneo por alguma forma adequada de incesto genético, pode tomar dois rumos diferentes:

1. Ele permanece na sociedade civilizada, mas retorna, em sua vida instintiva, a um estágio anterior, tornando-se neurótico;

2. Ou o desenvolvimento da sua vida instintiva para e se estagna em um estágio arcaico, filo- e ontogeneticamente anterior; não entra na sociedade civilizada e não fica neurótico, mas: torna-se um indivíduo homossexual, pervertido ou criminoso (por exemplo, um assassino), ou, caso a perístase seja favorável, permanece um canibal.

Epílogo

Concluímos a primeira etapa da nossa pesquisa da análise do destino sobre a escolha amorosa.

Nossas próximas investigações terão como tarefa demonstrar como os genes recessivos latentes influenciam o destino do indivíduo no que diz respeito à imitação, aos ideais, profissão e doenças. Um artigo distinto procurará esclarecer as conexões profundas existentes entre a psicanálise e a análise do destino, especialmente entre o "Id" e o "gene".

O ponto de partida de nossas investigações analíticas do destino foi a hipótese de que o modo como o indivíduo nasce, vive e morre obedece a um plano peculiar individual, e não é simplesmente uma obra do "acaso". Acreditamos que esse plano de vida global seja, na verdade, traçado pelos ancestrais recessivos ocultos e recalcados no indivíduo. De acordo com nossa teoria, o sistema dos genes recessivos latentes determina a quantidade, o curso do desenvolvimento, a tendência das manifestações e a forma dos instintos do indivíduo.

Contudo, o fatalismo baseado no papel de dirigentes do instinto dos genes recessivos latentes não é rígido; não é inalterável.

O papel biológico desempenhado pelos ancestrais recessivos e recalcados no direcionamento dos instintos do indivíduo é também função da perístase, do meio-ambiente, da situação nas diferentes fases da vida. Os genes recessivos latentes e a perístase constituem um sistema elástico, funcional e

dinâmico, que permite que a quantidade, o rumo e a forma dos instintos de um indivíduo tenham mais do que uma única possibilidade de manifestação. Embora essas diferentes formas de manifestação estejam ligadas a ancestrais idênticos ou intimamente relacionados (alelia múltipla), seu valor para a vida do indivíduo e da comunidade podem ser muito diferentes.

A educação baseada na análise do destino deverá enfrentar a tarefa de encontrar, entre as diferentes formas e possibilidades de manifestação, aquela que for mais favorável para o indivíduo e para a comunidade; e promover a manifestação dos ancestrais que seja útil para a vida individual e social.

É de se esperar que a educação destino-analítica substitua a rigidez do "fatalismo genealógico" por um "fatalismo direcionável", dinâmico.

Resumo

Nossa obra pretende servir de introdução a uma "análise do destino".

O ponto de partida de nossas investigações é a suposição de que o homem não nasce, vive e morre ao acaso, mas que tudo isso depende de um "projeto" individual. A vida do ser humano tem um projeto determinado, e por isso o curso da sua vida é uma totalidade coerente em seus detalhes e metodicamente preparada – como uma epopeia ou um romance.

O objetivo da análise do destino é *procurar esse projeto no destino do ser humano, o projeto que configura sua vida – do nascimento até a morte – numa totalidade global.* Mas a obra do destino permanece oculta a nossos olhos. Foi, então, necessário resolver dois problemas.

Primeiro: *em que manifestação* da nossa vida se revela mais claramente o caráter metódico e a necessidade de nosso destino?

Se há, verdadeiramente, uma disposição metódica e uma necessidade no destino do ser humano, isso deve revelar-se primeiro na *escolha objetal individual. Por que alguém escolhe justamente essa coisa e não outra como objeto de seu amor, de suas imitações, de seus ideais, de seus educadores, de suas ocupações, ou até mesmo de suas doenças e de sua morte?*

A teoria que tentei elaborar e tornar utilizável pela psicologia do instinto pretende ser a *teoria geral da escolha objetal.*

O segundo problema era: que método ajudaria a revelar a "mão oculta" do destino? Escolhemos a genealogia e tentamos buscar o projeto oculto do

nosso destino por meio da descoberta dos ancestrais ocultos e suprimidos e que retornam em nós.

Nossa teoria se baseia na hipótese de que nas variações heterozigóticas do ser humano – isto é, nas variações com ancestrais díspares – entre os "genes alelos" do par de "genes" – os dois membros ancestrais antagonistas do casal primitivo – há uma luta para manifestar-se na aparência geral do corpo e da mente e no "eu" realizado do indivíduo. A parte opressora desse conflito é o "gene dominante", que já está exteriormente realizado. O oprimido é o "gene recessivo". Na luta – abstraindo-se os raros casos em que o dominante se altera – é sempre o recessivo que sucumbe. Ele só consegue prevalecer moderadamente no exterior, no fenótipo do indivíduo. Mas o que é que ele pode fazer depois que sua carreira sofreu uma derrota tão miserável no mundo exterior? Acreditamos que o gene recessivo latente não renuncia à própria afirmação – e é justamente nessa hipótese que enxergamos o essencial de nossa teoria. É seu adversário, o ancestral dominante, que o impede de afirmar-se. Ele precisa, então, lançar-se com toda a sua força para dominar o nosso instinto mais profundo, mais primitivo e oculto. O "gene recessivo" latente dominará, portanto, com autoridade total a escolha de nossos ideais, de nossa profissão, de nossas doenças, e até mesmo de nossa morte.

Por conseguinte, os ancestrais que são eliminados do mundo exterior e oprimidos pelo ancestral dominante e que retornam desempenham um papel importante no direcionamento de nossa vida instintiva não consciente.

Chamo essa hipótese de escolha do objeto de "hipótese dos ancestrais".

Em meu primeiro artigo, procurei a resposta para uma única questão: *o que dirige a escolha do objeto no amor?*

Apliquei minha teoria geral à escolha do objeto no amor e cheguei à seguinte hipótese:

São os ancestrais idênticos, oprimidos e que retornam, isto é, são os "genes recessivos" e latentes que dirigem a escolha do objeto do amor. É o "ancestral idêntico" que atrai um apaixonado ao outro – não importando o quanto eles sejam diferentes em sua aparência exterior. Mas o mais frequente é que esse ancestral idêntico não viva em nós de forma manifesta, e sim oprimida, na forma de "genes

recessivos" latentes. Esses ancestrais oprimidos idênticos, ou aparentados, são os agentes matrimoniais biológicos e naturais.

Duas observações atraíram nossa atenção para esses agentes matrimoniais secretos.

Primeiro, era notável que, entre as pessoas sãs, aquelas que escolhem um companheiro de vida doente têm um pai ou uma mãe, um irmão ou uma irmã, ou ainda algum outro parente consanguíneo que sofre da mesma doença hereditária do companheiro escolhido. As análises de casamento de números 3 a 11 demonstram essa tese. Vimos, por exemplo, nessas análises de casamento, que o pai e uma irmã de uma mulher de audição perfeita, a qual se casou com um surdo, também foram, eles mesmos, surdos. A mãe de um homem de mente sã que se casou com uma mulher débil mental tinha sido igualmente acometida por uma doença mental. As duas irmãs saudáveis que se casaram com dois irmãos diabéticos também tiveram pais e um tio diabéticos. O irmão de uma jovem menina que falava bem, que se casou com um gago, é gago. O irmão de uma jovem piedosa, temente a Deus, que se casou com um ladrão brutal, um escroque, também é ladrão. Etc.

Em segundo lugar, era notável que não eram os indivíduos que sofriam da mesma doença hereditária que se apaixonavam, mas *seus parentes consanguíneos saudáveis. Os apaixonados escondem dentro de si os "genes" que os predispõem às mesmas doenças em sua substância primitiva;* podemos, portanto, dizer: *são ancestrais idênticos.*

Os apaixonados são, por conseguinte, indivíduos ancestralmente aparentados. Esse tipo de escolha do parceiro amoroso foi demonstrado pelas análises de casamento de números 12 a 19.

Para tornar nossa hipótese uma teoria útil para a psicologia prática do instinto, uma série de análises do casamento não era suficiente. Tivemos de esclarecer as três questões seguintes:

1. Verificamos se, no caso dos casamentos analisados, o cônjuge aparentemente são era portador de forma latente (no sentido de genealogia mendeliana) do "gene recessivo" (o ancestral que retorna) da doença autêntica de que os parentes consanguíneos dos cônjuges tinham sofrido de maneira manifesta. Os casamentos examinados ao longo de nosso trabalho provaram, quase

sem exceção, que os cônjuges eram os heterozigotos, os portadores primitivos da mesma doença autêntica.

2. Era preciso esclarecer, igualmente, a questão de se os "genes recessivos" latentes e ocultos efetivamente viviam nas variações heterozigóticas à época do casamento – sim ou não? Nessa questão, aceitamos a concepção da genealogia moderna, segundo a qual não se deve conceber a relação dos "genes" heterozigóticos num sistema rígido e estático. Pelo contrário, os "genes alelos" formam um sistema funcional e dinâmico. Mesmo no estado heterozigótico, os dois membros de alelos, o dominante e o recessivo, esforçam-se para realizar-se, para destacar-se. Os "genes alelos" são, portanto, antagonistas, adversários no indivíduo heterozigótico – como originalmente julgava Mendel – e o fenótipo do indivíduo depende da relação de força dos ancestrais combatentes. Ao adaptar essa visão da genealogia geral à psicologia do instinto, supomos que os ancestrais recessivos oprimidos pelos ancestrais dominantes e mais ou menos eliminados do mundo exterior fazem uso de suas forças ao governar nossa vida instintiva, oculta e inconsciente.

3. Nossa terceira obrigação é tornar verossímil que um dos papéis biológicos mais importantes dos ancestrais recessivos idênticos e latentes é precisamente dirigir instintivamente a escolha do objeto no amor e nas outras coisas. Procuramos tornar essa suposição verossímil de três maneiras.

3.1. Ao analisar os casamentos duplos e múltiplos, descobrimos que *nos casamentos múltiplos os companheiros escolhidos têm parentesco ancestral entre si e com o indivíduo que fez as diversas escolhas.*

Os casos 20 a 23, que fazem parte da análise do casamento, tornaram provável, quase com a força dos experimentos repetidos em laboratório, que os cônjuges realmente têm parentesco ancestral.

3.2. De nossa hipótese segue-se, logicamente, que *a intensidade do amor aumenta quando a afinidade dos "genes" é mais íntima entre os parceiros.* Tornamos essa tese verossímil por meio da análise dos casamentos e dos amores de consanguíneos, cujas família apresentam hereditariedade de graves doenças recessivas. Nossa hipótese explica esse fato bem conhecido da genealogia: nas doenças recessivas o número de casamentos consanguíneos é maior.

3.3. O terceiro argumento para comprovar o papel dos "genes recessivos" latentes na escolha do objeto é o fato de que aqueles que cometem estupros e incestos são pais ancestrais. Nossos casos de 24 a 26 chamam a atenção para esse fato.

"Totem e Gene", a última seção de nossa obra, examina as relações entre o incesto "totêmico" e o incesto "genético". Chegamos à suposição de que não existe amor instintivo além do amor dos pais ancestrais, não existe outro amor – num sentido mais amplo – do que o amor-incestuoso.

***

Nossa hipótese foi construída sobre a visão de que é o sistema de "genes recessivos" latentes que determina a quantidade de instintos do indivíduo, sua evolução, bem como a forma e o direcionamento da sua manifestação. Mas o fatalismo construído sobre esse sistema de "genes recessivos" latentes que dirigem o instinto não é nem rígido, nem imutável. Afinal, o papel biológico desempenhado pelos ancestrais recessivos oprimidos na direção dos instintos do indivíduo é função da perístase. Os ancestrais recessivos latentes e a perístase não compõem um sistema rígido, mas um sistema dinâmico e funcional que muda elasticamente e que permite – dentro de um quadro restrito – diversas possibilidades de manifestação, seja quanto à forma, ao método ou à quantidade de instintos do indivíduo. Bem sabemos que a manifestação das diferentes formas dos nossos instintos está ligada aos ancestrais idênticos ou análogos e, portanto, a uma linhagem de alelo-genes múltiplos; contudo, seu valor pode ser diferente para o indivíduo e para a coletividade. O dever da educação baseada na análise do destino será procurar individual e resolutamente entre as possibilidades de manifestação socialmente diferentes os ancestrais ocultos e oprimidos, justamente aquele ancestral e não outro, cujo retorno – justamente de uma forma e não de outra – será mais favorável para o indivíduo e para a coletividade. Dessa análise do destino pode-se esperar, não um rígido fatalismo genealógico, mas um fatalismo dinâmico, "direcionável".

Nossa tarefa nos próximos artigos consistirá em provar que são os ancestrais recessivos oprimidos que influenciam o indivíduo na escolha do objeto de imitação, dos ideais, dos educadores, das ocupações, das doenças e da morte.